



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

**LUIZ HENRIQUE SANTOS DE ANDRADE**

**METÁFORAS CONCEPTUAIS QUE CATEGORIZAM A REFORMA  
TRABALHISTA NO GÊNERO CHARGE: UMA ANÁLISE SEMÂNTICO-  
COGNITIVA**

**João Pessoa**

**2019**

LUIZ HENRIQUE SANTOS DE ANDRADE

**METÁFORAS CONCEPTUAIS QUE CATEGORIZAM A REFORMA  
TRABALHISTA NO GÊNERO CHARGE: UMA ANÁLISE SEMÂNTICO-  
COGNITIVA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING) da Universidade Federal da Paraíba, na área de concentração Teoria e Análise Linguística, direcionado à linha de pesquisa Linguagem, Sentido e Cognição como requisito parcial para obtenção do Título de Doutor em Linguística.

Orientadora: Profa. Dr<sup>a</sup>. Lucienne C. Espíndola.

**João Pessoa**

**2019**

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

A553m Andrade, Luiz Henrique Santos de.

Metáforas conceptuais que categorizam a reforma trabalhista no gênero charge: uma análise semântico-cognitiva / Luiz Henrique Santos de Andrade.  
- João Pessoa, 2019.

201 f.

Orientação: Lucienne Claudete Espíndola.

Tese (Doutorado) - UFPB/CCHLA.

1. Metáfora Conceptual. Reforma Trabalhista. 2. Moralidade. Gênero Charge. I. Espíndola, Lucienne Claudete. II. Título.

UFPB/BC

LUIZ HENRIQUE SANTOS DE ANDRADE

**METÁFORAS CONCEPTUAIS QUE CATEGORIZAM A REFORMA  
TRABALHISTA NO GÊNERO CHARGE: UMA ANÁLISE SEMÂNTICO-  
COGNITIVA**

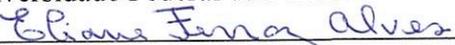
Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação  
em Linguística (PROLING) da Universidade  
Federal da Paraíba como requisito parcial para  
obtenção do Título de Doutor em Linguística.

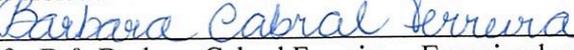
Área de concentração: Teoria e Análise Linguística

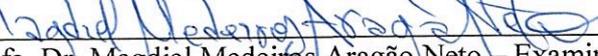
Aprovada em \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA:**

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr<sup>a</sup>. Lucienne C. Espíndola – Orientadora  
Universidade Federal da Paraíba

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr<sup>a</sup>. Eliane Ferraz Alves – Examinadora  
Universidade Federal da Paraíba

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr<sup>a</sup>. Barbara Cabral Ferreira – Examinadora  
Universidade Federal da Paraíba

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Magdiel Medeiros Aragão Neto – Examinador  
Universidade Federal da Paraíba

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Jan Edson Rodrigues Leite – Examinador  
Universidade Federal da Paraíba

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr<sup>a</sup>. Mônica Mano Trindade Ferraz – Suplente  
Universidade Federal da Paraíba

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr<sup>a</sup>. Joseli Maria da Silva – Suplente  
Instituto Federal da Paraíba

**DEDICO:**

A minha avó Querubina, a minha tia Carmelita e a minha tia Tiquinha (*in memoriam*),  
que, pela lembrança, saudade e amor, permanecem presentes em minha vida. Sei que  
continuam vibrando por mim no plano astral em que se encontram.

## AGRADEÇO:

À Profa. **Dr<sup>a</sup>. Lucienne Espíndola**, orientadora e amiga, pela sua sabedoria e competência para orientar esta pesquisa. Pelo respeito, paciência e disponibilidade com os quais me encaminhou durante todo o processo de elaboração desta tese. Agradeço também pela oportunidade concedida de continuar a trilhar o caminho fascinante das metáforas conceptuais no processo de doutoramento.

A minha **família**, pelo carinho e compreensão constantes em minha vida.

As minhas mães **Adaci Santos de Andrade** e **Maria Lúcia**, por todo carinho dado, pelas boas vibrações emanadas, e pelo amor incondicional de MÃES. Por me estimularem a prosseguir na carreira profissional fazendo a diferença onde quer que eu vá.

Ao meu pai **Aguinelo de Andrade**, por ser um homem de personalidade forte e por ter me ensinado a ser resiliente diante das adversidades da vida.

A toda minha **ancestralidade**, bem como os espíritos amigos que estão sempre me auxiliando nas mais diversas atividades do meu dia a dia.

Ao amigo e parceiro **Erivaldo P. Nascimento**, um grande incentivador, encorajando-me para a carreira acadêmica. Muito obrigado por me aturar durante dez anos de convívio intenso.

Ao amigo, **Marcos Antônio**, pela parceria acadêmica, ajudando-me, encorajando-me e mostrando-me que era possível, bem como pelas valiosas gargalhadas.

Ao amigo **Sérgio Carvalho**, pela paciência em ler e dar sugestões nas versões preliminares do texto, bem como pelas discussões sobre os Pressupostos Teóricos da Metáfora Conceptual. Agradeço pelos encontros e pelas boas risadas que me motivaram durante todo o processo de elaboração desta pesquisa.

Ao amigo **Waldeci F. Chagas**, pelo carinho e amizade, além das dicas de leituras na área de História, Sociologia e Educação para fomentar de forma mais contundente as análises empreendidas nesta tese. E meu muito obrigado pelo acolhimento caloroso em sua casa no ano de 2010, período em que lecionei no curso de Letras do Centro de Humanidades - Campus III da UEPB - na cidade de Guarabira/PB.

Aos **colegas** do Núcleo de Línguas do Campus V – João Pessoa/PB da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), que me acompanharam durante todo processo de escrita desta tese, dando-me suporte, carinho e emanando vibrações positivas.

A todos os amigos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a concretização desta pesquisa. Em especial, a **Ezequias Gonçalves, Paulo Ávila, Juliana Albuquerque, Eveline Alvarez, Rosycléa Dantas, Gabriela Belo, Ana Carolina, Cecília Noronha, Stella Márcia, Simone Cavalcanti, Paula Ribeiro, Polineide Ribeiro, Ygor Vitto, Marinalda Pereira, Marileide Miguel, Igor Brito, Filipe Freire, Francisco Rodrigues, Flávia Lopes**, e os **amigos da ETFPB** (Escola Técnica Federal da Paraíba) pelo incentivo e apoio dados.

Ao amigo **Eduardo Ferreira**, por me fazer redescobrir o quanto é importante vibrar, orar e agradecer pelas coisas boas, bem como por me apresentar aos princípios e preceitos da doutrina espírita para eu me tornar um ser humano melhor em minha escala evolutiva.

Às terapeutas holísticas, **Roberta Alves** e **Jéssica Pernambuco**, pelos exercícios de análise bioenergética, promovendo exercícios emocionais que reverberam no corpo físico para expurgar as energias negativas, levando-me a experienciar também e valorizar atividades físicas, que fazem meu corpo produzir substâncias como endorfina e serotonina para meu próprio bem-estar.

Aos membros da Banca de Qualificação **Profa. Dr<sup>a</sup>. Mônica Mano Trindade Ferraz** e **Profa. Dr<sup>a</sup>. Barbara Cabral Ferreira**, pela gentileza e contribuições dadas para o aprimoramento desta pesquisa, bem como aos membros **Profa. Dr<sup>a</sup>. Eliane Ferraz Alves**, **Prof. Dr. Jan Edson Rodrigues Leite**, **Profa. Dr<sup>a</sup>. Barbara Cabral Ferreira**, **Prof. Dr. Magdiel Medeiros Aragão Neto**, **Profa. Dr<sup>a</sup>. Mônica Mano Trindade Ferraz** e **Profa. Dr<sup>a</sup>. Joseli Maria da Silva**, pela honra de aceitarem o convite para compor a banca examinadora final.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (**CAPES**), pelo valioso incentivo financeiro, sem o qual não seria possível a viabilização desta pesquisa.

Ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (**PROLING**), da Universidade Federal da Paraíba, em especial, a **Valberto Cardoso** e **Ronil Ferraro**, pelos esclarecimentos e auxílios no que concerne aos assuntos burocráticos durante todo o doutoramento.

A **Deus**, por ter me dado força nos momentos mais difíceis.

## **O Navio Negreiro**

Ontem a Serra Leoa,  
A guerra, a caça ao leão,  
O sono dormido à toa  
Sob as tendas d'amplidão!  
Hoje... o porão negro, fundo,  
Infecto, apertado, imundo,  
Tendo a peste por jaguar...  
E o sono sempre cortado  
Pelo arranco de um finado,  
E o baque de um corpo ao mar...

Ontem plena liberdade,  
A vontade por poder...  
Hoje... cúm'lo de maldade,  
Nem são livres p'ra morrer...  
Prende-os a mesma corrente  
— Férrea, lúgubre serpente —  
Nas roscas da escravidão.  
E assim zombando da morte,  
Dança a lúgubre coorte  
Ao som do açoute... Irrisão!...

Senhor Deus dos desgraçados!  
Dizei-me vós, Senhor Deus,  
Se eu deliro... ou se é verdade  
Tanto horror perante os céus?!...  
Ó mar, por que não apagas  
Co'a esponja de tuas vagas  
Do teu manto este borrão?  
Astros! noites! tempestades!  
Rolai das imensidades!  
Varrei os mares, tufão! ...

**(Castro Alves)**

## RESUMO

Esta tese apresenta os resultados da investigação de como a Reforma Trabalhista foi conceptualizada/categorizada no gênero discursivo charge, a partir de metáforas conceptuais que foram empregadas na construção desse conceito. Nosso objetivo foi identificar, descrever e analisar as metáforas conceptuais e as respectivas expressões linguísticas aliadas aos elementos visuais utilizados no *corpus*. Nossa hipótese está centrada na ideia de que, a partir do levantamento das metáforas conceptuais, chegaríamos à conceptualização da Reforma Trabalhista e dos agentes envolvidos nela pelo Estado (Executivo, Legislativo, maioria dos empresários brasileiros e os trabalhadores) na perspectiva dos chargistas, revelando-nos, assim, alguns valores ideológicos que alicerçaram as charges em estudo. É importante frisar que esta investigação está vinculada ao projeto guarda-chuva intitulado – Metáforas, Gêneros Discursivos e Argumentação (MGDA) –, sob a coordenação da Profa. Dr<sup>a</sup>. Lucienne Espíndola. No que concerne aos pressupostos teóricos, lançamos mão da Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs), de Lakoff (1987), da Teoria da Metáfora Conceptual, conforme os estudos aventados por Lakoff e Johnson (2002 [1980], 2003), do Sistema Metafórico da Moralidade, de acordo com Lakoff e Johnson (1999) e Lakoff (1995, 2016 [1996]), e da interface entre metáfora conceptual, cultura e ideologia, conforme os postulados de Kövecses (2000, 2005), Charteris-Black (2004, 2005) e Goatly (2007). O *corpus* do nosso trabalho é composto por 42 charges que foram coletadas em dois sites especializados: A Charge Online e Humor Político. Também lançamos mão de *blogs* pessoais de renomados chargistas para angariar textos sobre a Reforma Trabalhista. É importante destacar que, como categorias de análise da reforma em foco, nós partimos das metáforas conceptuais MORALIDADE É BEM-ESTAR e NAÇÃO É FAMÍLIA e realizamos uma análise descritivo-interpretativa das charges. Através do MCI metafórico, verificamos que os representantes do Estado (ex-presidente Temer e os parlamentares) junto com os empresários brasileiros foram conceptualizados como *agentes imorais*, enquanto que os trabalhadores foram categorizados ora como *escravos* e ora como *coisas/objetos*, a partir do ponto de vista dos produtores de charges. Além disso, foi possível constatarmos que o conceito da *reforma* foi construído metaforicamente através dos diferentes domínios-fontes: (i) ESCRAVIZAÇÃO; (ii) MASSACRE/TORTURA; (iii) PUNIÇÃO/CASTIGO; (iv) ROUBO; (v) DESTRUIÇÃO/GUERRA; (vi) MORTE; (vii) ARMADILHA/TRAPAÇA; (viii) CORTE; e (ix) NEGOCIATA.

**Palavras-chave:** Metáfora Conceptual; Reforma Trabalhista; Moralidade; Gênero Charge.

## ABSTRACT

This doctoral thesis presents the results of the investigation of how the Labor Reform was conceptualized/categorized in the cartoon genre, through the conceptual metaphors which were used in the construction of this concept. Our objective was to identify, describe and analyze the conceptual metaphors and their linguistic expressions combined with the visual elements used in the *corpus*. Our central hypothesis was that, from the survey of conceptual metaphors, we would reach in the conceptualization of the Labor Reform and the agents involved in it by the State (Executive, Legislative, most Brazilian entrepreneurs and workers) in the perspective of cartoonists, revealing us some ideological values that underpinned the cartoons. It is important to note that this research is linked to the umbrella project entitled – Metaphors, Discursive Genres and Argumentation (MDGA) –, under the coordination of Professor Dr<sup>a</sup>. Lucienne Espíndola. In regarding to the theoretical assumptions, we used the Theory of Idealized Cognitive Models (ICMs), by Lakoff (1987), the Theory of Conceptual Metaphor, according to Lakoff and Johnson (2002 [1980], 2003), the Metaphorical System of Morality, according to Lakoff and Johnson (1999), Lakoff (1995, 2016 [1996]), and the interface among conceptual metaphor, culture and ideology, according to the studies developed by Kövecses (2000, 2005), Charteris-Black (2004, 2005) and Goatly (2007). The *corpus* of our work consists of 42 cartoons which were collected in two specialized sites: Online Charge and Political Humor. Furthermore, we used personal blogs of some renowned cartoonists to gather texts on the Labor Reform. It is important to point out that, as categories of analysis, we depart from the conceptual metaphors MORALITY IS WELL-BEING and NATION IS FAMILY and we carried out a descriptive-interpretative analysis of the cartoons. Through the metaphorical ICM, we verified that State representatives (former President Temer and parliamentarians) along with Brazilian entrepreneurs were conceptualized as *immoral agents*, while the workers were categorized either as *slaves* or as *things/objects*, from the point of view of the cartoon producers. Moreover, it was possible to check up that the reform concept was built metaphorically from different source-domains such as: (i) ENSLAVEMENT; (ii) MASSACRE/TORTURE; (iii) PUNISHMENT/PENALTY; (iv) THEFT; (v) DESTRUCTION/WAR; (vi) DEATH; (vii) TRAP/CHEATING; (viii) CUT; and (ix) BARGAINING.

**Key Words:** Conceptual Metaphor; Labor Reform; Morality; Cartoon Genre.

## RESUMEN

Esta tesis presenta los resultados de la investigación de como la Reforma Laboral fue conceptualizada/categorizada en el género discursivo viñeta, a partir de metáforas conceptuales que fueran empleadas en la construcción de este concepto. Nuestro objetivo fue identificar, describir, y analizar las metáforas conceptuales y las respectivas expresiones lingüísticas agregadas a los elementos visuales utilizados en el *corpus*. Nuestra hipótesis central fue que, a partir del levantamiento de metáforas conceptuales, llegaríamos a la conceptualización de la Reforma Laboral y de los agentes involucrados en ella, abarcados por el Estado (Ejecutivo, Legislativo, la gran parte de los empresarios brasileños y trabajadores) en las perspectivas de los viñetitas, revelándonos, de este modo algunas valoraciones ideológicas que han puesto de apoyo las viñetas en estudio. Es importante tener en cuenta que esta investigación esta vinculada al proyecto paraguas – Metáforas, Géneros Discursivos y Argumentación (MGDA) - , con la orientación de la Profa. Dr<sup>a</sup>. Lucienne Espíndola. En lo que di respecto a los presupuestos teóricos , hemos confiado en la Teoría de los Modelos Cognitivos Idealizados (MAIs) de Lakoff (1987), de la Teoría de la Metáfora Conceptual, de acuerdo con los estudios postulados por Lakoff y Johnson (2002 [1980], 2003), del Sistema Metafórico de la Moralidad, de acuerdo con Lakoff y Johnson (1999) y Lakoff (1995, 2016 [1996]), y de la interface entre metáfora conceptual, cultura e ideológica, de acuerdo con lo que di Kövecses (2000, 2005), Charteris-Black (2004, 2005) y Goatly (2007). El corpus de nuestra investigación es compuesto de 42 viñetas que fueran recolectadas en dos sitios especializados: La Viñeta Online y Humor Político. También nos apoyamos en blogs personales de renombrados viñeteros para obtener textos sobre la Reforma Laboral. Es importante acentuar que, como categorías de análisis de la reforma en foco, nosotros partimos de las metáforas conceptuales MORALIDAD Y OCIO Y NACIÓN ES FAMILIA y realizamos un análisis descriptivo interpretativo de las viñetas a través del MCI metafórico, hemos verificado que los representantes del Estado (el presidente Temer y los parlamentares) junto con los empresarios brasileños fueran conceptualizados como agentes inmorales, en cuanto que los trabajadores fueran categorizados ora como esclavos, ora como cosas/objetos, a partir del punto de vista de los productores de viñetas. Además de eso, fue posible contestarnos que el concepto de la reforma fue construido metafóricamente a través de los distintos dominios fuentes (i) ESCLAVIZACIÓN (ii) MASACRE/TORTURA (iii) PUNICIÓN/CASTIGO (iv) ROBO (v) DESTRUICIÓN/GUERRA (vi) MUERTE (viii) CORTE; y (ix) REGATEO.

**Palabras clave: Metáfora Conceptual; Reforma Laboral; Moralidad; Género Viñeta.**

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

<b>CLT</b>	<b>Consolidação das Leis do Trabalho</b>
<b>CNBB</b>	<b>Conferência Nacional dos Bispos do Brasil</b>
<b>EUA</b>	<b>Estados Unidos da América</b>
<b>FHC</b>	<b>Fernando Henrique Cardoso</b>
<b>FIESP</b>	<b>Federação das Indústrias do Estado de São Paulo</b>
<b>INSS</b>	<b>Instituto Nacional do Seguro Social</b>
<b>LASPRAT</b>	<b>Laboratório Semântico-Pragmático de Textos</b>
<b>LC</b>	<b>Linguística Cognitiva</b>
<b>MCI</b>	<b>Modelos Cognitivos Idealizados</b>
<b>MGDA</b>	<b>Metáforas/Metonímias, Gêneros Discursivos e Argumentação</b>
<b>OIT</b>	<b>Organização Internacional do Trabalho</b>
<b>PEC</b>	<b>Proposta de Emenda Constitucional</b>
<b>PGR</b>	<b>Procuradoria-Geral da República</b>
<b>PLC</b>	<b>Projeto de Lei da Câmara</b>
<b>PMDB</b>	<b>Partido do Movimento Democrático Brasileiro</b>
<b>PSDB</b>	<b>Partido da Social Democracia Brasileira</b>
<b>PT</b>	<b>Partido dos Trabalhadores</b>
<b>SC</b>	<b>Semântica Cognitiva</b>
<b>SUAS</b>	<b>Sistema Único de Assistência Social</b>
<b>SUS</b>	<b>Sistema Único de Saúde</b>
<b>TMC</b>	<b>Teoria da Metáfora Conceptual</b>
<b>TST</b>	<b>Tribunal Superior do Trabalho</b>

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	15
<b>1 CATEGORIZAÇÃO</b> .....	23
1.1 Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs).....	36
1.1.1 Modelos de Esquemas de Imagens.....	40
1.1.2 Modelos Proposicionais.....	43
1.1.3 Modelos Simbólicos.....	52
1.1.4 Modelos Metonímicos.....	53
1.1.5 Modelos Metafóricos.....	57
<b>2 A TEORIA DA METÁFORA CONCEPTUAL (TMC)</b> .....	62
2.1 Metáfora: da perspectiva clássica à abordagem cognitiva.....	62
2.2 A Teoria Contemporânea da Metáfora Conceptual.....	66
2.3 Metáfora Conceptual e Moralidade.....	71
2.3.1 A metáfora da Contabilidade Moral.....	73
2.3.2 A metáfora da Força Moral.....	76
2.3.3 A metáfora da Autoridade Moral.....	79
2.3.4 A metáfora da Ordem Moral.....	80
2.3.5 A metáfora dos Limites Morais.....	81
2.3.6 A metáfora da Essência Moral.....	82
2.3.7 A metáfora da Pureza/Limpeza Moral.....	84
2.3.8 A metáfora da Saúde Moral.....	85
2.3.9 A metáfora da Totalidade/Integridade Moral.....	86
2.3.10 A metáfora da Empatia Moral.....	87
2.3.11 A metáfora do Cuidado Moral.....	88
2.3.12 A metáfora da Moralidade da Família.....	89
2.4 Metáfora Conceptual, Cultura e Ideologia.....	93
2.5 Metáfora Conceptual e Multimodalidade.....	99
<b>3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS</b> .....	104
3.1 Caracterizando o gênero charge.....	104
3.2 Breve histórico das leis trabalhistas e a Reforma Trabalhista.....	108
3.3 Considerações Metodológicas.....	115
3.4 Categorização da Reforma Trabalhista nos textos chargísticos a partir da macro metáfora REFORMA TRABALHISTA É ESCRAVIZAÇÃO.....	119
3.4.1 REFORMA TRABALHISTA É MASSACRE/TORTURA.....	128
3.4.2 REFORMA TRABALHISTA É PUNIÇÃO/CASTIGO.....	133
3.4.3 REFORMA TRABALHISTA É ROUBO.....	138
3.4.4 REFORMA TRABALHISTA É DESTRUIÇÃO/GUERRA.....	143
3.4.5 REFORMA TRABALHISTA É MORTE.....	148
3.4.6 REFORMA TRABALHISTA É ARMADILHA/TRAPAÇA.....	151
3.4.7 REFORMA TRABALHISTA É CORTE.....	155
3.4.8 REFORMA TRABALHISTA É NEGOCIATA.....	159

3.5 DO BEM-ESTAR/MORALIDADE É RIQUEZA AO MAL-ESTAR/IMORALIDADE É DEGENERACÃO/DEGRADACÃO.....	165
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>174</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>181</b>
<b>ANEXO A – Charges.....</b>	<b>188</b>

## INTRODUÇÃO

A gente não quer só comida  
 A gente quer comida, diversão e arte  
 A gente não quer só comida  
 A gente quer saída para qualquer parte  
 A gente não quer só comida  
 A gente quer bebida, diversão, balé  
 A gente não quer só comida  
 A gente quer a vida como a vida quer

A gente não quer só comer,  
 A gente quer comer e quer fazer amor.  
 A gente não quer só comer,  
 A gente quer prazer pra aliviar a dor.  
 A gente não quer só dinheiro,  
 A gente quer dinheiro e felicidade.  
 A gente não quer só dinheiro,  
 A gente quer inteiro e não pela metade.

**(Comida - Titãs)**

No início de nossa introdução, faz-se necessário assinalar que ao longo de muitos séculos a metáfora foi estudada/abordada no âmbito das figuras de linguagem apenas como um ornamento figurativo. Desse modo, é sabido que a Tradição Objetivista Clássica sustentou por muito tempo a ideia de que a linguagem poética e a linguagem comum (ordinária) se caracterizavam como formas distintas do pensar, desembocando nos fundamentos que embasaram a ‘velha’ dicotomia sentido figurado e sentido literal, noções que estavam ancoradas nos estudos aventados por Aristóteles.

É sabido que, a partir dos anos 1970, as pesquisas empreendidas no escopo da Psicologia, da Antropologia e da Linguística Cognitiva deram insumos teóricos aos estudos de George Lakoff e Mark Johnson para refutar as ideias advindas da Retórica Clássica, que considerava a metáfora como um tropo/figura. Os referidos estudiosos deram uma nova direção aos estudos da metáfora, demonstrando seu caráter cognitivo na construção do pensamento sob uma perspectiva experiencialista.

Contrapondo-se à nova abordagem da metáfora pela via experiencialista, de acordo com Lakoff e Johnson (2002 [1980]), o mito do objetivismo percebia a metáfora como algo a ser evitado pelo fato de não ser objetivamente verdadeira, tendo em vista que as palavras, nessa perspectiva, possuíam significados fixos, ou seja, eram utilizadas para descrever a realidade de forma clara e precisa. Já no mito do subjetivismo, podemos perceber a

linguagem metafórica como algo necessário, pois exprime aspectos singulares de nossa experiência, e os significados das palavras não se configurariam como suficientes para explicar/exteriorizar nossa compreensão pessoal, levando em consideração que o significado para um indivíduo é uma questão de intuição, de imaginação e de sentimento.

Lakoff e Johnson (1999) propõem, então, uma terceira alternativa denominada de ‘*racionalidade imaginativa*’ – perspectiva experiencialista – que leva em consideração tanto algumas premissas do mito do objetivismo quanto do mito do subjetivismo, eliminando, desse modo, os aspectos radicais de cada um deles. Para essa nova opção apresentada pelos autores, podemos observar que a linguagem possui uma base corpórea, e o significado é constituído pela relação imbricada de corpo e mente, ou seja, o sentido é corporificado e está estruturado dentro de um sistema conceptual que é reflexo de nossas experiências.

Notadamente, com a publicação da obra *Metaphors We live by*, de George Lakoff e Mark Johnson em 1980, percebemos uma visão diferenciada sobre a metáfora, que deixou de ser percebida meramente como uma figura de linguagem, ou seja, um mecanismo retórico, próprio de alguns registros escritos, inserindo-se no âmbito da cognição.

Nessa perspectiva, a metáfora passa a ser configurada como um mecanismo de organização e produção cognitiva, e não apenas como um ornamento linguístico, mas sobretudo como um fenômeno cognitivo que se manifesta através da linguagem cotidiana em diferentes modos (gestos, sons, música, imagens etc.).

Destacamos ainda, que a linguagem, bem como o pensamento humano está impregnado de metáforas, levando em consideração que nosso comportamento é reflexo da compreensão metafórica que possuímos das nossas experiências corpóreas, culturais e interacionais. É importante frisar que o fenômeno metafórico se caracteriza como um tipo de modelo cognitivo idealizado (MCI), conforme os estudos de Lakoff (1987), tendo em vista que a metáfora é responsável por grande parte dos processos de conceptualização que ocorrem em nosso dia a dia.

Levando em conta a Teoria Contemporânea da Metáfora Conceptual, defendida por Lakoff e Johnson (2002 [1980]), reconhecemos que a metáfora está presente também no gênero discursivo charge que versa sobre a Reforma Trabalhista, diferenciando-se, desse modo, da abordagem objetivista que considera/compreende o fenômeno da metáfora como um mero ornamento linguístico.

A hipótese que formulamos em nossa pesquisa é a de que, a partir do levantamento das metáforas conceptuais, constataríamos como a Reforma Trabalhista e os envolvidos (os

atores/agentes de que dela fazem parte) seriam conceptualizados pelo Estado Brasileiro na perspectiva dos chargistas, relevando-nos, conseqüentemente, alguns valores ideológicos que alicerçaram a reforma em questão.

A partir da hipótese supracitada, convém estabelecermos o objetivo geral e os objetivos específicos de nossa investigação. No que concerne ao objetivo geral, buscamos verificar, a partir de metáforas conceptuais (MCI), como a Reforma do Trabalho está categorizada/conceptualizada em charges, e, conseqüentemente, como os representantes do Estado (Executivo e Legislativo) e o trabalhador brasileiro também o são, considerando o Sistema Metafórico da Moralidade de Lakoff e Johnson (1999) e Lakoff (2016 [1996]).

Os objetivos específicos aventados por esta pesquisa foram os seguintes, a saber:

- (i) identificar as metáforas conceptuais e as respectivas expressões linguísticas aliadas aos elementos não-verbais utilizados, no *corpus*, para conceptualizar/categorizar a Reforma Trabalhista, evidenciando, se houver, uma possível metáfora prototípica;
- (ii) estabelecer a rede metafórica que sustenta a metáfora considerada como prototípica;
- (iii) identificar os valores culturais/ideológicos/morais daqueles tidos como responsáveis pelo BEM-ESTAR dos trabalhadores e como é o tratamento dispensados aos últimos, revelados pelas metáforas conceptuais nos textos chargísticos.

O levantamento e a descrição de charges que tratam da Reforma Trabalhista, assim como a identificação das metáforas conceptuais são importantes por três motivos: primeiro, porque observamos que as metáforas não fazem parte do escopo apenas da literatura. Uma segunda justificativa plausível é que, por ser um recurso cognitivo, a metáfora tem sido investigada em diversos gêneros discursivos, de maneira especial, aqueles gêneros textuais que são constituídos por aspectos essencialmente verbais/linguísticos. No entanto, este trabalho aborda o fenômeno da metáfora conceptual no gênero charge, que se configura como um texto/representação multimodal, saindo do escopo dos gêneros eminentemente verbais, conforme os estudos empreendidos por Forceville e Urios-Aparisi (2009).

Carneiro (2012), por exemplo, estudou o tema da corrupção nos gêneros textuais *blog* jornalístico e charge, a partir do sistema da moralidade de Lakoff e Johnson (1999), demonstrando a recorrência das metáforas CORRUPÇÃO É SUJEIRA e CORRUPÇÃO É DOENÇA, nos gêneros investigados. Posteriormente, observamos a pesquisa desenvolvida por Ferreira (2015), que estudou de que maneira a Presidente Dilma Rousseff do Partido dos Trabalhadores (PT) é categorizada em charges no contexto sócio-político brasileiro do período 2010-2014.

Esta tese, por sua vez, tem seu foco na descrição e análise de charges que versam sobre a Reforma Trabalhista veiculadas, em *sites* especializados e em alguns *blogs* de renomados chargistas, no período do governo do ex-presidente Michel Temer. Sob um outro enfoque, delineamos como a Reforma Trabalhista proposta e implementada pelo ex-presidente Temer é categorizada em textos chargísticos e quais os possíveis valores ideológicos (des)velados a partir da ocorrência e do acionamento das metáforas conceptuais.

Uma terceira justificativa é a contribuição científica que este trabalho pode trazer em termos de conhecimento para o campo da Linguística, bem como alimentamos o Laboratório Semântico-Pragmático de Textos, mais conhecido como LASPRAT, com novos dados a respeito da ativação das metáforas conceptuais no gênero discursivo charge, cuja temática é a Reforma do Trabalho. É importante advertir que esta pesquisa está inserida em um projeto maior, intitulado Metáforas/Metonímias, Gêneros Discursivos e Argumentação (MGDA), sob a coordenação da Profa. Dr<sup>a</sup>. Lucienne Espíndola, que investiga as metáforas conceptuais como estratégia semântico-discursiva em diferentes temas/assuntos.

No que tange à metodologia adotada por esta investigação, podemos frisar que, quanto à natureza, esta tese se caracteriza como um trabalho de cunho científico, pois se trata de uma pesquisa que foi realizada no escopo da Linguística, trazendo contribuições para a área em questão. No que concerne aos objetivos metodológicos traçados, asseveramos que se trata de uma pesquisa qualitativa, descritiva e interpretativista, pois foi realizado um levantamento de textos chargísticos que versam sobre a Reforma Trabalhista, e ainda ressaltamos que o *corpus* utilizado se configura como inédito<sup>1</sup>, levando em consideração que são textos produzidos por chargistas no Brasil durante o período das discussões sobre a Reforma do Trabalho no Congresso Nacional pelos parlamentares e por boa parte da sociedade civil.

No que diz respeito aos procedimentos técnicos utilizados para a obtenção de informações, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, pois lançamos mão dos estudos empreendidos por Lakoff e Johnson (2002 [1980]), Lakoff e Johnson (1999), Lakoff (1987) entre outros autores que discorrem sobre a Teoria da Metáfora Conceptual, e também utilizamos os estudos aventados por autores da área de História, Sociologia e do Direito para contextualizar, de forma elucidativa, a situação sócio-política brasileira, assim como os valores ideológicos que emergem do contexto.

---

<sup>1</sup> Ressaltamos que as charges sobre a Reforma da Previdência, parte/fruto da pesquisa empreendida no processo de doutoramento inicialmente, foram publicadas na Revista Signo, conforme é possível verificar no link a seguir: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/12676>>.

O *corpus* desta tese é composto por 42 charges coletadas nos meses de setembro, outubro, novembro e dezembro de 2017, em dois *sites* especializados, a saber: *A charge Online* ([www.chargeonline.com.br](http://www.chargeonline.com.br)) e *Humor Político* ([www.humorpolitico.com.br](http://www.humorpolitico.com.br)). Além disso, utilizamos os *blogs* pessoais dos produtores de charges para angariar mais charges, a exemplo do *blog* de Nani Lucas, Bruno Galvão, Bira Dantas, Vini Oliveira, dentre outros.

Para analisar as charges coletadas na constituição de nosso *corpus*, é relevante assinalar que lançamos mão dos Pressupostos Teóricos da Teoria da Metáfora Conceptual (TMC), de Lakoff e Johnson (2002 [1980]), como eixo balizador, e de maneira especial, os estudos de Lakoff e Johnson (1999) e Lakoff (2016 [1996]) sobre o Sistema Metafórico da Moralidade.

A categoria de análise escolhida para as análises empreendidas nesta investigação foram as metáforas MORALIDADE É BEM-ESTAR e NAÇÃO É FAMÍLIA. Ressaltamos que além das metáforas supracitadas, pudemos constatar que elas desencadeiam uma série de outras metáforas interligadas que formam uma rede/teia, a saber: AÇÃO MORAL É BEM-ESTAR, CUIDADO MORAL UNIVERSAL É CUIDADO FAMILIAR, SER MORAL É SER RETO e MORALIDADE É EQUILÍBRIO.

Convém ressaltar, *a priori*, que as perguntas norteadoras de nossa pesquisa foram as seguintes: (i) de que maneira a Reforma Trabalhista é categorizada em textos chargísticos veiculados nos *sites* especializados? (ii) quais as metáforas conceptuais mais recorrentes no gênero discursivo em análise relativas à Reforma do Trabalho? (iii) Através da recorrência das metáforas conceptuais analisadas, qual foi a metáfora considerada prototípica da reforma em questão? (iv) quais são os possíveis valores ideológicos (des)velados a partir da ocorrência das metáforas conceptuais?

No que tange à organização de nossa investigação, é importante salientar que nosso trabalho está dividido da seguinte forma: esta introdução, para situar o nosso objeto de pesquisa, os objetivos estabelecidos, a hipótese levantada, a relevância dessa investigação para o campo da Linguística e áreas afins (as possíveis e viáveis justificativas), o procedimento metodológico adotado, as questões norteadoras, e os pressupostos teóricos que serviram como embasamento/alicerce.

No primeiro capítulo, discorreremos sobre a importância da categorização no escopo da Linguística Cognitiva, demonstrando a diferença na perspectiva tradicional e na perspectiva experiencial, a partir dos estudos de Lakoff (1987). Podemos observar também as contribuições da psicóloga Eleanor Rosch (1973b, 1975a, 1975b) com a Teoria Prototípica

ou Prototipicidade para o campo da Semântica Cognitiva. Além disso, destacamos a Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs), de Lakoff (1987), que se configura em cinco tipos de modelos, a saber: (i) de esquema de imagens; (ii) proposicionais; (iii) simbólicos; (iv) metonímicos e (v) metafóricos.

No segundo capítulo, fazemos um trajeto pela origem do termo metáfora, isto é, trilhamos os percursos da metáfora desde os estudos empreendidos na perspectiva clássica até a abordagem cognitiva. Depois, versamos sobre a Teoria Contemporânea da Metáfora Conceptual de Lakoff e Johnson (2002 [1980]), apresentamos a composição da metáfora conceptual, bem como ressaltamos alguns aspectos que foram revisados pelos referidos autores no posfácio de 2003, demonstrando a nova acepção do termo mapeamento no escopo da Semântica Cognitiva (SC).

Ainda, nesse capítulo, abordamos o Sistema Metafórico da Moralidade, a partir dos estudos aventados por Lakoff e Johnson (1999), Lakoff (1995) e Lakoff (2016 [1996]). Fazemos um percurso pela rede/teia de metáforas que estão interligadas à metáfora MORAL É BEM-ESTAR, bem como apresentamos os mapeamentos. Posteriormente, apresentamos a interface entre metáfora conceptual, cultura e ideologia, ancorada nos estudos postulados por Yu (2008), Kövecses (2000, 2005), Goatly (2007) e Charteris-Black (2004, 2005). Além disso, discorreremos, em uma seção, sobre a relação entre metáfora conceptual e multimodalidade, uma vez que nosso objeto de pesquisa se configura como um texto multimodal, que contempla aspectos visuais/imagéticos e elementos linguístico-discursivos em sua constituição.

No terceiro capítulo, caracterizamos o *corpus* escolhido a partir dos estudos postulados sobre o gênero discursivo charge, a exemplo de Silva (2004), Marcuschi (2010), Romualdo (2000), Espíndola (2001), Carneiro (2012) e El Refaie (2009). Também abordamos, de maneira breve, as leis trabalhistas a partir da primeira Constituição de 1824 até a contemporaneidade, articulando sempre com os respectivos contextos históricos de cada período e discorreremos sobre a Reforma Trabalhista.

Além disso, abordamos as considerações de ordem metodológica adotada nesta pesquisa, no que tange ao levantamento do *corpus*, à técnica utilizada para a identificação das metáforas e as categorias de análise escolhidas/estabelecidas a partir do Sistema Metafórico da Moralidade, conforme Lakoff e Johnson (1999). Em seguida, buscamos atingir os objetivos e verificamos a hipótese a partir da categorização da reforma, à luz da Teoria da Metáfora Conceptual (TMC) de Lakoff e Johnson (2002 [1980]).

Na seção seguinte, apresentamos, a partir do levantamento da possível metáfora prototípica, bem como das outras metáforas que constituem a rede/teia metafórica, ratificando, desse modo, a categoria prototípica estabelecida e, considerando a metáfora conceptual NAÇÃO É FAMÍLIA, uma avaliação do comportamento do PAI da nação através de suas ações. Em vista disso, verificamos também algumas metáforas negativas que emergiram do contexto brasileiro, assim como inferimos os valores ideológicos reservados aos trabalhadores com a aprovação da reforma do trabalho, a partir do ponto de vista dos chargistas.

Por fim, apresentamos nossas considerações finais acerca desta tese, acreditando que podem ser enriquecidas e ampliadas posteriormente, assim como expomos as referências bibliográficas que subsidiaram nosso trabalho e que podem auxiliar em futuras pesquisas no escopo da Semântica Cognitiva (SC).

“The mind is inherently embodied.  
Thought is mostly unconscious.  
Abstract concepts are largely metaphorical.  
These are three major findings of cognitive science”.  
**(George Lakoff e Mark Johnson, 1999, p. 3)**

## 1 CATEGORIZAÇÃO

Neste primeiro capítulo, apresentaremos o fenômeno da categorização no escopo da Linguística Cognitiva (LC) e faremos a distinção entre a categorização na perspectiva tradicional clássica e na abordagem experiencial, exemplificando cada uma das visões supracitadas. Em seguida, abordaremos os Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs), no âmbito da Semântica Cognitiva (SC) e detalharemos os cinco tipos de modelos cognitivos, conforme os estudos aventados por Lakoff (1987), focando, de modo especial, no modelo cognitivo metafórico, por se configurar como o núcleo desta investigação.

Segundo a Tradição Objetivista Clássica, a noção/compreensão de um objeto dar-se-á de acordo com o conjunto de suas propriedades inerentes, entretanto, Lakoff e Johnson (2002 [1980]) asseveram que, pelo menos, algumas dessas propriedades que caracterizam o conceito de um objeto são ponderadas pelo seu caráter interacional.

Observa-se que a explanação dada pelo objetivismo, no que diz respeito à categorização, pode ser compreendida em termos de uma teoria dos conjuntos, ou seja, “um conjunto de propriedades inerentes às entidades da categoria” (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 213). Percebemos que qualquer objeto que não possui uma ou mais das características inerentes poderá ficar de fora de uma determinada categoria, pois ele precisa apresentar todas as propriedades inerentes exigidas. Se tomarmos o morcego, por exemplo, podemos assinalar que possui os traços necessários para ser enquadrado na categoria das AVES, no entanto, aprendemos que se trata do único mamífero que voa, se distinguindo das aves por possuir pelos, e não penas.

Lakoff e Johnson (2002 [1980]) assinalam que a teoria dos conjuntos, enquanto parâmetro para a categorização, não dá conta de muitos aspectos, uma vez que, como seres humanos, a categorização é um meio de compreendermos o mundo e, dessa forma, deve servir a essa finalidade de uma maneira flexível.

Na perspectiva experiencial, à qual se afiliam os estudiosos Lakoff e Johnson, ao contrário do que pregava a Tradição Objetivista, os conceitos não são vistos em termos de propriedades inerentes. Eles são definidos em relação às características interacionais e por protótipos. Nessa perspectiva, os conceitos não possuem acepções rígidas/fechadas, pelo contrário, “os conceitos que brotam de nossa experiência são abertos” (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 218).

Para Lakoff (1987, p. xi-xii), a categorização, dentro dos liames da perspectiva tradicional, é tratada pelas propriedades comuns partilhadas entre seus membros e pode ser caracterizada da seguinte maneira: (i) independe da natureza corpórea dos seres envolvidos, e (ii) não há mecanismos imaginativos como a metáfora e a metonímia que permeiam a natureza das categorias. Na nova perspectiva adotada por Lakoff (1987), diferentemente da filosofia clássica de Aristóteles, nossas experiências são corporificadas e a forma como nós usamos os mecanismos imaginativos são vitais para a construção das categorias.

Lakoff (1987) assevera que Wittgenstein foi um dos primeiros estudiosos que rompeu com a Teoria Clássica das Categorias. Em seu livro intitulado *Investigações Filosóficas*, Wittgenstein analisa a categoria *jogo* – relacionada tanto às atividades lúdicas quanto às atividades de competição – demonstrando que não há uma fronteira delimitada claramente e nem tampouco os membros compartilham de propriedades essenciais.

Considere, por exemplo, os processos que chamamos “jogos”. Refiro-me a jogos de tabuleiro, jogos de cartas, jogos de bola, jogos de luta, etc. O que é comum a todos eles? Não diga: deve haver algo comum a eles ou não chamaríamos de jogos. Observe se há algo comum a todos eles. Pois se olhar para eles, não verá nada que seja comum a todos, mas perceberá semelhanças, parentescos e, naturalmente, toda uma série de elos. Como foi dito: Não pense, mas sim veja! [...]. E tal é o resultado desta consideração: vemos uma complicada rede de semelhanças que se superpõem e entrecruzam. Semelhanças de conjunto e de pormenor. (WITTGENSTEIN, 1999 [1953], p. 52).

Na citação, observarmos que o filósofo Wittgenstein percebeu que os jogos possuem alguns traços comuns, mas não necessariamente todas as características. Consoante Ferrari (2011), traços como [atividade coletiva] e [competitividade] não podem ser relacionados respectivamente ao jogo de peteca nem tampouco ao jogo de paciência, tendo em vista que o jogo de peteca pode ser conduzido sem fins competitivos e o jogo de paciência pode ser jogado individualmente.

Não posso caracterizar melhor essas semelhanças do que com a expressão “semelhanças de família”; pois é assim como se envolvem e se cruzam as diversas semelhanças que ocorrem entre os membros de uma família: estatura, cor dos olhos, andar, temperamento etc. Assim, podemos dizer: os jogos compõem uma família. (WITTGENSTEIN, 1999 [1953], p. 52)

Podemos depreender que as categorias não possuem fronteiras bem delineadas como se propagava na tradição objetivista, mas elas possuem alguns traços semelhantes. De acordo

com Saraiva (2008), a baleia, por exemplo, possui todas as características necessárias para ser enquadrada na categoria de peixe, entretanto, aprendemos que se trata de um mamífero, mesmo que exista uma teoria popular/folclórica (Folk Theory) que afirme o oposto.

Segundo Lakoff (1987), a categorização é a chave para entendermos a forma como nós pensamos, funcionamos e um ponto essencial para a compreensão daquilo que nos torna seres humanos.

A categorização não é um processo que deva ser estudado superficialmente. Não há nada mais básico do que a categorização para o nosso pensamento, percepção, ação e discurso. Cada vez que nós vemos algo como um “tipo de coisa”, por exemplo, uma árvore, nós estamos categorizando. Sempre que nós realizamos intencionalmente qualquer tipo de ação, por exemplo, falamos sobre coisas banais, escrevemos com um lápis, martelamos ou passamos ferro na roupa, nós estamos categorizando. [...] Trata-se de uma categoria particular de atividades motoras. (LAKOFF, 1987, p. 5-6, tradução nossa)<sup>2</sup>

Se por um lado, ações como passar ferro na roupa e martelar são vistas como categorias de atividades motoras, uma vez que são executadas com movimentos bem peculiares a cada uma das ações supracitadas, por outro, quando falamos e entendemos determinados enunciados, nós estamos usando várias categorias, como a categoria dos fonemas, das palavras, das frases, das orações e das categorias conceptuais.

A categorização é inconsciente<sup>3</sup>, tendo em vista que, ao se proferir uma sentença como: “*Eu preciso ir à praia*”, o locutor necessariamente não está preocupado em analisar a segmentação – dissecação de uma dada estrutura linguística – da sentença supracitada, analisando minuciosamente os fonemas utilizados, a estrutura canônica SV da sentença proferida (característica da língua portuguesa), mas a preocupação reside no fato de expressar o que se sente para o interlocutor (o desejo/necessidade de ir à praia), ou seja, ratificando mais uma vez o caráter automático do processo de categorização. (LAKOFF, 1987)

---

<sup>2</sup> Categorization is not a matter to be taken lightly. There is nothing more basic than categorization to our thought, perception, action and speech. Every time we see something as a *kind* of thing, for example, a tree, we are categorizing. Whenever we reason about *kinds* of things – chairs, nations, illnesses, emotions, any kind of thing at all – we are employing categories. Whenever we intentionally perform any *kind* of action, say something as mundane as writing with a pencil, hammering with a hammer, or ironing clothes, we are using categories. [...] It is in a particular category of motor actions (LAKOFF, 1987, p. 5-6)

<sup>3</sup> É importante assinalar que os primeiros estudos empreendidos por Lakoff sinalizam a categorização como um fenômeno inconsciente e/ou automático, mas alguns estudos realizados posteriormente, como a Teoria Crítica da Metáfora Conceptual de Charteris-Black (2004, 2005), colocam em xeque as características supracitadas, uma vez que os aspectos cognitivos não podem ser mais estudados de forma isolada do contexto em uso e da sua função persuasiva no discurso.

Sem dúvida, o grande impacto nos estudos dessa área foram as contribuições da psicóloga Eleanor Rosch (1973b, 1975, 1976) e seus colaboradores da Psicologia Cognitiva que alavancaram e deram insumos teóricos para o campo da Semântica Cognitiva. Rosch retoma alguns conceitos como semelhanças de família, centralidade e gradação, termos já discutidos/debatidos nos estudos empreendidos por Wittgenstein em *Investigações Filosóficas*.

Foi Eleanor Rosch quem primeiro forneceu uma perspectiva geral sobre todos esses problemas relativos ao fenômeno de categorização. Ela desenvolveu o que veio a ser chamado de a teoria dos protótipos e categorias de nível básico, ou teoria prototípica. Ao fazer isso, ela estabeleceu uma total oposição à teoria clássica e mais do que ninguém firmou a categorização como um subcampo da psicologia cognitiva. (LAKOFF, 1987, p. 39, tradução nossa)<sup>4</sup>

Segundo Lakoff (1987), é possível destacarmos três fases relevantes nos estudos empreendidos por Rosch no âmbito da psicologia cognitiva experiencialista. Fase I – (até o início dos anos 70) - os protótipos são balizados basicamente por: (a) saliência perceptual; (b) maior memorabilidade; (c) generalização feita por um estímulo para outro que lhe fosse fisicamente similar. Rosch (1975b *apud* LAKOFF, 1987, p. 42 - 43) assevera que “quando os nomes das categorias são aprendidos, elas tendem a se unir/acoplar primeiro aos estímulos salientes; então, por meio do princípio da generalização, eles generalizam para aqueles casos fisicamente semelhantes.”<sup>5</sup>

Na fase II - (até meados da década de 70) - Rosch considera que os efeitos prototípicos geram a caracterização da estrutura interna das categorias. Dessa maneira, os melhores exemplos refletem a estrutura interna da categoria. Duas questões básicas norteiam essa fase: (i) Os efeitos prototípicos caracterizam a estrutura da categoria como ela está representada na mente? (ii) Os protótipos constituem representações mentais?

Segundo Lakoff (1987), uma resposta coerente para o primeiro questionamento seria: EFEITOS PROTOTÍPICOS = INTERPRETAÇÃO DA ESTRUTURA DA CATEGORIA, em que um bom exemplo é reflexo da representatividade de uma dada categoria; enquanto que, para o segundo questionamento, uma possível resposta seria a seguinte fórmula: PROTÓTIPO =

<sup>4</sup> It was Eleanor Rosch who first provided a general perspective on all these problems. She developed what has since come to be called “the theory of prototypes and basic-level categories”, or “prototype theory.” In doing so, she provided a full-scale challenge to the classical theory and did more than anyone else to establish categorization as a subfield of cognitive psychology. (LAKOFF, 1987, p. 39)

<sup>5</sup> When category names are learned, they tend to become attached first to the salient stimuli; then by means of the principle of stimulus generalization, they generalize to other, physically similar instances. (ROSCH, 1975b *apud* LAKOFF, 1987, p. 42-43)

INTERPRETAÇÃO DA REPRESENTAÇÃO, levando em consideração que os graus de representatividade podem ser determinados conforme o grau de similaridade com relação aos protótipo. (*apud* FELTES, 2007)

Na fase III – (a partir do fim dos anos 90) – Rosch chega à conclusão de que os efeitos prototípicos não possuem fontes determinadas, além do que os efeitos de prototipicidade são considerados de forma superficial. Diante do exposto, Lakoff (1987) afilia-se a essa última conclusão, uma vez que para ele os efeitos prototípicos possuem suas fontes nos modelos cognitivos idealizados (MCIs) de variados tipos.

É importante destacar que Rosch (1973a) começou seus estudos sobre prototipicidade ou teoria prototípica levando em consideração as pesquisas já realizadas por Berlin e Kay (1969) sobre termos de cores básicas em noventa e oito línguas. De acordo com Feltes (2007), os pontos focais são avaliados pelos membros de uma determinada comunidade como os melhores exemplos ou exemplos centrais de uma determinada categoria.

No caso de um vermelho focal, temos um exemplo de um vermelho mais central, ou melhor vermelho que outros tipos/membros da categoria. A autora concluiu que a maioria das categorias são bem estruturadas internamente e não possuem delimitações bem claras. A autora (1973b) adverte que “as categorias são compostas de um *significado nuclear* que consiste dos casos mais claros (melhores exemplos) da categoria, circundados por outros membros de similaridade decrescente ao significado nuclear”. (ROSH, 1973b, p. 112 *apud* FELTES, 2007, p. 110)

De acordo com Feltes (2007), na categoria AVE, por exemplo, se tomarmos membros como SABIÁ e AVESTRUZ, podemos asseverar que o membro SABIÁ seria o membro mais central ou melhor exemplo da categoria [+ representativo], ao passo que o AVESTRUZ seria o membro mais periférico da categoria [- representativo]. Podemos perceber que os melhores exemplos ou os mais centrais de uma dada categoria funcionam como ponto de referência em relação aos outros que podem ser julgados como menos centrais ou piores exemplos e serem progressivamente mais periféricos.

Os representantes prototípicos são aqueles considerados como os melhores exemplos dentro de uma determinada categoria, por apresentarem muitas características comuns à maioria de seus membros. Animais como *bem-te-vi*, *gavião* e *gaiivota* são elementos prototípicos da categoria dos *pássaros*, já que são bípedes, possuem asas e, dessa maneira, voam. Ao passo que a galinha não pode ser considerada como um membro prototípico da categoria, uma vez que ela voa mal.

Ainda no que diz respeito à categoria das *aves* (mais inclusivas), podemos assinalar que galinha pode ser incluída como representante da categoria, se compararmos com o pinguim em nossa cultura, uma vez que este pode ser considerado como um membro não prototípico da categoria supracitada por apresentar atributos progressivamente mais periféricos com relação aos outros membros. (ABREU, 2010)

Ao pensarmos em chocolate, de acordo com Cuenca e Hilferty (2007), uma das possíveis imagens que nos vem à cabeça, muito embora não seja a única interpretação, é a forma retangular do chocolate em barra, feito de cacau, comestível e de cor marrom. No entanto, é sabido que existem vários tipos de chocolates que fogem a essa primeira interpretação que propusemos acima. Existem, por exemplo, chocolate branco, chocolate quente, chocolate amargo, chocolate ao leite, chocolate em pó, dentre outros. Dessa maneira, é possível assinalarmos que aquela primeira imagem que a palavra chocolate nos remete, resultado da interação de um conjunto de características, é denominada de *protótipo* da categoria *chocolate*.

É possível notarmos uma compreensão bem avançada/significativa, a partir dos estudos empreendidos por Rosch (1976) e colaboradores, no que se refere à definição de categorias *prototípicas*, comparando-se à compreensão da perspectiva tradicional/objetivista, muito embora nos restem alguns questionamentos como: “cada categoria deve ter um ou só um protótipo? o protótipo deve ter uma ou mais características (quantas?) em comum com outros membros da categoria? etc.”. (CUENCA; HILFERTY, 2007, p. 36, tradução nossa)<sup>6</sup>

Considerando as indagações supracitadas que carecem de respostas mais adequadas/concretas, percebe-se a necessidade de complementar o conceito de protótipos com outros conceitos tais como: os efeitos prototípicos e as semelhanças de família. De acordo com Cuenca e Hilferty (2007), ao invés de falar sobre um “protótipo-objeto” de um elemento que é considerado prototípico – o que acaba nos levando a uma discussão infrutífera de qual seria a fruta mais prototípica entre a maçã e a pera, ou qual seria o animal mais amigo/companheiro do homem entre o cachorro ou o gato, por exemplo – falamos de “entidade prototípica cognitiva”, ou seja, de efeitos de prototipicidade.

Na verdade, trata-se da construção de uma imagem mental que fazemos para cada categoria, ou melhor, a imagem mental é aquilo que denominamos de protótipo da categoria, “quando falamos de protótipo estamos especificando uma abstração que, na verdade, refere-

---

<sup>6</sup> ¿cada categoria debe tener uno y sólo um prototipo?, ¿el protótipo debe tener una o más características (¿cuántas?) en común con otros miembros de la categoría?, etc. (CUENCA; HILFERTY, 2007, p. 36)

se aos julgamentos sobre o grau de prototipicidade”. (CUENCA; HILFERTY, 2007, p. 36, tradução nossa)<sup>7</sup>

Ainda segundo Cuenca e Hilferty (2007), o protótipo pode ser considerado como um produto de nossas representações mentais, isto é, nossos modelos cognitivos idealizados (MCIs) – compreensão esquemática da forma como nós percebemos a realidade em nosso entorno. Para exemplificar, recorreremos ao conceito de mãe, que aparentemente nos parece ser bem delimitado.

O conceito de mãe, de acordo com a perspectiva tradicional/clássica, nos fornece as condições suficientes e necessárias em que a definição se enquadraria em todos os casos de mãe de forma adequada. A acepção de mãe, conforme o objetivismo, seria algo como: aquela que deu a luz a uma criança. Fica evidente que essa definição não contempla a ampla gama de mães que existem em nossa sociedade, portanto, não se trata de uma noção tão simples e claramente delineada. (LAKOFF, 1987)

De acordo com Lakoff (1987, p. 74, tradução nossa), “mãe é uma definição que se baseia em um modelo complexo em que um número de modelos cognitivos individuais se combinam e formam um modelo em cachos”<sup>8</sup>. Observamos que essa citação põe em xeque aquela acepção antiga de mãe que dá a luz a uma criança.

O referido autor (1987, p. 91, tradução nossa) ressalta ainda que

a categoria de mãe é estruturada de maneira radial em relação a um número de suas subcategorias: existe uma subcategoria central, definida por um cluster de modelos cognitivos convergentes (o modelo de nascimento, o modelo do cuidado, etc.); além disso, há extensões não-centrais que não são exemplos especializados da subcategoria central, mas são variações dela (mãe adotiva, mãe biológica, mãe de criação, mãe de aluguel, etc.). Essas variantes não são geradas a partir do modelo central por regras gerais; em vez disso, elas são extensões da convenção e devem ser aprendidas uma por uma. Mas as extensões não são de forma alguma aleatórias.<sup>9</sup>

<sup>7</sup> Cuando hablamos de prototipo estamos concretando una abstracción que realmente remite a los juicios sobre el grado de prototipicidad. (CUENCA; HILFERTY, 2007. p. 36)

<sup>8</sup> Mother is a concept that is based on a complex model in which a number of individual cognitive models combine, forming a cluster model. (LAKOFF, 1987, p. 74)

<sup>9</sup> The category mother, as we saw above, is structured radially with respect to a number of its subcategories: There is a central subcategory, defined by a cluster of converging cognitive models (the birth model, the nurturance model, etc); in addition, there are noncentral extensions which are not specialized instances of the central subcategory, but rather are variants of it (adoptive mother, birth mother, foster mother, surrogate mother, etc.). These variants are not generated from the central model by general rules; instead, they are extended by convention and must be learned one by one. But the extensions are by no means random.

Segundo o Lakoff (1987), o conceito de *mãe* pode ser concebido a partir dos seguintes modelos cognitivos:

- (a) Modelo genético: aquela que contribui com o material genético;
- (b) Modelo do nascimento: aquela que dá a luz;
- (c) Modelo do cuidado: aquela que alimenta e cria;
- (d) Modelo marital: aquela que é casada com o pai.
- (e) Modelo homoafetivo: aquela que é a mulher da mãe no momento presente<sup>10</sup>.

Podemos perceber que cada um dos modelos do conjunto radial categoriza diferentes compreensões do que socialmente se entende ser *mãe*. A complexidade e relatividade dessa categoria vai crescendo à medida que vamos fornecendo outros critérios de definição, conforme os estudos desenvolvidos nas Ciências Humanas e Sociais. As sentenças extraídas de Lakoff (1987, p. 75) ilustram apenas uma parcela do domínio de *mãe* dentre sua multiplicidade, levando em consideração o que se conta como *mãe verdadeira* (real mother).

- (i) Eu fui adotado e eu não sei quem é minha mãe verdadeira<sup>11</sup> – mãe biológica;
- (ii) Minha mãe verdadeira morreu quando eu era um embrião e depois fui implantado no ventre de quem me deu a luz<sup>12</sup> – mãe genética;
- (iii) Eu não sou uma pessoa muito carinhosa, então eu acho que não posso ser uma mãe verdadeira<sup>13</sup> – mãe carinhosa/cuidadosa.

De acordo com Lakoff (1987), a mãe prototípica reúne todas as características elencadas em cada um dos modelos supracitados, ou seja, configura-se como uma mulher que fornece o material genético, gesta, pare, cria e dá carinho, é casada com o pai, além de ser uma guardiã legal. No entanto, pode existir outra fonte de efeito prototípico: o estereótipo social.

Além dos modelos cognitivos individuais supracitados, podemos assinalar que, em nossa sociedade moderna, há uma série de extensões significativas no que diz respeito à

---

<sup>10</sup> Incluímos o modelo homoafetivo, a mulher da mãe, levando em consideração os vários modelos cognitivos de família que há no século XXI.

<sup>11</sup> I was adopted and I don't know who my real mother is. (LAKOFF, 1987, p. 75)

<sup>12</sup> My real mother died when I was an embryo, and I was frozen and later implanted in the womb of the woman who gave birth to me. (LAKOFF, 1987, p. 75)

<sup>13</sup> I am not a nurturant person, so I don't think I could ever be a real mother to any child. (LAKOFF, 1987, p. 75)

conceptualização de mãe, a exemplo de: mãe adotiva, mãe de aluguel, mãe solteira, madrasta, mãe de leite dentre outras.

Os efeitos de prototipicidade, segundo Cuenca e Hilferty (2007), são responsáveis por explicar que os conceitos de mãe não correspondem precisamente ao modelo prototípico. Outro conceito que enriquece a discussão da teoria dos protótipos é a noção de semelhança de família, cunhada por Wittgenstein em *Investigações Filosóficas*. Podemos asseverar que, para Wittgenstein (1999 [1953]), as categorias não são consideradas como absolutas e nem tampouco fechadas, mas sim difusas, se contrapondo à aceção da tradição filosófica aristotélica.

Se tomarmos como exemplo o conceito de chocolate supracitado, é possível assinalar que traços como [ser feito de cacau], [ser comestível], [ser marrom] e [ter forma retangular] não podem ser consideradas como condições necessárias e suficientes para pertencer a tal categoria. Existem coisas comestíveis e feitas de cacau que necessariamente não são chocolate, logo esses dois traços não são condições suficientes para definir se uma coisa é chocolate. Mousse e determinados pastéis, por exemplo, podem ser feitos à base de cacau e são comestíveis, entretanto, não os colocamos/agrupamos na classe de chocolates.

A possibilidade de denominá-lo de chocolate dar-se-á devido à semelhança de família, ou seja, apenas algumas propriedades típicas que coincidem na intersecção para formar/definir uma dada categoria, trata-se da superposição e entrecruzamento entre os membros pelo aspecto da semelhança. (CUENCA; HILFERTY, 2007)

O processo de categorização, conforme Cuenca e Hilferty (2007), pode ser compreendido da seguinte maneira:

Categorização é um mecanismo para organizar as informações obtidas a partir da apreensão da realidade, que é, em si, variada e multiforme. A categorização nos permite simplificar a infinidade da realidade a partir de dois procedimentos elementares de sinal oposto, ou melhor, complementar: a generalização ou abstração e discriminação. (CUENCA; HILFERTY, 2007, p. 32, tradução nossa)<sup>14</sup>

Segundo os estudos aventados por Cuenca e Hilferty (2007), a diferença entre generalizar e discriminar consiste em que o primeiro pode ser caracterizado como prevenir a diferença entre as entidades agrupando-as conforme suas semelhanças, ao passo que o

---

<sup>14</sup> La categorización es un mecanismo de organización de la información obtenida a partir de la aprehensión de la realidad, que es, en sí misma, variada y multiforme. La categorización nos permite simplificar la infinitud de lo real a partir de dos procedimientos elementales de signo contrario o, mejor dicho, complementario: la generalización o abstracción y la discriminación (CUENCA; HILFERTY, 2007, p. 32)

segundo se caracteriza por iluminar as características distintivas de duas ou mais entidades, com o propósito de não confundi-los.

Diante do exposto, é possível asseverarmos que, pelo processo de categorização, podemos agrupar elementos diferentes em seus respectivos conjuntos, o que nos permite pensar, perceber, agir e até mesmo falar sobre determinadas categorias.

De acordo com Cuenca e Hilferty (2007), os estudos sobre o processo de categorização baseados nas cores colocaram em xeque a hipótese da relatividade linguística empreendida por Sapir e Whorf, culminando em algumas considerações importantes no que diz respeito às pesquisas realizadas por Berlin e Kay (1969) e seus colaboradores que chegaram às seguintes ponderações: a categorização das cores não se trata de algo arbitrário, nem tampouco as palavras são presas fixas em relação às tonalidades de cores em uma determinada língua, tendo em vista que as tonalidades podem variar de pessoa para pessoa.

Deve-se ressaltar que Berlin e Kay (1969) e seus colaboradores realizaram várias pesquisas no âmbito da categorização (categorias de formas, de cores, de objetos artesanalmente produzidos pelos homens, de objetos encontrados na natureza e assim por diante), inclusive um estudo sobre a classificação tradicional das plantas, contrastando com os estudos empreendidos por Eleanor Rosch (1973b) - sob uma perspectiva mais psicológica - nos revelando que há diferentes níveis de organização de categorias, dentre os quais um que veio a ser denominado de *nível básico*, ou seja, aquele que reúne a maior quantidade de informações sobre uma determinada categoria e requer o menor esforço cognitivo (CUENCA; HILFERTY, 2007).

É válido ressaltar que o estudo da categoria de *nível básico*, aventado por Rosch (1973b) e seus colaboradores, foi estendido e ampliado do campo da antropologia cognitiva para o modelo experiencialista da psicologia cognitiva a fim de mostrar que o processo de categorização ocorre em níveis de inclusão, e se apresenta no meio das hierarquias taxonômicas (LAKOFF, 1987).

<b>SUPERORDENADO</b>	Mamífero	Veículo	Móvel	Fruta
<b>NÍVEL BÁSICO</b>	Cachorro	Carro	Sofá	Banana
<b>SUBORDINADO</b>	Rottweiler	Sedã	Sofá-cama	Banana-prata

Quadro 1: Adaptação do quadro de Eleanor Rosch, 1973b, *apud* Lakoff, 1987, p. 46

Se tomarmos como modelo a categoria básica *cachorro*, podemos dizer que, no nível de inclusão, a categoria *mamífero* se encontra circunscrita em um ponto mais alto e inclui mais membros do que a categoria *cachorro*, como *gato*, *elefante*, *onça*, *girafa* etc. Ao passo que a categoria *rottweiler* está situada em um ponto mais baixo do eixo vertical, assim como também é menos inclusivo do que *cachorro*.

É possível assinalarmos que os demais exemplos seguem a mesma linha de raciocínio, tendo em vista que *veículo*, *móvel* e *fruta* são mais inclusivos que *carro*, *sofá* e *banana*, enquanto que as categorias do nível subordinado *sedã*, *sofá-cama* e *banana-prata* são menos inclusivas.

Rosch (1973b), a partir de seus estudos sobre categorização, chega a asseverar que há um nível ideal de inclusão, no que diz respeito à economia cognitiva, pois é justamente o que ocorre com *cachorro*, *carro*, *sofá* e *banana*, denominados de categorias de nível básico. Segundo Abreu (2010), dentro da nossa cabeça, é possível formar a imagem de um carro, de um gato, de uma flor, ao passo que se torna mais nebuloso/vago formar a imagem singular de um móvel, veículo ou fruta, sem mencionar suas peculiaridades/especificações, portanto, “o critério de escolha está vinculado à possibilidade de construir uma imagem no plano mais inclusivo possível” (ABREU, 2010, p. 23), uma vez que se trata da categoria mais funcional em nosso cotidiano.

Perante um gato miando bem alto durante a noite inteira, é menos provável que os vizinhos digam algo do tipo: - “Esse *mamífero* está miando muito alto”, ou - “Esse *siberiano* está miando muito alto”. Acredita-se que o normal é dizer algo como: - “Esse *gato* está miando muito alto”, corroborando com a ideia de que as categorias de nível básico são as mais funcionais e mais nítidas na formação/construção de uma imagem singular em nossa cabeça.

A partir dos estudos empreendidos por Lyons (1996 [1977]), podemos observar que o termo hipônimo ganha espaço/visibilidade nos estudos sobre as relações lexicais/semânticas, por se configurar como uma noção bastante conveniente/apropriada, uma vez que as denominações de ‘inclusão’ e ‘subordinação’ são noções usadas com outros sentidos tanto no âmbito da Linguística quanto na Lógica. Diante disso, o referido autor utiliza os exemplos a saber: rosa, tulipa e narciso são hipônimos de flores, ao passo que flor se caracteriza por ser o termo mais englobante/genérico, ou seja, o hiperônimo.

O autor supracitado ainda assinala que os hipônimos são debatidos/discutidos pelos lógicos em termos classe inclusiva, ele ilustra a partir da seguinte maneira: “se X é da classe

das flores, e Y é da classe das tulipas, então podemos dizer que X inclui adequadamente Y ( $X \supset Y \ \& \ Y \not\supset X$ )<sup>15</sup>, isto é, X contém Y, mas Y não contém X. Diante dessa representação, podemos dizer que o elemento X é mais inclusivo/genérico, já o elemento Y se configura como um termo mais específico, por exemplo. (LYONS, 1996 [1977], p. 291)

Ademais, conforme os estudos aventados por Ferrari (2011, p. 39), ainda é possível mencionar algumas características bem peculiares do nível básico de categorização que lhes definem como o nível máximo:

- (1) Os indivíduos usam padrões de comportamentos motor semelhantes para interagir com os membros da categoria;
- (2) Uma imagem mental única pode representar toda a categoria;
- (3) Os membros da categoria têm formas globais percebidas como similares;
- (4) A maior parte das informações úteis e do conhecimento dos falantes sobre os membros da categoria são organizados.

Se tomarmos como exemplo a categoria básica JIPE, podemos tecer algumas ponderações, levando em conta que a categoria supracitada se encaixa no critério (1), visto que é possível imaginar uma pessoa conduzindo um jipe. Enquanto que, se tomássemos como exemplo a categoria VEÍCULO não teríamos o mesmo, uma vez que os padrões de comportamento motor são diferenciados quando se dirige um trator, uma lancha ou uma moto. Já que é possível estabelecer uma imagem mental singular de JIPE, logo, podemos asseverar que o critério (2) foi contemplado de maneira satisfatória.

Podemos assinalar também que reconhecemos um jipe por sua forma similar a outros jipes, no entanto, já não podemos dizer que é possível reconhecer a categoria VEÍCULO pela semelhança de forma entre seus membros/pares – critério (3). O critério (4) é contemplado, visto que para os interlocutores, em uma dada situação comunicacional, conseguem unir de maneira mais fácil informações úteis sobre JIPE do que sobre VEÍCULO.

Segundo Ferrari (2011, p. 40), tanto o nível superordenado quanto o nível subordinado são relevantes diante das pesquisas empreendidas no âmbito da categorização, no nível superordenado é possível observarmos as seguintes peculiaridades:

---

<sup>15</sup> If X is the class of flowers, and Y is the class of tulips, then it is in fact the case that X properly includes Y ( $X \supset Y \ \& \ Y \not\supset X$ ). (LYONS, 1996 [1977])

- (1) A semelhança entre os membros é baixa, em contraste com a semelhança entre os membros das categorias de nível básico;
- (2) O número de atributos definidores de seus membros é mais baixo do que nas categorias de nível básico;
- (3) Os nomes das categorias superordenadas são nomes não contáveis, enquanto os nomes das categorias de nível básico costumam ser contáveis.

Se levarmos em consideração a categoria superordenada MÓVEL<sup>16</sup>, podemos assinalar que a semelhança entre seus membros (cadeira, cama, sofá, cristaleira etc.) é menor com relação aos membros da categoria de nível básico CADEIRA (cadeira de madeira, cadeira de escritório, cadeira de recepção etc.), em consonância com o item (1) supracitado.

Já o número de características definidoras dos membros/elementos da categoria MÓVEL é menor com relação ao número de atributos definidores dos membros/elementos das categorias de nível básico. Podemos advertir, dessa maneira, que a categoria MÓVEL pode ser qualificada a partir do atributo [peças utilizadas para decorar os cômodos], enquanto que a categoria CADEIRA pode ser qualificada segundo os atributos [peça usada para se sentar], [peça da mobília com ou sem braço] e [peça composta de um assento individual].

Por último, podemos observar que *móvel* é um termo que pertence à categoria de termos contáveis em português, no entanto, em inglês, a palavra é considerada como não contável, dessa maneira não é possível dizer, por exemplo, *\*Those eight furnitures are old* (Aqueles oito móveis são velhos). A forma adequada seria *Those eight pieces of furniture are old* (Aqueles oito pedaços de mobília são velhos). Algo semelhante acontece com o termo *informação*, tendo em vista que a palavra é contável em português e não contável em inglês, portanto, podemos asseverar ou escrever em português – Ontem recebi três informações surpreendentemente. Na língua inglesa, nós dizemos: *Yesterday I received two pieces of information surprisingly*. Enquanto que *cadeira*, *cama* e *sofá* e *cristaleira* são termos contáveis, em consonância com o item (3).

Prestemos atenção para o seguinte diálogo: (A): Não tenho mais visto o Pedro na parada de ônibus. (B): É porque ele adquiriu um *carro/Hyundai/veículo*. Diante das possíveis repostas, o interlocutor B poderia ter respondido com as formas/vocábulo *carro*, *Hyundai* ou *veículo* para apontar o mesmo referente. A escolha do termo *Hyundai* (da categoria

---

<sup>16</sup> Apesar de ilustrarmos com a categoria superordenada MOVÉL, que se configura como um termo contável em língua portuguesa, ressaltamos que fica mais contundente se pegarmos, por exemplo, termos como *fruit* e *money* pelo fato de se caracterizarem como substantivos incontáveis em língua inglesa. Advertimos que a noção de termos contáveis e não contáveis são diferentes nas duas línguas supracitadas, no entanto, essas acepções são relevantes para a discussão apresentada.

subordinada) ou do termo *veículo* (da categoria superordenada) nos permite fazer inferências diferentes dado o contexto supracitado.

Se B escolhesse *Hyundai*, por exemplo, além de especificar o tipo de carro, pode-se inferir que a situação financeira de Pedro melhorou de maneira significativa, dentre outras possíveis interpretações. Agora se B elegeesse o termo *veículo* poderia assinalar que o interlocutor só sabe que Pedro possui um meio de transporte próprio agora, mas não se sabe se é uma moto, uma bicicleta ou até mesmo um carro (FERRARI, 2011).

A categorização é um processo relevante dentre os estudos aventados no escopo da linguística cognitiva. As pesquisas empreendidas por Rosch (1973b, 1975a, 1976) e seus colaboradores foram significativas para a construção e consolidação da Teoria Prototípica, em que é possível observamos a representação típica de um membro/elemento de uma dada categoria conforme os graus de saliência apresentados por um determinado membro.

Nessa direção, podemos assinalar que Lakoff (1987) concorda e assimila a teoria dos protótipos, nos revelando que o conhecimento humano está estruturado de acordo com os Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs).

### **1.1 Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs)**

A Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados, segundo Feltes (2007), é o cerne da Semântica Cognitiva proposta por Lakoff (1987), fundamentando, dessa maneira, a categorização como o processo pelo qual organizamos nosso pensamento e como percebemos o nosso entorno.

Para Lakoff (1987, p. 281), nossa capacidade de conceptualização está associada diretamente à “capacidade geral para formar modelos cognitivos idealizados”, tendo em vista que as categorias são estabelecidas através da relação entre a tríade: modelos cognitivos x experiências x mundo.

Segundo Feltes (2007), os modelos cognitivos são entendidos como:

construtos idealizados porque, em primeiro lugar, não precisam se ajustar necessária e perfeitamente ao mundo. Isso se justifica pelo fato de que, sendo resultados da interação do aparato cognitivo humano (altamente corporalizado) e a realidade - via experiência - , o que consta num modelo cognitivo é determinado por necessidades, propósitos, valores, crenças, etc. Em segundo lugar, podem-se construir diferentes modelos para o entendimento de uma mesma situação, e esses modelos podem ser,

inclusive, contraditórios entre si. Os modelos, portanto, são o resultado da atividade humana, cognitivo-experiencialmente determinada, são o resultado da capacidade de categorização humana. (FELTES, 2007, p. 89)

Ademais, em vários contextos, segundo Feltes (2007), podemos perceber que os modelos cognitivos são interpretados como modelos culturais, levando em consideração que o nosso sistema conceptual bem como as categorias que surgem dele se encontram no âmbito tanto da cognição quanto dos aspectos culturais.

Considerando as ideias do paradigma experiencialista que rechaçam/refutam as ideias do objetivismo, Lakoff (1987) assevera que os modelos cognitivos:

**não são representações internas da realidade externa.** Não são por duas simples razões: primeiro, porque eles são entendidos em termos de corporalidade, não em termos de uma conexão direta como mundo externo; e, segundo, porque eles incluem aspectos imaginativos da cognição, como a metáfora e metonímia. <sup>17</sup> (LAKOFF, 1987, p. 341, tradução nossa)

Os modelos cognitivos idealizados só podem ser compreendidos/acessados através da noção das *gestalts*, ou seja, “cada MCI é um todo estruturado complexo, uma *gestalt*”<sup>18</sup> (LAKOFF, 1987, p. 68). É sabido que Lakoff (1987) tomou emprestada essa noção dos psicólogos da *Gestalt*, muito embora ele não tivesse a pretensão de formular novos conceitos, mas fez os devidos ajustes para compor as ideias do quadro experiencialista, norte das discussões empreendidas na Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados.

Vejamos abaixo uma lista que contém por volta de quinze características elencadas por Lakoff, e apresentadas por Feltes, para termos uma visão mais abrangente das *gestalts*. (LAKOFF, 1987, *apud* FELTES, 2007, p. 94).

- (1) As *gestalts* são holísticas e analisáveis: são todos não redutíveis à soma de suas partes. Há “propriedades adicionais em virtude de serem todos, e as partes podem tomar significância adicional em virtude de estarem dentro desses todos” (p. 246);
- (2) As *gestalts* podem ser corretamente analisadas em partes de maneiras diferentes, a partir de diferentes pontos de vista;

---

<sup>17</sup> Cognitive models are not internal representation of external reality. They are not for two reasons: first, because they are understood in terms of embodiment, not in terms of direct connection to the external world; and second, because they include imaginative aspects of cognition such as metaphor and metonymy.

<sup>18</sup> Each ICM is a complex structured whole, a gestalt.

- (3) As *gestalts* apresentam relações internas entre as partes que podem ser agrupadas por tipos. As *gestalts* podem ter diferentes propriedades e relações internas, a partir de diferentes pontos de vista;
- (4) As *gestalts* relacionam-se com outras *gestalts*: podem ser vistas como instâncias de outras *gestalts* ou mapeadas (de modo inferencial ou por associações arbitrárias, simbólicas ou culturais) para outras *gestalts*;
- (5) As relações externas que as *gestalts* mantêm com outras *gestalts* são propriedades das *gestalts* como um todo;
- (6) Os mapeamentos de uma *gestalt* para outra podem ser parciais;
- (7) As *gestalts* podem ser encaixadas dentro de outras *gestalts*, tomando, assim, novas propriedades;
- (8) Uma propriedade de uma *gestalt* pode ser sua oposição a uma outra *gestalt*;
- (9) Certas propriedades das *gestalts* podem ser destacadas como propriedades de *background*. Os opostos compartilham essas mesmas propriedades;
- (10) As *gestalts* são estruturas usadas no processamento da linguagem, no processamento do pensamento, no processamento perceptual, na atividade motora etc;
- (11) Os próprios processos podem ser vistos como *gestalts*;
- (12) Uma análise gestáltica pode variar, na medida em que é fruto do pensamento humano, guiada pelos recursos do organismo, pelos seus propósitos e pontos de vista. Não se faz necessária, pois, uma análise atomística. Em semântica, por exemplo, não é necessária uma análise em predicados atômicos;
- (13) As *gestalts* podem se interseccionarem;
- (14) As *gestalts* devem distinguir propriedades prototípicas de propriedades não prototípicas;
- (15) As propriedades das *gestalts* podem ser de vários tipos. No caso das *gestalts* linguísticas, elas podem ser gramaticais, pragmáticas, semânticas, fonológicas e funcionais.

Conforme os estudos empreendidos por Abreu (2010), a *Gestalt* constitui uma teoria que está relacionada à psicologia da percepção e que possui como eixo norteador a tese de que “o todo é maior do que a simples soma de suas partes” (p.44). O processo gestáltico é caracterizado pela relação figura-fundo, movido pelos interesses de uma pessoa como exemplo: algumas pessoas são convidadas para uma festa.

Um dos convidados vai à festa apenas para beber uísque de graça. Ao chegar no apartamento onde ocorre a festa, o convidado se depara com uma decoração belíssima, música ao vivo, e várias pessoas conversam e dão boas gargalhadas, doces e salgadinhos dos mais variados tipos. Ao entrar no salão de festas, o olhar e a atenção do convidado se volta

para o local onde há bebidas. Dirige-se para o lugar onde os garçons estão servindo as bebidas e bebe um copo de uísque. Percebe-se que, para este convidado, a ornamentação da festa, a música, os doces e salgados, as pessoas, ou seja, tudo funcionou como fundo, enquanto que o uísque se configura como figura. É possível dizer que o convidado movido pelo seu interesse no uísque e para satisfazer a sua vontade fecha uma *gestalt*.

De acordo com Abreu (2010), no nosso dia a dia, nós fechamos várias *gestalts* momentaneamente, por exemplo, quando acordamos de manhã cedo e nos dirigimos à cozinha (fundo), para pegar algo na geladeira (figura). Abrindo a geladeira, nossa figura agora é aquilo que desejamos comer, o fundo tornou-se a geladeira em frações de segundos. Fica evidente, conforme os estudos aventados por Abreu (2010), que ao longo do dia nós abrimos e fechamos várias *gestalts*.

É bom registrarmos que fizemos um trajeto pela conceptualização e caracterização das *gestalts*, considerando que esse termo é relevante tanto para a compreensão dos MCIs quanto no âmbito da linguística cognitiva.

Conforme Feltes (2007), os MCIs apresentam algumas propriedades como: a) são experienciais; b) possuem natureza gestáltica; c) são imaginativos. Também são usados para a organização de diferentes domínios de experiências, ou seja, uma forma de compreendermos o mundo, assim como na construção de sentidos.

Lakoff (1987) advoga que o processo de categorização deve ser estudado/discutido à luz dos MCIs. Em sua obra *Women, Fire, and Dangerous Things: What Categories Reveal about the Mind* fica bem explícito, no começo do livro, que “a principal tese deste livro é que organizamos o conhecimento por meio de estruturas chamadas de Modelos Cognitivos Idealizados, ou MCIs, e que as estruturas categoriais assim como os efeitos prototípicos são subprodutos dessa organização<sup>19</sup>”. (p. 68, Tradução nossa)

Segundo Lakoff (1987), o nosso sistema conceptual é constituído por estruturas gestálticas que por sua vez estão ligadas sistematicamente aos MCIs de natureza corpórea. Os MCIs, de acordo com Cavalcanti (2014), são responsáveis pela construção/formação de categorias flexíveis e multidimensionais. Tais categorias possuem estrutura centralizada e são de efeito prototípico, em que os elementos compartilham traços de semelhança de família,

---

<sup>19</sup> The main thesis of this book is that we organize our knowledge by means of structures called idealized cognitive models, or ICMs, and that category structures and prototype effects are by-products of that organization.

considerando que exista uma escala de gradação no que diz respeito ao centro de uma dada categoria.

Os MCIs, de acordo com Lakoff (1987), utilizam quatro tipos de princípios estruturantes em sua composição, a saber: (a) as estruturas de imagem esquemática; (b) as estruturas proposicionais; (c) os mapeamentos metonímicos e (d) os mapeamentos metafóricos. Os dois primeiros abrangem conceitos básicos assim como estruturam a formação de conceitos mais complexos, ao passo que os dois últimos se caracterizam por serem estruturas que possibilitam o mapeamento metonímico e metafórico na conceptualização de domínios abstratos, levando em consideração e fazendo uso tanto das estruturas de imagem esquemática quanto das estruturas proposicionais.

Esses princípios estruturantes supracitados, conforme Lakoff (1987), dão origem aos cinco tipos de modelos cognitivos: (i) de esquema de imagens; (ii) proposicionais; (iii) simbólicos; (iv) metonímicos e (v) metafóricos. A seguir faremos um percurso pelos cinco modelos caracterizando e exemplificando cada um deles.

**1.1.1 Modelo de esquemas de imagens** – além de serem gestálticos, esses esquemas são responsáveis pela estruturação de significados que emergem da interação entre os seres humanos com o meio físico, ou seja, são de natureza corporal cinestésica, impõem uma estrutura à experiência de espaço, são projetados/mapeados para domínios conceptuais abstratos via metáfora e metonímia, assim como estruturam alguns modelos complexos (FELTES, 2007).

Vejamos alguns esquemas de imagens apresentados por Lakoff (1987) e Lakoff e Johnson (2002 [1980]): (a) CONTAINER (RECIPIENTE); (b) PARTE – TODO; (c) LIGAÇÃO; (d) CENTRO – PERIFERIA; (e) ORIGEM – PERCURSO – META; (f) PARA CIMA – PARA BAIXO.

(a) *Esquema CONTAINER (RECIPIENTE)* – esse esquema se caracteriza pela relação INTERIOR – EXTERIOR. Nosso corpo, por exemplo, é experienciado como um CONTAINER, e, a partir dessa relação estabelecida com o nosso corpo como uma espécie de recipiente, de fato, outras coisas como objetos, atividades, estados, dentre outras, passam a ser estruturadas dessa mesma maneira em termos cognitivo.

Segundo Feltes (2007), o conceito de família pode ser estruturado como um esquema de CONTAINER. Vejamos os seguintes exemplos:

- ⇒ *Estou muito feliz **por entrares nessa família equilibrada**;*
- ⇒ *É uma família **fechada** – não são sociáveis;*
- ⇒ *Esse segredo deve ser mantido **nos limites** da família.*

Observamos, a partir dos exemplos supracitados e pelos termos destacados, que o conceito de família é estruturado pelo esquema CONTAINER (RECIPIENTE). Pode-se assinalar que os termos destacados em negrito remetem a estrutura ora com um INTERIOR, ora com um EXTERIOR, ora com uma FRONTEIRA.

(b) *Esquema PARTE - TODO* – a lógica desse esquema é algo mais complexo com relação ao esquema anterior, pois podemos observar uma relação assimétrica da seguinte natureza, conforme Feltes (2007, p. 131):

- (i) Se **A** é parte de **B**, então **B** não é parte de **A**;
- (ii) **A** não pode ser parte de **A**;
- (iii) O todo não existe se as partes não existirem, do que resulta que, se as partes são destruídas, o todo é destruído, mas;
- (iv) todas as partes podem existir sem que constituam um todo; só no momento em que as partes existem na configuração é que elas interagem no todo;
- (v) As partes são contíguas umas às outras.

Para Lakoff (1987), conceitos como SOCIEDADE, CASAMENTO e FAMÍLIA podem ser estruturados a partir do esquema PARTE-TODO. Vejamos abaixo algumas manifestações linguístico-discursivas do conceito de SOCIEDADE, conforme Feltes (2007):

- ⇒ *A sociedade como um **todo** é responsável pelo futuro de uma Nação.*
- ⇒ *Não há como atingirmos todos os **segmentos** da sociedade.*
- ⇒ *Cada **setor** da sociedade deve fazer a sua parte.*

(c) *Esquema LIGAÇÃO* – de acordo com estudos empreendidos por Lakoff (1987), esse esquema se caracteriza inicialmente a partir da relação mãe-filho e se desdobra pela infância e pela posteridade. A sua lógica é a seguinte, conforme Feltes (2007, p. 132): (i) se **A** está ligado a **B**, então **B** é restringido e depende de **A**; (ii) se **A** está ligado a **B**, então **B** está ligado

a **A**. Algumas relações sociais como ESCRAVIDÃO, LIBERDADE, CASAMENTO-DIVÓRCIO se estruturam a partir do esquema de ligações; vejamos a seguir algumas manifestações linguístico-discursivas do conceito de CASAMENTO-DIVÓRCIO:

⇒ *Maria e Pedro estão **unidos** pelos sagrados **laços** do matrimônio.*

⇒ *João e Lúcia não estão mais **juntos**, separaram-se.*

(d) *Esquema CENTRO-PERIFERIA* – segundo Lakoff (1987, p. 274), experienciamos nossos corpos em termos de um CENTRO (o tronco e os órgãos internos) e de uma periferia (o cabelo, os dedos das mãos e os dedos dos pés)<sup>20</sup>. O centro se caracteriza pela sua importância, ao passo que quanto mais se distancia do centro menor será sua importância, e o elemento/membro, por sua vez, será caracterizado como periférico. A estrutura lógica desse esquema é a seguinte: a PERIFERIA depende do CENTRO, mas o CENTRO não depende da PERIFERIA. A seguir, vejamos algumas manifestações linguístico-discursivas que estruturam o conceito de SOCIEDADE, a partir do corrente esquema:

⇒ *Precisamos trazer os menores abandonados ao **seio** da vida social.*

⇒ *Os velhos estão sendo **marginalizados**, ficando **fora** do processo produtivo da sociedade.*

(e) *Esquema ORIGEM-PERCURSO-META* - esse esquema se configura a partir de um grande número de atividades humanas, em que é possível detectarmos um ponto de início/partida e um ponto final/chegada, ou seja, “uma sequência de posições contíguas conectando a fonte ao destino, e uma direção”<sup>21</sup>. (LAKOFF, 1987, p. 275) A lógica básica é a seguinte, conforme Feltes (2007): (i) indo da origem ao destino deve-se passar por pontos denominados de intermediários; (ii) avançando ao longo do caminho, mais longe se fica do início/partida. Vejamos a seguir como o conceito de pesquisa se estrutura via esquema ORIGEM- PERCURSO-META:

⇒ *A pesquisa **partiu** da coleta de dados na escola-campo.*

<sup>20</sup> We experience our bodies as having centers (the trunk and internal organs) and peripheries (hair, fingers, toes). (LAKOFF, 1987, p. 274)

<sup>21</sup> A sequence of contiguous locations connecting the starting and ending points, and a direction. (LAKOFF, 1987. p. 275)

⇒ *A sequência de procedimentos que constituem as diferentes etapas da pesquisa será descrita logo a seguir.*

⇒ *No fim da pesquisa, chegamos à conclusão de que era eficaz a intervenção com os gêneros discursivos.*

É importante assinalar que elencamos/elegemos cinco dos esquemas de imagens explorados por Lakoff (1987) em sua obra *Women, Fire and Dangerous Things*. É sabido que, ao longo de seu trabalho, ele menciona outros esquemas de imagens como: PARA CIMA - PARA BAIXO, FRENTE-TRÁS, ORDEM LINEAR, CONTATO, FORÇA, EQUILÍBRIO etc., os quais não abordaremos neste trabalho.

**1.1.2 Modelos Proposicionais** – a principal característica desses modelos é sua aparência objetivista, ou seja, “eles contêm entidades com suas propriedades e relações que se estabelecem entre elas”<sup>22</sup>, entidades de caráter mental e que estão relacionadas diretamente com a experiência humana. (LAKOFF, 1987, p. 285) São qualificados também pela ausência de mecanismos imaginativos como metáforas e metonímias. A configuração dos modelos proposicionais consiste em elementos utilizados via MCIs desde o nível básico que inclui entidades, ações, estados, propriedades etc. até outros níveis de modelos cognitivos.

De acordo com os estudos de Lakoff, os modelos cognitivos proposicionais são classificados em seis tipos: (a) proposição simples; (b) *frame*; (c) cenário ou *script*; (d) feixe de traços; (e) taxonomia e (f) categoria radial. Apresentamos a seguir cada um deles com suas devidas características básicas.

**(a) Proposição simples** – configura-se a partir da relação do tipo argumento-predicado. Além de lançar mão do esquema de imagem PARTE-TODO, em que argumentos e predicados são considerados PARTES, ao passo que a proposição é o TODO, se vale do esquema LIGAÇÃO nas relações semânticas entre os argumentos, atuando nas relações de: AGENTE, PACIENTE, INSTRUMENTO, LOCAL etc.

Segundo Feltes (2007), é possível ilustramos a proposição simples a partir de uma sentença da seguinte maneira: *Laranjas e limões são frutas cítricas*. Podemos asseverar que há duas expressões/manifestações linguísticas centrais da base da sentença; ‘limões’ e

---

<sup>22</sup> They contain entities, with their properties and the relation holding among them. (LAKOFF, 1987, p. 275)

‘frutas’ são marcas/pistas linguísticas de duas entidades cognitivas formadas por modelos cognitivos: LIMÕES e FRUTAS, que estão incluídos no modelo cognitivo proposicional.

(b) *Frame* – segundo Ferrari (2011), trata-se de uma abordagem desenvolvida por Charles Fillmore (1976, 1977, 1982a, 1982b, 1985), em que o domínio semântico de uma palavra é estruturado tanto por elementos prototípicos quanto por outros elementos associados à imaginação. “O termo *frame* designa um sistema estruturado de conhecimento, armazenado na memória de longo prazo e organizado a partir da esquematização da experiência”. (FERRARI, 2011, p. 50)

Para Divino “o conceito de MCI difere do de *frame* porque o *frame* é um enquadre, um recorte dentro de um MCI. Por sua vez, o MCI é um conjunto grande de *frames*. MCIs são representações cognitivas de base cultural que definem um *frame* a partir das quais as palavras são interpretadas”. (DIVINO, 2016, p. 141)

Quando se fala em São João no contexto brasileiro, por exemplo, relacionamos a uma típica festa do nordeste do Brasil, ou seja, nos vem à cabeça diversas ideias associadas ao seu significado como: festa junina, fogueira, comidas de milho (canjica, pamonha), quadrilhas e roupas juninas, xaxado, baião, bandeirolas e assim por diante.

O conjunto de tudo isso, conforme Abreu (2010), se constitui um *frame*. Podemos advertir, desse modo, que palavras e expressões linguísticas evocam *frames*, configurando-se como estruturas cognitivas em contínuo processo de construção de cenas das experiências humanas.

Segundo Kövecses (2006, p. 69), “*frames* são construtos da nossa imaginação – e não representações mentais que se encaixam diretamente em uma realidade objetiva preexistente. Resumindo, *frames* são dispositivos imaginativos da mente”<sup>23</sup>. (Tradução nossa) Ao passo que, para Feltes (2007, p. 135), *frame* “seria uma estrutura conceitual de formato proposicional, culturalmente definida que atuaria na organização de inúmeros segmentos da realidade”.

Os *frames*, conforme Abreu (2010), são frutos dos aspectos culturais e sociais de uma determinada sociedade que sofrem mudanças sócio-históricas. Se observarmos alguns símbolos no decorrer da história, podemos perceber que alguns/outros sentidos foram agregados a esses símbolos, por exemplo a cruz como símbolo cristão, enquanto outros sentidos foram eliminados.

---

<sup>23</sup> Frames are constructs of our imagination – and not mental representations that directly fit a preexisting objective reality. In short, frames are imaginative devices of the mind. (KÖVECSES, 2006, p. 69)

É sabido que antes do cristianismo a cruz representava um instrumento de execução, ou seja, nenhum cidadão em plena consciência/sanidade mental usaria uma cruz pendurada no pescoço e sairia pelas ruas de Roma no início do século I, pois seria considerado um louco muito perigoso. Após a morte de Cristo, observamos que outros sentidos foram incorporados à cruz como: religiosidade e salvação.

Atualmente, se um cristão visita uma cidade árabe, por exemplo, usando uma cruz visível, existe o risco iminente de sofrer algum constrangimento moral em espaço público, tendo em vista que a cruz está vinculada ao *frame* da memória histórica dos países árabes, ou seja, do sofrimento que os mulçumanos passaram pelos cruzados em busca da Terra Santa. (ABREU, 2010)

(c) **Cenário ou *Script*** – segundo Feltes (2007, p. 136), a noção de *script* pode ser entendida como “uma cadeia de inferências pré-organizadas relativa a uma situação de rotina específica. Trata-se de uma sequência de conceptualizações com algumas variáveis (variáveis de scripts)”. Para Kövecses “um *script* descreve uma situação estereotipada em uma cultura – uma situação em que eventos se desenrolam através do tempo”<sup>24</sup>. (KÖVECSES, 2006, p. 70)

Se tomarmos como exemplo o casamento, podemos assinalar que, além de relacionarmos esse termo com as ideias de noivo, noiva, igreja, padrinhos, aliança, festa, decoração, etc., percebe-se que há em nossa mente um *script* (roteiro) para o casamento: primeiro há a cerimônia de casamento na igreja, em seguida a festa e depois a lua de mel. Durante a cerimônia, primeiro a noiva entra acompanhada pelo pai, que a conduzirá até o altar. Depois, vem a atuação do padre, dos padrinhos, troca de alianças, beijo, bênção final e a saída dos noivos pela nave central da igreja. Asseveramos que existe uma ordem que não pode ser modificada. (ABREU, 2010)

Conforme Lakoff (1987, p. 285), “um cenário consiste fundamentalmente da seguinte ontologia: um estado inicial, uma sequência de eventos e um estado final”<sup>25</sup>. Lança-se mão do construto cognitivo de esquema de imagens ORIGEM-PERCURSO-META, quando relacionado a um domínio temporal, e do esquema PARTE-TODO, quando cada fase do *script* representa uma de suas partes. Já o esquema de LIGAÇÃO é responsável pelas relações entre pessoas, coisas, propriedades e assim por diante.

<sup>24</sup> A script describes a stereotypical situation in a culture – a situation in which events unfold through time. (KÖVECSES, 2006, p. 70)

<sup>25</sup> A scenario consists fundamentally of the following ontology: an initial state, a sequence of events, a final state. (LAKOFF, 1987, p. 285)

A sala de aula, de acordo com Barreto (2011), pode ser caracterizada como um cenário estruturado em que tanto o professor quanto o aluno possuem um *script*, cada um representando e desempenhando seus respectivos papéis sociais nesse dado contexto. Para que a aula ocorra efetivamente, faz-se necessário seguir um *script*, o qual nos revela a maneira como se procede o processo de educação formal.

**(d) Estrutura de feixe de traços** – segundo Lakoff (1987, p. 286), essa estrutura apresenta as seguintes características: (i) são uma “coleção de propriedades, e as propriedades são sua ontologia”<sup>26</sup>, (ii) são formadas a partir dos esquemas CONTAINER e PARTE-TODO. Podemos assinalar que a categoria AVE, por exemplo, apresenta os seguintes traços em termos de modelo cognitivo: [+ ASAS, + PENAS, + OVÍPARO, + BICO etc.].

Conforme Lakoff (1987), o feixe de traços tinha como objetivo dar conta dos efeitos prototípicos, mas esse empreendimento falhou, pois havia algumas lacunas. No entanto, essa abordagem com atribuição de pesos é útil no que diz respeito aos efeitos prototípicos quando é tomada “como uma representação do membro da categoria prototípica”<sup>27</sup>. (p. 115, Tradução nossa) Para o referido autor “as aproximações ao protótipo são definidas em termos de traços compartilhados. A distância do protótipo em suas características altamente atribuídas/ponderadas coloca um membro mais afastado do elemento prototípico do que o distanciamento em um traço menos altamente atribuído”<sup>28</sup>. (p. 115, Tradução nossa)

**(e) Taxonomia** – segundo Lakoff (1987), esse modelo proposicional apresenta as seguintes características: (i) “uma estrutura hierárquica de categorias clássicas”<sup>29</sup>; (ii) “os elementos na ontologia dos modelos taxonômicos são constituídos por categorias”<sup>30</sup>; (iii) “cada categoria é estruturada pelo esquema de imagem do tipo CONTAINER”<sup>31</sup>; e (iv) “no nível hierárquico, é estruturada em termos dos esquemas PARTE-TODO e PARA CIMA-PARA BAIXO”<sup>32</sup>. (p.287, Tradução nossa) Conforme Feltes (2007), um exemplo dos modelos

---

<sup>26</sup> A feature bundle is a collection of properties, and the elements in the ontology are properties. (LAKOFF, 1987, p. 286)

<sup>27</sup> It is taken as a representation of the prototypical category member. (LAKOFF, 1987, p. 115)

<sup>28</sup> Approximations to the prototype are defined in terms of shared features. Deviation from the prototype in highly weighted features places a number further away from the prototype than deviation in a less highly weighted feature. (LAKOFF, 1987, p. 115)

<sup>29</sup> A hierarchical structure of classical categories. (LAKOFF, 1987, p. 287)

<sup>30</sup> The elements in the ontology of the taxonomic model are all categories. (LAKOFF, 1987, p. 287)

<sup>31</sup> Each category is represented structurally by a CONTAINER schema. (LAKOFF, 1987, p. 287)

<sup>32</sup> The hierarchy is represented structurally by PART-WHOLE and UP-DOWN schemas. (LAKOFF, 1987, p. 287)

taxonômicos seria os sistemas de classificação adotados no âmbito da zoologia, da botânica, dentre outras áreas que trabalham com catalogação.

De acordo com Raven, Evert e Eichhorn (2001), a classificação no ramo da biologia começou, durante o século XVIII, com o pesquisador sueco Carl Linnaeus, cujo trabalho tinha como objetivo a descrição e a nomeação de todas as espécies de plantas, animais e minerais.

Ademais, Linnaeus e outros cientistas mais antigos reconheciam a existência de três reinos (vegetal, animal e mineral), e o reino era considerado como a unidade mais inclusiva na classificação adotada no escopo da biologia.

Várias outras categorias taxonômicas hierárquicas foram acrescentadas entre os níveis de gênero e reino: os gêneros foram agrupados em **famílias**, as famílias em **ordens** e estas em **classes**. O botânico Candolle criou a palavra “taxonomia”, incluindo uma outra categoria – divisão – para designar grupos de classes no reino vegetal. Assim, as divisões tornaram-se os maiores grupos inclusivos no reino vegetal. Nesse sistema hierárquico - isto é, os grupos dentro de grupos, cada um deles colocado em um certo nível hierárquico – o grupo taxonômico em qualquer nível é chamado um **táxon**. Já o nível no qual ele é colocado é conhecido como **categoria**. (RAVEN; EVERT; EICHHORN, 2001, p. 256-257)

Após o XV Congresso Internacional de Botânica, o *International Code of Botanical Nomenclature* instituiu que o termo **Filo** no âmbito da Zoologia (referente aos animais) equivale à **Divisão** (referente às plantas) no ramo da Botânica. Além disso, o código chegou à conclusão de que se deve usar *itálico* para todos os nomes taxonômicos, o nome da espécie é sempre duplo, sendo que a primeira palavra está associada ao nome do gênero e deve ser grafada com letra maiúscula, ao passo que a segunda palavra está relacionada ao epíteto específico (palavra que especifica o gênero) e deve ser escrita sempre com inicial minúscula. (LOPES, 2004)

Vejamos abaixo.

<b>Classificação Taxonômica</b>			
REINO	<i>Animalia</i>	<i>Plantae</i>	<i>Fungi</i>
FILO	<i>Chordata</i>	<i>Anthophyta</i>	<i>Basidiomycota</i>
CLASSE	<i>Mammalia</i>	<i>Monocotyledonae</i>	<i>Basidiomycetes</i>
ORDEM	<i>Carnívora</i>	<i>Commelinales</i>	<i>Agaricales</i>
FAMÍLIA	<i>Canidae</i>	<i>Poaceae</i>	<i>Agaricaceae</i>

GÊNERO	<i>Canis</i>	<i>Zea</i>	<i>Agaricus</i>
ESPÉCIE	<i>Canis familiaris</i>	<i>Zea mays</i>	<i>Agaricus bisporus</i>

Adaptação da tabela de Raven, Evert, Eichhorn (2001, p. 256) e de Lopes (2004, p. 181)

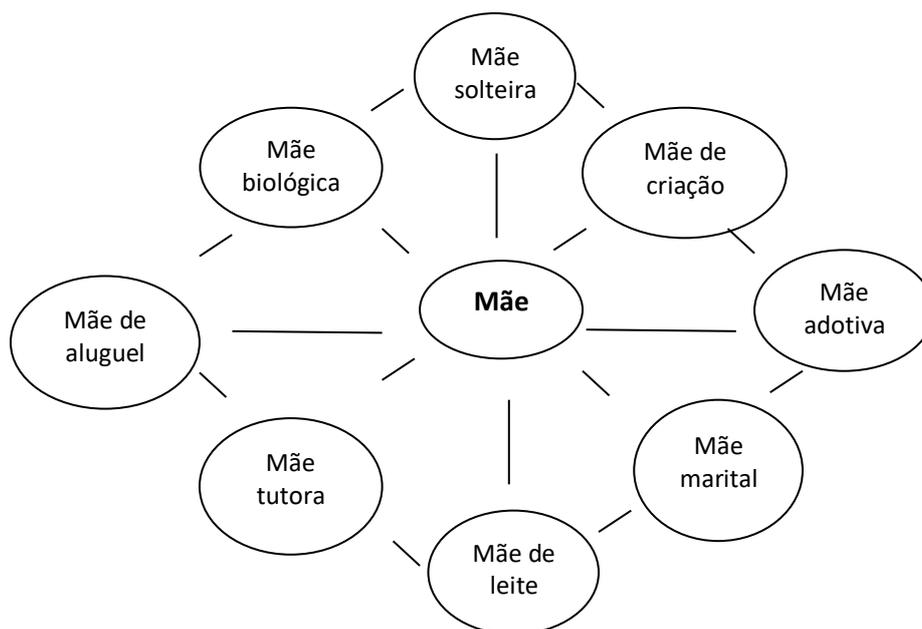
Na tabela taxonômica, podemos perceber três exemplos que correspondem ao cão doméstico, ao milho e ao cogumelo comestível respectivamente. As regras de nomenclatura em uma classificação dessa natureza facilitam a comunicação entre pessoas de diferentes nacionalidades e línguas, tendo em vista que a nomenclatura das espécies catalogadas deve ser escrita em latim. O esquema de classificação supracitado demonstra como as espécies estão classificadas desde a categoria mais geral, a de reino, até a mais específica, a de espécie, conforme a hierarquia do código de nomenclatura.

**(f) Categoria radial** – trata-se de um dos grandes empreendimentos de Lakoff na defesa de uma perspectiva cognitiva, uma vez que esse modelo cognitivo não se explica sob a ótica dos princípios da semântica objetivista. De acordo com Lakoff (1987), a categoria radial apresenta as seguintes propriedades: (i) é representada estruturalmente como CONTAINER e suas subcategorias são representadas dentro dela; (ii) a relação estabelecida entre as subcategorias é formada pelo esquema CENTRO-PERIFERIA: “uma categoria é o centro; e as outras subcategorias estão ligadas ao centro por vários tipos de ligação”<sup>33</sup> (p. 287); (iii) categorias não centrais podem ser subcentros, ou seja, pode-se impor novas/outras estruturas em termos do esquema CENTRO-PERIFERIA.

Conforme os estudos aventados por Lakoff (1987), a categoria de mãe, como já foi discutida neste trabalho, é estruturada em termos radiais, ou seja, como o modelo cognitivo idealizado de mãe envolve um cluster de vários MCIs diferentes, por exemplo.

---

<sup>33</sup> One category is the center; the other subcategories are linked to the center by various types of links (LAKOFF, 1987, p. 287)



Fonte: Adaptação do diagrama de Silva (2015), conforme os estudos empreendidos por Lakoff (1987).

A partir do protótipo mãe, podemos perceber que, na estrutura radial, temos a categoria MÃE como exemplo prototípico no centro do diagrama, e as demais subcategorias que se estendem como ramificações (variações) significativas representadas por: mãe biológica, mãe de criação, mãe marital, mãe adotiva etc. É relevante observarmos que algumas subcategorias elencadas de MÃE só são possíveis, levando em consideração as experiências humanas que existem dentro do domínio específico de uma determinada cultura.

O próprio Lakoff (1987) nos alerta para o fato de que as subcategorias são definidas por convenções de uma dada sociedade, ou seja, são produtos do século XX, pois não existiam antes. No caso, já é possível asseverarmos que, em pleno século XXI, existe a subcategoria de mães transexuais, caracterizada também como uma extensão significativa do centro do esquema radial, levando em consideração que elas são caracterizadas pelo fato de ter nascido homem, mas, possuem identidade de gênero feminina.

É importante informar que, em termos sociais, essa mulher trans poderá adotar uma criança e criá-la como mãe, muito embora, saibamos que, em termos biológicos, o homem não nasce com o aparelho reprodutor para gerar filhos. Diante do exposto, e considerando as demandas da sociedade atual, temos, neste caso, um exemplo da subcategoria que se encontra na extremidade das ramificações do esquema radial.

Ademais, em um modelo radial, segundo Lakoff (1987), os elementos menos centrais se caracterizam como variantes dos elementos mais centrais, demonstrando que existe uma

gradação de efeitos prototípicos tanto no sistema categorial quanto no sistema conceptual, uma vez que a relação entre categorias cognitivas e conceptuais é estreita.

Apresentaremos, abaixo, uma análise empreendida por Lakoff (1987) e Lakoff e Kövecses (1987) do conceito de RAIVA, ou seja, a maneira pela qual a noção é estruturada em termos de prototipicidade e radialidade.

Conforme os estudos empreendidos por Lakoff (1987, p. 397), o cenário prototípico de RAIVA se configura como modelo cognitivo que possui uma dimensão temporal e apresenta cinco estágios, como se pode observar:

ESTÁGIO 1 – EVENTO OFENSIVO: Há um evento ofensivo que desagrade uma determinada pessoa X -Y fez algo diretamente intencional e injusto para X, Y está enganado, e X é inocente – A injustiça produz raiva em X. A escala de justiça só pode ser equilibrada por um ato de retribuição rigorosamente igual, em intensidade, ao ato ofensivo (p. 397);

ESTÁGIO 2 – RAIVA: À medida que a intensidade da raiva aumenta, X experiencia efeitos fisiológicos: aumento da temperatura corporal, pressão interna e agitação física. Ao se tornar muito intensa, a raiva exerce uma força sobre X, para que realize um ato de retribuição a Y. X precisa controlar sua raiva, uma vez que os atos de retribuição são danosos e/ou socialmente inaceitáveis (p. 398);

ESTÁGIO 3 – TENTATIVA DE CONTROLE: X tenta controlar sua raiva (p. 398);

ESTÁGIO 4 – PERDA DE CONTROLE: As pessoas têm limites de tolerância no controle da raiva. Se X ultrapassa seu limite, passa a exibir um comportamento raivoso, e sua raiva força-o a tentar um ato de retribuição. Fora do controle, não é responsável por suas ações (p. 398);

ESTÁGIO 5 – ATO DE RETRIBUIÇÃO: X realiza o ato de retribuição sobre Y, em igual intensidade à ofensa, equilibrando a escala de justiça. A intensidade da raiva cai a zero (p. 398).

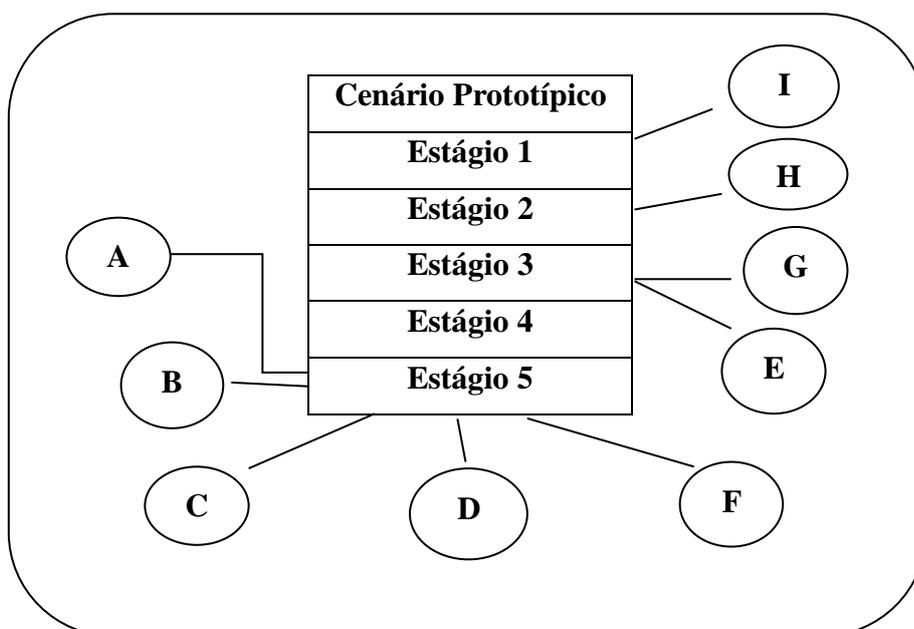
Não há um único modelo cognitivo de raiva, conforme Lakoff (1987). É possível falar que existe uma categoria de modelos cognitivos com o modelo prototípico se posicionando mais ao centro, no entanto, podemos observar que há variantes do modelo prototípico de raiva. Lakoff afirma que “não há um núcleo que todos os tipos de raiva têm em comum. Em vez disso, os tipos de raiva compartilham semelhanças de família”. (p. 405)

Logo, podemos perceber que a categorial radial de RAIVA é formada a partir do cenário prototípico, em que os elementos não centrais se configuram como subcentros, isto é, variantes significativas, demonstrando que existe uma gradação de efeitos prototípicos no

domínio da estrutura conceptual. Vejamos, abaixo, alguns casos não-prototípicos de RAIVA, conforme Lakoff (1987):

- (A) RAIVA INSATISFEITA: No estágio 5, a intensidade da raiva continua alta (p.401);
- (B) RAIVA FRUSTRADA: Não sendo possível uma retribuição para o ato ofensivo de Y, X direciona sua raiva contra si mesmo (p. 401);
- (C) RAIVA REDIRECIONADA: Em vez de direcionar a raiva para Y, X direciona-se para uma outra pessoa ou coisa (p. 401 - 402);
- (D) RESPOSTA EXAGERADA: A reação de X é, em intensidade, exagerada com relação ao ato ofensivo (p. 402);
- (E) RESPOSTA CONTROLADA: X mantém-se sob controle e não chega ao ato de retribuição (p. 402);
- (F) USO CONSTRUTIVO: Em vez de realizar o ato de retribuição, X serve-se de sua raiva para realizar um ato construtivo: há equilíbrio, e a raiva desaparece (p. 402);
- (G) INTERRUPÇÃO ESPONTÂNEA: Antes de perder o controle, a raiva simplesmente desaparece (p. 402);
- (H) EXPLOSÃO IMEDIATA: X sente a raiva e, de uma vez, perde o controle (p. 402);
- (I) RAIVA RESFRIADA: Não há efeitos fisiológicos, e X permanece controlado (p. 403).

O diagrama a seguir nos mostra a categoria radial de RAIVA:



Fonte: Feltes (2007, p. 161), conforme os estudos aventados por Lakoff (1987).

No diagrama, podemos destacar as acepções do cenário prototípico de RAIVA, em que as concepções denominadas prototípicas (melhores exemplos) se apresentam no centro da figura, ao passo que os casos não-prototípicos estão nas extremidades (são progressivamente mais periféricos) por se configurarem como as variações significativas ou subcentros da categoria radial RAIVA.

**1.1.3 Modelo simbólico** – segundo Lakoff (1987, p. 467), os modelos simbólicos se configuram pela “combinação de modelos de formas com modelos cognitivos, os quais têm por objetivo a compreensão de todos os tipos de correspondências entre forma-significado que têm uma realidade cognitiva”<sup>34</sup>.

O MCI simbólico, na verdade, é o resultado de elementos conceituais que se associam aos elementos linguísticos, tendo como eixo balizador uma gramática cognitiva como aquela que foi proposta por Langacker (1986), que tem como cerne a explicação da gramática sob uma perspectiva cognitiva.

O MCI simbólico pode ser ilustrado, de acordo com Lakoff (1987), a partir de três níveis de descrição linguística, a saber: (a) itens lexicais, (b) categorias gramaticais e (c) construções gramaticais.

Lakoff (1987) assevera que as “categorias linguísticas, assim como as categorias conceituais, apresentam efeitos prototípicos, demonstrando que a linguagem faz uso dos mecanismos cognitivos gerais – no mínimo os mecanismos de categorização”<sup>35</sup>. (p. 67) Dessa maneira, é possível assinalar que os efeitos prototípicos se fazem presentes em todos os níveis linguísticos, ou seja, desde o nível fonológico, passando pelo morfológico, sintático até o nível semântico.

Para ilustrar a categoria gramatical, Lakoff toma como parâmetro a categoria NOME, em que é possível observarmos uma estrutura radial com as seguintes características: (a) subcategorial central – nomes para entidades físicas (pessoas, lugares, coisas); (b) subcategorial periféricas – nomes abstratos.

No que diz respeito às construções gramaticais, Lakoff (1987, p. 467) define como “um par forma-significado (F, M), onde F é um conjunto de condições sobre formas sintática

---

<sup>34</sup> Symbolic models are pairings of models of form with other cognitive models. They account for the understanding of all sorts of form-meaning correspondences that have a cognitive reality. (LAKOFF, 1987, p. 467)

<sup>35</sup> Linguistic categories like conceptual categories show prototypes effects, [...] that language does make use of general cognitive mechanisms – at least categorization mechanisms. (LAKOFF, 1987, p. 67)

e fonológica, e M é um conjunto de condições sobre significado e uso”<sup>36</sup>. Para exemplificar, Lakoff faz uma análise das construções gramaticais dêiticas e existenciais com “*there*” em Língua Inglesa. O autor constata que as construções dêiticas se configuram como o caso central, ao passo que as construções existenciais se caracterizam como casos não centrais.

Uma construção do tipo ‘*There’s Harry with his red hat on*’ (Lá está Harry usando seu chapéu vermelho) se configura como um caso prototípico de construção dêítica com ‘*there*’, ao passo que uma construção, por exemplo, ‘*There’s a fly in my soup*’ (Há uma mosca em minha sopa), tido como um caso não central, no entanto apresenta um comportamento dêítico, tendo em vista que o parâmetro central deriva do MCI APONTAR (The pointing-Out ICM).

**1.1.4 Modelo metonímico** – segundo Feltes (2007), trata-se de um dos modelos cognitivos mais ricos em termos de efeito prototípico, uma vez que um membro/elemento de uma categoria ou subcategoria é considerado como representativo de uma dada categoria ou de um dado modelo como um todo.

As fontes metonímicas de efeitos prototípicos, conforme Lakoff (1987), são as seguintes: (a) os estereótipos sociais; (b) os exemplos típicos; (c) os ideais; (d) os padrões; (e) os geradores; (f) os submodelos e (g) exemplos salientes.

Assim como a metáfora, a metonímia não é somente um recurso retórico, mas uma maneira de agir, pensar e falar no nosso dia a dia. Ainda segundo a concepção tradicional do termo, é possível encontrarmos, no dicionário da língua portuguesa *Novo Aurélio Século XXI*, uma acepção em que sua caracterização é concebida como uma figura de linguagem:

Tropo que consiste em designar um objeto por palavra designativa doutro objeto que tem com o primeiro uma relação de causa e efeito (trabalho, por obra), de continente e conteúdo (copo, por bebida), lugar e produto (porto, por vinho do porto), matéria e objeto (bronze, por estatueta de bronze), abstrato e concreto (bandeira, por pátria), autor e obra (um Camões, por um livro de Camões), a parte pelo todo (asa, por avião), etc. (FERREIRA, 1999, p. 1328)

Lakoff e Johnson (2002 [1980], p. 91) definem a metonímia a partir do exemplo: *O sanduíche de presunto está esperando sua conta*, em que o termo “o sanduíche de presunto” é usado para se referir a uma pessoa real. Neste caso, não se configura como uma metáfora de

---

<sup>36</sup> A form-meaning pair (F, M), where F is a set of conditions on syntactic and phonological form and M is a set of conditions on meaning and use. (LAKOFF, 1987, p. 467)

personificação, tendo em vista que não se compreende a expressão ‘sanduíche de presunto’ atribuindo qualidades humanas. Fica evidente que usamos uma entidade para nos referir a outra que é associada diretamente a ela.

O exemplo supramencionado, de acordo com os estudos aventados por Barcelona (2003), se configura como um cruzamento de uma metonímia e de uma metáfora em uma mesma manifestação linguístico-discursiva, ou seja, “isso acontece, a propósito, quando uma metonímia ocorre simultaneamente em uma mesma expressão linguística com um certo mapeamento metafórico, do qual aquela é conceptualmente independente”<sup>37</sup>. (BARCELONA, 2003, p. 12)

Barcelona (2003) ilustra o fenômeno do cruzamento da metonímia e da metáfora a partir do seguinte exemplo: “O *sanduíche de presunto* começou a *rosnar*”<sup>38</sup>, em que podemos observar a metonímia MERCADORIA CONSUMIDA PELO CONSUMIDOR, e simultaneamente, a metáfora PESSOAS SÃO ANIMAIS, tendo em vista que é atribuída a uma determinada pessoa uma característica de animal licenciada pelo verbo rosnar.

Vejamos, abaixo, algumas manifestações linguísticas da metonímia PARTE PELO TODO, em que os retóricos tradicionais chamaram de sinédoque.

#### PARTE PELO TODO

- ⇒ O *automóvel* está congestionando nossas estradas. (o conjunto de automóveis)
- ⇒ Precisamos de um par de *corpos fortes* para nossa equipe. (pessoas fortes)
- ⇒ Estou com *pneus novos*. (carro, moto etc.)
- ⇒ Precisamos de *sangue novo* na organização. (pessoas novas)

Lakoff e Johanson (2002 [1980]) nos mostram a diferença entre metonímia e metáfora dentro do escopo cognitivo dos MCIs estudados:

Metáfora e metonímia são processos de natureza diferente. A metáfora é principalmente um modo de conceber uma coisa em termos de outra, e sua função primordial é a compreensão. A metonímia, por outro lado, tem principalmente uma função referencial, isto é, permite-nos usar uma entidade para *representar* outra. Mas metonímia não é meramente um recurso referencial. Ela também tem a função de propiciar o entendimento. No caso da metonímia PARTE PELO TODO, por exemplo, há muitas partes que podem *representar* o todo. Quando dizemos que precisamos de boas

<sup>37</sup> “This happens, for instance, when a metonymy co-occurs in the same linguistic expression with a certain metaphorical mapping, from which it is conceptually independent”. (BARCELONA, 2003, p. 12)

<sup>38</sup> Tradução do original: “The ham sandwich started snarling”.

cabeças no projeto, estamos usando “boas cabeças” para nos referirmos a “pessoas inteligentes”. (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 92-93)

Um exemplo bastante recorrente em nosso cotidiano é o fato de mostrarmos uma foto 3x4 de nossa irmã a um professor que a conhece. O professor não vai dizer algo como: “Ah, essa é a cabeça de sua irmã”, mas algo como: “Ah, essa é sua irmã”. Isso ocorre porque se faz uma projeção da imagem da cabeça (PARTE), de forma inconsciente, em seu corpo (TODO).

Lakoff e Johnson (2002) demonstram, através da metonímia ROSTO PELA PESSOA, que o MCI metonímico faz parte de como nós concebemos o mundo, ou seja, como identificamos uma pessoa pelo seu rosto e agimos conforme a nossa percepção. Observemos as expressões abaixo:

#### ROSTO PELA PESSOA

- ⇒ Ela é só uma *cara bonita*.
- ⇒ Há uma *impressionante quantidade de caras* na plateia.
- ⇒ Precisamos de umas *caras novas* por aqui.

Algo bem semelhante acontece quando se pergunta, por exemplo, quantos gados possui determinada fazenda e se obtém como resposta: “Umas cinco mil e oitocentas *cabeças*”. Segundo Abreu (2010), quando estamos precisando tirar um móvel de um lugar e colocá-lo em outro espaço, dizemos algo como: “Estou precisando da *mão* de alguém para me ajudar a carregá-lo”. Entretanto, quando precisamos de alguém para nos consolar de maneira afetiva, podemos dizer algo como: “Hoje estou precisando de um *ombro* amigo”.

De acordo com Lakoff e Johnson (2002 [1980], p. 96), “os conceitos metonímicos permitem-nos conceptualizar uma coisa por sua relação com outra”, o que implica dizer que a metonímia assim como a metáfora possui uma determinada sistematicidade e ambas não são geradas de forma aleatória.

Abaixo, podemos observar algumas metonímias conceituais exemplificadas por Lakoff e Johnson e suas respectivas manifestações linguísticas já cristalizadas em nossa sociedade.

#### PRODUTOR PELO PRODUTO

- ⇒ Pedro comprou um *Ford*.
- ⇒ Marcos tem um *Picasso* em seu gabinete.

⇒ João esqueceu de comprar a *Gillette*.

#### OBJETO PELO USUÁRIO

⇒ Os *ônibus* estão em greve.

⇒ O *saxofone* está resfriado hoje.

#### INSTITUIÇÃO PELOS RESPONSÁVEIS

⇒ A *Esso* aumentou os preços novamente.

⇒ Eu não aprovo os atos do *governo*.

⇒ O *Senado* acha que o aborto é imoral.

#### LUGAR PELA INSTITUIÇÃO

⇒ *Paris* está lançando saias longas nesta estação.

⇒ A *Casa Branca* não está se pronunciando.

#### LUGAR PELO EVENTO

⇒ Tem sido uma *Central do Brasil* aqui o dia todo.

⇒ *Watergate* mudou nossa política.

A definição de metonímia, conforme Kövecses (2002, p. 145), é a seguinte: “um processo cognitivo pelo qual uma entidade conceptual, o veículo, fornece acesso mental a outra entidade conceptual, o alvo, dentro do mesmo modelo cognitivo idealizado”. Para Gibbs (1995), a metonímia faz parte, de maneira fundamental, do nosso sistema de conceptualização. A partir dos exemplos: (i) *Washington* começou negociação com *Moscou*, (ii) A Casa Branca não está dizendo nada, e (iii) Wall Street está em pânico, Gibbs faz a seguinte reflexão:

Esses exemplos não são expressões singulares arbitrárias, mas refletem o princípio cognitivo geral da metonímia, em que as pessoas usam um aspecto bem entendido de algo para referir-se a coisas como um todo ou algum de seus aspectos. Todas as expressões acima estão relacionadas ao princípio geral pelo qual um lugar pode referir-se a uma instituição que é projetada como se fosse aquele lugar.<sup>39</sup> (GIBBS, 1995, p. 320)

---

<sup>39</sup> These examples are not arbitrary single expressions but reflect the general cognitive principle of metonymy, where people use one well-understood aspect of something to stand for the thing as a whole or for some other aspect of it. All of the expressions above relate to the general principle by which a place may stand for an institution located as that place. (GIBBS, 1995, p. 320)

Como se pode perceber, a metonímia, de acordo com Abreu (2010), é baseada no modelo de *frames*, assim como de outros elementos agregados que estão situados tanto no âmbito da imaginação quanto por fatores de ordem cultural. Dessa maneira, por que uma revolução que ocorreu em Pernambuco em meados de 1848-1850 ficou denominada de *Praieira*? Porque o jornal *O Diário Novo*, que disseminava as ideias que geraram a revolução, estava localizado na Rua da Praia, no Recife.

Considerando o contexto sócio-histórico supracitado, é possível asseverar que a metonímia de acontecimentos históricos é bastante recorrente, pois temos a utilização do nome de um local pelo evento que nele ocorreu. Ainda segundo Abreu (2010), por esse mesmo processo, podemos elencar uma vasta gama de metonímias de acontecimentos históricos como: escândalo de *Watergate* (edifício onde se localizava a sede do partido democrata americano), batalha de *Waterloo* (região ao sul de Bruxelas, onde Napoleão foi vencido), decisão de *Downing Street* (residência do primeiro ministro britânico) e assim por diante.

**1.1.5 Modelo metafórico** – segundo Kövecses (2005, p. 5-8), há onze componentes que constituem a geração/produção de metáforas conceptuais, levando em consideração que, para o autor, a metáfora é vista como um fenômeno linguístico, conceptual, social, cultural, neural e corporal ao mesmo tempo. Abaixo, estão as onze propriedades elencadas pelo autor:

(1) Domínio-fonte e (2) Domínio-alvo: A metáfora consiste de um domínio-fonte e de um domínio-alvo, em que a fonte é um domínio mais concreto, e o alvo, um domínio mais abstrato. Exemplo: A VIDA É UMA JORNADA/VIAGEM;

(3) Base experiencial: A escolha de uma fonte específica para seguir a um alvo específico é motivada por uma base experiencial ou corpórea. Exemplo: A afeição correlaciona-se com calor corporal: AFEIÇÃO É CALOR;

(4) Estruturas neurais no cérebro correspondentes a (1) e (2): A experiência corpórea resulta em certas conexões neurais entre áreas do cérebro. Exemplo: Quando a área do cérebro corresponde à afeição é ativada, aquela correspondente ao calor também o é.

(5) Relações entre a fonte e o alvo: A relação entre a fonte e o alvo é tal que um domínio-fonte pode aplicar-se a vários alvos, e um alvo pode ligar-se a várias fontes. Exemplo: o domínio JORNADA/VIAGEM pode ser aplicado tanto a VIDA quanto a AMOR;

(6) Expressões linguísticas metafóricas: A ligação de domínios-fonte e domínios-alvo dão origem a expressões metafóricas, de tal modo que expressões linguísticas derivam da conexão entre dois domínios conceptuais. Exemplo: “uma relação calorosa” (AFEIÇÃO É CALOR);

A partir das seis primeiras propriedades/características estabelecidas por Kövecses (2005), podemos observar que a constituição de uma metáfora conceptual dar-se-á através do processo de formação de dois domínios envolvidos, a saber: um domínio-fonte, que se caracteriza por ser mais concreto e um domínio-alvo, de carácter mais abstrato. Podemos perceber também que a produção das metáforas tem por base nossas experiências corporais, culturais e das conexões neurais que ocorrem em nosso cérebro.

Além disso, não podemos confundir expressões metafóricas como “*Veja a que ponto eles chegaram na melhor idade*”, com a metáfora conceptual em si: A VIDA É UMA VIAGEM/JORNADA, levando em consideração que a expressão metafórica é a manifestação/atualização linguístico-discursiva da metáfora conceptual. Ademais, ressaltamos que o referido autor continua elencando mais algumas características relevantes a seguir:

(7) Mapeamentos: Há correspondências conceptuais básicas e essenciais ou mapeamentos entre os domínios-alvo e domínios-fonte. Exemplo: O AMOR É UMA JORNADA/VIAGEM:

*Viajantes* são amantes

*Veículo* —————> relação amorosa

*Destino* —————> o propósito do relacionamento

*Distância coberta* —————> progresso alcançado no relacionamento

*Obstáculos ao longo do caminho* —————> dificuldades encontradas no relacionamento;

(8) Acarretamentos: Os domínios-fonte mapeiam ideias para o alvo para além das correspondências básicas. Tais mapeamentos adicionais são chamados acarretamentos ou inferências. Exemplo: O AMOR É UMA JORNADA/VIAGEM

Mapeamento *Veículo* —————> relação amorosa

Se o veículo quebra: (i) tenta-se atingir o destino por outros meios —————> deixa-se o relacionamento; (ii) tenta-se consertar o veículo —————> tenta-se melhorar o relacionamento ou fazê-lo funcionar; e (iii) fica-se no veículo e não se faz nada —————> permanece-se no relacionamento (com sofrimento);

(9) *Blends*: A junção de um domínio-fonte com um domínio-alvo pode resultar em mesclas (*blends*), construtos conceptuais que são novos com respeito tanto à fonte quanto ao alvo. Exemplo: *Ele estava tão furioso que fumaça saía pelos seus ouvidos.*

*Pessoa com raiva*: domínio-alvo

*Fumaça (fluido quente)* num container (*ouvido*): domínio-fonte

A pessoa com raiva (alvo) não tem fumaça saindo dela, pois a fonte (o container com fluido quente) não tem ouvidos.

Integração conceptual: o container que tem ouvidos, de onde sai fumaça (*blend*);

(10) Realizações não-linguísticas: metáforas podem ser realizadas através de formas não-linguísticas ou pensamentos. É o caso de práticas sócio-físicas e realidade. Exemplo:

Metáfora conceptual: IMPORTANTE É CENTRAL

Realização não-linguística: Num evento social, pessoas em alta posição social tendem a ocupar lugares físicos mais centrais do que as menos importantes (a localização de uma mesa ou assento em uma mesa);

(11) Modelos culturais: metáforas conceptuais convergem com ou produzem modelos culturais que operam no pensamento. Tais estruturas são tanto culturais como cognitivas (por isso modelo cultural ou cognitivo), sendo representações mentais específicas de aspectos do mundo.

Além das onze características elencadas por Kövecses (2005), destacamos também a noção de incongruência ou estranhamento semântico, aventada por Cameron (2003), que podemos encontrar em seu livro intitulado *Metaphor in Educational Discourse*. Essa noção supracitada consiste na incompatibilidade no que diz respeito ao mapeamento de traços entre os domínios (fonte e alvo) envolvidos na compreensão de uma metáfora conceptual.

Em primeiro lugar, faz-se necessário elucidarmos a acepção de discurso utilizada pela Cameron (2003), que deve ser entendida como *língua/gem em uso*, levando em consideração que encontramos expressões linguísticas metafóricas nas mais diversas situações do nosso dia a dia. Segundo Cameron (2003, p. 3), “uma perspectiva discursiva tenta manter/ter a metáfora de forma contextualizada”<sup>40</sup>. Conforme os estudos da autora, a incongruência entre o conteúdo do contexto discursivo e o conteúdo da manifestação linguística é sinalizada possivelmente em decorrência da presença do fenômeno metafórico.

A autora fez uso de alguns exemplos extraídos do *corpus* (discursos/diálogos reais) utilizado em sua investigação para demonstrar como a incongruência semântica se configura em situações de uso. Vejamos as duas ilustrações: (i) *Esta impressora está de brincadeira,*

<sup>40</sup> “A discourse perspective attempts to keep metaphor contextualized”. (CAMERON, 2003, p. 3)

*quando você tenta trabalhar, ela fica doida (This printer is playing up, when you try to work on it, it goes mad). Em uma determinada situação, em que se tenta usar a impressora e ela não funciona bem. Podemos assinalar, dessa maneira, que as impressoras não brincam e nem tampouco elas ficam doidas, ao passo que as pessoas sim.*

Nessa direção, é sabido que a incongruência ocorre pelo fato de encontrarmos outra forma de interpretar a palavra ou a expressão linguística de uma dada sentença; (ii) *A atmosfera é o cobertor de gases que circunda a terra (The atmosphere is the blanket of gases that surrounds the earth)*. Informação de um livro escrito para crianças sobre a camada de ozônio. Percebemos que a palavra cobertor (*blanket*) é usada para se referir à cama e não ao espaço.

Diante do exposto, podemos notar que tanto a acepção de incongruência semântica cunhada por Cameron (2003), quanto as onze propriedades da metáfora como modelo cognitivo elencadas por Kövecses (2005) são úteis para que possamos ter uma dimensão da importância dos estudos sobre a Teoria da Metáfora Conceptual (TMC) de Lakoff e Johnson (2002 [1908]), que será delineada no próximo capítulo.

Fazendo uma retrospectiva desse primeiro capítulo, pudemos ter uma noção do fenômeno da categorização na perspectiva clássica e na abordagem experiencialista, e depois abordamos o papel dos Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs) no escopo da Semântica Cognitiva (SC), ressaltando os cinco tipos de modelos cognitivos, conforme os estudos de Lakoff (1987), a saber: (i) de esquemas de imagens; (ii) proposicionais; (iii) simbólicos; (iv) metonímicos e (v) metafóricos. Ressaltamos que o cerne desta pesquisa se debruça sobre o último modelo cognitivo supracitado, o qual discutiremos de forma detalhada logo a seguir.

### **Metáfora**

Uma lata existe para conter algo,  
Mas quando o poeta diz lata  
Pode estar querendo dizer o incontível

Uma meta existe para ser um alvo,  
Mas quando o poeta diz meta  
Pode estar querendo dizer o inatingível

Por isso não se meta a exigir do poeta  
Que determine o conteúdo em sua lata  
Na lata do poeta tudo-nada cabe,  
Pois ao poeta cabe fazer  
Com que na lata venha a caber  
O incabível

Deixe a meta do poeta, não discuta,  
Deixe a sua meta fora da disputa

Meta dentro e fora, lata absoluta  
Deixe-a simplesmente metáfora

**(Gilberto Gil)**

## 2 A TEORIA DA METÁFORA CONCEPTUAL (TMC)

Neste segundo capítulo, discorreremos sobre o Modelo Cognitivo Metafórico, a partir da Teoria da Metáfora Conceptual (TMC), conforme Lakoff e Johnson (2002 [1980]). Demonstramos a origem da metáfora no âmbito da retórica e da poética, de acordo com os estudos empreendidos por Ricouer (2000), fazendo um trajeto pela perspectiva clássica até a abordagem cognitiva.

Mostramos também que o fenômeno da metáfora, sob o viés cognitivo, alavancou os estudos no escopo da Semântica Cognitiva. Abordamos os aspectos que foram revisitados por Lakoff e Johnson na edição de 2003 da obra *Metaphors We live by*. Estabelecemos a relação entre Metáfora Conceptual e o Sistema da Moralidade, conforme Lakoff e Johnson (1999) e Lakoff (2016 [1996]), delineando uma teia de metáforas que sustentam a metáfora conceptual MORAL É BEM-ESTAR.

Em seguida, apresentamos a relação entre Metáfora Conceptual, Cultura e Ideologia, conforme os estudos aventados por Yu (2008), Kövecses (2000, 2005), Goatly (2007) e Charteris-Black (2004, 2005). Demonstramos, dessa maneira, como as metáforas conceptuais podem variar de acordo com os aspectos culturais/ideológicos de uma determinada comunidade. Depois, abordamos a relação entre Metáfora Conceptual e Multimodalidade, que será de grande valia para a caracterização do *corpus* de nossa pesquisa, chamando a atenção para o fato de haver poucas investigações sobre as metáforas multimodais.

### 2.1 Metáfora: da perspectiva clássica à abordagem cognitiva

Nesta seção, visamos mostrar a origem do termo ‘metáfora’ nos estudos empreendidos tanto no âmbito da retórica quanto da poética na Grécia. Para tal, faremos um trajeto de forma minuciosa, tendo em vista que o conhecimento do surgimento do termo será de grande valia para a constituição desta tese.

O estudo da metáfora, na história do pensamento ocidental, é atribuído a Aristóteles. Sem dúvida, ele é o responsável por defini-la e classificá-la como um tropo, que pertence tanto ao escopo da retórica quanto da poética. Segundo Ricouer (2000), “a metáfora tem um pé em cada domínio. Ela pode, quanto à estrutura, consistir apenas em uma única

transferência do sentido das palavras, mas, quanto à função, ela dá continuidade aos destinos distintos da eloquência e da tragédia”. (p. 23)

A retórica, de acordo com Ricouer (2000), constituía um campo do saber que tinha como objetivo a persuasão, ou seja, o domínio das palavras diante de seus usos públicos. Diante disso, Ricouer (2000, p. 18) assevera que “a palavra foi uma arma destinada a influenciar o povo, perante o tribunal, na assembleia pública, ou ainda para elogio ou panegírico”. O autor supracitado nos mostra que essa disciplina está intrinsecamente relacionada à arte do “bem falar” e a define como “a técnica fundada no conhecimento das causas que geram os efeitos da persuasão conferindo um poder formidável a quem a domine perfeitamente”. (p. 19-20)

Em sua origem, podemos observar que a retórica aristotélica está associada inicialmente à filosofia, e, por se caracterizar como uma área do saber abrangente, contempla três áreas de atuação, a saber: (i) a teoria da argumentação; (ii) a teoria da elocução e; (iii) a teoria da composição do discurso.

Em a *Arte Poética*, encontramos uma das antigas acepções do termo postulada por Aristóteles. Segundo o autor, “a metáfora é uma transposição do nome de uma coisa para outra, transposição do gênero para a espécie, ou da espécie para o gênero, ou de uma espécie para outra, por via da analogia” (ARISTÓTELES, 2002, p.182)

Conforme os estudos empreendidos por Ricouer (2000), existem alguns traços que caracterizam o escopo da metáfora. Destacamos os seguintes: (i) ela está vinculada diretamente ao nome (ou à palavra) e não ao discurso, ou seja, a metáfora pertence às figuras de palavras; (ii) a metáfora se configura em termos de movimento, ou seja, “a *epiphora* de uma palavra é descrita como uma sorte de deslocamento de... para...” (p. 30); desse modo, é possível assinalarmos que a metáfora é percebida como a transposição de sentido dos termos.

É importante frisar que a própria palavra metáfora também é considerada metaforicamente, tendo em vista que advém da noção física de movimento. (iii) a metáfora é a transposição de um nome “estranho”, na acepção aristotélica, em que é tomada como empréstimo a outro domínio, implicando, dessa maneira, a noção de *desvio* dos usos da linguagem ordinária, tornando-se, assim, como o critério da estilística em alguns autores contemporâneos.

Observamos, a partir do estudioso Max Black (1962), que estabeleceu a diferença da metáfora enquanto conceito epistemológico e um conceito poético, uma simplificação ou

uma redução da noção de metáfora, nos estudos posteriores, a um simples aspecto de ‘ornamentação’, saindo do escopo da própria palavra para a ordem do discurso e da obra.

É relevante mencionar que a diferença entre linguagem ‘corrente’ *versus* linguagem ‘estranha’ nasce nos próprios estudos aventados por Aristóteles, desembocando nos estudos realizados posteriormente que iluminam e elucidam cada vez mais as oposições *próprio e figurado, da ordem e da transgressão*, e a noção de desvio da linguagem comum. Ainda sob a perspectiva da retórica, segundo Ricouer (2000), somos levados a acreditar que “a metáfora nada ensine e não sirva senão para ornar o discurso”. (p. 81)

De acordo com o legado retórico, podemos observar que a metáfora foi interpretada, por muito tempo, como um símile literal abreviado que teve a expressão comparativa elidida, ou seja, uma expressão linguística como *Joana é uma flor* equivaleria semanticamente a *Joana é como uma flor*; a realização de tal comparação se deve ao fato de haver um traço de semelhança entres as partes.

Entretanto, uma das críticas dos estudiosos da área incide no aspecto comparativo, pois segundo a perspectiva tradicional “a metáfora repousaria essencialmente sobre semelhanças objetivas pré-existentes entre os termos implicados na relação metafórica” (CARNEIRO, 2012, p. 18)

A partir dos estudos empreendidos por Aristóteles, tanto na poética quanto na retórica, observamos que foi estabelecida a dicotomia da linguagem cotidiana *versus* linguagem literária. Nessa direção, podemos observar que a linguagem cotidiana era caracterizada como a linguagem usada em seu sentido literal, ou seja, de forma denotativa, e que podia ser observada em textos informativos, jornalísticos e científicos. Ao passo que a linguagem literária era caracterizada como plurissignificativa, sendo utilizada muitas vezes com um sentido diferente do que lhe era comum, ou seja, era empregada de forma conotativa e podia ser percebida em textos como o poema, o conto, o romance e a novela.

O sentido literal, segundo a tradição objetivista, é a linguagem capaz de “se enquadrar ao mundo”, ou seja, capaz de se referir diretamente a objetos existentes ou de ser objetivamente falsa ou verdadeira. Também é caracterizada como a linguagem ordinária convencional que se contrapõe à linguagem poética (VEREZA, 2007, p. 27).

Vereza (2007), na obra *Literalmente falando: sentido literal e metáfora na metalinguagem*, expõe que a aceção do termo sentido literal é algo bastante polêmico, levando em consideração que existe poucas referências explícitas, tanto no escopo da linguística como na área da filosofia da linguagem.

Lakoff e Johnson (1999) asseveram que há quatro princípios que norteavam a visão literal da linguagem. O primeiro princípio estava relacionado de forma direta à concepção de mente independente do mundo, em que comunicar o mundo era fazer uso de fórmulas lógicas e silogismos de forma objetiva. O segundo princípio dizia respeito ao uso “desviante” das palavras, uma vez que as palavras em seus usos desviantes não se aplicavam às coisas de forma apropriada. O terceiro princípio postulava que o sentido literal era o único existente para as expressões linguísticas, ao passo que o quarto princípio e último estava associado à utilização de uma coisa para designar outra por ter sua motivação na semelhança entre elas.

Podemos observar que os princípios supracitados foram a base/alicerce de muitos estudos relacionados à figuratividade da linguagem. Aristóteles acreditava que o aspecto não figurado da linguagem e a capacidade de estabelecer semelhanças eram a maneira mais apropriada para se chegar à essência das coisas. No entanto, com os trabalhos posteriores de Lakoff e Johnson (1980), constata-se que as questões referentes ao pensamento metafórico foram trazidas para o centro da Linguística Cognitiva.

Normalmente, quando se fala em sentido literal, faz-se de imediato a associação com o sentido objetivo, ou seja, as pessoas podem falar de maneira objetiva, desde que elas se utilizem de uma linguagem clara, precisa, direta, sem ambiguidade e que corresponda também à realidade. Ser objetivo, conforme o objetivismo, é ser racional, ao passo que ser subjetivo é ser irracional (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 296-297).

Ainda segundo a tradição objetivista, o sentido, além de ser objetivo e descorporificado, é também independente da compreensão humana. O sentido passa a ser então caracterizado em termos de condições de verdade ou falsidade. Uma pessoa só pode compreender o sentido objetivo de uma frase se compreender as condições sob as quais ela é verdadeira ou falsa.

Todas essas noções objetivistas, que estão disseminadas na tradição filosófica ocidental, se opõem à visão da metáfora na perspectiva conceptual, uma vez que ela, tradicionalmente, tem sido vista como algo que subverte a busca da verdade absoluta.

Lakoff e Johnson, na edição revisitada de 2003, demonstram que existem quatro grandes barreiras históricas para a compreensão da natureza do pensamento metafórico, implicando, dessa maneira, quatro visões distorcidas da metáfora, as quais são denominadas falácias.

A primeira falácia incide em afirmar que a metáfora é uma questão de palavras e não de conceitos. A segunda falácia se caracteriza em dizer que a metáfora é baseada em

analogias/similaridades. A terceira estabelece que todos os conceitos são literais e que nenhum conceito pode ser metafórico, e a quarta e última falácia nos afirma que o pensamento racional não é de forma alguma estruturado pela natureza dos nossos cérebros e corpos. Os estudos realizados posteriormente demonstram que essas quatro visões acima podem ser consideradas distorcidas (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 244).

Primeiramente, porque o cerne da metáfora é o conceito e não as palavras. Em segundo lugar, a metáfora, de forma geral, não é baseada em analogias/similaridades, ela é baseada em correlações de domínios entrecruzados nas nossas experiências, que ocasionam semelhanças percebidas entre dois domínios dentro da metáfora. Em terceiro lugar, mesmo os nossos conceitos mais profundos e permanentes como tempo, acontecimentos e moralidade são compreendidos e fundamentados através de várias metáforas. Em quarto lugar, o sistema da metáfora conceptual não é arbitrário, ele é estruturado de forma significativa pela natureza comum dos nossos corpos (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 244-245).

Essas falácias, segundo Lakoff e Johnson (2003), são antigas e difíceis de serem suprimidas, pois elas permeiam/perpassam a nossa cultura ocidental há mais de dois mil anos. O fato de elas serem inconsistentes não é um problema pequeno, até porque percebemos suas consequências em todos os aspectos de nossas vidas.

Ao contrário da visão tradicional, que trata a metáfora como uma mera questão da linguagem extraordinária, percebe-se que, após os estudos realizados por Lakoff e Johnson, em 1980, aconteceu uma marcante ruptura paradigmática, e a metáfora passou, então, a ser encarada sob uma nova perspectiva, refletindo diretamente na forma como nós compreendemos nossas atividades diárias.

## **2.2 A Teoria Contemporânea da Metáfora Conceptual**

A metáfora, conforme a tradição clássica da gramática, tem sido estudada como uma questão meramente da linguagem e não do pensamento. As expressões metafóricas, segundo essa perspectiva, servem como um recurso da linguagem para produzir efeitos poéticos e a metáfora é vista como um mecanismo utilizado fora do domínio da linguagem cotidiana. A partir das pesquisas realizadas por Lakoff e Johnson (2002 [1980]), podemos observar uma mudança paradigmática no que diz respeito a esses estudos.

A teoria contemporânea nos revela que a metáfora, ao contrário do que os tradicionalistas/objetivistas pregavam, não é uma questão apenas de linguagem e sim um

aparato cognitivo. Conforme Lakoff e Johnson (2002 [1980], p. 47-48), “a essência da metáfora é compreender e experienciar uma coisa em termos de outra”.

Para ilustrar essa definição de teoria contemporânea da metáfora, é necessário estabelecermos a diferença que existe entre a expressão metafórica e a metáfora conceptual. Aquela é uma expressão linguística, ou seja, é a manifestação linguístico-discursiva como: ‘Pedro está *desperdiçando* o tempo dele’, ‘Tenho *investido* muito tempo nos estudos’, ‘Você precisa *gerenciar* melhor seu tempo’; esses enunciados são ilustrações de algumas expressões linguísticas que mostram a forma como nós compreendemos e estruturamos o tempo em nossa cultura. Essas manifestações linguísticas atualizam a metáfora conceptual TEMPO É DINHEIRO, ou seja, a metáfora exemplificada fornece um conceito de tempo e este conceito, por sua vez, é metafórico.

Segundo Lakoff e Johnson (2002 [1980]), a maioria das atividades que realizamos no nosso cotidiano está atrelada ao tempo, fruto do processo de industrialização que a nossa sociedade moderna sofreu ao longo dos anos. É importante assinalarmos que a metáfora TEMPO É DINHEIRO implica outras metáforas tais como: TEMPO É UM RECURSO LIMITADO e TEMPO É UM BEM VALIOSO, formando uma rede/teia de metáforas que estão imbricadas, tendo em vista a forma como o tempo é concebido em nossa cultura.

A estrutura da metáfora é basicamente binária, isto é, composta por um domínio-alvo e um domínio-fonte. O domínio-alvo caracteriza-se por um conceito abstrato, no exemplo acima, o tempo; enquanto que o domínio-fonte se configura pelo conceito concreto, dinheiro. Para entendermos uma metáfora conceptual, fazemos o mapeamento de forma parcial e seletiva de alguns aspectos do domínio-fonte (mais concreto) para o domínio-alvo (mais abstrato).

Conforme Lakoff e Johnson (2002 [1980]), as metáforas conceptuais são classificadas em três categorias: as estruturais, as orientacionais e as ontológicas. As metáforas estruturais “são aquelas que estruturam um conceito em termos de outro” (p. 59) e também estão fundamentadas em relações sistematizadas a partir das nossas experiências. Lakoff e Johnson (2002 [1980]) demonstram que a noção de ‘ideia’ pode ser conceptualizada de diferentes formas, ora como recursos, ora como modas, ora como instrumentos cortantes e assim por diante.

Para ilustrar, vejamos as expressões linguísticas ‘*Esgotamos* todas as nossas ideias’, ‘Pedro é um homem *cheio de recursos*’ e ‘*Não desperdice* seu pensamento com pequenos projetos’ são manifestações linguísticas que atualizam a metáfora IDEIAS SÃO RECURSOS.

Já as expressões ‘A semiótica tornou-se bastante *chique*’, ‘Essa ideia *saiu de moda* anos atrás’, ‘Atualmente o marxismo *está em moda* na Europa Ocidental’ são expressões linguísticas que atualizam a metáfora IDEIAS SÃO MODAS. Expressões linguísticas como ‘Isso *mata* a questão’, ‘Essa ideia é *incisiva*’, ‘Pedro tem uma mente *afiada*’ são manifestações linguísticas metafóricas que subjazem a metáfora conceptual IDEIAS SÃO INSTRUMENTOS CORTANTES.

Percebemos que o domínio-alvo é o mesmo (ideia), mas o mapeamento que fazemos de alguns aspectos do domínio-fonte para o domínio-alvo será singular, já que a noção de ‘ideia’ poderá receber várias acepções, como pode-se observar no exemplo supracitado.

As metáforas orientacionais, de acordo com a classificação de Lakoff e Johnson (2012 [1980]), têm a ver com a orientação espacial do tipo: para cima - para baixo, dentro - fora, frente - trás, fundo-raso e assim por diante. Além de terem uma base com nossa experiência física, possuem também uma base cultural e podem variar de uma cultura para outra.

As expressões linguísticas metafóricas ‘José está se sentindo *para cima* hoje’, ‘A entrada de João no mercado de trabalho *levantou* seu moral’, ‘Maria está mesmo *para baixo* esses dias’, ‘Maria *caiu* em depressão’ são expressões atualizadoras das respectivas metáforas FELIZ É PARA CIMA e TRISTE É PARA BAIXO, uma vez que postura caída corresponde à tristeza e/ou depressão, ao passo que postura ereta está associada a um estado emocional positivo.

As metáforas ontológicas, conforme Lakoff e Johnson (2002 [1980]), servem a uma grande variedade de objetivos como referir-se, quantificar, identificar aspectos e causas, traçar objetivos, e assim por diante. O aumento de preços, por exemplo, pode ser entendido de forma metafórica como uma entidade por meio do substantivo inflação. Expressões linguísticas tais como: ‘A *inflação está abaixando* o nosso padrão de vida’, ‘A *inflação está nos colocando* em um beco sem saída’ são manifestações da metáfora ontológica INFLAÇÃO É UMA ENTIDADE.

Lakoff e Johnson (2003), no posfácio de sua obra *Metaphors We live by*, fazem uma revisão da Teoria da Metáfora Conceptual, assinalando alguns aspectos no que diz respeito ao mapeamento, à classificação da metáfora, dentre outros traços. Os referidos autores mostram que tanto a noção de mapeamento matemático como da projeção metafórica não podem ser mais consideradas válidas no processo de compreensão da metáfora, pois não criavam entidades alvos.

No mapeamento matemático havia uma correspondência sistemática de forma precisa, enquanto que a projeção metafórica tinha por base a imagem de um retroprojektor, em que o domínio-alvo era considerado um slide inicial do projetor, e a metáfora funcionava como um processo sobreposto em que se colocava outro slide em cima do primeiro.

Em 1997, com o projeto Teoria Neural da Linguagem, dirigido por Jerome Feldman e George Lakoff, a teoria da projeção da metáfora é abandonada e substituída pela Teoria Neural. Logo, o termo mapeamento assume um significado completamente novo, tendo em vista que os mapeamentos são relações físicas.

Conforme Lakoff e Johnson (2003), as inferências metafóricas são realizadas através das representações do domínio-fonte, e esses resultados são conduzidos ao domínio-alvo através de ligações neurais. A aprendizagem de novas metáforas acontece pelo estabelecimento de novas ligações neurais e não da criação de cópias complexas e inferenciais, como na antiga teoria da projeção metafórica.

No que concerne à classificação das metáforas conceptuais em estruturais, orientacionais e ontológicas, Lakoff e Johnson (2003, p. 264) destacam o seguinte:

A divisão das metáforas em três tipos – orientacionais, ontológicas, e estruturais – foi artificial. Todas as metáforas são estruturais (em que elas mapeiam estruturas a estruturas); todas são ontológicas (em que elas criam entidades do domínio-alvo); e muitas são orientacionais (em que elas mapeiam esquemas imagéticos orientacionais). (Tradução nossa)<sup>41</sup>

Observamos que desde que a metáfora conceptual foi sistematizada/estudada por Lakoff e Johnson, pesquisadores de diversas áreas, como teoria literária, filosofia da linguagem e linguística, têm feito aplicações dessa teoria. As metáforas conceptuais funcionam, de fato, como um mecanismo cognitivo de organização do pensamento e são estudadas/abordadas em disciplinas como a psicologia, linguística cognitiva, filosofia, além de estarem presentes em questões relacionadas ao social, à política, à economia e assim por diante.

Lakoff (1987) apresenta um estudo minucioso do conceito RAIVA, que se estrutura tanto em termos metafóricos quanto em metonímicos. Deve-se ressaltar que esse estudo foi realizado por Lakoff em parceria com Kövecses e foi publicado inicialmente na obra *“Metaphors of anger, pride and love: a lexical approach to the structure of concepts”* de

---

<sup>41</sup> The division of metaphors into three types – orientational, ontological, and structural – was artificial. All metaphors are structural (in that they map structures to structures); all are ontological (in that they create target domain entities); and many are orientational (in that they map orientational image-schemas). (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 264)

Kövecses em 1986. Conforme Lakoff (1987), conceitos de ordem emocional são exemplificações coerentes de conceitos abstratos que possuem uma base corporal.

Na análise aventada por Lakoff, podemos observar que ele apresenta os efeitos fisiológicos da raiva sob um viés da teoria popular do senso comum: “Os efeitos fisiológicos da raiva são aumento de calor do corpo, aumento da pressão interna (pressão sanguínea, pressão muscular), agitação e interferência na percepção”<sup>42</sup>. (LAKOFF, 1987, p. 381)

Levando em consideração o princípio metonímico geral, em que os efeitos fisiológicos de uma emoção são tomados pela emoção como um todo, Lakoff nos fornece um sistema de metonímias como:

- ⇒ Calor do corpo: *Não o provoque, Pedro logo fica **esquentado!***
- ⇒ Pressão interna: *João quase teve uma **hemorragia** ao falar no assunto.*
- ⇒ Vermelhidão da face e pescoço pelo aumento do calor corporal e da pressão do sangue: *Marcos ficou **vermelho de raiva.***
- ⇒ Agitação: *Maria **pulava de raiva.***
- ⇒ Interferência na percepção: *Pedro estava tão furioso que **nem podia ver direito.***

É sabido que as expressões linguísticas metafóricas são geradas a partir da noção de RAIVA É CALOR. De acordo com Lakoff (1987), quando a noção de raiva é aplicada a coisas fluidas, temos: RAIVA É O CALOR DE UM FLUIDO NUM CONTAINER, sendo motivada por CALOR, PRESSÃO INTERNA e AGITAÇÃO. Ao passo que quando a noção está associada a coisas sólidas, temos a metáfora RAIVA É FOGO, sendo motivada por CALOR e VERMELHIDÃO. Esses exemplos formam uma rede/teia de metáforas conceptuais, baseadas em nosso sistema conceptual global, que acarretam uma metáfora mais geral: O CORPO É UM CONTAINER PARA AS EMOÇÕES, licenciada pela expressão linguística, ‘*João não podia conter sua alegria*’.

Considerando O CALOR DE UM FLUIDO NUM CONTAINER como domínio-fonte, e RAIVA como domínio-alvo, Lakoff (1987) faz uma análise demonstrando os acarretamentos metafóricos (A), tendo como base as correlações entres os domínios envolvidos:

- ⇒ *Helena estava **fumegando de raiva.***

---

<sup>42</sup> The physiological effects of anger are increased internal pressure (blood pressure, muscular pressure), agitation, and interference with accurate perception. (LAKOFF, 1987, p. 381)

(A) A raiva intensa produz pressão no container.

⇒ *Ela estava **estourando** de raiva.*

- Quando a pressão aumenta no container, o container explode.

(A) A raiva causa explosões.

⇒ *Não toleramos mais suas **explosões**.*

- Em uma explosão, partes do container voam pelos ares.

(A) Quando uma pessoa explode, partes voam pelos ares.

⇒ *Joana **voou pelo telhado** com a revelação.*

⇒ ***Saía fumaça** pelas suas orelhas.*

- Quando se explode, o que está dentro do container vem para fora.

(A) Quando uma pessoa explode, o que está dentro dela vem para fora.

Levando em consideração a teoria popular sobre a RAIVA, é sabido que os efeitos fisiológicos da raiva podem afetar de maneira negativa o nosso organismo, pois a raiva intensa nos leva a perder o controle e, desse modo, a perda de controle pode ser interpretada como uma ameaça de explosão, acarretando problemas tanto de ordem fisiológica quanto de ordem psicológica. (LAKOFF, 1987)

### 2.3 Metáfora Conceptual e Moralidade

O sistema metafórico da moralidade, conforme Lakoff e Johnson (1999), Lakoff (1995) e Lakoff (2016 [1996]), é um tópico que merece destaque na segunda fase dos estudos aventados na Teoria da Metáfora Conceptual (TMC), levando em consideração que esse estudo também nos servirá como bússola para nortear as análises das charges que compõem o *corpus* desta investigação.

Segundo Lakoff e Johnson (1999), uma das grandes descobertas no escopo da Semântica Cognitiva é que os nossos conceitos morais são estruturados através de um extenso sistema de mapeamentos metafóricos. Desse modo, é possível assinalarmos que

raciocinamos e comunicamos nossas ideias morais a partir de mecanismos conceptuais imaginativos como as metáforas e os esquemas de imagens.

Os referidos autores asseveram que a noção de moralidade está associada de forma direta ao bem-estar dos seres humanos e, desse modo, é possível percebermos que a maioria das metáforas do sistema da moralidade não são arbitrárias, mas estão estruturadas/baseadas na natureza dos nossos corpos e nas interações sociais, nas quais estamos inseridos/imersos em nosso dia a dia.

Valores como liberdade, justiça, tolerância, compaixão, virtude entre tantos outros aspectos estão relacionados com as preocupações que nos afligem no nosso cotidiano, ou seja, refletimos sobre aquilo que se configura como o que é melhor para nós e como podemos viver de forma mais equilibrada/harmônica em uma dada sociedade. Diante disso, Lakoff e Johnson (1999) nos chamam atenção para o fato de o conceito de moralidade estar atrelado ao bem-estar das pessoas. (ANDRADE; SILVA, 2019)

Na obra *Philosophy in the Flesh*, Lakoff e Johnson destacam algumas formas de experiências básicas que promovem o bem-estar. Eles assinalam que é melhor desfrutar de saúde do que de doença, possuir alimentos, água e ar puros do que contaminados. Ser forte do que ser fraco, é melhor usufruir de riqueza suficiente para viver de maneira confortável do que ser pobre, ser cuidado e protegido do que ser ignorado/negligenciado. Além disso, é bom ser reto e equilibrado do que estar desequilibrado e incapaz de se manter em pé. (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 291)

De acordo com Lakoff (2016 [1996], a base do sistema de metáforas morais foi construída/estruturada histórica e culturalmente a partir das teorias populares que levam em consideração a noção básica de bem-estar humano. Diante disso, é possível percebermos algumas condições que estruturam/formam a base do sistema metafórico da moralidade.

Uma vez que é melhor ser rico do que ser pobre, a moralidade é conceptualizada em termos de riqueza. Como é melhor ser forte do que ser fraco, nós esperamos ver a moralidade conceptualizada como força. Porque é melhor ser saudável do que doente, não surpreende ver a moralidade conceptualizada em termos de saúde e de conceitos relacionados como limpeza e pureza. (LAKOFF, 2016 [1996], p. 59, Tradução nossa)<sup>43</sup>

---

<sup>43</sup> Since it is better to be rich than to be poor, morality is conceptualized in terms of wealth. Since it is better to be strong than to be weak, we expect to see morality conceptualized as strength. Because it is better to be healthy than sick, it is no surprise to see morality conceptualized in terms of health and attendant concepts like cleanliness and purity. (LAKOFF, 2016 [1996], p. 59)

Lakoff e Johnson (1999) asseveram que, a partir dos estudos aventados sobre as concepções morais, foi possível constatar que as estruturas metafóricas que subjazem as noções éticas em questão lançam mão de diferentes domínios-fontes, que abrangem “uma lista de aspectos elementares do bem-estar humano – como saúde, riqueza, força, equilíbrio, proteção, cuidado e assim sucessivamente”<sup>44</sup> para a conceptualização do domínio-alvo MORALIDADE. (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 292)

Com o intuito de exemplificar o sistema metafórico da moralidade em nossa investigação, faremos um trajeto pela rede/teia de metáforas, que alicerçam a metáfora MORAL É BEM-ESTAR, de acordo com as pesquisas empreendidas por Lakoff e Johnson (1999), Lakoff (1995) e Lakoff (2016 [1996]).

### **2.3.1 A metáfora da Contabilidade Moral**

De acordo com Lakoff e Johnson (1999) e Lakoff (2016 [1996]), a noção de bem-estar como riqueza é algo tão enraizado em nossa cultura que sequer a identificamos em nossa linguagem do dia a dia. Se tomarmos um incêndio ou um terremoto, como exemplos, podemos assinalar que temos um “custo” não apenas na esfera monetária – por se tratar de catástrofes – mas um “custo” no bem-estar humano, nesse caso, levando em consideração os feridos, as mortes, o sofrimento dos familiares e assim por diante.

Ao passo que quando se fala de “lucrar” com uma determinada experiência, estamos ponderando sobre um tipo de bem-estar em que é possível “ganhar” em uma dada situação na qual estamos engajados – pode-se ganhar, por exemplo, conhecimento, sofisticação, aprimoramento e confiança.

Embora não estejamos falando de dinheiro diretamente, discorreremos se o curso de uma determinada ação “valeu a pena” de fato. Dessa maneira, podemos dizer que é possível usarmos uma metáfora financeira para versar sobre o bem-estar e verificar se o curso da ação foi “lucrativo” ou não. Conforme Lakoff (2016 [1996]), essa metáfora financeira/econômica reflete a forma como pensamos e falamos sobre o dinheiro em relação à maneira como pensamos e versamos sobre o bem-estar.

---

<sup>44</sup> A list of elemental aspects of human well-being – such as health, wealth, strength, balance, protection, nurturance, and so on. (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 292)

Cumpra-nos advertir, diante do exposto, que quando entendemos a ação moral metaforicamente em termos de transação financeira, somos levados a compreender a contabilidade moral como uma transposição do domínio financeiro.

É sabido que, no domínio financeiro, existe o fato de se pagar as dívidas monetárias a fim de quitar as dívidas ou sob pena de gerar débitos, causando conseqüentemente um desequilíbrio econômico no escopo da contabilidade. Temos, então, a necessidade de equilíbrio que se desdobra ao domínio moral, tendo em vista que “a contabilidade moral é vital para o funcionamento social.”<sup>45</sup> (LAKOFF, 2016 [1996], p. 62, Tradução nossa)

Existe um certo número de esquemas morais, segundo Lakoff (1995) e Lakoff e Johnson (1999), que compõem o modelo da metáfora da contabilidade moral, a saber: reciprocidade, retribuição, vingança, restituição e altruísmo. Vejamos algumas características dos esquemas supramencionados:

#### *a) Reciprocidade*

Conforme Lakoff (1995, p. 02), o esquema da reciprocidade é composto por dois princípios básicos: (i) É ação moral dar algo de valor positivo; dar algo negativo a alguém é ação imoral; (ii) É obrigação moral pagar uma dívida moral, o não pagamento de uma dívida moral é um ato imoral.

Dessa forma, podemos assinalar que quando alguém faz algo de bom para outra pessoa, temos uma ação moral que está contemplada no primeiro princípio supracitado. Ao passo que, quando a pessoa beneficiada, reciprocamente, faz algo bom/positivo a quem lhe fez bem, temos, dessa forma, os dois princípios contemplados na ação, em que os dois indivíduos estão equacionados moralmente. (LAKOFF, 1995)

As seguintes manifestações linguístico-discursivas, ilustram bem o esquema da reciprocidade, conforme Johnson (1993): a) *Você salvou a minha vida! Como eu posso pagá-lo?*; b) *Eu devo-lhe um favor pela sua boa ação.*<sup>46</sup>

#### *b) Retribuição*

<sup>45</sup> The moral bookkeeping is vital to social functioning (LAKOFF, 2016 [1996], p. 62)

<sup>46</sup> A fim de tornar compreensível os esquemas morais supraelencados, utilizamos os exemplos apresentados por Johnson (1993).

O esquema de retribuição, de acordo com Lakoff (2016 [1996]), baseia-se na metáfora da aritmética moral, em que os dois princípios são: (i) se alguém faz algo para lhe prejudicar, dando-lhe algo de valor negativo, então você deve algo de igual valor (negativo) a essa pessoa; (ii) em retribuição, conforme a metáfora aritmética, se você der algo de valor negativo, você quitará a dívida moral no momento em que você tira algo de valor positivo a quem lhe fez o mal.

Conforme Lakoff (2016 [1996]), os fundamentos da aritmética moral acabam produzindo dilemas morais se considerarmos uma ação negativa cometida por um indivíduo. Eis os dilemas:

(i) *Primeiro Dilema*: Se você fez algo negativo contra quem lhe prejudicou, segundo o primeiro princípio, você agiu de maneira imoral. Já pelo segundo princípio, você agiu de forma moral, considerando que você pagou sua dívida moral.

(ii) *Segundo Dilema*: Fazer nada contra quem lhe prejudicou, pelo primeiro princípio, você estaria atuando de forma moral. No entanto, pelo segundo princípio, você estaria agindo de forma imoral, se considerarmos que você deixou de pagar uma dívida moral que consiste na obrigação de equalizar as contas. A fim de ilustrar o esquema da retribuição, vejamos as seguintes expressões linguístico-discursivas, conforme Johnson (1993): a) *Eu lhe darei o troco pelo que você me fez*; b) *Você terá o que merece por isso*.

#### c) *Vingança*

Lakoff (1995) assevera que o esquema contábil da vingança é equivalente moralmente ao esquema da retribuição, se trata, na verdade, de outra forma de balancear/equalizar as contas morais.

A diferença, conforme Lakoff e Johnson (1999), dar-se-á a partir da aceção de autoridade moral legitimada. Por exemplo: Se o juiz condena um assassino à pena de morte, se caracteriza como justiça retributiva, tendo em vista que o juiz possui autoridade para tal. Ao passo que se alguém decide fazer justiça com as próprias mãos e mata o assassino de seu irmão, agindo para equilibrar as contas morais, se configura como vingança.

#### d) *Restituição*

De acordo com Lakoff (1995), quando se faz algo prejudicial para alguém, se dá algo de valor negativo e, pela aritmética moral, também se tira algo de valor positivo. Dessa forma, deve-se a alguém algo de valor positivo igual. O esquema da restituição consiste em: **A** pagar a **B**, dando-lhe algo de igual valor positivo, compensando pela perda. É importante salientar que, em muitos casos, a restituição acontece de forma parcial. Johnson (1993) ilustra o esquema da restituição a partir de manifestações linguístico-discursivas como: a) *Como posso **pagar-lhe** pelos danos que causei à relação?*; b) *Você me **deve** desculpas pela sua grosseria.*

#### e) *Altruísmo*

De acordo com os estudos empreendidos por Lakoff (1995), quando eu faço um determinado bem para alguém, conforme a contabilidade moral, fiz algo de valor positivo, portanto, a pessoa que foi beneficiada tem um “débito” moral em relação a mim. No esquema do altruísmo, eu cancelo a “dívida”, já que não quero nada em troca, e acabo criando um “crédito” moral.

Para que alguém seja considerado uma boa pessoa, ele/a precisa acumular uma parcela significativa de créditos morais, tendo em vista que grande moral está relacionado diretamente com os princípios pelos quais você vai acumulando com o “crédito” moral. O esquema do altruísmo pode ser exemplificado, segundo Johnson (1993), a partir da seguinte manifestação linguístico-discursiva: a) *Maria é uma santa, nunca espera nada pelo que faz.*

### **2.3.2 A metáfora da Força Moral**

A partir dos estudos empreendidos por Lakoff e Johnson (1999, p. 298), a força de vontade é caracterizada como “uma condição essencial para a ação moral”, enquanto que a fraqueza moral pode ser entendida/interpretada como uma forma de imoralidade. A metáfora da Força Moral, conforme Lakoff (2016 [1996]), figura-se como o eixo balizador do sistema metafórico da moralidade, pois ocupa uma posição de destaque e se distingue por ser uma metáfora complexa.

A Força Moral, de acordo com estudos aventados por Lakoff e Johnson (1999, p. 299), consiste no esforço realizado para se manter a postura moral de maneira equilibrada/reta, distanciando-se, desse modo, das forças do mal. Nessa perspectiva, assinalamos que o aspecto metafórico da retidão moral está estruturado na posição física de verticalidade através do plano experiencial.

Os referidos autores asseveram que “a retidão moral é compreendida metaforicamente em termos de retidão física: SER MORAL É SER RETO; SER IMORAL É SER BAIXO”<sup>47</sup> (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 299, tradução nossa). Alguns exemplos da metáfora MORALIDADE É RETIDÃO podem ser licenciados a partir das seguintes manifestações linguísticas: *Ela é uma pessoa de **alto** nível. Eu nunca me **rebaixaria** a tal ponto. Ele é um homem de espírito **elevado**.*

De acordo com Lakoff e Johnson (1999), a metáfora da Força Moral se configura como algo que deve ser construído ao longo de nossa existência através da autodisciplina e da renúncia/sacrifício, uma vez que as pessoas não nascem fortes (física e/ou emocionalmente), por exemplo. A referida metáfora está relacionada também com a maneira pela qual nós resistimos às forças do mal. Os autores (1999, p. 299) asseveram que “fazer o mal é, portanto, passar de uma posição de moralidade (retidão) para uma posição de imoralidade (ser baixo)”<sup>48</sup> (tradução nossa). Observamos, por essa razão, a seguinte metáfora: FAZER O MAL É CAIR.

Cumpramos ressaltar que as metáforas supracitadas estão diretamente relacionadas com as metáforas orientacionais estudadas/debatidas por Lakoff e Johnson (2002 [1980]), como exemplo das metáforas cristalizadas na literatura: BOM É PARA CIMA, MAU É PARA BAIXO, VIRTUDE É PARA CIMA e DEPRAVAÇÃO É PARA BAIXO.

Os referidos autores assinalam que essas metáforas têm a ver com as orientações espaciais do tipo – para cima/para baixo, dentro/fora, frente/trás, fundo/raso – assim como pelo fato de serem reflexo do corpo que possuímos e da maneira pela qual esse corpo interage com o ambiente físico em que vive, sem esquecermos que essas metáforas também são frutos de nossa cultura.

Portanto, destacamos que essa base experiencial de ordem física e cultural está associada ao fato de sermos seres saudáveis, dessa maneira, exibimos uma postura ereta/elevada, refletindo em algumas metáforas como: SAÚDE E VIDA SÃO PARA CIMA,

<sup>47</sup> Moral uprightness is understood metaphorically in terms of physical uprightness: BEING MORAL IS BEING UPRIGHT; BEING IMMORAL IS BEING LOW. (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 299)

<sup>48</sup> Doing evil is therefore moving from a position of morality (uprightness) to a position of immorality (being low) (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 299).

DOENÇA E MORTE SÃO PARA BAIXO, CONTROLE É PARA CIMA e ESTAR SUJEITO A CONTROLE É PARA BAIXO.

No âmbito da metáfora da Força Moral, podemos observar que o mal pode ser interpretado de maneira metafórica como uma força (externa e/ou interna) que atua para desestruturar/desequilibrar uma determinada pessoa, levando-a, dessa maneira, a cometer alguns atos julgados/ponderados como imorais. (ANDRADE; SILVA, 2019, p. 75-76)

Lakoff (2016 [1996], p. 88), por sua vez, expõe de forma esquemática que existem os seguintes desdobramentos:

<b>Metáforas da Força Moral</b>	
MORALIDADE É RETIDÃO	SER BOM É SER RETO/EQUILIBRADO
	SER MAU É SER BAIXO/DESEQUILIBRADO
MORALIDADE É FORÇA	O MAL É UM FORÇA DESESTABILIZADORA
	FAZER O MAL É CAIR

Tal quadro supracitado corresponde à visão de mundo que está pautada no imaginário cristão ocidental, fazendo-nos lembrar que as forças do mal podem nos levar a “cair em tentação”, configurando-se, desse modo, como fraquezas/falhas morais. Lakoff e Johnson (1999, p. 300) asseveram que “uma pessoa moralmente fraca é provável que caia diante do mal realizando atos imorais, e assim, torna-se parte das forças do mal” (tradução nossa)<sup>49</sup>. Diante do exposto, podemos assinalar que uma pessoa moralmente forte não cai diante do mal e mantém-se equilibrada pela autodisciplina, tendo em vista que é necessário combater o mal.

<sup>49</sup> A morally weak person is likely to fall, to give in to evil, to perform immoral acts, and thus to become part of the forces of evil.

### 2.3.3 A metáfora da Autoridade Moral

É sabido que no seio da família, de acordo com Lakoff (2016 [1996]), a autoridade do pai está estruturada pela relação de dominância física do pai perante seus filhos. Essa dominância é mapeada de forma metafórica para a esfera moral, corroborando, dessa forma, com a tese/crença de que o pai é a figura central, dentro do âmbito familiar, que detém autoridade para definir as regras, impor limites e punir os filhos quando desobedecerem às normas estabelecidas pelo pai.

Lakoff e Johnson (1999, p. 301) expõem duas versões de autoridade, que se refletem em duas formas distintas de caracterização da noção de autoridade parental: (i) *autoridade legítima* e (ii) *autoridade absoluta*. A primeira versão está associada à responsabilidade do pai em cuidar, proteger e educar os filhos, de modo que seja exemplo de conduta/comportamento moral. De acordo com Lakoff e Johnson (1999, p. 302), “os pais ganham respeito e obediência pelo fato de cuidar, proteger e educar os filhos efetivamente, além de agir de forma moral para com eles. Tal respeito obtido é o que torna sua autoridade legitimada”. (Tradução nossa)<sup>50</sup>

Ao passo que a segunda versão – *autoridade absoluta* – se caracteriza pelos laços de parentesco entre pais e filhos, de modo que cabe aos filhos seguir as normas/regras estabelecidas pelos pais. Conforme Lakoff e Johnson (1999, p.302), “as crianças têm a obrigação moral de obedecer a seus pais e lhes mostrar respeito, simplesmente porque eles são seus pais, não importando como sejam ou o que façam”. (Tradução nossa)<sup>51</sup>

Cumpre-nos assinalar que o conceito de autoridade moral é utilizado como fonte metafórica para categorizarmos a autoridade moral de forma geral. Temos, dessa maneira, a seguinte metáfora central, conforme Lakoff e Johnson (1999):

AUTORIDADE MORAL É AUTORIDADE PATERNA  
 Acarretando os mapeamentos, a saber:  
 UMA FIGURA DE AUTORIDADE É UM PAI  
 A PESSOA SUJEITA À AUTORIDADE MORAL É UMA CRIANÇA  
 MORALIDADE É OBEDIÊNCIA

<sup>50</sup> Parents earn the respect and obedience of their children by nurturing, protecting, and educating effectively and by acting morally. Such earned respect is what makes their authority legitimate. (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 302)

<sup>51</sup> Children have a moral obligation to obey their parents and show them respect, simply because they are their parents, no matter what they are like or what they do. (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 302)

Lakoff e Johnson (1999) asseveram que a posição ocupada pela autoridade moral do pai, na metáfora supramencionada, pode ser substituída por pessoas de destaque na sociedade, como líderes espirituais (D. Hélder Câmara, Chico Xavier), por instituições com propósitos moralizantes (Organizações sociais e ambientais), até por deuses, santos ou profetas, no escopo de doutrinas religiosas.

### 2.3.4 A metáfora da Ordem Moral

A metáfora da Ordem Moral está associada diretamente à da Autoridade Moral, tendo em vista que emerge da noção de Ordem Natural (conforme a Teoria Popular da Ordem Natural), que prevê a supremacia do mais forte fisicamente (mais poderoso) sobre o mais fraco.

De acordo com Lakoff e Johnson (1999), a metáfora da hierarquia da autoridade moral ilumina alguns entes dotados de privilégios em detrimento de outros, por exemplo, Deus estaria no topo da hierarquia pelo fato de ser mais poderoso que as pessoas, e estas, por conseguinte, estariam acima dos animais e plantas; e o adultos, por sua vez, seriam superiores perante as crianças.

A partir dessa ordem natural de dominância, observamos que alguns aspectos de ordem física serão mapeados metaforicamente de forma parcial e seletiva para o domínio moral, transformando-se, dessa maneira, em ordem moral. Decorre daí a metáfora conceptual: ORDEM MORAL É ORDEM NATURAL.

Lakoff e Johnson (1999, p. 303) assinalam que a metáfora da Ordem Moral “transforma a hierarquia popular das relações de poder ‘naturais’ em uma hierarquia de autoridade e superioridade moral”. (Tradução nossa)<sup>52</sup> A seguir, podemos observar uma escala de superioridade moral arrolada pelos autores supracitados (p. 303):

- (i) Deus tem autoridade moral sobre as pessoas;
- (ii) As pessoas têm autoridade moral sobre a natureza (animais, plantas, objetos);
- (iii) Os adultos têm autoridade moral sobre as crianças;

---

<sup>52</sup> This metaphor transforms the folk hierarchy of ‘natural’ power relations into a hierarchy of moral superiority and authority.

- (iv) Os homens têm autoridade moral sobre as mulheres;<sup>53</sup>
- (v) Os patrões têm autoridade moral sobre os empregados.<sup>54</sup>

Diante do exposto, podemos assinalar que as consequências advindas dessa metáfora, conforme Lakoff e Johnson (1999) e Lakoff (2016 [1996]), são consideradas radicais e repugnantes, tendo em vista que essa metáfora acaba legitimando as relações de poder entre as classes sociais como algo natural, e sobretudo, como moral também.

A metáfora da Ordem Moral desautoriza a legitimidade de movimentos como o feminista e o ambientalista, em virtude de seu suposto caráter ‘antinatural’. De acordo com os estudos empreendidos pelo movimento feminista, a premissa de que os homens são moralmente superiores às mulheres é considerada uma afronta à ordem moral vigente. Ao passo que a premissa de que a natureza não possui valor inerente e não passa de uma fonte de recursos disponíveis para os homens, segundo a ordem moral, também se configura como uma ofensa/crime para o movimento ambientalista.

Por último, perante a hierarquia da Ordem Moral, os autores supracitados ressaltam que tal metáfora apresenta visões moralmente questionáveis/distorcidas, pelo fato de atribuir superioridade a determinados grupos como: a cultura ocidental seria considerada superior moralmente à cultura oriental, os ricos aos pobres, os brancos aos negros, os heterossexuais aos gays, os cristãos aos não-cristãos, e assim por diante.

Lakoff (2009) assinala que a ideia implícita da metáfora de Ordem Moral tem sido a base de visões deturpadas e fascistas como exemplo do racismo, da discriminação, do sexismo, do genocídio, da limpeza étnica, da caça de espécies em extinção e assim sucessivamente.

### **2.3.5 A metáfora dos Limites Morais**

A partir dos estudos aventados por Lakoff e Johnson (1999) e Lakoff (2016 [1996]), é sabido que a metáfora dos Limites Morais está circunscrita na denominada metáfora da Estrutura de Evento, a saber: **AÇÃO É MOVIMENTO AUTO-IMPULSIONADO e PROPÓSITOS SÃO DESTINOS.**

---

<sup>53</sup> Em pleno século XXI, essa escala moral é colocada em xeque, tendo em vista os direitos e os vários espaços conquistados/ocupados pelas mulheres na atualidade. No entanto, talvez em uma comunidade mais conservadora/patriarcal essa escala faça algum sentido.

<sup>54</sup> Acrescentamos mais uma escala de superioridade moral, a partir das proposições já elencadas/estabelecidas por Lakoff e Johnson (1999), levando em consideração a análise que será empreendida posteriormente, perante nosso objeto de estudo.

A ação moral é categorizada como um movimento circunscrito em uma região delimitada, fazendo-nos perceber uma lógica espacial que baliza, de certa forma, áreas e caminhos permitidos. Diante do exposto, a ação imoral é conceptualizada, nessa metáfora, como qualquer “movimento para fora do domínio permitido, que desvia de um caminho prescrito ou transgride os limites prescritos”. (LAKOFF; JOHNSON; 1999, p. 304)<sup>55</sup>

No que tange à conduta imoral, é pertinente dizer que ela é caracterizada como ‘desviante’, tendo em vista que chega a ameaçar a identidade das pessoas consideradas ‘normais’, assim como instaura percursos não avalizados pelas normas convencionalmente estabelecidas pela sociedade, colocando em xeque valores comuns, bem como aqueles considerados sagrados.

As consequências da conduta imoral, conforme a metáfora dos Limites Morais, são ponderadas como lesivas tanto para o indivíduo quanto para a sociedade como um todo, pois quando o indivíduo se desvia dos caminhos prescritos pelas convenções sociais, acaba “criando” um novo caminho, que aponta para destinos não sancionados pela sociedade. Dessa forma, ao percorrer um ‘novo’ caminho não autorizado, o indivíduo estaria “rejeitando os propósitos, as metas e o próprio modo de vida da sociedade em que vive”. (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 304-305, Tradução nossa)<sup>56</sup>

Ademais, conforme Lakoff (2016 [1996]), uma pessoa considerada desviante “põe em questão valores morais tradicionais e modos tradicionais de conduzir uma vida moral e elas podem fazer o caminho ‘desviante’ parecer seguro, normal e atrativo”. (LAKOFF, 2016 [1996], p. 101, Tradução nossa)<sup>57</sup> Um indivíduo desviante, além de ser uma ameaça à sociedade, porque se desvirtuou dos caminhos morais tradicionais, acaba exercendo uma influência nociva sobre a sociedade, tendo em vista que pode gerar um efeito cascata, levando outros cidadãos a se desviarem.

### **2.3.6 A metáfora da Essência Moral**

Conforme, a Teoria Popular das Essências, é sabido que os objetos possuem sua própria natureza, definida pelo conjunto de propriedades, que determinam, dessa maneira,

---

<sup>55</sup> As motion outside of the permissible range, as straying from a prescribed path or transgressing prescribed boundaries. (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 304)

<sup>56</sup> One is rejecting the purposes, the goals, the very mode of life of the society he/she is in. (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 304-305)

<sup>57</sup> Their acts call into question traditional moral values and traditional ways of leading a moral life, and they may make the “deviant” way seem safe, normal, and attractive. (LAKOFF 2016 [1996], p. 101)

sua forma. De forma análoga acontece com as pessoas, levando em consideração que cada pessoa possui uma essência moral que determina seu modo de agir. A essência moral do indivíduo se configura, de acordo com Lakoff e Johnson (1999), pelo seu caráter, que consiste em um “conjunto de virtudes e vícios atribuídos à pessoa”. (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 306, Tradução nossa)<sup>58</sup>

Diante do exposto, é comum se conceber uma pessoa perante sua essência moral que determina, por sua vez, o seu comportamento. Lakoff (2016 [1996]) assevera que a estrutura da metáfora de Essência Moral está balizada a partir dos seguintes mapeamentos:

UMA PESSOA É UM OBJETO

A ESSÊNCIA DA PESSOA É A SUBSTÂNCIA DE QUE O OBJETO É FEITO

Convém assinalar que ao julgarmos uma pessoa como teimosa ou confiável, estamos lhe atribuindo um traço inerente de sua personalidade, levando em conta que essa característica essencial determina como ela agirá em determinadas situações. Ao nascerem, as pessoas desenvolvem propriedade morais essenciais que permanecem com elas ao longo da vida, se essas propriedades, conforme Lakoff (2016 [1996]), forem morais, se configuram como virtudes, ao passo que, se forem propriedade imorais, elas são denominadas de vícios.

A metáfora da Essência Moral é sumarizada por Lakoff e Johnson (1999, p. 306), a partir dos seguintes acarretamentos:

- (i) Se você sabe como uma pessoa agiu, você sabe qual o caráter daquela pessoa;
- (ii) Se você conhece o caráter da pessoa, você sabe como aquela pessoa agirá;
- (iii) O caráter básico da pessoa está formado quando ela atinge a idade adulta (ou talvez um pouco antes).

Os autores supracitados ressaltam que as implicações dessa metáfora constituem a base de questões emblemáticas no âmbito da política social nos Estados Unidos. Como exemplo, Lakoff e Johnson (1999) mencionam o caso de medidas do governo que propõe retirar os filhos ilegítimos de mães adolescentes para colocá-los em orfanatos e casas de adoção. A suposição dessa iniciativa é que tais mães seriam imorais, levando em consideração que seu caráter estaria praticamente formado na fase da adolescência. Ao

---

<sup>58</sup> The collection of virtues and vices attributed to a person. (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 306)

manter os filhos no convívio delas, tais crianças desenvolveriam um caráter igualmente imoral também.

### 2.3.7 A metáfora da Pureza/Limpeza Moral

Conforme os estudos aventados por Lakoff e Johnson (1999), pelo sistema metafórico da moralidade, esta, por sua vez, pode ser categorizada a partir da noção de pureza. Os autores supracitados assinalam que uma substância é considerada pura quando não há nenhuma mistura, ao passo que o tipo mais comum de impureza é a sujeira, iluminando a correlação entre pureza e limpeza, temos a seguinte metáfora: PUREZA É LIMPEZA.

Ademais, no âmbito do sistema metafórico, “a moralidade é, então, conceptualizada como pureza e a imoralidade como impureza, como algo asqueroso ou sujo.” (LAKOFF, 2016 [1996], p. 108, Tradução nossa)<sup>59</sup> Vejamos abaixo algumas manifestações linguísticas, que Lakoff e Johnson (1999) utilizam para exemplificar a metáfora da Pureza/Limpeza Moral: a) *Aquilo foi uma coisa repugnante de se fazer*; b) *João é um homem sujo*; c) *Ó Senhor, criei um coração puro dentro de mim*; d) *Se eleito, limparei esta cidade*.

A partir das expressões linguístico-discursivas supracitadas, podemos identificar as seguintes metáforas conceptuais:

MORALIDADE É PUREZA / LIMPEZA

IMORALIDADE É IMPUREZA / SUJEIRA

As consequências dessa metáfora são relevantes para a sociedade, tendo em vista que assim como as impurezas físicas podem arruinar uma substância, o mesmo acontece com as impurezas morais que podem destruir tanto uma pessoa quanto uma sociedade, portanto, convém ressaltar que “assim como substâncias podem ser purgadas de impurezas, também pessoas e sociedades devem ser purgadas de elementos, indivíduos ou práticas corruptas”. (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 308, tradução nossa)<sup>60</sup>

Diante do exposto, podemos perceber que os acarretamentos da metáfora da Pureza/Limpeza Moral evidenciam a necessidade de se combater a fonte tanto da impureza

<sup>59</sup> Morality is therefore conceptualized as purity and immorality as impurity, as something disgusting or dirty. (LAKOFF; 2016 [1996], p. 108)

<sup>60</sup> Just as substances, to be usable, must be purged of impurities, so societies, to be viable, must be purged of corrupting individuals or practices. (LAKOFF;JOHNSON, 1999, p. 308)

quanto da imoralidade, removendo pessoas de conduta corrupta do cerne da sociedade, de modo que se possa neutralizar os efeitos de tal conduta.

### **2.3.8 A metáfora da Saúde Moral**

Lakoff e Johnson (1999) ressaltam que a saúde desempenha um papel relevante na vida da maioria das pessoas, levando em consideração que os indivíduos buscam possuir uma vida plena e feliz. Convém perceber que a categorização de moralidade, como já foi discutido, está estruturada a partir do domínio do BEM-ESTAR, decorre daí, portanto, a metáfora conceptual: BEM-ESTAR É SAÚDE.

A partir dessa metáfora, é possível assinalar que os atos/conduitas imorais ou impuros são percebidos como doenças, dessa maneira, é notório a correlação que existe entre moralidade, saúde e doença. Temos o seguinte mapeamento a partir dessas relações estabelecidas acima:

MORALIDADE É SAÚDE  
IMORALIDADE É DOENÇA

Lakoff (2016 [1996]) afirma que um dos acarretamentos da metáfora da Saúde Moral é que, assim como as doenças se alastram através do contato humano, o mesmo acontece no âmbito moral, ou seja, pessoas consideradas imorais podem ‘infectar’ os indivíduos considerados ‘sãos’, tornando-os imorais.

Nessa direção, é sabido que “a imoralidade, como doença moral, é uma praga que, se deixada fora de controle, pode se espalhar através da sociedade, infectando a todos.” (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 309, Tradução nossa) É importante observar que o próprio Lakoff (2016 [1996]) faz uma alusão à expressão “epidemia de imoralidade”, demonstrando uma propagação em larga escala da conduta considerada imoral.

Diante desse fato, é necessário, segundo Lakoff e Johnson (1999), a adoção de medidas para realizar uma higienização moral a fim de assegurar a pureza moral, a partir de procedimentos como a quarentena, mantendo as pessoas imorais afastadas/isoladas com o propósito de evitar a contaminação de pessoas morais.

### 2.3.9 A metáfora da Totalidade/Integridade Moral

Lakoff (2016 [1996]) assinala que outra forma de categorizar os padrões uniformes de comportamento é através da metáfora da Totalidade/Integridade Moral, que corresponde à natureza dos objetos de forma geral. É sabido que a totalidade está relacionada à propriedade dos objetos de se apresentar de forma uniforme, sólida e sem falhas em sua estrutura composicional.

O autor supracitado destaca que tanto a homogeneidade quanto a unidade de forma são traços relevantes na composição dos objetos. Convém salientar que substâncias bem heterogêneas podem não se manter unidas de forma a constituir um todo, no entanto, só a unidade de forma do objeto, que se configura como a totalidade/integridade, pode torná-lo forte e resistente a pressões.

Podemos assinalar que o caráter de integridade de um objeto é responsável pela sua funcionalidade no contexto em que se encontra inserido, no entanto, quando um dado objeto começa a se esfacelar, quando uma construção se desmorona, quando um organismo entra em decadência ou quando um tecido é rasgado, temos, dessa maneira, o comprometimento total de determinados entes/entidades que se encontram em um processo de deterioração.

Totalidade moral combina com Essência Moral, produzindo, dessa forma, a virtude da integridade – a virtude de ser moralmente completa. Um indivíduo que possui integridade possui, assim, totalidade moral, o equivalente a moral da totalidade física. Nessa direção, alguém com integridade possui princípios morais consistentes, o equivalente à moral da homogeneidade física assim como das partes que constituem o todo. (LAKOFF, 2016 [1996], p. 107)<sup>61</sup>

Diante da citação acima, podemos discorrer que a metáfora da Totalidade/Integridade Moral consiste nos seguintes mapeamentos:

MORALIDADE É INTEGRIDADE  
 IMORALIDADE É DEGENERAÇÃO

---

<sup>61</sup> Moral Wholeness combines with Moral Essence to yield the virtue of integrity—the virtue of being morally whole. Someone who has integrity has moral wholeness, the moral equivalent of physical wholeness. A person with integrity has consistent moral principles, the moral equivalent of physical homogeneity and parts that form a unified whole. (LAKOFF 2016 [1996], p. 107)

Podemos vislumbrar a metáfora da Integridade Moral, a partir de expressões linguístico-discursivas como: a) *decadência moral*; b) *pessoas degeneradas*; c) *ruína das fundações morais*; d) *ruptura do tecido moral*; e) *dissoluções dos costumes*; f) *desgaste moral*.

Como implicações dessa metáfora, destacamos, conforme Lakoff (2016 [1996]), que os sinais da decadência moral devem ser combatidos e interrompidos o quanto antes para que a imoralidade não venha florescer de forma irreparável no cerne da sociedade.

### 2.3. 10 A metáfora da Empatia Moral

De acordo com os estudos empreendidos por Lakoff (2016 [1996]), é possível compreendermos metaforicamente a empatia como capacidade de projetar a sua consciência sobre outros indivíduos de maneira que você possa sentir o que eles estão sentindo. O autor supracitado exemplifica essa metáfora a partir de manifestações linguísticas como: a) *Eu sei como você se sente*; b) *Sei o que é estar em seu lugar*; c) *Eu sei como é estar em sua pele*.

Conforme Lakoff e Johnson (1999), a lógica da metáfora da Empatia Moral consiste na seguinte premissa:

Se você sente o que a outra pessoa sente, e se você quer experimentar a sensação de bem-estar, logo, você vai querer que a pessoa também experimente a sensação de bem-estar. Então, você agirá para promover o bem-estar daquela pessoa. (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 309, Tradução nossa)<sup>62</sup>

Diante do exposto, é importante advertir que a empatia é a base estrutural da concepção mais ampla de moralidade, portanto, decorre daí a metáfora conceptual: MORALIDADE É EMPATIA.

Lakoff (2016 [1996]) pontua que a metáfora da Empatia Moral não pode se restringir apenas à velha Regra de Ouro “Faça aos outros o que você gostaria que fizessem a você”, pois tal regra acaba negligenciando, de certa maneira, o fato de que outras pessoas ocasionalmente não compartilham dos mesmos valores e preceitos que os nossos, por exemplo.

---

<sup>62</sup> If you feel what another person feels, and if you want to feel a sense of well-being, then you will want that person to experience a sense of well-being. Therefore, you will act to promote that person’s well-being. (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 309)

O autor supracitado faz a distinção entre dois conceitos básicos de empatia moral: *empatia absoluta* e *empatia egocêntrica*. A *empatia absoluta* está relacionada com o fato de nos identificarmos com os sentimentos de outra pessoa, sem restrições, ou seja, a premissa é que não podemos apenas projetar nossa capacidade de sentir a outra pessoa, mas também de projetar nossos valores para outra pessoa.

Enquanto que, na *empatia egocêntrica*, projetamos a nossa capacidade de sentir os anseios do outro, mantendo os nossos próprios valores, o que acaba gerando a denominada Regra de Latão: “Faça aos outros como você gostaria que eles fizessem com você – mas somente se eles compartilham de seus valores!”.

Diante disso, conforme os estudos aventados por Lakoff e Johnson (1999), cumpre informar que a aplicação da empatia absoluta demonstra ser algo impraticável muitas vezes, levando em conta que as pessoas podem ter valores considerados inapropriados, dessa maneira, percebemos a predominância da *empatia egocêntrica*.

### **2.3. 11 A metáfora do Cuidado Moral**

A metáfora do Cuidado Moral está balizada na premissa de que as crianças precisam de cuidados por serem indefesas. Dessa maneira, é responsabilidade dos pais proteger, alimentar, dar abrigo, educação, carinho e assim por diante. Entretanto, aprender a cuidar dos filhos requer empatia, responsabilidade e cuidado com o outro. Um pai que não cuida adequadamente de seu filho, podemos dizer, metaforicamente, que ele está roubando algo precioso que a criança tem direito, ou seja, o não cuidado do pai para com seus filhos, nesse caso, se configura como uma ação imoral.

Lakoff e Johnson (1999) asseveram que a empatia é um pré-requisito necessário a fim de entender o que as crianças precisam de fato. Categorizar a moralidade como cuidado é justamente projetar a noção que temos de família sobre a sociedade. Diante disso, é possível correlacionarmos tanto a família quanto a sociedade no escopo da metáfora do Cuidado Moral, a partir dos seguintes mapeamentos:

A COMUNIDADE É UMA FAMÍLIA  
 AGENTES MORAIS SÃO PAIS CUIDADOSOS  
 AÇÃO MORAL É CUIDADO

Outro aspecto relevante que Lakoff e Johnson (1999) destacam na metáfora do Cuidado Moral é a noção de auto-cuidado. Os referidos autores assinalam que um indivíduo não tem condições de cuidar de outras pessoas, se ele não cuida de si próprio, portanto, é necessário cuidar de nossas necessidades básicas para se manter saudável como: fazer atividades físicas, cuidar da alimentação e manter boas relações interpessoais, pois, dessa forma, o cuidar de si se configura como uma obrigação moral diante dos outros.

Ademais, segundo Lakoff (2016 [1996]), a metáfora do Cuidado Moral se apresenta sob uma versão que diz respeito às relações sociais. Podemos observar o cuidado moral se alastrando e permeando os laços sociais entre os membros de uma determinada comunidade, em que a moralidade passa a ser categorizada como cuidado moral, contemplada pelos seguintes mapeamentos: OS LAÇOS SOCIAIS SÃO CRIANÇAS QUE PRECISAM DE CUIDADO e AÇÃO MORAL É CUIDADO COM OS LAÇOS SOCIAIS.

### 2.3. 12 A metáfora da Moralidade da Família

Lakoff (2016 [1996]), em *Moral Politics*, faz uma análise minuciosa do cenário político norte-americano, em que observamos dois grandes grupos políticos, a saber: o conservadorismo (denominado de republicanos) e o liberalismo (denominado de progressistas ou democratas).

O referido autor demonstrou que a perspectiva político-ideológica do primeiro grupo está balizada em um modelo de família denominado de **Família do Pai Severo**, ao passo que a perspectiva adotada pelo segundo grupo político está ancorada em um modelo familiar distinto, denominado de **Família do Pai/Mãe Cuidadoso/a**. É sabido que cada um desses modelos supramencionados estrutura o conjunto de metáforas morais de forma diferente, acarretando, dessa maneira, dois sistemas morais distintos.

A ligação entre moral e política baseada na família vem de uma das maneiras mais comuns que temos de conceptualizar o que é uma nação, ou seja, como uma família. É a metáfora comum, inconsciente e automática da Nação-como-Família que produz o conservadorismo da moralidade do Pai Severo e o liberalismo contemporâneo da moralidade do/a Pai/Mãe Cuidadoso/a. (LAKOFF, 2016 [1996], p. 13-14, tradução nossa)<sup>63</sup>

---

<sup>63</sup> The link between family-based morality and politics comes from one of the most common ways we have of conceptualizing what a nation is, namely, as a family. It is the common, unconscious, and automatic metaphor of the Nation-as-Family that produces the conservatism from Strict Father morality and contemporary liberalism from Nurturant Parent morality. (LAKOFF, 2016 [1996], p. 13-14)

Conforme os estudos de Lakoff e Johnson (1999) e Lakoff (2016 [1996]), a Moralidade da Família do Pai Severo está associada ao modelo de família tradicional, em que o pai é a figura responsável por estabelecer os princípios morais e as regras de comportamento a serem cumpridas.

A obediência se caracteriza pelo cumprimento das normas por parte dos filhos, sendo reforçada a partir da perspectiva behaviorista, tendo em vista que aquilo que é da ordem moral deve ser recompensado, ao passo que aquilo que se configura como não-moral deve ser punido e banido da sociedade.

Para Lakoff (2016 [1996]), as metáforas que melhor representam o sistema da Moralidade do Pai Severo são as seguintes: a metáfora da força moral, da autoridade moral, da ordem moral, dos limites morais, da essência moral, da pureza moral, da integridade moral e da saúde moral. Ao passo que na Moralidade do Pai/Mãe Cuidadoso/a, as metáforas que mais se destacam devido as suas implicações nesse modelo são a metáfora do Cuidado Moral e da Empatia Moral.

Na Moralidade da Família do Pai/Mãe Cuidadoso/a, podemos observar o predomínio de aspectos como o amor, a empatia, o cuidado e a proteção. No que diz respeito à obediência dos filhos, é possível advertir que tanto o amor quanto o respeito pelos pais devem vir antes, sem o medo de punições.

Nesse modelo supramencionado, a reponsabilidade de cuidar dos filhos é compartilhada, e a comunicação entre pais e filhos é aberta, mútua e respeitosa. Além disso, destacamos que as decisões dos pais são justificadas de forma clara, levando em consideração que o objetivo dos pais é, sem dúvida, ver a felicidade e realização plena dos filhos, em que as crianças possam desenvolver empatia pelos outros e, também, a capacidade do cuidado e da cooperação nas mais diversas situações.

Lakoff (2008) destaca que o modelo do Pai Severo, mapeado para a política, corrobora com a maneira pela qual os conservadores se preocupam tanto com autoridade, disciplina e punição. O referido autor assinala que “faz todo sentido em uma família patriarcal, na qual a força masculina domina inquestionavelmente. Autoridade, obediência, disciplina e punição estão todos presentes na família, organizados em um pacote”. (LAKOFF, 2008, p. 78, Tradução nossa)<sup>64</sup> Ao passo que no mapeamento para a política do

---

<sup>64</sup> It makes sense in a patriarchal family where male strength dominates unquestionably. Authority, obedience, discipline, and punishment are all there in the family, organized in a package. (LAKOFF, 2008, p. 78.)

modelo de Pai/Mãe Cuidadoso/a, percebemos preocupações com causas de cunho social, como direitos das mulheres, dos gays, das lésbicas e dos transexuais, questões relacionadas ao meio ambiente, dentre outros temas.

Podemos ponderar que os dois modelos de moralidade da família supramencionados representam tanto a perspectiva conservadora quanto a perspectiva liberal de como o governo deve atuar em sua gestão política. Lakoff (2016 [1996]) explica por que os conservadores são a favor da pena de morte, enquanto os liberais são contra; e por que os liberais são a favor de programas que distribuem camisinhas para os adolescentes, ao passo que os conservadores acreditam que seja uma maneira de estimular o sexo precocemente entre os jovens.

Diante do exposto, observamos que os dois modelos perfazem uma variedade de posições políticas, desde as mais radicais até aquelas denominadas de moderadas, em que é possível notar ainda uma variação entre os dois tipos de modelo.

Lakoff e Johnson (1999) propõem uma generalização da tese apresentada em Lakoff (2016 [1996]), que independentemente do modelo familiar adotado, a moralidade humana é “definitivamente baseada em alguma concepção de família e moralidade familiar.” (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 317, Tradução nossa)<sup>65</sup>

Nesse sentido, observamos que Lakoff e Johnson (1999) levantam mais uma metáfora da moralidade, levando em conta a categorização da moralidade da família: **a Metáfora da Família do Homem**. A partir dessa metáfora, é possível notar, de forma sistemática, a transposição da moralidade familiar para o escopo da moralidade universal, em que a humanidade é iluminada como parte integrante de uma enorme família. Vejamos abaixo o mapeamento da metáfora de forma esquematizada, conforme os estudos aventados por Lakoff e Johnson (1999, p. 317)

### **Metáfora da Família do Homem**

A HUMANIDADE É UMA FAMÍLIA  
 CADA SER HUMANO É CADA CRIANÇA  
 CADA UM DOS OUTROS SERES HUMANOS SÃO OUTRAS CRIANÇAS  
 RELAÇÕES MORAIS UNIVERSAIS SÃO RELAÇÕES MORAIS FAMILIARES  
 AUTORIDADE MORAL UNIVERSAL É AUTORIDADE MORAL FAMILIAR  
 MORALIDADE UNIVERSAL É MORALIDADE FAMILIAR

---

<sup>65</sup> It is ultimately based on some conception of the family and of family morality. (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 317)

## CUIDADO MORAL UNIVERSAL É CUIDADO FAMILIAR

Fica claro, a partir do mapeamento supracitado, que as obrigações morais estabelecidas no âmbito moral familiar são mapeadas para o escopo da moral universal, em que os seres humanos são nivelados aos membros de uma mesma família.

Assim como cada criança na família está sujeita à mesma autoridade moral e leis morais, de igual modo cada pessoa no mundo está sujeita à mesma autoridade moral e leis morais. Assim como cada membro da família é responsável por cuidar de todos os demais membros da família, cada pessoa, igualmente, é obrigada a cuidar de todas as outras. (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 317, tradução nossa)<sup>66</sup>

Ainda integrado com sistema de metáforas da moralidade, os referidos autores (1999) assinalam que o papel desempenhado pela figura do pai universal na metáfora supracitada pode ser categorizado por diferentes entidades como: Deus, Razão Universal e nossa própria Sociedade.

Pela via da hipótese do sistema moral, de acordo com os estudos de Lakoff e Johnson (1999), é sabido que Deus é categorizado como pai da humanidade, evocando, dessa maneira, a metáfora DEUS É PAI, em que podemos observar Deus como pai que possui, nesse caso, autoridade moral suprema. Revestido da autoridade moral de Pai Severo, DEUS-PAI põe as regras que devem ser acatadas pelos seus filhos/homens sob a penalidade de serem castigados pela imoralidade da desobediência, no entanto, se os filhos forem obedientes às Leis Divinas, receberão boas recompensas.

Pela metáfora da Contabilidade Moral, abordada acima, Deus como Pai Severo é caracterizado como um juiz que avalia cada ato moral e/ou imoral de seus filhos, pois é sabido que “no julgamento final, Deus vai punir os maus e recompensar o moralmente bom e obediente”. (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 318, Tradução nossa)<sup>67</sup>

Por outro lado, a categorização de Deus a partir do modelo de Pai/Mãe Cuidadoso/a (DEUS-PROTETOR) coloca por terra a dicotomia recompensa x punição, tendo em vista que há o domínio do amor e do carinho de forma incondicional na relação entre Deus e seus filhos. Nessa direção, ressaltamos que expressões linguísticas metafóricas como *Deus todo-*

<sup>66</sup> Just as each child in the family is subject to the same moral authority and moral laws, so each person in the world is subject to the same moral authority and moral laws. Just as each family member is responsible for nurturing every other family member, so every person is obliged to nurture every other. (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 317)

<sup>67</sup> In the Final Judgement, God will punish the wicked and reward the morally good and obedient. (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 318)

*amoroso* e *Deus todo-misericordioso* ativam a metáfora conceptual DEUS É AMOR, justificada pelo fato de Deus enviar ao mundo seu filho como prova de amor maior, sacrificando-o para redimir a humanidade. (LAKOFF; JOHNSON, 1999)

Os autores supracitados assinalam que, muito embora os modelos de Pai Severo e Pai/Mãe Cuidadoso/a se configurem como modelos prototípicos da categoria PAI, eles não dão conta de todas as acepções de pai. Fazendo uma correlação com o conceito de radialidade empreendido por Lakoff (1987), podemos perceber que o modelo de pai é categorizado a partir de uma rede de modelos variados conectados entre si, ou seja, Pai Severo e Pai/Mãe Cuidadoso/a estão no centro do diagrama da categoria radial, sendo constituído por outras subcategorias (pai genitor, pai adotivo, pai de criação, pai tutor, padrasto) que se conectam ao centro por outras ligações. As subcategorias se configuram como as ramificações da categorial radial pelo fato de se situarem progressivamente mais periféricas dos modelos prototípicos.

Cumprido informar que o panorama dado ao Sistema Metafórico da Moralidade empreendido por Lakoff e Johnson (1999) e Lakoff (2016 [1996]) se constitui como importante arcabouço teórico, tendo em vista que se trata de um dispositivo analítico que servirá como farol para iluminar os dados que compõem o *corpus* dessa pesquisa. A partir de agora, versaremos sobre a interface entre metáfora conceptual, cultura e ideologia, considerando sua relevância para os estudos arrolados no escopo da semântica cognitiva.

## **2.4 Metáfora Conceptual, Cultura e Ideologia**

De acordo com Lakoff e Johnson (2002 [1980]), o sistema metafórico de uma determinada língua tem por base a cultura que os falantes dessa língua possuem. Dessa forma, podemos asseverar que as metáforas conceptuais têm uma base experiencial, ou seja, elas resultam de nossas experiências corpóreas e de nossas experiências culturais.

Os referidos autores destacam que tal experiência física direta

Não é jamais uma questão de possuir um corpo de um determinado tipo; é uma questão de toda experiência acontecer dentro de uma vasta bagagem de pressuposições culturais. Daí, pode ser equivocado falarmos em experiência física direta como se houvesse um conjunto central de experiências imediatas que nós então “interpretamos” em termos de nosso sistema conceptual. Suposições, valores, atitudes culturais não são conceitos que acrescentamos à experiência. Seria mais correto dizer que toda a nossa experiência é totalmente cultural e que experienciamos o “mundo” de tal

maneira que nossa cultura já está presente na experiência em si. (LAKOFF; JOHNSON 2002 [1980], p. 128 - 129)

Yu (2008) assevera que as metáforas conceituais emergem da interação entre corpo e cultura. O autor segue afirmando que o corpo é caracterizado potencialmente como uma fonte universal, e a cultura funciona como um filtro que seleciona os aspectos das experiências sensorio-motoras e os conectam com as experiências subjetivas para a estruturação dos mapeamentos metafóricos: “ou seja, as metáforas estão fundamentadas na experiência corporal, mas são moldadas pela compreensão cultural. Em outras palavras, as metáforas são corporificadas em seu ambiente cultural”. (YU, 2008, p. 247, Tradução nossa)<sup>68</sup>

A interface entre metáfora e cultura recebe novos entornos a partir dos estudos empreendidos por Kövecses (2005), sob a influência dos estudos antropológicos que compreendem cultura como um conjunto de conhecimentos compartilhados que caracteriza um grupo de pessoas - seja um grupo grande ou pequeno. Esses conhecimentos, conforme o referido autor, consistem em crenças, valores, manifestações folclóricas e artísticas.

Ainda no que diz respeito aos aspectos que estão intrinsecamente relacionados à cultura, Kövecses (2005) assinala que

Os entendimentos compartilhados sugeridos pelos antropólogos como uma grande parte da definição de cultura muitas vezes podem ser entendimentos metafóricos. Eles podem ser de ordem metafórica quando o foco da compreensão é uma entidade intangível como o tempo, a nossa vida interior, processos mentais, emoções, qualidades abstratas, valores morais e instituições sociais e políticas. Nesses casos, as metáforas que usamos para entender esses intangíveis podem tornar-se crucialmente importantes na maneira como experienciamos os intangíveis em uma cultura. Em suma, nesta visão da metáfora, as metáforas conceituais podem ser parte inerente da cultura. (KÖVECSES, 2005, p. 2, Tradução nossa)<sup>69</sup>

Kövecses (2005) nos chama atenção para o fato de que muitas metáforas primárias, como AFEIÇÃO É CALOR, atualizada pela manifestação linguístico-discursiva *‘Nós temos*

---

<sup>68</sup> That is, metaphors are grounded in bodily experience but shaped by cultural understanding. Put differently, metaphors are embodied in their cultural environment. (YU, 2008, p. 247)

<sup>69</sup> The shared understandings suggested by anthropologists as a large part of the definition of culture can often be metaphorical understandings. They can be metaphorical when the focus of understanding is on some intangible entity, such as time, our inner life, mental processes, emotions, abstract qualities, moral values, and social and political institutions. In such cases, the metaphors we use to understand these intangibles may become crucially important in the way we actually experience the intangibles in a culture. In short, on this view of metaphor, metaphors may be an inherent part of culture.

*uma relação calorosa*’, são propensas a serem universais, tendo em vista que elas são estruturadas a partir de nossas experiências corpóreas.

De acordo com o autor supracitado, a noção de afeição é entendida metaforicamente em termos de calor, pois é sabido que, na fase da infância experienciamos o abraço afetuoso de nossos pais, assim como o calor corporal reconfortante que os acompanham em nossos primeiros anos de vida.

Nessa direção, quando falamos em afeição em termos de calor estabelecemos, dessa maneira, uma correlação com as nossas experiências corporais. As metáforas advindas desse processo supramencionado são denominadas de metáforas primárias, conforme os estudos aventados por Grady (1997).

A questão é que as metáforas primárias são susceptíveis de ser universal, enquanto as complexas, que se formam a partir daquelas, são muito menos propensas a serem universais. As culturas têm grande influência em quais metáforas conceptuais complexas emergem das metáforas primárias. (KÖVECSES, 2005, p. 4, Tradução nossa)<sup>70</sup>

O teórico deixa claro, a partir da citação, como a Teoria da Metáfora Primária de Grady se configura como uma evidência/prova explícita da universalidade de determinadas metáforas. Ademais, Kövecses (2005) assinala que nossas experiências primárias universais geram metáforas primárias que são compreendidas de forma inconsciente e automática.

Kövecses (2005, p. 4) elenca algumas características importantes sobre a questão da universalidade das metáforas e como a cultura exerce influência sobre elas:

- (i) Experiências universais não conduzem necessariamente a metáforas universais;<sup>71</sup>
- (ii) Experiência corporal pode ser usada seletivamente na criação de metáforas;<sup>72</sup>
- (iii) Experiência corporal pode ser ultrapassada tanto pela cultura como por processos cognitivos;<sup>73</sup>
- (iv) Metáforas primárias não são, necessariamente, universais;<sup>74</sup>
- (v) Metáforas complexas podem ser potencial ou parcialmente universais;<sup>75</sup>

---

<sup>70</sup> The point is that the primary metaphors are likely to be universal, whereas the complex ones that are formed from them are much less likely to be so. Cultures greatly influence what complex conceptual metaphors emerge from the primary metaphors. (KÖVECSES, 2005, p. 4)

<sup>71</sup> Universal experiences do not necessarily lead to universal metaphors; (KÖVECSES, 2005, p. 4)

<sup>72</sup> Bodily experience may be selectively used in the creation of metaphors; (KÖVECSES, 2005, p. 4)

<sup>73</sup> Bodily experience may be overridden by both culture and cognitive processes; (KÖVECSES, 2005, p. 4)

<sup>74</sup> Primary metaphors are not necessarily universal; (KÖVECSES, 2005, p. 4)

<sup>75</sup> Complex metaphors may be potentially or partially universal; (KÖVECSES, 2005, p. 4)

(vi) Metáforas não são, necessariamente, baseadas na experiência corporal – muitas são baseadas em considerações culturais e processos cognitivos de vários tipos.<sup>76</sup>

Conforme os estudos empreendidos pelo autor supracitado, existe a ideia central de que o pensamento metafórico, dentro do escopo da Linguística Cognitiva, é estruturado tanto na experiência corporal quanto na atividade neuronal do cérebro. Partindo da presunção que as metáforas se baseiam na forma como o corpo e o cérebro humano funcionam e que os seres humanos são iguais em nível desse funcionamento, há uma tendência em pensar que a maioria das metáforas conceptuais são universais, pois as pessoas utilizam (pensam e agem) as metáforas de maneira bastante semelhante no nível conceitual. Entretanto, é sabido que as metáforas variam tanto entre culturas diferentes como em uma mesma cultura.

Kovecses (2005) demonstra, a partir de seus estudos, que há uma recorrência maior das metáforas das emoções como *felicidade* e *raiva*, uma vez que os estudos apontam que há várias metáforas conceptuais para categorizar o termo felicidade em Inglês, a saber: FELICIDADE É PARA CIMA, FELICIDADE É LUZ e FELICIDADE É UM LÍQUIDO EM UM RECIPIENTE, atualizadas por manifestações linguístico-discursivas como “Estou me sentindo *para cima* hoje”, “Ela se *animou*”, “Pedro está *explodindo* de alegria”, respectivamente.

A recorrência dessas metáforas supramencionadas, conforme Kövecses (2005), ocorre em línguas bem diferentes como no caso do húngaro e do chinês. Segundo o estudioso, é muito provável que essas duas línguas não tenham tido contato uma com a outra quando as metáforas conceptuais evoluíram, pelo fato de pertencerem a famílias bem distintas. O autor adverte que a semelhança na categorização de felicidade pode ter acontecido por três motivos: (i) por acidente; (ii) por alguma motivação universal; e (iii) pelas correlações universais na experiência corporal das metáforas primárias.

Kövecses (2000) pontua que as metáforas são conceptuais, linguísticas, neurais, sociais e culturais ao mesmo tempo. As causas das variações ou da universalidade dependem de fatores como: corporiedade, processos cognitivos e da experiência sócio-cultural. O estudioso advoga que “a mente é igualmente produto da cultura e da corporificação, ou, mais precisamente, os três são susceptíveis de terem evoluído juntos em mútua interação uns com os outros”. (KÖVECSES, 2000, p. 294)<sup>77</sup>

<sup>76</sup> Metaphors are not necessarily based on bodily experience – many are based on cultural considerations and cognitive processes of various kinds. (KÖVECSES, 2005, p. 4)

<sup>77</sup> The mind is equally the product of culture and embodiment, or, even more precisely, the three are likely to have evolved together in mutual interaction with each other. (KÖVECSES, 2000, p. 294)

Além dos casos de variação que ocorrem nas dimensões inter e intracultural, o estudioso assinala que algumas expressões linguísticas acabam revelando alguns traços cultural-ideológicos que caracterizam diferentes culturas.

À medida que as configurações culturais de uma determinada comunidade sofrem mudanças, as metáforas e as manifestações linguístico-discursiva podem também ser modificadas. Dessa maneira, conforme Kövecses, aquilo que denominamos de metáforas conceptuais são entidades culturais assim como construções cognitivas, permeadas por ideologias que caracterizam cada grupo cultural.

A relação entre metáfora e ideologia tem sido foco de interesse enquanto objeto de investigação para alguns estudiosos da área. A ideologia, conforme os estudos aventados por van Dijk (2015), por se tratar de um fenômeno complexo, tem sido abordada sob uma perspectiva multidisciplinar.

O teórico advoga que, independente de tudo que as ideologias possam representar, elas são compreendidas antes de qualquer outra coisa como “[...] uma espécie de crença, ou seja, representações mentais, como é também o caso de outras formas de *cognição social*, tais como conhecimento, opiniões, atitudes, normas e valores”. (VAN DIJK, 2015, p. 54)

Na obra *Washing the brain - Metaphor and Hidden Ideology*, Goatly (2007) destaca a relevância entre metáfora e ideologia, ressaltando que a ideologia “é, muitas vezes, imperceptível e onipresente como o ar que respiramos. Afinal de contas, somos todos membros de uma comunidade e compartilhamos os pensamentos e linguagens que tornam possível a ação dentro dessa comunidade ou sociedade”. (GOATLY, 2007, p. 01, Tradução nossa)<sup>78</sup>

Balizado nos estudos empreendidos por van Dijk (1998), Goatly apresenta a seguinte definição de ideologia:

[...] a base das representações sociais compartilhadas por membros de um grupo. Isso significa que as ideologias permitem que as pessoas, como membros do grupo, organizem a multiplicidade de crenças sociais sobre o que é o caso, bom ou mau, certo ou errado, para que eles possam agir de acordo com essa organização. (VAN DIJK 1998, p. 8 *apud* GOATLY, 2007, p. 01)<sup>79</sup>

<sup>78</sup> It is, in fact, often as unnoticeable and ubiquitous as the air we breathe. After all, we are all members of a community and share the thoughts and language that make action within that community or society possible. (GOATLY, 2007, p. 01)

<sup>79</sup> The basis of the social representations shared by members of a group. This means that ideologies allow people, as group members, to organize the multitude of social beliefs about what the case, good or bad, right or wrong, for them and to act accordingly. (VAN DIJK 1998, p. 8 *apud* GOATLY, 2007, p. 01)

Goatly (2007), baseado na crítica feita por Charteris-Black (2005), demonstra como alguns padrões metafóricos tanto no vocabulário como na gramática da língua inglesa representam certas ideologias. Assim como a história e a cultura de uma determinada comunidade, os aspectos ideológicos têm uma grande relevância na produção de muitas das metáforas utilizadas pelos falantes de uma dada comunidade.

Como exemplo, temos a metáfora conceptual TEMPO É DINHEIRO e HOMEM É UMA MÁQUINA, que surgiram na época da Revolução Industrial, em que o homem é compreendido em termos de uma máquina, levando em conta que a produção econômica/capitalista vigente do período e, conseqüentemente, gerando mais lucro para os empresários/donos de fábricas.

Na obra *Politicians and Rhetoric: The Persuasive Power of Metaphor*, Charteris-Black (2005) propõe uma abordagem que integra a Teoria da Metáfora Conceptual (TMC) com as lentes da teoria da Análise Crítica do Discurso, buscando analisar as metáforas com a finalidade de identificar as intenções e as ideologias subjacentes das manifestações linguístico-discursivas. Essa abordagem ficou denominada de Teoria Crítica da Metáfora Conceptual.

A metáfora, nessa perspectiva dos estudos de Charteris-Black (2004), tem sido vista como um dispositivo linguístico usado como uma ferramenta de persuasão, empregada tanto no escopo da linguagem retórica quanto na linguagem argumentativa. O referido autor (2004) propõe que as metáforas sejam analisadas a partir da Teoria Crítica da Metáfora Conceptual em que observamos uma abordagem a partir de três dimensões, a saber: (i) Na dimensão cognitiva – a partir da TMC de Lakoff e Johnson (2002 [1980]), que fornece o entendimento de um dado conceito em termos de outro; (ii) Na dimensão pragmática – percebendo as intenções dos falantes de um determinado contexto em uso; e (iii) Na dimensão crítico-discursiva – analisando como as metáforas influenciam em nossas crenças e vice-versa.

Cumpramos ressaltar que Charteris-Black propõe a Teoria Crítica da Metáfora Conceptual como uma maneira de integração da semântica cognitiva à pragmática, levando em consideração que os traços cognitivos da metáfora não dão conta de seu papel persuasivo no discurso, ou seja, seu uso em determinados contextos de comunicação/produção. O teórico assevera que os aspectos cognitivos não podem ser estudados de forma isolada da sua função persuasiva no discurso.

Com base no arcabouço teórico dessa seção, podemos observar que os aspectos culturais e ideológicos estão presentes em nossa vida cotidiana de maneira que sequer

conseguimos notar sua relevância. Os aspectos supramencionados nos influenciam e acabam moldando os pensamentos e as atitudes/ações das pessoas de uma dada comunidade. Ressaltamos sua devida importância para a constituição desta tese assim como para as análises que serão empreendidas posteriormente, demonstrando como o contexto de produção das charges revela tanto a intenção do chargista como as ideologias que perpassam nossa sociedade a partir da linguagem verbal e não-verbal.

## 2.5 Metáfora Conceptual e Multimodalidade

Segundo Kress e van Leeuwen (2006 [1996]), o termo multimodalidade está relacionado aos princípios semióticos mais amplos que ultrapassam os aspectos meramente linguísticos, abrangendo, dessa maneira, diferentes e múltiplos modos, a exemplo de gestos, sons, imagens e músicas dentro de um determinado contexto sócio comunicativo.

Nesse sentido, Forceville e Urios-Aparisi (2009) advertem que a semiótica, enquanto disciplina, merece total crédito por ser responsável pelos estudos que levaram em consideração a comunicação não-verbal, com exceção dos estudos empreendidos na história da arte, que sempre tiveram um foco mais restrito e verticalizado na escala de detalhes, a exemplo de formas, cores, traços e, assim, sucessivamente.

Desse modo, podemos ressaltar que a sistematização de possíveis manifestações de um conceito específico como o da ‘metáfora’, em diferentes modos e gêneros que abrangem os aspectos multimodais da linguagem, representa um ganho/avanço nas investigações acadêmicas, mudando um pouco o foco do aspecto meramente verbal.

A obra *Multimodal Metaphor*, organizada por Forceville e Urios-Aparisi (2009), é um marco que trata o fenômeno da Metáfora Conceptual de Lakoff e Johnson (2002 [1980]) sob uma outra perspectiva, analisando gêneros discursivos que contemplam os aspectos multimodais da comunicação. Trata-se de uma compilação de vários pesquisadores do mundo que estudam as metáforas multimodais através de diferentes gêneros (comerciais de TV, anúncios, charges com e sem movimento, histórias em quadrinhos, filmes, animações etc.)

De acordo com Forceville e Urios-Aparisi (2009), a obra *Multimodal Metaphor* é fruto das discussões empreendidas na sessão “A Pragmática das Representações Multimodais” que eles coordenaram na 9ª Conferência Internacional de Pragmática, que ocorreu na Itália em julho de 2005, cujo objetivo era reunir pesquisadores que tinham

interesse no estudo da metáfora multimodal, articulando de modo consistente pesquisas da Linguística Cognitiva com outras disciplinas que contemplassem o discurso/representação multimodal.

Segundo Forceville (2007, p. 16), a metáfora multimodal se caracteriza “como uma metáfora cujo domínio alvo e fonte não são exclusivamente representados em um mesmo modo. Os cinco modos são os seguintes: (1) linguagem escrita; (2) linguagem oral; (3) visual; (4) música e (5) som”<sup>80</sup>. O referido autor ainda ressalta que a lista não é definitiva e pode ser reconfigurada a partir das possíveis possibilidades de estudo da metáfora multimodal. Ao passo que a metáfora monomodal se configura como “aquela metáfora cujos domínios são predominante ou exclusivamente representados em um mesmo modo”<sup>81</sup>. (FORCEVILLE, 2007, p. 18)

Ainda conforme os estudos de Forceville (2007), a análise de uma metáfora multimodal começa a partir de exemplos da vida cotidiana, levando em consideração os vários modos envolvidos em sua constituição, em seguida podemos identificar a presença dos domínios fonte e alvo, cujo reconhecimento dar-se-á a partir das seguintes formas: (i) visualmente; (ii) sonoramente; (iii) musicalmente; (iv) representações na língua oral; e (v) representações na língua escrita.

Forceville (2007) destaca que as metáforas multimodais possuem algumas qualidades observadas em comum com as metáforas monomodais, por exemplo o aspecto verbal/linguístico que acaba motivando o aparecimento da metáfora conceptual em que podemos perceber a seguinte acepção: “dois fenômenos pertencentes à diferentes categorias são representados de tal forma que somos convidados a entender/experienciar um deles em termos de outro”<sup>82</sup>. (FORCEVILLE, 2007, p. 25)

Forceville (2009) faz uma crítica ao fato de as metáforas conceptuais serem detectadas exclusivamente pelos aspectos verbais, e reforça a ideia de que é preciso sair do âmbito meramente verbal/linguístico e buscar sua ocorrência em textos multimodais para que os pesquisadores possam romper com o círculo vicioso e explorar a metáfora nas mais diversas representações multimodais, inclusive como uma maneira de refinar a Teoria da Metáfora Conceptual de Lakoff e Johnson (2002 [1980]).

---

<sup>80</sup> As a metaphor whose target and source are not, or not exclusively, rendered in the same mode. The five modes taken into consideration in this paper are (i) written language; (ii) spoken language; (iii) visuals; (iv) music; (v) sound. (FORCEVILLE, 2007, p. 16)

<sup>81</sup> As metaphors whose two terms are predominantly or exclusively rendered in the same mode. (FORCEVILLE, 2007, p. 18)

<sup>82</sup> Two phenomena belonging to different categories are represented in such a way that we are forced or invited to understand and experience one of them in terms of the other. (FORCEVILLE, 2007, p. 25)

As metáforas pictóricas (ou metáforas visuais), de acordo com os estudos empreendidos por Forceville (2008), são também denominadas de monomodais pelo fato de “seus respectivos domínios fonte e alvo serem representados inteiramente em termos visuais”<sup>83</sup>. (FORCEVILLE, 2008, p. 464) O referido autor chama nossa atenção para demonstrar que algo semelhante ocorre com as metáforas verbais, tendo em vista que os domínios fonte e alvo são representados exclusivamente em termos linguísticos.

Para Forceville (2008, p. 469), a multimodalidade é um fenômeno complexo e de não tão fácil definição, pois envolve “sistemas de signos, percepção sensorial e os transmissores de materiais que acabam ligando os dois aspectos. Além disso, os transmissores de materiais abrangem as dimensões do poder institucional a exemplo do cinema de Hollywood, da indústria editorial e do negócio publicitário”<sup>84</sup>.

O referido autor destaca que, para a constituição da metáfora multimodal, é necessário que três critérios sejam atingidos através da união de dois fenômenos. Forceville ainda enfatiza que o último critério é o que caracteriza de maneira exclusiva a representação multimodal. Eis os critérios estabelecidos pelo estudioso:

(1) dado o contexto situacional em que ocorram, os dois fenômenos pertencem à diferentes categorias; (2) os dois fenômenos podem ser encaixados nos domínios alvo e fonte, respectivamente, e capturados no formato A É B que convida um interlocutor a mapear uma ou mais características, conotações ou possibilidades (Gibson, 1979, cap. 8) do domínio fonte para o domínio alvo; (3) os dois fenômenos são abordados em mais de um sistema de signos, modo sensorial ou em ambos. (FORCEVILLE, 2008, p. 469)<sup>85</sup>

Nessa linha de raciocínio, Forceville (2008) ressalta que, se o produtor de um determinado gênero discursivo almeja que o interlocutor identifique a metáfora multimodal que está subjacente na constituição daquela produção, ele deve fornecer pistas relevantes, tendo em vista que essas pistas devem estar diretamente associadas aos sistemas de signos em que a metáfora está sendo veiculada/transmitida.

---

<sup>83</sup> Their target and source domains are entirely rendered in visual terms. (FORCEVILLE, 2008, p. 464)

<sup>84</sup> Sign systems, sensory perception, and the material carriers bridging the two. The material carriers, moreover, involve dimensions of institutional power (Hollywood film, the publishing industry, the advertising business). (FORCEVILLE, 2008, p. 469)

<sup>85</sup> 1 Given the context in which they occur, the two phenomena belong to different categories; 2 The two phenomena can be slotted as target and source, respectively, and captured in an A IS B format that forces or invites an addressee to map one or more features, connotations, or affordances (Gibson, 1979: chap. 8) from source to target; 3 The two phenomena are cued in more than one sign system, sensory mode, or both. (FORCEVILLE, 2008, p. 469)

O referido autor também assinala que, assim como ocorre com as metáforas verbais, os aspectos culturais estão intrinsecamente relacionados na compreensão dos domínios semânticos envolvidos que acabam afetando a interpretação das metáforas multimodais em foco, bem como quais são os possíveis traços/elementos que podem ser mapeados do domínio-fonte para o domínio-alvo de forma parcial.

De acordo com Forceville (2009), as metáforas conceptuais fazem parte do processo de constituição do pensamento humano. Este, por sua vez, é atualizado/materializado através não somente das manifestações linguístico-discursivas, mas sobretudo de outros modos semióticos (gesto, imagem, fotografia, cinema, música etc.). Desse modo, a sistematização das metáforas multimodais se configura como um caminho frutífero a fim de refinar e ampliar os estudos sobre a metáfora, corroborando e expandindo o campo de estudos sobre as representações multimodais de uma forma geral.

Podemos perceber, no cenário da Semântica Cognitiva, poucas investigações que lançam mão do aporte teórico das metáforas multimodais se compararmos com as pesquisas empreendidas com as metáforas verbais, por exemplo. Desse modo, podemos exemplificar alguns importantes estudos sobre a metáfora multimodal, a saber: a pesquisa de El Refaie (2003) sobre charges políticas, Forceville (1996, 2003, 2007, 2008), McQuarrie e Mick (2003) sobre propagandas, as investigações de Cienki (1998), McNeill (2005) e Muller (2004) que versam sobre os discursos orais acompanhados de gestos. Além disso, também é possível destacarmos as pesquisas empreendidas por Sperandio (2012, 2014), Carneiro (2012) e de Ferreira (2015) sobre charges. (ANDRADE; SILVA, 2019)

### **Nos Barracos da Cidade**

Nos barracos da cidade  
Ninguém mais tem ilusão  
No poder da autoridade  
De tomar a decisão  
E o poder da autoridade,  
se pode, não faz questão  
Mas se faz questão, não  
Consegue  
Enfrentar o tubarão

E o governador promete,  
Mas o sistema diz não  
Os lucros são muito grandes,  
Grandes ie, ie  
E ninguém quer abrir mão, não  
Mesmo uma pequena parte  
Já seria a solução  
Mas a usura dessa gente  
Já virou um aleijão

Ôôô , ôô  
Gente estúpida  
Ôôô , ôô  
Gente hipócrita

**(Gilberto Gil)**

### 3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Neste capítulo, caracterizamos o *corpus* de nossa tese, apresentamos um breve trajeto/percurso das leis trabalhistas desde a Constituição de 1824 até os dias atuais, e discorremos um pouco sobre as principais mudanças da CLT com a aprovação da Reforma do Trabalho. Além disso, abordamos como foi realizada a coleta do *corpus*, versamos, de maneira mais específica, sobre a metodologia adotada em nossa pesquisa e discorremos sobre as categorias de análise estabelecidas/escolhidas, bem como sobre seus desdobramentos que corroboram em nossas análises a fim de validar a hipótese levantada, e realizamos, posteriormente, as análises dos textos chargísticos à luz da Teoria da Metáfora Conceptual (TMC), assim como lançamos mão de autores que discorrem sobre a Reforma Trabalhista.

Por fim, apresentamos, a partir do levantamento da metáfora prototípica e das outras metáforas que constituem uma rede/teia metáfora, algumas metáforas negativas que emergiram do contexto brasileiro analisado, assim como avaliamos/constatamos o comportamento do PAI da nação brasileira perante suas ações, através do MCI metafórico. Também inferimos alguns valores ideológicos reservados aos trabalhadores e aos representantes do Estado Brasileiro com a aprovação da reforma do trabalho, na perspectiva dos produtores das charges.

#### 3.1 Caracterizando o gênero charge

De acordo com os estudos aventados por Bakhtin (2000), a acepção de gênero está associada diretamente às diversas esferas sociais da comunicação humana, e a maneira como usamos a língua “efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana”. (BAKHTIN, 2000, p.279).

Desse modo, como o uso da língua se caracteriza por ser dinâmico, complexo e inesgotável, o mesmo ocorre com os gêneros discursivos. Ademais, o autor supracitado (2000, p. 279) acrescenta que “cada esfera de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados”, os quais são denominados de gêneros do discurso.

A charge, portanto, é um desses gêneros do discurso<sup>86</sup>, pois se configura como um produto social que tem por objetivo uma dada ação, ou seja, (de)anunciar de forma crítica e sarcástica questões relacionadas à sociedade de forma geral.

Afiliamo-nos aos estudos empreendidos por Marcuschi (2010). O autor pontua de forma contundente que:

A comunicação verbal só é possível por algum gênero textual. Essa posição, defendida por Bakhtin (1997) e também por Bronckart (1999), é adotada pela maioria dos autores que tratam a língua em seus aspectos discursivos e enunciativos, e não em suas peculiaridades formais. Essa visão segue uma noção de língua como atividade social, histórica e cognitiva. Privilegia a natureza funcional e interativa e não o aspecto formal e estrutural da língua. (MARCUSCHI, 2010, p. 22-23)

É necessário, como bem ressalta Marcuschi (2010), fazer a distinção entre tipos textuais e gêneros textuais. Os tipos textuais, comumente denominados de sequências textuais ou linguísticas, consistem em cinco categorias, a saber: narração, argumentação, exposição, descrição e injunção. Ao passo que os gêneros textuais se caracterizam por serem “textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sociocomunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição”. (MARCUSCHI, 2010, p. 23)

No que concerne à origem do termo ‘charge’, Silva (2004) assinala que

o termo charge é francês, vem de charger, carregar, exagerar e até mesmo atacar violentamente (uma carga de cavalaria). Este tipo de texto tem caráter temporal, pois trata do fato do dia. Dentro da terminologia do desenho de humor pode-se destacar, além da charge, o cartum (satiriza um fato específico de conhecimento público de caráter atemporal), a tira, os quadrinhos e caricatura pessoal. A charge será alvo do estudo por trazer, em uma análise superficial, implícita a história e a presença do interdiscurso. Ela é o local escolhido pela ironia, metáfora (transferência), pelo contexto, pelo sujeito, para atuar. Por ser combativa, tem lugar de destaque em jornais, revistas e na Internet. Portanto, ampla poderá ser a leitura interpretativa por nela se constatar a presença da linguagem, da história e da ideologia. (SILVA, 2004, p. 13)

É sabido que as charges são veiculadas/publicadas no mais diversos suportes, desde os impressos como em revistas, jornais, livros didáticos, bem como em *sites da internet*. No que tange à leitura das charges, é relevante frisar que ela será melhor compreendida se for

---

<sup>86</sup> Elucidamos que o foco do nosso trabalho não é fazer uma discussão extensa em relação aos gêneros, mas abordar e caracterizar o gênero charge em si.

realizada no período em que o fato contido nela está acontecendo, decorre daí, portanto, sua característica ‘temporal’.

Carneiro (2012) pontua que as charges possuem a política como fonte inesgotável de matéria-prima. A autora destaca que “a charge revela-se como um gênero textual apenas aparentemente ingênuo e desprezioso: o humor, que promove o riso e angaria, assim, a adesão do leitor, acentua, em verdade, seu caráter questionador e seu poder derrisório”. (CANEIRO, 2012, p. 83)

A charge é comumente confundida com a caricatura e o cartum, e na maioria das vezes, as pessoas empregam os termos supracitados para designar a charge de maneira intercambiável. No entanto, faz-se necessário elucidar algumas peculiaridades distintivas dos gêneros arrolados acima.

Segundo Miani (2001), o vocábulo ‘caricatura’ advém do termo italiano ‘*caricare*’, que quer dizer ‘carregar’, isto é, aumentar determinadas características de pessoas, coisas e/ou fatos a fim de evidenciar os defeitos de forma exagerada, e provocar o riso dos interlocutores de forma geral.

Para Romualdo (2000, p. 37-38), o termo caricatura “consiste no exagero proposital das características marcantes do indivíduo, é um elemento visual constituinte das charges. Ela é bastante frequente, pois como a charge está ligada aos acontecimentos políticos, aparecem em seu corpo caricaturas de presidentes, ministros e outras personalidades do mundo político nacional e até internacional”. Dessa maneira, cumpre-nos advertir que a caricatura está circunscrita no escopo de alguns gêneros visuais humorísticos como a charge e o cartum, por exemplo.

A diferença estabelecida entre cartum e charge é um tanto tênue. Para Romualdo (2000, p. 33), o cartum, por seu caráter genérico/universal, caracteriza-se como “todo desenho humorístico no qual o autor realiza a crítica de costumes”, ou seja, o cartum é uma anedota gráfica que amplia o espectro do comportamento humano, de modo satírico, irônico e mordaz, revelando, assim, costumes e fraquezas do ser humano humoristicamente.

Ao passo que a charge, *a priori*, por seu caráter mais específico, possui como matéria-prima o âmbito da política. Balizado nos estudos de Rabaça e Barbosa (1978), Romualdo (2000) define a charge como “uma crítica humorística de um fato ou acontecimento específico, em geral de natureza política. Uma boa charge, dessa forma, deve procurar um assunto momentoso e ir direto onde estão centrados a atenção e o interesse do público leitor”. (RABAÇA; BARBOSA, 1978, p. 89 *apud* ROMULADO, 2000, p. 32)

Outro aspecto que distingue a charge e o cartum é a dependência do contexto situacional. Nessa direção, podemos assinalar que o primeiro (charge) se caracteriza pela sua temporalidade, enquanto que o segundo (cartum) possui como traço peculiar a atemporalidade do humor veiculado.

Além dos aspectos de ordem textual, ressalta Espíndola (2001), há uma série de fatores pragmáticos que intervêm na construção de sentidos no gênero charge. Para se compreender um texto chargístico, segundo a autora, a leitura dos elementos linguísticos (quando presentes) não é suficiente, o leitor deve recuperar um conjunto de informações de ordem pragmática, como os acontecimentos nela retratados, o contexto sócio-histórico-político, assim como as intenções dos produtores da charge. (ESPÍNDOLA, 2001, p. 110-111)

De acordo com os estudos aventados por El Refaie (2009), as charges políticas, de forma geral, são consideradas excelentes textos para se estudar as metáforas multimodais, pois esse tipo de gênero discursivo contempla códigos visuais e verbais, e a metáfora torna-se um dispositivo comum bastante utilizado pelos produtores de charges. Ademais, conforme a autora (2009), as charges chegam a atuar como uma ponte entre a realidade e a ficção, envolvendo fatos reais da vida cotidiana com um mundo imaginário criado pelos chargistas.

El Refaie (2009) afirma que as charges de cunho político possuem estilo próprio, convenções e propósitos comunicativos bem delineados. Nessa direção, é pertinente pontuar que os textos chargísticos se caracterizam por serem ilustrações que geralmente aparecem disponibilizados em um quadro publicado no editorial ou em páginas comentadas de um jornal; o produtor denuncia/revela aspectos da vida social, cultural e política de forma humorística a fim de expor alguns traços negativos de uma determinada situação.

Embora as charges muitas vezes retratem situações claramente absurdas, elas tomam como base as experiências de vida real dos leitores e confiam em suas competências interpretativas mais amplas [...] O chargista, desse modo, confia na capacidade de cada leitor para completar em sua cabeça o que é sugerido por uma imagem, incluindo as ações que a precedem e as que sucedem o momento retratado. (EL REFAIE, 2009, p. 178-179, tradução nossa)<sup>87</sup>.

---

<sup>87</sup> Although cartoons often depict clearly ludicrous situations, they draw on readers' real-life experiences and rely on their wider interpretive competences [...] The cartoonist thus relies on every reader's ability to complete in his or her head what is suggested by an image, including the actions that precede and follow the depicted moment. (EL REFAIE, 2009, p. 178-179)

É bom frisar que para se compreender uma dada charge, é necessário que o leitor tenha conhecimento prévio - conhecimento histórico, social e político - sobre aquele determinado momento que está sendo retratado para se conseguir compreender, de forma apropriada, o que está sendo denunciado/criticado pelo produtor do texto chargístico. (FERREIRA, 2015, p. 117).

### 3.2 Breve histórico das leis trabalhistas e a Reforma Trabalhista

Nas noites de frio é melhor nem nascer  
 Nas de calor, se escolhe: é matar ou morrer  
 E assim nos tornamos brasileiros  
 Te chamam de ladrão, de bicha, maconheiro  
 Transformam o país inteiro num puteiro  
 Pois assim se ganha mais dinheiro

A tua piscina tá cheia de ratos  
 Tuas ideias não correspondem aos fatos  
 O tempo não para

(Cazuza)

Conforme os estudos aventados por Pinho e Bezerra (2017), a primeira Constituição de 1824 discorria somente sobre os direitos políticos e civis e não versava nada sobre os direitos sociais. A segunda Constituição de 1891, se diferenciava da primeira em termos contextuais, tendo em vista que o processo de escravidão já havia sido abolido e o nosso país estava alicerçado no sistema republicano, mas ainda não havia nenhuma menção aos direitos sociais.

Segundo Rodolfo Turolla (2017), no Brasil, os direitos sociais no que diz respeito ao trabalho foram tardios em relação ao México e à Alemanha, por exemplo. No México, as conquistas sociais ocorreram em 1917, no período da revolução mexicana que levou a promulgação de uma nova constituição que garantia 8 horas diárias de trabalho e salário mínimo para os trabalhadores.

Na Alemanha, através da Constituição de Weimar de 1919, podemos observar que a Carta Magna também garantia direitos sociais e seguia as recomendações da Organização

Internacional do Trabalho (OIT), que estabelecia uma relação tripartite – governo, organização de empregadores e trabalhadores.

No Brasil, conforme Turolla (2017), podemos destacar alguns movimentos no final do século XIX, como a Fundação da Liga Operária no Rio de Janeiro, por exemplo, que proibia o trabalho para os menores de 12 anos de idade. Depois, verifica-se, já no início do século XX, algumas leis que asseguravam 15 dias de férias por ano e alguns direitos no que concerne aos acidentes de trabalho.

Apesar dos indícios supracitados no âmbito dos direitos sociais para os trabalhadores no contexto brasileiro, foi no governo Vargas que podemos perceber leis que efetivamente amparam os trabalhadores como a Constituição de 1934 que previa salário mínimo, jornada de 8 horas de trabalho, férias remuneradas, repouso semanal, e assistência médica.

Em 1943, especificamente no dia 1º de maio pelo Decreto nº 5452, temos a promulgação da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), uma forma de legitimar o Estado Novo, e balizar a figura de Getúlio Vargas como o “pai dos pobres”. Sem dúvida, a CLT assegurou boa parte das demandas dos trabalhadores daquele período. A partir desse contexto, surgem, posteriormente, outras leis que garantiam repouso semanal remunerado, 13º salário e outras conquistas importantes para os trabalhadores brasileiros. (TUROLLA, 2017)

Segundo Pinho e Bezerra (2017), o período do Presidente Eurico Gaspar Dutra é marcado pela promulgação da Constituição de 1946 que retoma a democracia em nosso país e rompe com o corporativismo vigente. A Carta Magna assegurava os seguintes aspectos: repouso semanal remunerado, jornada de trabalho de 8 horas e o direito a greve foi retomado e garantido, assistência aos desempregados, direito ao seguro-desemprego no caso dos trabalhadores que fossem acometidos de algum acidente de trabalho, assistência maternidade dentre outros pontos.

Posteriormente, com a ascensão dos militares no poder, no ano de 1964 temos a destituição do Presidente João Goulart e a Ditadura Militar se instaura em nosso país, temos no ano de 1967 uma nova Constituição Federal que restringia

[...] o direito à greve, proibindo-a nas atividades essenciais e nos serviços públicos. Enfatizou-se a integração do trabalhador na vida e no desenvolvimento da empresa, com participação nos lucros e, excepcionalmente, na gestão da empresa. Dessa inovação surgiu o PIS, depois o PASEP, e, posteriormente, a união dos dois, um gerido pela Caixa Econômica Federal e, o segundo, pelo Banco do Brasil. A idade mínima para o trabalho passou a ser de 12 anos, contrariando,

inclusive, recomendações internacionais. A principal alteração, quanto ao trabalho, foi sem dúvida, a introdução do FGTS. (FERRARI; NASCIMENTO; MARTINS FILHO, 1998, p. 59-60).

Já com a Constituição de 1988, conforme os estudos de Pinho e Bezerra (2017), observamos o retorno da democracia, levando em conta que a constituição supramencionada se coadunava com os preceitos das Constituições de 1934 e 1946, com avanços considerados significativos no âmbito social. A Carta Magna de 1988 assegurava maior proteção legal aos trabalhadores, bem como licença maternidade de 120 dias, aviso prévio, dentre outros pontos positivos.

O cenário brasileiro, durante a década de 90, é caracterizado por uma grande crise econômica, período de recessão, com altos índices de desemprego e descontrole inflacionário. Foi um período histórico marcado pelas ideias da ideologia neoliberal, cujo objetivo era reduzir as garantias e os direitos sociais a fim de favorecer/beneficiar o capital estrangeiro.

O governo do Presidente Fernando Henrique Cardoso (FHC) ficou conhecido pela modernização neoliberal do Estado Brasileiro, em que podemos notar um grande número de privatizações, como exemplo da mineradora Vale do Rio Doce em 1997 e da Telebrás em 1998, provocando, dessa maneira, um desmonte de nosso grande parque industrial a fim de transferir dinheiro (riquezas) para outros países, e desembocando em um desequilíbrio considerável nas balança comercial. (PINHO; BEZERRA, 2017)

Diante desse cenário, podemos perceber que as leis trabalhistas também foram alteradas, marcada pelo processo de flexibilização do trabalho. Em seguida, temos a MP nº 1.539 que foi transformada em Lei nº 10.101, que instituía a participação dos empregados nos lucros da empresa, no entanto, é sabido que essa participação não era incorporada nos salários e benefícios dos trabalhadores. O fim do governo de FHC, conforme Pinho e Bezerra (2017), é caracterizado por privatizações, aumento da carga tributária, desfinanciamento das políticas sociais, elevada taxa de desemprego, achatamento de salários e assim por diante.

A candidatura de Luiz Inácio Lula da Silva no ano de 2002 à Presidência da República surgiu como uma esperança para muitos, no entanto, em seu primeiro mandato (2003-2006), podemos notar que ele dá certa continuidade à política neoliberal de FHC. Conforme os estudos de Pereira (2012), o primeiro governo do Presidente Lula

não só continuou com a política de ajuste macroeconômico do governo FHC, como a intensificou; e, ao lado do reforço à estabilização econômica, realizou uma minirreforma tributária para elevar a receita da União e uma

nova reforma da Previdência para estabilizar o déficit do regime previdenciário dos servidores públicos em relação ao PIB. (PEREIRA, 2012, p. 744)

Conforme os estudos empreendidos por Pereira (2012), algumas medidas adotadas pelo Presidente Lula da Silva como a exemplo do favorecimento ao agronegócio e da adoção dos produtos transgênicos foram afastando de maneira gradativa alguns apoiadores mais à esquerda, e em contrapartida, percebemos que o petista foi ganhando mais apoiadores da direita. Já em seu segundo mandato (2007-2011), observamos um período de recuperação econômica, e a expansão do programa Bolsa Família, como um modo de transferência de renda para as famílias mais carentes do país. Pereira (2012) assevera que os documentos oficiais sinalizam que

Lula retirou 28 milhões de pessoas da pobreza, levou 36 milhões à classe média e reduziu para 8,5% (16,27 milhões) o número de brasileiros em estado de pobreza absoluta ou de miséria. As estatísticas também mostram que no período compreendido entre 2002 e 2010 o desemprego caiu de 12% para 5,7% e o rendimento das pessoas ocupadas aumentou em 35% em termos reais. Além disso, a partir de 2004, o volume de ocupações formais começou a crescer, atingindo, em 2009, um recorde histórico — 59% dos trabalhadores com carteira assinada — (IBGE/PNAD, 2009); e o salário mínimo teve pequena valorização em termos reais (PEREIRA, 2012, p. 745).

Os benefícios sociais no governo do Presidente Lula são notórios, de acordo com Pereira (2012). Alguns especialistas assinalam que foi um período marcado pelo paradoxo, uma vez que observamos uma visibilidade significativa em relação ao combate à pobreza, mas percebemos também casos de subordinação aos interesses das elites econômicas de uma forma geral.

No que tange às leis trabalhistas, frisamos a Lei 11.196/2005 que abre a possibilidade da contratação de pessoas jurídicas, eximindo o patrão/empregador do compromisso perante as leis trabalhistas e destacamos também o decreto de 14 de julho de 2006 que alterava a carga tributária da micro e pequena empresa, representando de certo modo nenhum benefício para o trabalhador, pois tais empresas absorvem mão de obra através de subcontratação, ou seja, o empregado fica/permanece alheio aos direitos que lhe são conferidos.

Posteriormente, temos o período da Presidente Dilma Rousseff que deu certa continuidade dos projetos de seu antecessor, assegurando certo crescimento econômico, mas que em seu segundo mandato dá sinais de esgotamento. Behring (2016) assevera que “tal

ocaso deste projeto se expressou, especialmente por meio das manifestações de junho de 2013, e pelo momento a que chegamos agora, no qual a burguesia e a parte das camadas médias romperam com o pacto social de conciliação de classes do PT. (BEHRING, 2016, p. 25)

No que concerne aos direitos trabalhistas, podemos observar certa continuidade do processo de flexibilização, em especial, a não distinção entre o trabalho executado na empresa ou na residência do próprio empregado, instaurando-se dessa maneira o trabalho realizado à distância. Destacamos a capacitação tecnicista com o Pronatec (Lei 12.513/2011), alterações das regras para o trabalhador obter o seguro-desemprego, levando em conta que a primeira solicitação só poderá ser realizada após 18 meses da assinatura da carteira, havendo modificações também nos valores e no número de parcelas.

Após o golpe jurídico-parlamentar de 12 de maio de 2016, podemos observar que as medidas adotadas pelo Michel Temer foram contra a população, de modo especial, contra os trabalhadores brasileiros e a favor dos grandes empresários. Behring assinala que o golpe vem sendo gestado pelo PMDB desde de 2015, com o lançamento do Projeto ‘Ponte para o Futuro’.

O período do ex-presidente Michel Temer é marcado pelos interesses em promover algumas reformas no país, a exemplo da reforma fiscal, da previdência social e da trabalhista como uma forma de salvação para o Brasil. No que diz respeito ao trabalho, podemos notar a terceirização irrestrita, a aprovação da Reforma Trabalhista, grande índice de desemprego, de modo mais impactante entre os jovens e as mulheres que são conduzidos à informalidade ou a formas precárias de trabalho como determinadas contratações como uma maneira de sobrevivência diante das adversidades enfrentadas. (BEHRING, 2016)

O Projeto de Lei da Câmara (PLC) 38/2017, que diz respeito à Reforma Trabalhista, de acordo com Franzin e Jade (2017), foi aprovado pelo Senado Federal no dia 11 de julho de 2017, após uma sessão conturbada. É sabido que esse projeto altera muitos pontos relevantes da Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT) e prevê o predomínio do que foi negociado entre os patrões e os empregados sobre o legislado.

O projeto de lei foi sancionado pelo ex-presidente da República Michel Temer no dia 13 de julho de 2017, que garantiu, a partir da nova legislação, gerar mais empregos para os brasileiros. “Estamos dando mais um passo rumo a um Brasil de mais crescimento, empregos, e mais oportunidade” – afirmou o ex-presidente. (Agência Senado)

Franzin e Jade (2017) advertem que a aprovação do texto da Reforma Trabalhista mudou vários aspectos da CLT, como plano de carreira, jornada de trabalho, trabalho em casa dentre outros que serão listados logo a seguir.

No quadro abaixo estão algumas mudanças significativas, vejamos:

<b>REFORMA TRABALHISTA</b>	
<b>ANTES DA APROVAÇÃO</b>	<b>DEPOIS DA APROVAÇÃO</b>
<b>1. DESCANSO</b>	
- Um intervalo para descanso ou alimentação de 1 ou 2 horas para jornada de 8 horas diárias.	- O intervalo deve ter, no mínimo, meia hora, mas pode ser negociado entre empregado e empresa.
<b>2. ACORDO E LEIS</b>	
- A legislação vale mais do que os acordos coletivos, firmados entre sindicatos, trabalhadores e empregadores.	- Algumas questões regulamentadas pela CLT serão negociadas entre patrões e empregados e terão prevalência sobre a lei.
<b>3. JORNADA DE TRABALHO</b>	
- Jornada diária: 8 horas Jornada semanal: 44 horas Jornada mensal: 220 horas	- Jornada diária poderá ser de 12 horas, com 36 horas de descanso. Os limites de 44 horas semanais e 220 horas mensais permanecem.
<b>4. FÉRIAS</b>	
- Parceladas em até duas vezes: a menor não podia ter menos do que 10 dias.	- Parceladas em até três vezes: a maior precisa ter no mínimo 14 dias e as menores não podem ter menos de 5 dias.
<b>5. JUSTIÇA GRATUITA</b>	
- Justiça gratuita para quem receber menos de dois salários mínimos ou declarar não ter condições de pagar.	- Justiça gratuita aos que recebem menos de 40 % do teto do INSS e a quem comprovar que não possui recursos.
<b>6. TRABALHO INTERMITENTE</b>	
- Não é regulamentado pela CLT, que prevê apenas o regime parcial	- Passam a ser legais contratos por horas de serviço: direitos trabalhistas passam a ser garantidos ao trabalhador contratado nessa modalidade.
<b>7. CONTRIBUIÇÃO SINDICAL</b>	

- É descontada obrigatoriamente da folha de pagamento de todos os empregados, sindicalizados ou não.	- A contribuição será facultativa: pagará quem quer.
<b>8. TRABALHO REMOTO (HOME OFFICE)</b>	
- Não é regulamentado pela CLT.	- Passará a compor a lei, prevendo negociações entre empregador e empregado quanto a responsabilidades sobre despesas relacionadas às funções.
<b>9. TRABALHO PARCIAL</b>	
- É permitida jornada de até 25 horas semanais, sem hora extra.	- Até 30 horas semanais sem hora extra; até 26 horas semanais com acréscimo de até 6 horas extras.
<b>10. GESTANTE E LACTANTE</b>	
- A CLT determina o afastamento da empregada gestante ou lactante de quaisquer atividades, operações ou locais insalubres.	- Prevê o afastamento da gestante somente de atividades consideradas insalubres em grau máximo. Durante a lactação, o afastamento de atividades insalubres em qualquer grau é condicionado a atestado de saúde.
<b>11. AUTÔNOMO EXCLUSIVO</b>	
- Não era previsto pela CLT.	- Cria a figura do autônomo exclusivo, que poderá prestar serviços para um único empregador de forma contínua, sem estabelecimento de vínculo.

FONTE: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2017-07/reforma-trabalhista-veja-principais-mudancas-enviadas-sancao-presidencial>

O quadro resume de forma bem didática os principais pontos antes da Reforma Trabalhista entrar em vigor, e como alguns aspectos ficaram depois da sanção do projeto de lei pelo ex-presidente Michel Temer. No que tange ao primeiro item ‘descanso’, constatamos que se caracteriza como um aspecto positivo, se por exemplo antecipar a saída do trabalhador em virtude da redução de sua hora de alimentação ou descanso, em relação ao segundo item ‘acordo e leis’, podemos assinalar que se configura como um ponto negativo para o empregado, levando em consideração que com a nova lei em vigor o patrão (empresa) sempre terá alguma vantagem nas negociações firmadas por ele.

Podemos ressaltar que o quadro resume algumas mudanças que foram previstas pela Reforma Trabalhista. Como se pode observar há pontos positivos e negativos que foram destacadas na análise supramencionada, agora frisamos que os produtores de charges sempre

destacam os pontos negativos da reforma em estudo, levando em consideração que a função semântico-discursiva do gênero charge é denunciar/criticar algo ou alguma situação.

### 3.3 Considerações Metodológicas

No que diz respeito à realização desta pesquisa, é importante frisar que, em um primeiro momento, trilhamos as seguintes etapas para a constituição de forma sistematizada deste trabalho: (i) leitura do referencial teórico; (ii) levantamento e coleta dos dados; e (iii) análise das metáforas conceituais.

Além da leitura dos pressupostos teóricos balizadores para esta pesquisa, também realizamos a leitura de textos que versassem sobre a conjuntura da Reforma do Trabalho no governo do ex-presidente Michel Temer, a fim de contextualizar o momento sócio-histórico-econômico em que o país se encontrava. Para tanto, lançamos mão de estudos empreendidos no âmbito da História, da Sociologia e do Direito.

É importante informar que alguns estudos empreendidos no Laboratório Semântico-Pragmático de Textos (LASPRAT), sob a coordenação da Profa. Dr<sup>a</sup>. Lucienne Espíndola, serviram como bússola para a confecção desta pesquisa. Para ilustrar, elegemos duas investigações, a saber: (i) *Metáforas Conceituais da Corrupção na Charge e no Blog Jornalístico*, de Carneiro (2012); e (ii) *Dilma: Mãe ou Madrasta? Metáforas Conceituais que Categorizam a Presidente em Charges*, de Ferreira (2015).

Carneiro (2012) investigou o tema da corrupção política nos gêneros textuais blog jornalístico e na charge. Ela demonstrou que a conceptualização da corrupção se dá a partir do sistema da moralidade, conforme os estudos de Lakoff e Johnson (1999), através da recorrência das metáforas CORRUPÇÃO É SUJEIRA e CORRUPÇÃO É DOENÇA, observando, dessa forma, que a metáfora da Força Moral serviu como eixo balizador.

Ferreira (2015) pesquisou, a partir da metáfora PRESIDENTE É PAI/MÃE, de que maneira a Presidente Dilma Rousseff do PT foi categorizada em charges no período 2010-2014, no contexto político brasileiro. Os resultados revelaram que a Presidente foi conceptualizada ora como mãe cuidadora, ora como mulher do pai e ora como madrasta má.

No que concerne ao levantamento do *corpus*, faz-se necessário frisar que as charges foram coletadas nos meses de setembro, outubro, novembro e dezembro de 2017. As charges selecionadas para a constituição do nosso *corpus* foram obtidas em dois *sites* especializados, a saber: *A charge Online* que se encontra em [www.chargeonline.com.br](http://www.chargeonline.com.br), e *Humor Político*

situado em [www.humorpolitico.com.br](http://www.humorpolitico.com.br). São *sites* que hospedam produções de diversos chargistas, que circulam em vários portais de notícias do Brasil, bem como charges produzidas para o próprio *site*. Também foram coletadas em *blogs* pessoais de chargistas, a exemplo do *blog* do Nani Lucas, Bruno Galvão, Bira Dantas e Vini Oliveira.

Ainda no que tange ao procedimento de coleta dos dados, cumpre-nos informar que adotamos como critério textos que discorressem sobre uma temática particular, delimitando, dessa maneira, o tema que foi objeto de investigação deste trabalho, ou seja, charges que versavam sobre a Reforma Trabalhista.

Partindo das metáforas MORALIDADE É BEM-ESTRAR e NAÇÃO É FAMÍLIA, presumimos que os representantes do Estado-Nação são agentes morais que devem estar preocupados com o bem-estar da população brasileira. Desse modo, analisamos as charges que versam sobre a Reforma Trabalhista a partir da seguinte rede de metáforas interligadas: NAÇÃO É FAMÍLIA, CUIDADO MORAL UNIVERSAL É CUIDADO FAMILIAR, AGENTES MORAIS SÃO PAIS RESPONSÁVEIS/CUIDADOSOS e AÇÃO MORAL É CUIDAR/PROTEGER, seguidas de seus respectivos mapeamentos.

A técnica utilizada para a identificação das metáforas conceptuais no *corpus* investigado foi o método da leitura ou método ‘manual’, abordado e descrito por Sardinha (2007), que se caracteriza por procurar metáforas a partir da leitura de textos, neste caso, especificamente, do gênero discursivo charge. Dessa forma, cumpre-nos advertir que fizemos a leitura tanto dos aspectos imagéticos quanto dos elementos linguísticos presentes. Usamos de forma pontual a segunda variante desse método: “ler o(s) texto(s) para buscar um ou mais tipos de metáforas específicas”. (SARDINHA, 2007, p. 145)

A metodologia de nossa pesquisa foi de caráter qualitativo, levando em consideração que nossa preocupação inicial foi fazer uma análise descritivo-interpretativa de charges que tratam da reforma trabalhista no período do governo do ex-presidente Michel Temer. No que diz respeito à abordagem quantitativa é relevante advertir que foi utilizada para observar a recorrência de forma sistematizada de metáforas conceptuais no *corpus* investigado.

A análise da Reforma Trabalhista, no gênero discursivo charge, é importante pois demonstra a conjuntura sócio-político-econômica do país no governo do ex-presidente Temer, e como essa reforma foi categorizada por produtores das charges. Ademais, Cameron (2003) corrobora assinalando que “entender como a metáfora é usada pode nos ajudar a

compreender melhor como as pessoas pensam, como produzem sentido com o mundo e com os outros, e como elas se comunicam”. (CAMERON, 2003, p. 02)<sup>88</sup>

Diante do exposto, e levando em consideração os estudos empreendidos por Lakoff e Johnson (1999) e Lakoff (2016 [1996]), sobre o Sistema Metafórico da Moralidade, que incide em princípios essenciais para o bem-estar da população de forma geral, e de modo particular da população brasileira, partimos das metáforas MORALIDADE É BEM-ESTAR e NAÇÃO É FAMÍLIA, para investigar, nos textos chargísticos, como a Reforma do Trabalho é conceptualizada, tomando como categorias de análise as metáforas supracitadas.

Salientamos que as metáforas MORALIDADE É BEM-ESTAR e NAÇÃO É FAMÍLIA<sup>89</sup> serviram como farol para iluminar as análises empreendidas nas charges em estudo. Assim, partimos do suposto que o ex-presidente da República Michel Temer, junto com os Parlamentares do Congresso Nacional e a maioria dos empresários brasileiros, são agentes que têm de se responsabilizar pelo bem-estar dos cidadãos/trabalhadores. Em vista disso, é concebível demarcar/ressaltar que os cidadãos/trabalhadores são conceptualizados como filhos nas análises arroladas nesta tese, enquanto que os representantes do Estado (Poder Executivo + Legislativo) e por boa parte dos empresários são categorizados como pais/responsáveis pela nossa nação, remetendo-nos à metáfora NAÇÃO É FAMÍLIA. (ANDRADE; SILVA, 2019).

Os autores Lakoff e Wehling (2012) fazem uma análise da política norte-americana e demonstram que as primeiras experiências, no que diz respeito ao ato de governar, acontecem no cerne da família. Decorre daí, portanto, a metáfora conceptual NAÇÃO É FAMÍLIA, considerada como universal pelos estudiosos.

A forma pela qual categorizamos o país/nação como uma família aciona outras metáforas conceptuais que fazem parte da rede/teia de metáforas que estão interligadas, tais como: CUIDADO MORAL UNIVERSAL É CUIDADO FAMILIAR, AGENTES MORAIS SÃO PAIS RESPONSÁVEIS/CUIDADOSOS, AÇÃO MORAL É CUIDAR E PROTEGER, SER MORAL É SER RETO, MORALIDADE É EQUILÍBRIO/INTEGRIDADE, MORALIDADE É PUREZA/LIMPEZA.

---

<sup>88</sup> Understanding how metaphor is used may help us understand better how people think, how they make sense of the world and each other, and how they communicate. (CAMERON, 2003, p. 02)

<sup>89</sup> Ressaltamos que as metáforas conceptuais MORALIDADE É BEM-ESTAR e NAÇÃO É FAMÍLIA foram estabelecidas como categorias de análise para a Reforma Trabalhista. Já no artigo publicado na revista Signo, tomamos como categoria de análise a metáfora BEM-ESTAR É RIQUEZA, levando em consideração a metáfora conceptual NAÇÃO É FAMÍLIA. É bom esclarecermos que no artigo, fruto da pesquisa para a tese, apresentamos os resultados da Reforma da Previdência Social, conforme pode-se verificar no site: <<http://dx.doi.org/10.17058/signo.v44i79.12676>>.

Em nossas análises a seguir, buscamos verificar como os representantes do Estado (ex-Presidente da República Michel Temer, Senadores e Deputados) e os grandes empresários foram conceptualizados, por meio das metáforas conceptuais, pelos produtores de charges, bem como os trabalhadores brasileiros foram categorizados diante da reforma em questão. Frisamos que essa conceptualização se deu a partir da investigação de como a Reforma Trabalhista foi conceptualizada em charges. Examinamos se os representantes do Poder Executivo, do Poder Legislativo e os empresários, na perspectiva expressa nas charges, são agentes que estão preocupados, de fato, com a povo brasileiro. Além disso, analisamos a situação do trabalhador brasileiro retratada pelos chargistas perante as mudanças advindas da reforma em pauta, ou seja, em que medida os trabalhadores foram conceptualizados com dignidade humana.

Diante de tal cenário, cumpre-nos advertir que os estudos aventados por Lakoff e Johnson (1999) e Lakoff (2016 [1996]) alicerçam as análises empreendidas nesta investigação, levando em consideração que o Sistema da Moralidade é detalhado no mapeamento das metáforas conceptuais atualizadas/acionadas pelas manifestações linguístico-discursivas aliadas aos códigos imagéticos das charges em estudo.

Além de elegermos as metáforas conceptuais MORALIDADE É BEM-ESTAR e NAÇÃO É FAMÍLIA, além de seus desdobramentos como categorias de análise da Reforma Trabalhista, lançamos mão, nas análises de cunho qualitativo, dos estudos sobre a Teoria da Metáfora Conceptual (TMC), de Lakoff e Johnson (2002 [1980]).

A interface entre metáfora conceptual, cultura e ideologia, conforme os estudos de Yu (2008), Kövecses (2000, 2005), e Goatly (2007), foi de grande valia para a constituição de nossa pesquisa para investigarmos os possíveis valores ideológicos que emergem das charges analisadas. Utilizamos também os pressupostos teóricos da relação entre Metáfora Conceptual e Multimodalidade, de acordo com Forceville e Urios-Aparisi (2009), e El Refaie (2009), além de estudos de autores oriundos de áreas como História, Sociologia e Direito para contextualizar a conjuntura sócio-política brasileira.

### 3.4 Categorização da Reforma Trabalhista nos textos chargísticos a partir da macro metáfora REFORMA TRABALHISTA É ESCRAVIZAÇÃO

Irmão de olho claro ou da Guiné  
Qual será o valor? Pobre artigo de mercado  
Senhor eu não tenho a sua fé, e nem tenho a sua cor  
Tenho sangue avermelhado  
O mesmo que escorre da ferida  
Mostra que a vida se lamenta por nós dois  
Mas falta em seu peito um coração  
Ao me dar escravidão e um prato de feijão com arroz.

**(Samba-enredo da Tuiuti, 2018)**

A partir deste momento, apresentamos uma análise detalhada das metáforas conceptuais que conceptualizam a Reforma Trabalhista na perspectiva dos textos chargísticos analisados. Nessa direção, advertimos que a macro metáfora REFORMA É ESCRAVIZAÇÃO pode ser caracterizada como a categoria prototípica da Reforma Trabalhista, tendo em vista o maior número de ocorrências constatadas no *corpus* em estudo.

Desse modo, a partir da metáfora supracitada, que se situa em uma posição mais proeminente, asseveramos que as outras metáforas conceptuais, verificadas nas análises, estão a serviço da macro metáfora REFORMA É ESCRAVIZAÇÃO. Portanto, a partir dessa constatação, temos as seguintes ocorrências: REFORMA É MASSACRE/TORTURA, REFORMA É PUNIÇÃO/CASTIGO, REFORMA É ROUBO, REFORMA É DETRUIÇÃO/GUERRA, REFORMA É MORTE, REFORMA É ARMADILHA/TRAPAÇA, REFORMA É CORTE e REFORMA É NEGOCIATA<sup>90</sup>, formando uma rede/teia de metáforas que estão imbricadas.

No que tange às charges analisadas, destacamos que elas atuam como textos multimodais, ou seja, são textos constituídos de representações pictóricas/visuais associadas aos elementos linguísticos. Desse modo, assinalamos que, em nosso trabalho, observamos a

---

<sup>90</sup> Salientamos que a metáfora REFORMA É NEGOCIATA foi constatada na conceptualização da Reforma da Previdência Social que fez parte inicialmente desta investigação. O artigo intitulado “Metáforas multimodais sobre a reforma da Previdência Social no Brasil: uma análise semântico-cognitiva no gênero charge” de Andrade e Silva (2019) foi publicado na revista Signo. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/12676>>.

combinação dos aspectos imagéticos aliados às estruturas linguísticas que acionam/ativam diferentes metáforas conceituais.

Forceville e Urios-Aparisi (2009) reforçam a ideia de que é necessário que o estudo sistematizado da metáfora conceptual saia um pouco do âmbito meramente verbal e busque explorar o fenômeno da metáfora nas mais diversas representações/textos multimodais. Desse modo, ressaltamos que o estudo da metáfora, em um gênero textual como a charge, que muda o foco do aspecto meramente verbal, representa um ganho/avanço nas pesquisas acadêmicas.

É possível observarmos, que o estudo da metáfora, na perspectiva supracitada, passa a ser compreendido a partir de diferentes modos (linguagem escrita, oral, visual, musical, sonora etc.), coadunando-se, dessa maneira, com a noção/acepção de metáfora multimodal, que se caracteriza por ser “aquela metáfora cujos domínios alvo e fonte são cada um representados exclusivamente ou predominantemente em diferentes modos”. (FORCEVILLE, 2009, p. 24)

No que tange às metáforas pictóricas ou metáforas visuais, nos textos analisados nesta tese, é possível assinalarmos/verificarmos que as charges 10, 15 e 36 podem ser caracterizadas como tal, tendo em vista que “seus respectivos domínios fonte e alvo são representados inteiramente em termos visuais”. (FORCEVILLE, 2008, p. 464) Destarte, faz-se necessário investigar o fenômeno da metáfora conceptual sob uma perspectiva diferenciada, ou seja, levando em consideração as representações multimodais, que são atualizadas/materializadas através não somente das manifestações linguísticas, mas sobretudo, de outros meios semióticos (gesto, imagem, fotografia, cinema, música etc.).

Charge 01



Fonte: MARIANO, CHARGE ONLINE, 12 JULHO 2017.

Charge 02



Fonte: VITOR TEIXEIRA, HUMOR POLÍTICO, 08 MAIO 2017.

Charge 03



Fonte: JOTA CAMELO, CICLISTAS EM DEUS, 06 DEZEMBRO 2017.

Charge 04

### Cultura Escravista



Fonte: RICO, RICOSTUDIO BLOGSPOT, 21 OUTUBRO 2017.

## Charge 05



Fonte: ROQUE SPONHOLZ, HUMOR POLÍTICO, 19 OUTUBRO 2017.

## Charge 06



Fonte: J. BOSCO, CHARGE ONLINE, 23 DE OUTUBRO DE 2017.

## Charge 07



Fonte: BRUNO GALVÃO, CHARGES BRUNO BLOGSPOT, 24 OUTUBRO 2017.

Charge 08



Fonte: BIRA DANTAS, HUMOR POLÍTICO, 10 AGOSTO 2017.

## Mapeamento 01

Metáfora conceptual: REFORMA É ESCRAVIZAÇÃO

Fonte: ESCRAVIZAÇÃO

Alvo: REFORMA

escravização	→	reforma/trabalho
escravizador/capataz	→	empregador/políticos/empresários/Estado
escravo/vítima	→	trabalhador brasileiro
agentes imorais	→	políticos/empresários/Estado
cruz/fardo	→	congresso nacional/corrupção/trabalho escravo
instrumento de tortura/correntes	→	condições de trabalho degradante
consequências	→	degradação do trabalhador

Cumpre-nos informar que a recorrência da metáfora conceptual REFORMA TRABALHISTA É ESCRAVIZAÇÃO, no gênero discursivo charge, é significativa, do ponto de vista que, a partir dela se forma uma rede de metáforas, pelo fato de se configurar como categoria prototípica<sup>91</sup> da Reforma Trabalhista em estudo. Constatamos, também, que a recorrência das demais metáforas conceptuais analisadas neste trabalho está a serviço da macro metáfora REFORMA É ESCRAVIZAÇÃO.

<sup>91</sup> Devido ao maior número de ocorrências, ou seja, representatividade/expressividade no *corpus* analisado, consideramos a metáfora REFORMA É ESCRAVIZAÇÃO como uma possível categoria prototípica nas análises empreendidas neste trabalho.

Ao analisarmos o conceito de *reforma*, constatamos que ele é compreendido metaforicamente como escravização. Dessa maneira, verificamos que alguns elementos do domínio-fonte ESCRAVIZAÇÃO são mapeados de forma parcial e seletiva, em que alguns traços como *escravizador, capataz, escravo, fardo, cruz, corrente, chicote e instrumentos de tortura* são evidenciados para a estruturação do domínio-alvo REFORMA DO TRABALHO. Informamos também que, a partir do mapeamento da macro metáfora REFORMA É ESCRAVIZAÇÃO, é possível fazermos inferência a outras metáforas como: REFORMA É PRECARIZAÇÃO e REFORMA É RETROCESSO.

Observando de maneira atenta a História do Brasil, é sabido que algumas leis foram promulgadas a fim de libertar, de forma gradual, os escravos em nosso país como exemplo: a Lei Eusébio de Queirós de 04 de setembro de 1850, que proibia o tráfico de escravos vindos do continente africano. Em seguida, temos a promulgação da Lei do Ventre Livre de 28 de setembro de 1871, que outorgava alforria às crianças nascidas de mulheres escravizadas.

Depois, temos a Lei Saraiva-Cotegipe ou Lei dos Sexagenários de 28 de setembro de 1885, que previa a liberdade de escravos com idade igual ou superior a 60 anos, e por último, a Lei Áurea de 13 de maio de 1888, que extinguiu a escravidão no Brasil no período imperial. Portanto, podemos asseverar que, após todas essas leis, temos a libertação dos escravos, mas, com a aprovação da Reforma Trabalhista, através do MCI metafórico, é possível percebermos o trabalhador brasileiro conceptualizado como escravizado novamente perante a perda de muitos/alguns direitos que foram adquiridos pela CLT e pela Constituição de 1988.

No texto 01, percebemos a presença de um capataz/feitor que segura uma corrente para aprisionar/prender seu interlocutor, e seu olhar nos chama atenção, ou seja, alguém que está bravo e dando ordens. O outro personagem em cena, é a figura de um trabalhador negro/escravo que caminha em uma determinada direção com um instrumento de tortura em seu tornozelo.

No que diz respeito aos elementos linguísticos, no texto 01, temos o enunciado: “*Ei, volta aqui! Foi aprovada a reforma trabalhista!*”, proferido pelo capataz/malfeitor que dá ordem ao escravo, ordenando ao escravo voltar ao trabalho de forma desumana, pois o malfeitor irá acorrentá-lo novamente. Verificamos que se trata de uma representação típica da época da escravidão no Brasil, em que o escravo representa o trabalhador brasileiro, e o empregador é conceptualizado como capataz perante a nova legislação trabalhista, conforme a perspectiva dos chargistas.

Temos, dessa maneira, como assinala El Refaie (2009), uma charge que denuncia um aspecto negativo da atual situação sócio-econômica-política do Brasil diante da aprovação da reforma trabalhista pelo Congresso Nacional (deputados e senadores) e sancionada pelo ex-presidente Temer. Os códigos visual e verbal utilizados no texto nos revelam que a lei aprovada é um retrocesso e um grande atraso perante todas as conquistas adquiridas pelos trabalhadores ao longo dos anos. Diante tal contexto, observamos que a reforma é categorizada como escravização.

Na segunda charge, percebemos quatro trabalhadores que se encontram em um campo supostamente com enxadas na mão, a roupa amarrotada e suja, além de usarem chapéus para se protegerem do sol. É nítido que as condições de trabalho, nesse contexto, são categorizadas como péssimas e degradantes.

Nessa direção, verificamos uma ave, ou melhor, um tucano que representa o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), liderado por Geraldo Alckmim, que possui como integrantes o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, o senador Aécio Neves, José Serra, dentre outros. Partido que possuía representatividade no Congresso Nacional, fazendo oposição ao Partido dos Trabalhadores (PT), e figurava-se como o maior partido a defender/sustentar, de forma veemente, a Reforma Trabalhista.

O tucano traz duas maçãs extras na cesta para os trabalhadores como uma forma de pagamento para os que cumprirem as 16 horas de trabalho, e não para todos. É sabido que, no modo de produção capitalista, o trabalhador vende sua força de trabalho em troca de um salário/soldo. Desse modo, observamos que o pagamento que o tucano (leia-se os parlamentares/integrantes do partido) oferece aos trabalhadores é uma cesta com alguma comida. Assim, temos a precarização total das condições de trabalho em que sequer receberão um salário pela força de trabalho que foi vendida, ou seja, fica notório a escravização do trabalhador de maneira desumana, de acordo com o ponto de vista dos charginistas.

Com relação aos elementos verbais, podemos observar que o tucano diz: *“Chegou o pagamento, cambada! 2 maçãs extra para os que cumprirem as 16h!”*, no primeiro enunciado, o item lexical que nos chama atenção é a forma de tratamento com os trabalhadores; eles são tratados como “cambada”, ou seja, uma forma pejorativa de tratamento. Fica evidente também, que os trabalhadores são categorizados como uma corja de vagabundos ou objetos desprezíveis. Outro aspecto que devemos frisar, é o fato de que só

terá direito as duas maçãs aqueles que cumprirem a jornada de 16 horas de trabalho, configurando-se, portanto, como um desrespeito pela jornada de trabalho.

Na charge 03, também constatamos que o chargista faz uma sátira à reforma trabalhista. El Refaie (2009) assevera que a charge é um gênero discursivo que possui um propósito comunicativo próprio, tendo em vista a combinação dos códigos visuais e verbais presentes no texto. Ademais, Ferreira (2015, p. 116) ressalta que “não é surpresa alguma que os chargistas frequentemente façam uso de estereótipos e conceitos metafóricos para representar negativamente a complexidade do mundo de maneira mais simples”.

A partir dos elementos visuais da terceira charge, notamos que os trabalhadores estão aprisionados e acorrentados uns aos outros, com correntes e um colar (*neck collar*) – instrumentos torturantes – grosso, pesado e de metal que possui picos salientes para dificultar ainda mais o trabalho que devem executar, além de impedi-los de descansar/repousar.

O texto 03 dialoga com o que o Governo Temer colocava/discutia como problema a ser solucionado durante seu mandato, isto é, a falta de emprego para a população brasileira. Desse modo, a partir dos proferimentos feitos pelo ex-presidente Temer, o brasileiro estava empregado, mas na condição de escravo com a Reforma Trabalhista.

Percebemos que a charge retrata bem uma cena típica do período da escravidão. Temos, dessa maneira, um retrocesso com a aprovação da reforma trabalhista que enquadra e categoriza o trabalhador como escravo, a partir do MCI metafórico. As condições de trabalho nesse contexto são degradantes, basta olharmos para o semblante dos trabalhadores e a forma como eles estão trajados, isto é, sem camisa (descamisados), e usam bermudas rasgadas. Podemos dizer que estão desprovidos de tudo, diante da aprovação da reforma trabalhista, conforme a perspectiva dos produtores das charges.

O enunciado “*Pelo menos, tá todo mundo empregado*”, proferida por um dos trabalhadores, vem reforçar a ideia de que, a partir da reforma trabalhista, todos os trabalhadores do Brasil estão empregados e conceptualizados como escravos, revelando as péssimas condições de trabalho que foram geradas com a reforma trabalhista, uma medida desumana votada pelos senadores e deputados federais, e sancionada pelo ex-presidente Michel Temer, ou seja, um verdadeiro presente de grego aos trabalhadores brasileiros.

No quarto texto, em um primeiro momento, é possível assinalar que o chargista revela que a Lei do Ventre Livre foi uma jogada articulada da oligarquia escravocrata, ou como ressalta o historiador Ianni (1978), foi um “negócio de brancos”, cuja determinação era que os filhos de escravos (nascituros) a partir do dia 28 de setembro de 1871 ficariam “livres”.

Ademais, é importante mencionar que, antes da Lei do Ventre Livre (1871), foi promulgada a Lei Eusébio de Queirós, em 04 de setembro de 1850, que proibia o tráfico de escravos vindos do continente africano. Segundo os estudos aventados por Fausto (1995), a Inglaterra exerceu um papel importante de fiscalizar e apreender navios suspeitos de comércio ilegal de escravos. Diante de tal contexto, observamos uma nova preocupação por parte das oligarquias dominantes, ou seja, como eles poderiam manter/continuar o regime escravista com a abolição do tráfico de escravos e com a implementação da Lei do Ventre Livre.

Entretanto, analisando a charge 04, verificamos que, com a aprovação da reforma trabalhista, o sistema escravocrata volta. Notamos um senhor de idade preso com algemas de pés com bola de ferro, algo bem típico do período da escravidão, como instrumento de castigo para impedir a fuga do escravo. Não tão distantes das ideias escravagistas do período supramencionado, estamos cá, em pleno século XXI, contemplando, de forma atônica, os desmandos da elite ruralista, antipopular e escravista.

Outro aspecto importante para se analisar, é o fato de percebermos um senhor idoso trabalhando de forma pesada e desumana. Isso nos remete à promulgação de outra lei abolicionista denominada Lei Sexagenária ou Lei Saraiva-Cotejipe de 28 de setembro de 1885, que libertava os escravos que tinham 60 anos de idade ou mais, conforme os estudos empreendidos por Fausto (1995).

No texto 05, constatamos que o ex-presidente Michel Temer é carregado em uma liteira por dois servos/escravos. Via MCI metafórico, é possível asseverarmos que o período governado pelo ex-presidente Temer é conceptualizado como uma cena/representação típica do Brasil colonial, em que a corte usava a liteira para se locomover. O enunciado “*Tem que manter isso, viu?!?*”, proferido pelo ex-presidente Temer, reforça ainda mais a ideia de que era preciso manter as benesses não só dele, mas de toda classe política escravista que ele representa, a partir do ponto de vista do chargista.

De acordo com os sistema metafórico da moralidade, conforme os estudos empreendidos por Lakoff e Johnson (1999) e Lakoff (2016 [1996]), mais especificamente a metáfora do Cuidado Moral, assim como as crianças precisam de cuidados, a população brasileira também precisa de cuidados e atenção por parte de nossos representantes políticos. A partir do pensamento de Confúcio, “uma imagem vale mais que mil palavras”, percebemos que a recorrência de forma sistematizada da metáfora conceptual REFORMA É ESCRAVIZAÇÃO no textos chargísticos analisados revelam que o trabalhador é retratado

como a escória da sociedade. Desse modo, podemos assinalar que os representantes políticos, que deveriam trabalhar em prol da população brasileira de forma geral, estão a cada dia ludibriando o povo, como uma forma de se perpetuar no poder.

A leitura do texto 08, permite-nos asseverar que o chargista faz uma sátira à reforma trabalhista, ressaltando que os patrões poderão não pagar mais salários aos seus empregados, ou seja, os empregados serão tratados como escravos/servos conforme o Período Colonial e Imperial.

Como assinala a historiadora Hebe Mattos (2004, p. 15), “na lógica do antigo regime português, índios e africanos – através da escravidão – deviam obedecer a seus senhores; servindo-os bem, podiam também aspirar à alforria”, corroborando com a tese de que os empregados, a partir da aprovação da reforma, serão tratados e categorizados como escravos do cativo capitalista, os quais se submetem de forma dócil aos (des)mandos de seus patrões, perante a perspectiva dos produtores de charges.

No diálogo da charge 08, (A): “*Com a reforma trabalhista posso parar de pagar salários*”, (B): “*Acho que sim, chefe*”, (A): “*Isso custa muito pra empresa*”, (B): “*E que mais, chefe?*”, constatamos que o secretário/empregado do patrão aceitou sua condição de escravo de forma passiva diante de tal conjuntura em que o país se encontrava. Analisando os aspectos não-verbais que são salientes na charge, através do MCI metafórico, é possível observarmos um patrão, figura típica do empresário, conceptualizado como escravizador do sistema capitalista. Ele está fumando um charuto, além de ser auxiliado por um secretário que toma nota e um motorista que conduz seu carro de luxo.

### **3.4.1 REFORMA TRABALHISTA É MASSACRE/TORTURA**

Feitas as devidas considerações para compreendermos a recorrência de forma sistematizada da macro metáfora REFORMA É ESCRAVIZAÇÃO, passamos à análise da recorrência da metáfora conceptual REFORMA É MASSACRE/TORTURA, caracterizada como um dos pilares que sustentam a rede/teia de metáforas conceptuais verificadas em nossas análises, e se caracteriza também por ser a segunda metáfora mais recorrente em nosso *corpus*.

Charge 09



Fonte: NANI LUCAS, HUMOR POLÍTICO, 12 JULHO 2017.

Charge 10



Fonte: BRUNO GALVÃO, CHARGES BRUNO BLOGSPOT, 22 JULHO 2016.

Charge 11



Fonte: BRUNO GALVÃO, CHARGES BRUNO BLOGSPOT, 16 MAIO 2016.

Charge 12



Fonte: VITOR TEIXEIRA, HUMOR POLÍTICO, 21 DE JULHO 2017.

### Mapeamento 02

Metáfora conceptual: REFORMA É MASSACRE/TORTURA

Fonte: MASSACRE/TORTURA

Alvo: REFORMA

massacre/tortura	→	trabalho/leis trabalhistas
torturador	→	empresários/parlamentares/ex-presidente
torturado	→	empregado/trabalhador
objeto descartável/massacrado	→	trabalhador
recursos para torturar	→	leis trabalhistas/leis animais
consequências	→	degradação do trabalhador

Aqui, notamos que o conceito de *reforma* é compreendido metaforicamente em termos de massacre/tortura. Constatamos, desse modo, que alguns elementos do domínio-fonte MASSACRE/TORTURA são mapeados seletivamente, em que alguns elementos como *massacre*, *tortura*, *torturador*, *torturado*, *objeto descartável* e *recursos para torturar* são evidenciados/iluminados para a estruturação e o entendimento do domínio-alvo REFORMA. Informamos também que, a partir do mapeamento da metáfora conceptual REFORMA É MASSACRE/TORTURA, é possível remetermos a outras metáforas tais como: REFORMA É ESPOLIAÇÃO DE DIREITOS e REFORMA É IMORALIDADE.

Uma leitura do texto 09 permite-nos assinalar que o chargista faz uma crítica à aprovação da reforma trabalhista. Observamos o padrão – representação dos empresários –

montado no trabalhador/empregado. É perceptível notarmos o trabalhador sendo dominado, explorado e massacrado como mão-de-obra barata.

Destacamos ainda, o trabalhador animalizado como burro de carga, sobrecarregado diante de tantas demandas impostas pelos interesses do capital. A conceptualização do empregado como burro aciona/ativa a metáfora conceptual PESSOAS SÃO ANIMAIS.

Observamos que alguns traços do domínio-fonte (traços como força de trabalho, docilidade, complacência) são mapeados parcialmente para o domínio-alvo, tendo em vista que se todos os aspectos de um domínio fossem mapeados para o outro, pessoas seriam, de fato, animais, e não seriam compreendidas como uma coisa em termos de outra, conforme a definição de Metáfora Conceptual de Lakoff e Johnson (2002 [1980]).

A pesquisadora Kuenzer (2001, p. 13) assinala que, no modo de produção capitalista, “um dos componentes da dominação do capital sobre o trabalho é a desqualificação do trabalhador, acrescido da alienação do produto do trabalho à alienação do conteúdo e das decisões sobre o trabalho”. É pertinente pontuar que, com a aprovação da reforma trabalhista, o trabalhador é desqualificado tanto profissional quanto humanamente.

No que diz respeito aos elementos de ordem verbal, percebemos que, no diálogo, o patrão afirma “*Eu estou feliz e você?*” e o empregado/trabalhador nega “*Não*”. Nesse sentido, fica notório, através das expressões linguístico-discursivas aliadas aos elementos extralinguísticos, todos os tipos de massacre que o trabalhador sofrerá a partir de agora. A primeira evidência explícita dessa tortura é o trabalhador ser tratado e conceptualizado como um burro de carga através do MCI metafórico, ou seja, trabalhadores violentados/massacrados fisicamente, psicologicamente e assim por diante.

Em relação à charge 10, percebemos uma mão rasgando a carteira de trabalho, isto é, jogando no lixo a CLT, lei que regula e normatiza as relações trabalhistas em nosso país. É possível advertir que essa mão representa os empregadores conceptualizados como o setor empresarial, além de ser também uma representação dos parlamentares que votaram a favor da reforma trabalhista. Os trabalhadores, na charge 10, estão todos de cabeça para baixo, ou seja, estão sendo arremessados como objetos que, depois de usados/consumidos, são descartados para a lata do lixo. A maneira pela qual os empresários/empregadores tratam seus subordinados é assustadora, um verdadeiro massacre e grande retrocesso diante das conquistas adquiridas.

No que tange à charge 11, notamos o ex-presidente Temer rasgando a carteira de trabalho, ou seja, é possível constatar que a carteira de trabalho é conceptualizada como

um objeto descartável e o ex-representante da nação simplesmente rasga todos os direitos assegurados pela CLT. Observamos a posição ocupada pelo ex-presidente Temer, como um senhor absoluto que está acima do bem e do mal, triunfando e zombando da cara dos trabalhadores que se encontravam esmagados/torturados pelos desmandos de seu governo. No que se refere aos elementos linguísticos presentes, o ex-presidente Temer adverte: “*Não fale em crise, trabalhe!*”, diante da crise que o país enfrenta, o ex-presidente ordena que os trabalhadores esqueçam a crise, não reclamem e se submetam ao trabalho de qualquer forma.

Souza (2016, p. 42), corroborando com a análise empreendida acima, assinala que “a economia, a política e a justiça estão nas mãos dos grandes senhores. Vale a lei do mais forte, a lei do mais rico, que é a verdadeira lei do Brasil. Uma elite sem projeto para o país, mas querendo assaltá-lo e privatizar suas riquezas”. Fica evidente, com a reflexão do referido autor, que os empresários, os parlamentares e o ex-presidente Temer representam uma elite escravista e antipopular, que comungam dos interesses da política neoliberal.

No texto 12, uma leitura dos elementos visuais juntamente com a expressão linguístico-discursiva revela-nos a sátira feita pelo chargista, que demonstra como será a relação entre patrão *versus* empregado a partir do momento em que a reforma trabalhista foi sancionada pelo ex-presidente Temer.

Podemos observar um “senhorzinho” de terno e gravata, um legítimo representante dos empresários e da classe política, com um chicote na mão para açoitar os seus subordinados. É possível advertir que a charge nos faz lembrar cenas típicas do período da escravidão em que os malfeitores torturavam os escravos que não fossem complacentes.

Ademais, constatamos a carteira de trabalho jogada no chão. Os direitos dos trabalhadores são usurpados pela elite escravista que tem por objetivo massacrar e torturar tanto fisicamente quanto psicologicamente, ou seja, os trabalhadores são tratados e conceptualizados de forma desumana, sofrendo penalidades, como por exemplo, sendo açoitados pelos seus senhores (patrões).

Se olharmos atentamente para o semblante do “senhorzinho”, percebemos um olhar sarcástico e irônico quando profere: “*Vamos negociar?*”, como se tivesse zombando da cara de seus subordinados, soa como uma espécie de tortura que seus empregados sofrerão a partir da aprovação da reforma, ou seja, um retrocesso ao período do Brasil colonial e monárquico em que os escravos sofriam diversos tipos de torturas.

Assinalamos que a expressão linguístico-discursiva proferida pelo “senhorzinho” remete-nos à metáfora conceptual REFORMA É NEGOCIATA, como veremos mais à frente,

de modo que é negócio para favorecer os patrões - empresários/parlamentares/ex-presidente Temer.

### 3.4.2 REFORMA TRABALHISTA É PUNIÇÃO/CASTIGO

Cumpre-nos informar que a recorrência da metáfora conceptual REFORMA É PUNIÇÃO/CASTIGO faz parte de uma rede/teia de metáforas imbricadas que caracterizam a reforma trabalhista, e que possui, por sua vez, a metáfora REFORMA É ESCRAVIZAÇÃO como a desencadeadora das demais conceptualizações apresentadas em nossas análises. Ressaltamos também que a metáfora REFORMA É PUNIÇÃO/CASTIGO figura como a terceira mais recorrente em nosso estudo.

Charge 13



Fonte: MYRRIA, CHARGE ONLINE, 15 ABRIL 2017.

Charge 14



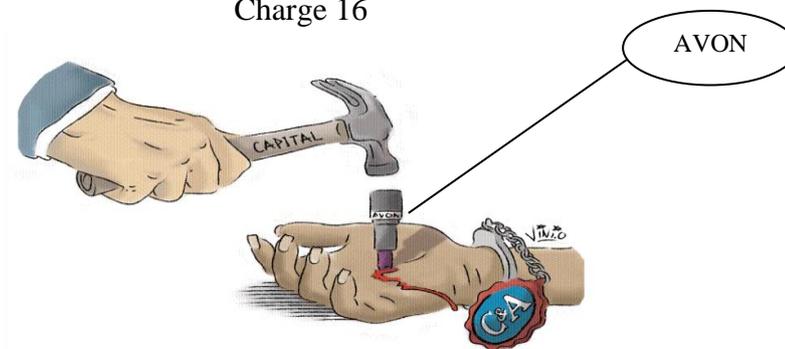
Fonte: GENILDO RONCHI, HUMOR POLÍTICO, 14 JULHO 2017.

Charge 15



Fonte: SIMANCA, CHARGE ONLINE, 06 MAIO DE 2017.

Charge 16



Fonte: VINI OLIVEIRA, VINI OLIVEIRA CHARGES, 01 JULHO DE 2017.

## Mapeamento 03

Metáfora conceptual: REFORMA É PUNIÇÃO/CASTIGO

Fonte: PUNIÇÃO/CASTIGO		Alvo: REFORMA
castigo	→	reforma
castigado/punido	→	trabalhador/operário
castigador	→	empresários/parlamentares/ex-presidente
cruz/tronco/algema/prego/instrumentos	→	leis/reforma
consequências	→	degradação do trabalhador

Constatamos também que o conceito de *reforma* é compreendido metaforicamente como punição/castigo, uma vez que alguns elementos do domínio-fonte PUNIÇÃO/CASTIGO são mapeados de modo seletivo e parcial. Dessa maneira, é bom frisarmos que o mapeamento metafórico ocorre quando alguns traços do domínio-fonte, a exemplo de elementos como *castigo*, *castigado*, *punido*, *cruz*, *tronco*, *prego*, *algemas* e *punição* são evidenciados/iluminados para a compreensão e estruturação do domínio-alvo REFORMA. No mapeamento 03, é ainda possível fazermos inferência a outras metáforas tais como: REFORMA É RETROCESSO e REFORMA É MORTE.

No texto 13, percebemos um trabalhador de certa idade carregando uma cruz nas costas. A charge faz referência a uma das cenas da Paixão de Cristo, sendo representada e conceptualizada pelo chargista como a Paixão dos Trabalhadores/Operários do contexto brasileiro perante as medidas tomadas pelo governo de Michel Temer. Traçando um paralelo com a via dolorosa do Senhor Jesus, que não cometeu nenhum pecado, podemos assinalar, através do MCI metafórico, que o trabalhador é conceptualizado como a figura do Cristo, que é torturado física, psicológica e espiritualmente pelos soldados/torturadores e que usam chicotes para açoitá-lo como uma forma de punição.

Ademais, assinalamos que a cruz que o trabalhador carrega nas costas, trata-se, na verdade, da conceptualização do Congresso Nacional (Senado Federal e a Câmara dos Deputados), ou seja, representa a corrupção, a sujeira, dentre outros atos imorais que são praticados pelos representantes do povo brasileiro, a partir do ponto de vista do chargista. Portanto, mediante o sistema metafórico da moralidade empreendido por Lakoff e Johnson (1999), temos o acionamento da metáfora conceptual CORRUPÇÃO É IMORALIDADE,

acionando, dessa maneira, na metáfora CORRUPÇÃO É SUJEIRA, que foi estudada e sistematizada tanto em charges como em notícias veiculadas em *blogs* jornalísticos por Carneiro (2012)<sup>92</sup>.

No que diz respeito aos elementos linguístico-discursivos, temos a seguinte expressão linguística: “*Sem compaixão*”. Se levarmos em consideração a metáfora MORALIDADE É EMPATIA, do sistema da moralidade de Lakoff e Johnson (1999), podemos asseverar que o termo “compaixão” pode ser entendido em termos de empatia, uma vez que a empatia se caracteriza pelo fato de você sentir o que a outra pessoa está sentindo, de modo que você possa promover de alguma forma o bem-estar daquela pessoa. Diante de tal contexto, assinalamos que a contraparte da metáfora COMPAIXÃO É EMPATIA é ativada/acionada: SEM COMPAIXÃO É INDIFERENÇA/DESPREZO.

No texto 14, é possível advertir que o chargista faz uma sátira à sanção da reforma trabalhista que trouxe mudanças perversas e danosas para os trabalhadores brasileiros de forma geral. Verificamos dois trabalhadores de uma determinada empresa que dialogam sobre a substituição do relógio de ponto. Com cara de assustado e preocupado, o trabalhador do lado esquerdo, que representa todos os operários que se encontram na ponta/extremidade de uma dada fábrica, por exemplo, questiona: “*Por que o tronco no lugar do relógio de ponto?*”.

O trabalhador do lado direito, que na escala hierárquica de uma dada empresa, se encontra em uma posição mais elevada (supervisor) do que seu interlocutor, na verdade, trata-se de um representante típico dos interesses de seu gerente, muitas vezes, iludido pelas artimanhas do regime capitalista, retruca: “*Faz parte da modernização trabalhista!*”.

A substituição do relógio de ponto por um tronco é bastante significativa, pois revela-nos como os trabalhadores são categorizados com a modernização das leis trabalhistas que foi aprovada pelo ex-presidente Temer, a partir da perspectiva dos produtores de charges. O tronco representa e é conceptualizado como castigo e punição para aqueles que não cumprirem as metas estabelecidas pelos seus patrões, ou seja, os trabalhadores serão amarrados no tronco e açoitados, como ocorria no período da escravidão no Brasil.

Kuenzer (2001, p. 30) afirma que “a posse do conhecimento sobre o trabalho passa a funcionar como força a favor do capital, conferindo poder aos níveis técnico-administrativos; o operário, cada vez mais expropriado do saber sobre o trabalho, desempenha funções cada

---

<sup>92</sup> Destacamos os estudos aventados por Carneiro (2012), que investigou o tema da corrupção nos gêneros textuais blog jornalístico e charge, demonstrando sua relevância para as análises que empreendemos sobre como a reforma do trabalho é categorizada no domínio da sujeira.

vez menos qualificadas e sub-remuneradas”. Diante da citação da autora, ratificamos que o supervisor, ocupando um cargo mais elevado na empresa, representa os anseios do capital selvagem, enquanto que o operário é desqualificado em todos os aspectos.

Se levarmos em consideração a noção de *frame*, estudada e desenvolvida por Fillmore (1985), podemos assinalar que, quando falamos o termo tronco, por exemplo, nos vem à cabeça ideias associadas a suas representações cognitivas (conceptualizações) de base cultural como escravidão, senzalas, escravos, instrumentos de torturas/punições, chibatadas etc., ou seja, o conjunto de tudo isso se caracteriza como um *frame*, segundo Abreu (2010).

É importante assinalar que, tanto palavras/expressões linguísticas como representações pictóricas evocam/acionam *frames*, pois se constituem como estruturas cognitivas em contínuo processo de construções de cenas de nossas experiências.

No texto 15, notamos que o trabalhador se encontra amarrado na carteira de trabalho, que está representando o tronco – instrumento de tortura, punição e castigo – o trabalhador está pronto para ser chibatado pelos seus patrões (empresários, parlamentares e o próprio ex-presidente Temer).

Mais uma vez, constatamos que se trata de uma alusão ao regime da escravidão, em que os trabalhadores, a partir da aprovação do texto da reforma trabalhista, são conceptualizados como escravos. Os estudos empreendidos por Mattos (2004, p. 24) nos revelam que existia “a constatação de que era permitido e legítimo dar bofetadas, chibatadas e meter em tronco aqueles que, enquanto escravos e propriedade privada, não se constituíam em cidadãos livres”.

A partir da citação da historiadora Mattos (2004), assinalamos que, para os charginistas em análise, a situação na qual o Brasil se encontra, com a aprovação da Reforma Trabalhista, é, sem dúvida, uma retomada dos costumes do período da escravidão, em que os mais diversos tipos de torturas e punições são aplicados aos trabalhadores para que os seus senhores (patrões) possam se legitimar no poder. Sendo assim, trazendo para os dias atuais, notamos possíveis perdas de direitos conquistados pela CLT, e assegurada pela Constituição de 1988.

Elucidamos, ao longo desta pesquisa, como a reforma trabalhista é categorizada pelos produtores de charge, levando em consideração a política neoliberal adotada pelo ex-presidente Michel Temer. Corroborando com as práticas opressoras adotadas pelo ex-presidente Temer, o linguista Noam Chomsky assevera que o regime neoliberalista vem assaltando o mundo por cerca de 40 anos. A população se encontra cada vez menos

representada e possui uma vida precária, em que as condições de trabalho estão cada vez piores (AHRENS, 2018).

No texto 16, através de um MCI metafórico, é possível notarmos que as duas mãos são conceptualizadas como as duas classes antagônicas do sistema capitalista: uma mão que representa os empresários e o setor industrial, segurando um martelo que contém a palavra CAPITAL, e a outra mão categoriza os operários. Na mão que conceptualiza os trabalhadores, percebemos dois instrumentos que revelam os maus tratos do capitalismo selvagem como forma de pagamento/punição. Um dos instrumentos é a algema que aprisiona o trabalhador à empresa, neste caso, trata-se da C&A, loja departamental de vestuário conhecida e espalhada por todas as partes do mundo. O outro instrumento é o prego batido na mão desse operário que escorre sangue, ou seja, conceptualizado como o sofrimento e o massacre por parte daqueles que dão o sangue em troca de um salário para sobreviver na selva de pedras.

Outro aspecto linguístico que destacamos é o termo AVON, gravado no prego, o que nos remete a uma das mais antigas empresas de cosméticos no Brasil, ou seja, parece-nos que o salário recebido pelo trabalhador da C&A não é o suficiente para sua sobrevivência, e desse modo, ele terá que complementar sua renda vendendo produtos da AVON. Logo, temos um trabalhador refém de duas grandes empresas que compram sua força de trabalho a baixo custo.

De acordo com Kuenzer (2001, p. 76), “o trabalhador assalariado, despossuído dos meios de produção, vende sua força de trabalho para garantir os meios necessários à sua subsistência. Ao comprar essa força de trabalho e ao incorporá-la aos meios de produção, o capitalista passa a ser seu proprietário, cabendo-lhe utilizá-la de tal maneira a produzir o maior valor possível”. Observamos a total exploração do operário que sequer se enxerga como parte desse processo de produção avassalador, e ainda é punido pelos patrões por não atingir as metas esperadas.

### **3.4.3 REFORMA TRABALHISTA É ROUBO**

Agora, apresentamos a análise da metáfora conceptual REFORMA É ROUBO, que se caracteriza como a quarta metáfora mais recorrente em nossa pesquisa. Constatamos, a partir dos textos, que a relação entre o patrão/empresário/político e o trabalhador configura-se como um verdadeiro roubo, em que o operário é extorquido completamente.

Charge 17



Fonte: NANI LUCAS, NANI HUMOR, 27 ABRIL 2017.

Charge 18



Fonte: JOTA CAMELO, CICLISTAS EM DEUS, 24 OUTUBRO 2017.

Charge 19



Fonte: LUSCAR, CHARGE ONLINE, 13 NOVEMBRO 2017.

## Charge 20



Fonte: RENATO AROEIRA, CHARGE ONLINE, 12 NOVEMBRO 2017.

## Mapeamento 04

## Metáfora conceptual: REFORMA É ROUBO

Fonte: ROUBO		Alvo: REFORMA
roubado	→	operário/trabalhador
assaltante	→	empresário/patrão/Estado
instrumentos/armas usadas	→	reforma/leis trabalhistas
roubo	→	reforma/direitos do trabalhador
objeto confiscado	→	direitos
modus operandi	→	controle dos patrões/Estado

A partir da recorrência da metáfora REFORMA É ROUBO, verificamos que o conceito de *reforma* é entendido via modelo cognitivo metafórico como roubo. Desse modo, verificamos que alguns elementos do domínio-fonte ROUBO são mapeados de maneira parcial, tendo em vista que traços como *roubado*, *assaltante*, *arma*, *detector de metais*, *instrumentos usados*, *roubo* e *objeto confiscado* são iluminados para a compreensão e estruturação do domínio-alvo REFORMA. Salientamos que o mapeamento supracitado é um gatilho para o acionamento de outras metáforas tais como: REFORMA É ESPOLIAÇÃO DE DIREITOS e REFORMA É RETROCESSO.

Na charge 17, fica bastante evidente a sátira feita pelo produtor da charge, ressaltando que a reforma trabalhista é um verdadeiro roubo ao trabalhador brasileiro. Observando a

representação pictórica na charge 17, constatamos, através de um MCI metafórico, um homem alto e corpulento, fumando um bom charuto, ou seja, a cena retrata de maneira autêntica a conceptualização da figura típica do empresário brasileiro. O patrão está apontando a mão direita em forma de arma de fogo para o operário, e este, por sua vez, é conceptualizado por um homem de porte físico baixo, com as mãos para cima, completamente impotente diante da situação, conforme a perspectiva do chargista.

A partir do sistema metafórico da moralidade, postulado por Lakoff e Johnson (1999), frisamos, de modo mais específico, a metáfora da Ordem Moral, que evidencia a supremacia do mais forte física e economicamente (mais poderoso) sobre o mais fraco, decorrendo daí, portanto, a metáfora conceptual ORDEM MORAL É ORDEM NATURAL.

No que diz respeito aos aspectos linguístico-discursivos, podemos observar que o patrão diz: “*Perdeu, perdeu!*”, reiterando que, com a Reforma Trabalhista, os operários brasileiros perdem todos os direitos adquiridos ao longo de vários anos de luta em prol da classe trabalhadora.

Para complementar a reflexão exposta, o estudioso Souza (2018b) assevera que

a exploração econômica do trabalhador barato permite à classe média não só “roubar” o tempo da “ralé de novos escravos” - ocupando-se nas funções repetitivas e desgastantes do serviço doméstico e do serviço pesado e perigoso em geral - , como usá-lo depois em tarefas mais bem pagas em benefício próprio. Essa opressão de classe nunca é notada quando definimos as classes apenas em função de níveis diferenciais de renda, como se as relações de dominação e subordinação que se estabelecem entre elas não fossem o aspecto decisivo para entender como os indivíduos de cada um se comportam uns com os outros. O que está em jogo nessas relações é uma luta de classes muito singular: entre uma que tem tudo e outra que não tem nada. (SOUZA, 2018b, p. 71-72)

Contrariando todos as garantias asseguradas pela Carta Magna de 1988 e a CLT, verificamos que os produtores de charges retratam, via modelo cognitivo metafórico, de forma explícita, a relação entre as classes (dominador/subordinado, patrão/empregado), evidenciando como o trabalhador brasileiro passou a ser conceptualizado com a sanção/aprovação da Reforma Trabalhista pelo ex-presidente Temer.

Na charge 18, percebemos dois senhores de idade avançada, fumando charutos, ou seja, dois homens conceptualizados como típicos representantes da classe dos empresários brasileiros, apontando a mão direita em forma de arma de fogo para o terceiro elemento, que está com as mãos levantadas para cima e com o semblante assombrado diante de tal situação. No segundo plano, podemos observar as fachadas de algumas fábricas/grandes empresas por

trás do operário e a lua, isto é, os empresários que roubam seus subordinados na calada da noite.

Em relação aos aspectos verbais, observamos os seguintes elementos linguístico-discursivos: “*Empresários promovem onda de assaltos*”, a sentença nos remete àquelas chamadas/manchetes de jornais em que há uma onda de assaltos liderados por meliantes de alta periculosidade nas grandes cidades. Mas, no contexto da charge, os assaltantes são conceptualizados como os empresários brasileiros que, com a aprovação da reforma trabalhista, estão roubando os direitos adquiridos pelos trabalhadores, ou seja, o objetivo da reforma trabalhista é, sem dúvida, “retirar e diminuir os direitos sociais das camadas sociais menos favorecidas, mas que não mexe nos direitos sociais dos setores mais abastados”. (COSTA, 2017, p.19)

Ademais, ratificando a espoliação dos direitos sociais conquistados, podemos observar, na fala de um dos empresários que estão assaltando o operário, a seguinte expressão linguística: “*Perdeu, Trabalhador! Passa pra cá férias, décimo terceiro e horário de almoço*”. Fica evidente a perda dos direitos adquiridos pelos trabalhadores brasileiros assegurados tanto pela CLT quanto pela Carta Magna de 1988.

No texto 19, constatamos dois homens em cena, um aparentemente bem vestido com óculos e chapéu na cabeça, apontando um revólver para o outro que está com as mãos levantadas para cima. Ressaltamos que o homem que está com a arma na mão pode ser conceptualizado tanto como empresário quanto como políticos do Congresso Nacional que votaram a favor da reforma trabalhista, ao passo que o outro homem em cena é categorizado como o operário/proletariado brasileiro, a partir do ponto de vista do chargista.

Legitimando o roubo aos direitos adquiridos, podemos observar a seguinte expressão linguístico-discursiva: “*Passe a Carteira de Trabalho*”, isto é, um verdadeiro roubo aos trabalhadores, que são usados como força de trabalho barata, gerando dividendos às grandes empresas brasileiras. O sociólogo Jessé Souza (2018a) nos chama atenção para:

O assalto real dos juros extorsivos embutidos em tudo que compramos, da dívida pública nunca auditada, das isenções fiscais bilionárias para proprietários, da sonegação de impostos trilionária permanece invisível e nunca tematizado. Os olhos se voltam para o roubo do político, quantitativamente e infinitamente menor, mero laico e *office boy* do grande capital. A grande imprensa, como real partido da elite do dinheiro, torna visível o assalto menor da política, para possibilitar o grande roubo, legitimado pela compra da política e da Justiça, torne-se invisível e possível. É preciso mostrar como podemos compreender o Brasil e seus conflitos sociais de modo novo e mostrar que nosso atraso relativo pode ser explicado

por razões muito distintas das que nos acostumamos a ver e ouvir. Razões que não precisam se valer de uma suposta ‘herança maldita’ portuguesa e ibérica, mas que é fruto de relações de dominação destinadas a perpetuar a desigualdade e a miséria de muitos em nome dos privilégios de uma meia dúzia. (SOUZA, 2018a, p. 22-23)

Na charge 20, percebemos a metade de um braço esquerdo, usando um paletó e apontando uma arma de fogo para o operário/trabalhador. Frisamos que o braço esquerdo, no lado direito do texto, pode ser conceptualizado tanto os grandes empresários como os políticos que vêm usurpando os direitos trabalhistas. A cabeça do operário brasileiro na imagem é conceptualizada como uma carteira de trabalho, ou seja, o empresário/político está mirando o revólver para a cabeça do operário e anunciando o roubo. Sem dúvida, podemos asseverar que eles querem mesmo é a cabeça do trabalhador brasileiro.

Corroborando com os aspectos visuais, verificamos a seguinte manifestação linguístico-discursiva na fala do empresário/político brasileiro: “*Após a modernização das relações entre patrão e empregado, finalmente flexibilizadas e adaptadas aos novos tempos pela reforma trabalhista, estamos com o futuro na nossa mão e podemos dizer com total segurança jurídica*”. “*Passa a carteira!*”, isto é, ancorados na flexibilização e novos acordos que favorecem preponderantemente a um determinado grupo social (empresários/políticos), observamos, desse modo, o acionamento da metáfora conceptual REFORMA É ROUBO.

#### **3.4.4 REFORMA TRABALHISTA É DESTRUIÇÃO/GUERRA**

Verificamos que a recorrência da metáfora conceptual REFORMA É DESTRUIÇÃO/GUERRA é significativa no *corpus* analisado. Trata-se, na verdade, da quinta metáfora conceptual mais recorrente nas análises empreendidas. Diante do exposto, verificamos, a partir desse agrupamento, que o ex-presidente Temer conclama o povo brasileiro para uma batalha/guerra.

Charge 21



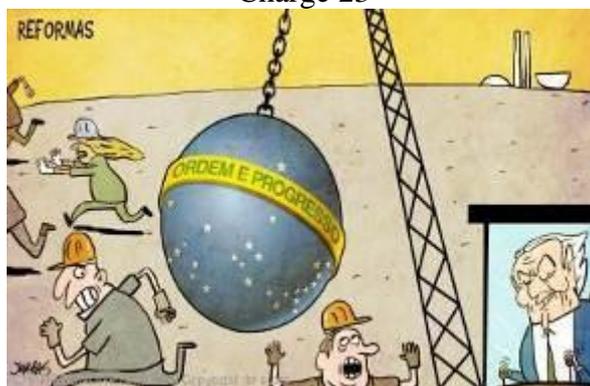
Fonte: BRUNO GALVÃO, CHARGES BRUNO BLOGSPOT, 05 JULHO 2017.

Charge 22



Fonte: RONALDO, CHARGE ONLINE, 20 NOVEMBRO 2017.

Charge 23



Fonte: JARBAS, CHARGE ONLINE, 05 MAIO 2017.

## Charge 24

**Governo diz que reforma trabalhista  
será presente ao trabalhador**



Fonte: BIRA DANTAS, CHARGES BIRA BLOGSPOT, 22 MARÇO 2017.

## Charge 25



Fonte: LATUFF, SUL21.COM.BR, 13 NOVEMBRO 2017.

## Mapeamento 05

Metáfora conceptual: REFORMA É DESTRUIÇÃO/GUERRA

Fonte: DESTRUIÇÃO/GUERRA

Alvo: REFORMA

soldados	→	parlamentares/empresários/trabalhadores
inimigos	→	americanos/trabalhadores brasileiros
mentores de guerra	→	governantes/chefes de estados
armas/instrumentos usados	→	leis trabalhistas/reforma
alvo	→	sindicato/trabalhador
objetivos	→	destruir as leis que amparam o trabalhador
estratégias	→	aprovação/sanção da reforma
vencedor	→	parlamentares/empresários/Estado

perdedor	→	trabalhador brasileiro
consequências	→	dizimação das garantias do trabalhador

Aqui, depreendemos que o conceito *reforma* é interpretado via modelo cognitivo metafórico como uma destruição/guerra, a partir do ponto de vista dos chargistas. Destacamos, desse modo, que alguns atributos do domínio-fonte DESTRUIÇÃO/GUERRA são mapeados parcial e seletivamente, tendo em vista que alguns traços como *soldados, inimigos, objetivos, mentores de guerra, armas/instrumentos bélicos, alvo, estratégias usadas, vencedor e perdedor* são evidenciados/iluminados para a compreensão do domínio-alvo REFORMA. A recorrência da metáfora REFORMA É DESTRUIÇÃO/GUERRA, como se pode verificar no mapeamento 05, é um gatilho para o acionamento da metáfora conceptual REFORMA É MORTE.

No texto 21, constatamos, no lado esquerdo, o ditador norte-coreano Kim Jong-un com uma espécie de isqueiro na mão para colocar fogo em um míssil destinado para atacar a hegemonia/soberania norte-americana. No lado direito, notamos o ex-presidente Michel Temer também com uma espécie de isqueiro para colocar fogo em um míssil para destruir os direitos trabalhistas. Assim, o chargista nos repassa a sua visão da reforma em estudo.

Ressaltamos que o produtor da charge faz uma sátira tanto à confecção e desenvolvimento de mísseis balísticos intercontinentais de longo alcance produzidos na região nordeste da Coreia do Norte quanto à aprovação da Reforma Trabalhista votada pela maioria Deputados Federais e Senadores da República, e depois sancionada pelo ex-presidente Michel Temer.

Corroborando com os aspectos imagéticos, podemos observar que o ditador Kim Jong-un assevera: “*O meu é para acabar com os americanos!*”, ao passo que o ex-presidente Temer afirma: “*O meu é para acabar com todos os trabalhadores brasileiros!*”. Constatamos desse modo que os dois presidentes declaram guerra, um à nação estadunidense, o outro aos trabalhadores brasileiros. Diante do exposto, temos o acionamento pela combinação dos aspectos visuais com os aspectos linguístico-discursivos da metáfora conceptual REFORMA É DESTRUIÇÃO/GUERRA.

No que concerne à charge 22, percebemos a partir do primeiro quadrante, o ex-presidente Michel Temer sentado e comandando um tanque/guindaste de destruição que possui uma grande bola de aço em sua extremidade, a fim de demolir o prédio do sindicato dos trabalhadores. Observamos que, na bola de aço, está inscrito o termo “*Reforma*

*Trabalhista*”, ou seja, com a advento da reforma, passamos a não ter mais a garantia dos direitos dos trabalhadores, e o sindicato, cuja finalidade é de preservação dessas garantias asseguradas tanto pela Carta Magna de 1988 quanto pela CLT, é destruído/demolido, conforme podemos ver no segundo quadrante.

No texto 23, constatamos o ex-presidente Temer, mais uma vez, no comando de uma máquina de destruição com uma bola de aço na sua extremidade, que contém as palavras da bandeira nacional “*Ordem e Progresso*”. Observamos, na verdade, uma sátira feita pelo produtor da charge, uma vez que notamos os trabalhadores brasileiros correndo desesperadamente para não serem esmagados pelo tanque de destruição/guerra manobrado pelo ex-presidente Temer, ou seja, trata-se de uma representação simbólica e conceptualização do ataque sofrido pelos direitos trabalhistas.

No texto 24, percebemos um muro/muralha separando o ex-presidente Michel Temer do lado esquerdo, juntamente com dois ajudantes que empurram o Cavalo de Tróia, ou seja, uma estratégia de guerra utilizada para derrotar seu(s) oponente(s). Do lado direito da imagem, observamos um trabalhador usando um capacete e com um semblante de atemorizado que dá o seguinte recado aos demais: “*É presente de grego!*”.

Notamos que o ex-presidente Michel Temer está conceptualizado como o comandante/mentor de toda luta que acontece no campo de batalha. Observamos, também, a expressão linguística “*Fim dos direitos*” que está escrita no Cavalo de Tróia, com a finalidade de desmontar todas as garantias trabalhistas adquiridas ao longo da história da CLT no Brasil. Por fim, constatamos que o ex-presidente Temer ordena: “*Abram o portão!*”, caracterizando-se, dessa maneira, como um ato imperativo que manda abrir os portões para que a guerra comece no campo, e dando aos trabalhadores brasileiros um verdadeiro presente de grego.

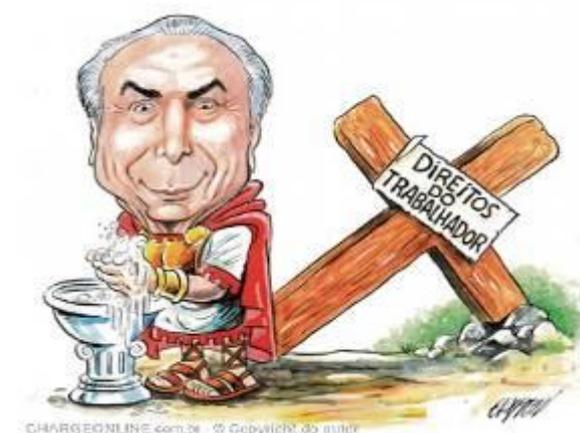
No texto 25, verificamos o ex-presidente Temer apoiado juntamente com o Congresso Nacional (Deputados Federais + Senadores da República), sendo conceptualizado como combustível para toda essa batalha, se encontra pendurado nas costas do ex-presidente como um extintor. Neste caso, mais especificamente está sendo utilizado para atear fogo na carteira de trabalho, ou seja, símbolo dos direitos trabalhistas.

É possível asseverar que se trata de um gesto de brutalidade, conforme a representação do produtor da charge, pois temos uma nítida guerra declarada contra a classe trabalhadora, levando-nos a refletir sobre a condição da classe com a aprovação da reforma trabalhista.

### 3.4.5 REFORMA TRABALHISTA É MORTE

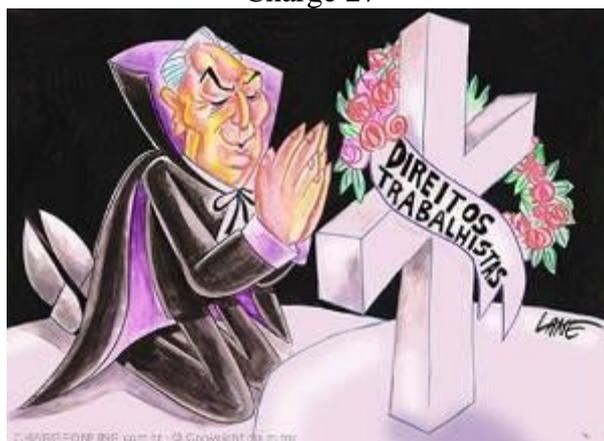
Constatamos a ocorrência da metáfora conceptual REFORMA É MORTE, que se caracteriza como a sexta metáfora mais recorrente em estudo. Desse modo, a partir do agrupamento dos textos chargísticos, notamos que o intuito do ex-presidente Michel Temer é enterrar de uma vez por todas, as garantias adquiridas pelos trabalhadores brasileiros.

Charge 26



Fonte: CLAYTON, CHARGE ONLINE, 15 ABRIL 2017.

Charge 27



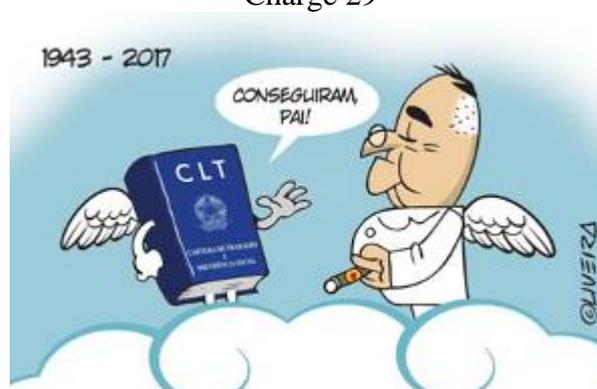
Fonte: LANE, CHARGE ONLINE, 02 NOVEMBRO DE 2017.

## Charge 28



FONTE: J. BOSCO, CHARGE ONLINE, 02 NOVEMBRO DE 2017.

## Charge 29



Fonte: OLIVEIRA, HUMOR POLÍTICO, 16 JULHO 2017.

## Mapeamento 06

Metáfora conceptual: REFORMA É MORTE

Fonte: MORTE		Alvo: REFORMA
tipo de morte	→	condenação/execução
defunto	→	trabalhador brasileiro/garantias
motivo/doença	→	leis que amparam o trabalhador
funeral/sepultamento	→	garantias do trabalhador
atores envolvidos	→	ex-presidente/parlamentares/trabalhador

A partir do mapeamento 06, constatamos que o conceito de *reforma* é interpretado metaforicamente como morte. Diante disso, frisamos que alguns atributos do domínio-fonte

MORTE são mapeados de forma parcial, uma vez que traços como *morte, tipo de morte, defunto, funeral, cemitério, sepultamento e atores envolvidos* são iluminados/evidenciados para o entendimento e a estruturação do domínio-alvo REFORMA. É mister informarmos, que o mapeamento supracitado é um gatilho para o acionamento da metáfora REFORMA É DEGENERANÇA/DEGRADAÇÃO.

No texto 26, constatamos a sátira feita pelo produtor da charge em que o ex-presidente Michel Temer é conceptualizado como o governador romano Pôncio Pilatos. Na verdade, temos uma das cenas mais significativas do Cristianismo por se tratar do julgamento de Jesus Cristo pelo interventor da época relatada na bíblia.

Observamos uma pia (lavatório, lavabo) e o ex-presidente Temer lavando as mãos como uma representação simbólica, ou seja, a conceptualização de um ato de absolvição da culpa e/ou de pureza moral diante da Reforma Trabalhista que foi aprovada pelos Deputados Federais e pelos Senadores da República. Por trás do ex-presidente, podemos notar uma cruz grande de madeira em que está gravada a expressão “*Direitos do Trabalhador*”, isto é, sepultamento das garantias trabalhistas adquiridas ao longo da história.

Na charge 27, constatamos que o produtor da charge ilustra o ex-presidente Temer sendo conceptualizado como vampiro, pela vestimenta que ele está usando, além dos dedos das mãos e os sapatos pontiagudos que saltam aos nossos olhos. Notamos também que o ex-presidente Temer está ajoelhado com as mãos em forma de prece/oração, nitidamente rezando pelo sepultamento/enterro, de uma vez por todas, dos direitos trabalhistas que foi uma das prioridades/ganhos em seu mandato/governo.

Ao contrário do texto 27, em que percebemos o ex-presidente Michel Temer fazendo uma prece de agradecimento pelo sepultamento das garantias trabalhistas, no texto 28 observamos o trabalhador brasileiro chegando no cemitério com um buquê de flores nas mãos para colocar na cova destinada aos direitos trabalhistas. Fica evidente, neste texto, que o trabalhador/operário se encontra abatido e desolado perante as perdas as quais ele foi acometido.

No texto 29, notamos que a cena não se passa no plano terrestre, trata-se de uma conversa/desabafo entre o espírito da CLT e São Pedro no plano celestial. No que diz respeito às datas presentes no texto, é possível asseverarmos que elas são importantes evidências tipográficas que nos auxiliam em uma leitura contundente, para se compreender a charge como um todo coerente, pois verificamos a conceptualização tanto do nascimento/surgimento quanto da morte da CLT no Brasil.

É sabido que, no dia 1º de maio de 1943, através do Decreto-Lei nº 5452, o ex-presidente Getúlio Vargas criou a CLT - nascimento - como uma maneira de unificar os direitos trabalhistas a toda legislação brasileira da época, regulamentando as relações individuais e coletivas de trabalho. Já no dia 13 de julho de 2017, temos o sancionamento da Reforma Trabalhista pelo ex-presidente Temer que enterra as garantias trabalhistas, caracterizando-se desse modo como a morte da CLT.

Podemos observar também, a CLT categorizada como um espírito/alma que chega no plano celestial desabafando com o ex-presidente Getúlio Vargas que está sendo conceptualizado como São Pedro, conhecido pela história da tradição cristã como aquele que possui as chaves do reino dos céus, responsável por abrir e fechar as portas no plano superior. É relevante destacar, que o espírito/alma da CLT desabafa: “*Conseguiram, Pai!*”, ou seja, o ex-presidente Temer, com o apoio maciço do Congresso Nacional, matou/sepultou, promovendo o reencontro entre pai e filho no plano celestial.

### 3.4.6 REFORMA TRABALHISTA É ARMADILHA/TRAPAÇA

A sétima metáfora conceptual mais recorrente em nosso trabalho é REFORMA É ARMADILHA/TRAPAÇA. Nesse grupo, verificamos que a maneira pela qual o processo da reforma é conduzida pelo ex-presidente Temer, juntamente com o Congresso Nacional, com o intuito de atender os interesses do setor empresarial, configurando-se, assim, como um artifício escuso.

Charge 30



Fonte: CLAYTON, CHARGE ONLINE, 08 MAIO DE 2017.

Charge 31



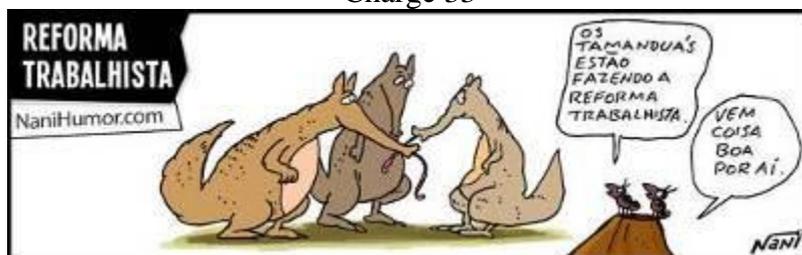
Fonte: SINOVALDO, CHARGE ONLINE, 14 JULHO 2017.

Charge 32



Fonte: TACHO, CHARGE ONLINE, 07 DE MAIO 2017.

Charge 33



Fonte: NANI LUCAS, NANI HUMOR, 16 JUNHO 2017.

## Mapeamento 07

Metáfora conceptual: REFORMA É ARMADILHA/TRAPAÇA

Fonte: ARMADILHA/TRAPAÇA

Alvo: REFORMA

objetivo	→	pegar a presa/trabalhador
trapaceiros/atores	→	parlamentares/empresários/ex-presidente
trapaceados/atores	→	trabalhador brasileiro
estratégias	→	condução para a aprovação da reforma
condições da trapaça	→	condução de forma não lícita/legal
trapaça/armadilha	→	reforma

Ao longo das análises empreendidas, constatamos também que o conceito de *reforma* é compreendido via modelo cognitivo metafórico como armadilha/trapaça. Assim, verificamos que algumas peculiaridades do domínio-fonte ARMADILHA/TRAPAÇA são mapeadas parcial e seletivamente. Observamos que alguns traços como *trapaceiros*, *trapaceadores*, *estratégias usadas*, *objetivos traçados*, *condições de trapaça*, *armadilha* e *trapaça* são iluminados/destacados para a compreensão do domínio-alvo REFORMA. Destacamos também, que o mapeamento metafórico 07 é um gatilho para o acionamento da metáfora conceptual REFORMA É IMORALIDADE.

É sabido que o desenho animado *Dick Vigarista* é baseado tanto no filme *Esses homens maravilhosos e suas máquinas voadoras* quanto no desenho *Corrida Maluca*. Temos um personagem vilão, magro, alto e de bigode fino que possui um sorriso sarcástico e diabólico. No texto 30, notamos que o ex-presidente Michel Temer é conceptualizado como Dick Vigarista ao passo que a reforma é categorizada como a Corrida Maluca. O objetivo de Dick e seu quase fiel cão Muttley é vencer a Corrida Maluca de maneira não honesta, valendo-se de artifícios escusos, armações e trapaças para tirar de cena seus concorrentes.

Em outros episódios do desenho, constatamos também armadilhas montadas por Dick e seu comparsa Muttley para pegar o pombo que carrega uma mensagem em sua bolsa tiracolo. Segundo alguns analistas do desenho, a mensagem se trata de um fragmento dos resistentes aos aliados da Segunda Guerra Mundial.

No que concerne às manifestações linguísticas, temos a seguinte afirmação do ex-presidente Temer: “*As reformas estão caminhando*”, e o cão ri “*He! He! He!*”, notamos que a maneira como as reformas foram encaminhadas para aprovação no Congresso Nacional nos parece um tanto suspeita. Ainda constatamos que o cão Muttley é conceptualizado na charge como o Congresso Nacional, apoiando de forma contundente as medidas tomadas pelo ex-presidente Temer. Diante do exposto, pela união dos códigos pictóricos e das expressões

linguísticas, temos o acionamento da metáfora conceptual REFORMA É ARMADILHA/TRAPAÇA.

No texto 31, é possível assinalar que o produtor da charge faz uma sátira à reforma trabalhista nos mostrando que as relações entre patrão e trabalhador é semelhante ao processo de predação. É sabido que, na cadeia alimentar de um determinado ecossistema<sup>93</sup>, os animais predadores caçam e comem suas presas, pois esta é a forma das interações biológicas no meio ambiente dos animais. Algo semelhante ocorre com as relações de trabalho, validando desse modo a metáfora da ordem moral - ORDEM MORAL É ORDEM NATURAL - , uma vez que os patrões possuem autoridade moral sobre seus empregados.

Ainda na charge 31, podemos observar que o setor dos empresários é conceptualizado como um gato (animal predador), ao passo que o trabalhador é categorizado como um peixe (presa). Já a livre negociação que ocorre entre patrão e empregado está sendo conceptualizada como trapaça. Desse modo, é possível constatar que há uma predação, conforme ocorre no processo da cadeia alimentar de nosso ecossistema.

Corroborando com a reflexão exposta, o autor Souza (2018b, p. 58) assevera que

os donos do dinheiro e do poder não podem simplesmente dizer ao restante da sociedade: “Nosso intuito é deixar todos vocês, otários, sem propriedade, sem poder, apenas com a roupa do corpo, trabalhando nas condições mais favoráveis para mim”. Não é assim que acontece, Caso contrário, teríamos revolta e revolução. Não há dominação de poucos sobre muitos sem o recurso à mentira e ao engano. Em consequência, a opressão precisa ser moralizada, difundindo-se a ilusão de que o interesse do dominado é levado em conta e, mais importante, convencendo-o de que a própria dominação é para seu bem. (SOUZA, 2018b, p. 58)

Diante da citação do autor, verificamos que, com a aprovação da Reforma Trabalhista, há uma violência simbólica, que passa, em muitos casos, despercebida pelos trabalhadores brasileiros, pois eles são levados a crer que, a partir da reforma, haverá melhorias significativas em todos aspectos para que seu trabalho seja realizado de forma exitosa.

No texto 32, constatamos duas formigas dialogando, e uma delas está carregando uma folha, característica própria da espécie conforme as tarefas que elas desempenham dentro de

---

<sup>93</sup> O conceito de ecossistema, segundo o *site Brasil Escola*, faz referência a “um conjunto de comunidades que vivem em um determinado local e interagem entre si e com o meio ambiente”. Disponível em: <<https://brasilescola.uol.com.br/o-que-e/biologia/o-que-e-ecossistema.htm>> Acesso em: 04 maio 2019.

sua casta. É sabido que as formigas são insetos que possuem um alto índice de organização, sendo consideradas pelos estudiosos como um grupo de animais de maior sucesso ecológico.

No enquadre da charge 32, a formiga do lado esquerdo questiona: “*Quem te disse que a reforma trabalhista é uma boa?*”, a formiga do lado direito responde: “*O tamanduá...*”, evidenciando, desse modo, que a reforma em estudo se trata de um engodo para os trabalhadores brasileiros, tendo em vista que quem sairá beneficiado nesse negócio é o patrão/empresário.

No texto chargístico 33, notamos os tamanduás reunidos tramando alguma coisa contra as formigas, e no lado direito, temos uma conversa entre duas formigas, em que uma delas assevera: “*Os tamanduás estão fazendo a reforma trabalhista*”, e a outra formiga retruca de forma irônica: “*Vem coisa boa por aí*”, demonstrando que, para algumas formigas, a reforma trabalhista se caracteriza como algo prejudicial/desfavorável.

Desse modo, verificamos que o ex-presidente Temer + Congresso Nacional + Setor dos Empresários são conceptualizados como tamanduás, ao passo que o trabalhador brasileiro é categorizado como formiga. Diante disso, constatamos que a reforma é conceptualizada como uma armadilha para o trabalhador.

### **3.4.7 REFORMA TRABALHISTA É CORTE**

Verificamos também, a ocorrência da metáfora conceptual REFORMA É CORTE, que foi a oitava metáfora mais recorrente em nossa investigação. Percebemos, a partir do agrupamento dos textos, que a reforma é conceptualizada como uma redução drástica de todos os direitos trabalhistas.

Charge 34

SEGUNDO O GOVERNO:  
O EMPREGO VAI  
BROTAR!



Fonte: GENILDO RONCHI, HUMOR POLÍTICO, 17 DE MAIO 2017.

Charge 35



Fonte: BRUNO GALVÃO, CHARGES BRUNO BLOGSPOT, 12 JULHO 2017.

Charge 36



Fonte: BRUNO GALVÃO, CHARGES BRUNO BLOGSPOT, 08 JANEIRO 2017.

Charge 37



Fonte: BIRA DANTAS, CHARGES BIRA BLOGSPOT, 01 MAIO 2017.

### Mapeamento 08

Metáfora conceptual: REFORMA É CORTE

Fonte: CORTE

Alvo: REFORMA

quem corta	→	ex-presidente/parlamentares/empresários
objeto cortado	→	direitos trabalhistas/CLT
instrumentos/faca/tesoura	→	reforma trabalhista
quem sofre o corte	→	trabalhador brasileiro
consequências do corte	→	degradação do trabalhador

Aqui, constatamos que o conceito de *reforma* é construído metaforicamente como corte, a partir da perspectiva dos chargistas. Ressaltamos que alguns atributos do domínio-fonte CORTE são mapeados parcialmente, levando em consideração que traços mais concretos a exemplo de *objeto cortado*, *quem corta*, *instrumentos usados*, *tesoura*, *faca*, *quem sofre o corte* e *consequências do corte* são iluminados/evidenciados para o entendimento e estruturação do domínio-alvo REFORMA. Diante do exposto, depreendemos que o mapeamento supracitado é um gatilho para o acionamento da metáfora conceptual REFORMA É DESUMANIZAÇÃO.

Na charge 34, observamos que o produtor da charge faz uma grande crítica à Reforma Trabalhista que é categorizada como um corte de todas as garantias adquiridas pelos trabalhadores. Constatamos uma tesoura de grande porte, manchada de sangue nos dois lados, e com a seguinte expressão linguística “*Reformas trabalhistas*” escrita nela. Abaixo da tesoura, temos quatro pares de pés, cortados na altura do tornozelo. No que tange às manifestações linguísticas, temos: “*Segundo o governo: o emprego vai brotar*”, ou seja,

mesmo cortando todos os direitos dos trabalhadores, há uma ilusão propagada pelo ex-presidente Temer que haveria mais empregos para os brasileiros com a aprovação da reforma em questão.

Dessa maneira, verificamos que os trabalhadores são conceptualizados como árvores, ao passo que a noção de emprego divulgada pelo governo é categorizada como uma boa semente, que germinará em um futuro próximo. No entanto, o discurso do governo não parece ser compatível com a realidade do povo brasileiro, pois temos a conceptualização da Reforma Trabalhista como uma execução/decapitação dos trabalhadores/subordinados.

No texto chargístico 35, observamos um homem gordo e abastado segurando uma faca e um tesoura em suas mãos, com um sorriso sarcástico em seu semblante, oferecendo ao seu interlocutor a opção de dois instrumentos cortantes para se servir de maneira jocosa. O homem pergunta para a carteira de trabalho: “*Qual você prefere?*”, ou seja, trata-se de uma indagação de execução, pois temos a figura de um patrão que indaga como o trabalhador quer ser humilhado e executado/decapitado.

Diante disso, através de um MCI metafórico, é possível constatarmos o setor dos empresários é conceptualizado como um garçom, enquanto a carteira de trabalho que está sendo interrogada é categorizada como o trabalhador brasileiro, e a reforma trabalhista é conceptualizada como corte de todos os direitos adquiridos pelos trabalhadores ao longo da história.

Segundo o autor Souza (2018b, p. 92), “os mecanismos simbólicos de distinção social são tão importantes quanto os estímulos econômicos. Por isso, qualquer ajuda à classe trabalhadora vai ser bloqueada pelas classes privilegiadas, como mostram os recorrentes golpes de Estado.”

No lado esquerdo, na charge 36, notamos um homem gordo e com os bolsos repleto de dinheiro, segurando e ofertando a carteira de trabalho com a mão esquerda para as duas pessoas que se encontram no lado direito da cena. Verificamos uma senhora robusta, atrás de um homem que está de posse com uma tesoura prestes a cortar a carteira de trabalho ao meio.

Desse modo, o homem do lado esquerdo é categorizado como a figura típica dos grandes empresários brasileiros que patrocinam as campanhas dos candidatos ao Congresso Nacional e à Presidência da República, e assim por diante, em troca de favores de caráter pessoal, como já é sabido pela maioria da população brasileira. No segundo plano da charge, constatamos que se trata de uma cena típica do Distrito Federal, pois temos a imagem do

Congresso Nacional, casa do Poder Legislativo em âmbito federal e também o Palácio do Planalto, sede do Poder Executivo.

Ressaltamos que o homem com os bolsos repletos de dinheiro representa a figura do alto escalão do setor empresarial que é conceptualizado como o agente financiador e a parte mais interessada na Reforma Trabalhista, tendo em vista que os grandes empresários almejam “retirar e diminuir os direitos sociais das camadas sociais menos favorecidas, mas que não mexa nos direitos sociais dos setores mais abastados”. (COSTA, 2017, p. 19) Já o senhor e a senhora do lado direito da imagem podem ser conceptualizados como representantes típicos do Congresso Nacional, pois se caracterizam como agentes facilitadores de toda essa trama contra o trabalhador brasileiro.

No texto 37, verificamos o ex-presidente Temer correndo com uma tesoura grande em suas mãos. Frisamos que cada lâmina da tesoura corresponde à ‘*Reforma Trabalhista*’ e à ‘*Reforma da Previdência*’ que possuem como intuito a retirada e diminuição drástica dos direitos dos trabalhadores brasileiros.

Ao invés de 1º de maio ser um dia para se comemorar/festejar as garantias trabalhistas conquistadas com muita luta pelos trabalhadores e contempladas na Constituição de 1988 e pela CLT, o povo está nas ruas protestando contra as artimanhas construídas no período do governo do ex-presidente Michel Temer.

Constatamos também que algumas pessoas estão carregando alguns cartazes com as seguintes manifestações linguísticas: “*Direitos trabalhistas*”, “*Não à terceirização*”, “*Emprego*” e “*Tire as mãos das nossas aposentadorias*”. Além disso, é possível perceber que o povo grita: “*Fora Temer*” durante a manifestação.

Diante disso, via MCI metafórico, ressaltamos que o ex-presidente Temer é conceptualizado como vampiro, pela forma como ele está vestido na cena, e o trabalhador brasileiro é categorizado como presa. Além disso, constatamos que a reforma é categorizada como corte de emprego, corte de direito trabalhista e corte de aposentadoria.

### **3.4.8 REFORMA TRABALHISTA É NEGOCIATA**

Em nossa última análise, lançamos nosso olhar sobre a nona metáfora conceptual mais recorrente em nosso trabalho, que foi a metáfora REFORMA É NEGOCIATA. A partir do rol dos textos, constatamos que a reforma pode ser conceptualizada tanto como uma negociação do trabalhador com a morte, quanto como uma negociata entre patrão e

empregado. Além disso, pode se caracterizar também como um acordo suspeito entre o ex-presidente Michel Temer e o Congresso Nacional.

Charge 38



Fonte: VITOR TEIXEIRA, HUMOR POLÍTICO, 21 DE JULHO 2017.

Charge 39



Fonte: BIRA DANTAS, HUMOR POLÍTICO, 24 DE JULHO 2017.

Charge 40



Fonte: NANI LUCAS, HUMOR POLÍTICO, 18 DE JULHO 2017.

Charge 41



Fonte: S. SALVADOR, CHARGE ONLINE, 11 DEZEMBRO 2017.

Charge 42



Fonte: MARIANO, CHARGE ONLINE, 11 AGOSTO 2017.

## Mapeamento 09

Metáfora conceitual: REFORMA É NEGOCIATA

Fonte: NEGOCIATA

Alvo: REFORMA

objeto da negociação	→	reforma/leis trabalhistas
vendedor	→	ex-presidente Temer
comprador	→	deputado/empresário
preço/moeda/dinheiro	→	voto a favor da reforma
lucro de quem vende	→	ex-presidente Temer/empresários
compra	→	garantias do trabalhador
prejuízo	→	trabalhador brasileiro

Ao analisarmos o conceito de *reforma* ao longo deste trabalho, detectamos também que ele é conceptualizado de maneira metafórica como uma negociata. Diante disso, verificamos que alguns elementos do domínio-fonte NEGOCIATA são mapeados seletiva e parcialmente, uma vez que traços como *objeto da negociação*, *vendedor*, *mercadoria*, *comprador*, *preço/moeda*, *lucro de quem vende* e *compra* são evidenciados para o entendimento e a estruturação do domínio-alvo REFORMA. Ressaltamos ainda, que o mapeamento supracitado é um gatilho para o acionamento de outras metáforas tais como: REFORMA É IMORALIDADE, REFORMA É SUJEIRA e REFORMA É CORRUPÇÃO.

No texto 38, verificamos uma figura tenebrosa vestida toda de preto que toma forma/corpo em toda charge, ou seja, é possível assinalarmos que temos a conceptualização da morte, a partir da leitura do MCI metafórico. Seu semblante é cadavérico e a figura segura a CLT em suas mãos. É curioso notar também que a CLT possui pernas, ou seja, podemos observar o fenômeno da personificação em que usamos uma entidade (objeto) para se referir a outra que está diretamente associada a ela.

No que concerne aos elementos verbais, temos o seguinte proferimento: “*E aí? Vamos negociar?*”, isto é, a figura da morte negocia com a CLT a fim de saber se ela quer ficar no plano da terra com todas as provas dolorosas que precisa suportar perante a aprovação da reforma, ou se rende para ter proteção no plano celestial. Na verdade, a única coisa que resta para o trabalhador/operário brasileiro é negociar sua vida com a morte, com o intuito de conseguir postergar, com muita dor e sofrimento, sua permanência aqui na terra.

Diante de tal contexto, podemos assinalar que a morte é conceptualizada como um projeto redentor, ao passo que podemos perceber a CLT personificada como a figura do trabalhador brasileiro, que é visto a partir da reforma em vigor como um objeto descartável, e a reforma é categorizada como uma negociação com a morte.

Na charge 39, notamos que o produtor do texto faz uma sátira ao Programa “Uma Ponte para o Futuro” que tem como objetivo aprovar tanto a Reforma Trabalhista proposta pelo Projeto de Lei - PL 6787/2016 - quanto a Reforma da Previdência Social apresentada pela Proposta de Emenda à Constituição (PEC 287/2016), dentre outras medidas.

O programa foi um documento lançado pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), em 29 de outubro de 2015, com o intuito de retomar o crescimento econômico do país. No parágrafo inicial do projeto, destacamos o seguinte objetivo:

“preservar a economia brasileira e tornar viável o seu desenvolvimento, devolvendo ao Estado a capacidade de executar políticas sociais que combatem efetivamente a pobreza e criem oportunidades para todos”. (p. 02) O texto do documento nos parece bastante contundente e voltado para as políticas públicas sociais, mas, na realidade, busca atender aos interesses do capital estrangeiro, bem como perpetuar no poder a elite escravocrata brasileira.

A partir dos elementos visuais da charge 39, verificamos um pato amarelo, em cima da loja do ex-presidente Michel Temer, ou seja, alegoria bastante usada pela Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), cujo slogan era “*Chega de pagar o pato*”, e tinha como objetivo protestar contra o aumento de impostos, bem como foi um símbolo das manifestações em prol do impeachment da Dilma Rousseff do Partido dos Trabalhadores (PT). Após o impeachment, o vice Michel Temer assumiu a presidência do país e os impostos que foram protestados/combaticidos no período do governo da Dilma Rousseff não pararam de subir.

Verificamos uma alusão àquelas lojas bem populares espalhadas pelo centro das grandes cidades do Brasil que vendem os produtos dos mais variáveis tipos por apenas R\$ 1,99. Desse modo, é possível observarmos que na loja do comerciante Michel Temer há uma placa anunciando: “*Trabalhadores em promoção. R\$ 1,99*”. Trata-se na verdade da venda/compra do trabalhador brasileiro a um preço muito baixo, ou seja, notamos, através da comercialização, a total desqualificação do trabalhador com a aprovação da Reforma Trabalhista, conforma a perspectiva do chargista.

Diante de tal contexto, através do MCI metafórico, é possível verificamos que o ex-presidente Michel Temer é conceptualizado como um grande comerciante/negociante, ao passo que o trabalhador é categorizado como um objeto descartável/mercadoria barata. Já a Reforma Trabalhista é conceptualizada como uma negociata entre o Poder Executivo e os grandes empresários brasileiros que apresentam/financiam determinados projetos como uma verdadeira artimanha, a fim de fortalecer sua classe e desqualificar o trabalhador/operário, a partir da perspectiva do chargista.

No texto 40, verificamos que o produtor da charge faz uma sátira as relações firmadas entre o patrão e o empregado, além dos acordos escusos estabelecidos entre o Poder Executivo e o Poder Legislativo, a fim de obter a Reforma Trabalhista aprovada pelo Congresso Nacional, bem como o intuito de atender aos interesses do capital/mercado financeiro.

Observamos, também, uma conversa entre um trabalhador que exprime seu sentimento diante do contexto sócio-econômico em que o país se encontra: “*Sinto-me um escravo comprado pelo patrão*”, e o deputado federal fumando seu charuto importado retruca: “*Sou deputado, fui comprado pelo Temer e não estou reclamando*”.

A fala e/ou sentimento expresso pelo empregado que se encontra desolado nos remete ao período de escravidão no Brasil, tendo em vista que havia muita tortura, maus tratos, dor, sofrimento etc. Decorre daí, portanto, a metáfora prototípica escolhida na análise de nossa tese: REFORMA É ESCRAVIZAÇÃO.

Já a afirmação proferida pelo deputado federal é um gatilho para a metáfora conceptual REFORMA É NEGOCIATA, que nos revela possíveis acordos escusos entre o Poder Executivo e o Poder Legislativo, acionando/ativando, dessa maneira, outras metáforas conceptuais como: REFORMA É SUJEIRA, CORRUPÇÃO É SUJEIRA, REFORMA É CORRUPÇÃO e REFORMA É IMORALIDADE

No texto 41, verificamos uma conversa intimidadora do ex-presidente da República Michel Temer com um dos parlamentares do Congresso Nacional. O parlamentar está segurando uma mala, provavelmente, cedida pelo ex-presidente Michel Temer cheia de dinheiro em troca de obter o voto do seu interlocutor.

Nessa direção, a partir de uma leitura corporal e do semblante do ex-presidente Temer, constatamos que ele está apontando o dedo para a mala de dinheiro e dando uma ordem para o parlamentar: “*Vote a favor da reforma!*”, ou seja, configurando-se como uma negociata que tem por objetivo atender os interesses do próprio governo.

Ainda no que diz respeito aos aspectos linguísticos, destacamos a seguinte expressão: “*Simpatia para ganhar dinheiro...*”, ou seja, é sabido que, no imaginário da cultura popular, há várias simpatias (rituais/magias/tradições), que são passadas de geração para outras gerações a fim de obter amor, proteção, saúde, sorte, dinheiro, carreira profissional e assim por diante. Dessa maneira, constatamos, no texto 41, que uma das simpatias/rituais para se ganhar dinheiro é votar a favor da reforma que o ex-presidente Temer indicou como algo bom para os trabalhadores.

No texto 42, notamos uma sátira que o produtor da charge faz em relação aos supostos acordos escusos entre o Poder Legislativo e o Poder Executivo, a fim de atender os interesses dos parlamentares e do Setor Empresarial, que patrocina a campanha deles em troca de favores de caráter pessoal, fazendo uso do dinheiro dos cofres públicos de forma inadequada.

Observamos um homem gordo, fumando um charuto e carregando uma mala, que contém a palavra “centrão” escrita na mala. Na verdade, é possível verificarmos a conceptualização da figura de um parlamentar abastado que não é nem direita, nem esquerda, mas que está disposto a fazer acordos que possam beneficiá-lo de alguma maneira. O parlamentar se encontra com o ex-presidente Michel Temer a fim de obter dinheiro para votar a favor das reformas propostas pelo governo. É importante advertir, que o produtor da charge retrata bem uma negociata suja que visa atender não só os interesses dos parlamentares, mas de todos aqueles que se beneficiarão com a aprovação da reforma trabalhista.

O parlamentar indaga: “*Grande Excia.! Trouxe o adiantamento para iniciarmos as reformas?*”, configurando-se como um negócio em que fica evidente os supostos acordos escusos feitos entre o ex-presidente da República Michel Temer e os parlamentares. Cumpre salientar, contudo, que para ter as propostas das reformas aprovadas pelo Congresso Nacional (Senado Federal + Câmara dos Deputados), o ex-presidente Temer supostamente precisa oferecer dinheiro como moeda de troca, evidenciando, dessa forma, a metáfora conceptual REFORMAS SÃO NEGOCIATAS.

### **3.5 DO BEM-ESTAR/MORALIDADE É RIQUEZA AO MAL-ESTAR/IMORALIDADE É DEGENERAÇÃO/DEGRADAÇÃO**

A partir das metáforas conceptuais MORALIDADE É BEM-ESTAR e NAÇÃO É FAMÍLIA, categorias de análises de nossa pesquisa, pudemos constatar nas análises das charges sobre a Reforma Trabalhista, que o papel do Estado Brasileiro ficou bastante a desejar, uma vez que deveria ser papel do Estado promover o bem-estar dos cidadãos brasileiros, assegurando-lhes educação, trabalho, segurança, assistência social e assim por diante.

Diante do exposto, observou-se que a metáfora conceptual NAÇÃO É FAMÍLIA foi constituída pelo seguinte mapeamento:

Metáfora: NAÇÃO É FAMÍLIA	
Fonte: FAMÍLIA	Alvo: NAÇÃO
pai	→ ex-Presidente Temer
filhos	→ cidadãos/trabalhadores brasileiros
proteção/cuidado/empatia	→ valores morais que devem prezar
laços/elos que unem	→ alianças/acordos

Conforme os estudos empreendidos por Lakoff e Johnson (1999) e Lakoff (2016 [1996]), a metáfora da Moralidade da Família, de modo específico, a Moralidade da Família do Pai/Mãe Cuidadoso/a, é possível percebermos o predomínio de aspectos como empatia, cuidado, proteção e um pai cujo objetivo é ver a felicidade e a realização plena de seus filhos. Além disso, é possível observarmos que o pai é responsável também por fomentar qualidades como a capacidade do cuidado, da empatia e da cooperação em diversas situações, fazendo seus filhos perceberem todas essas virtudes no dia a dia. No entanto, depreendemos, a partir da leitura dos textos chargísticos, que a figura do pai, exercida pelo ex-presidente Temer, foi de um pai negligente e/ou relapso e inclusive desumano, resultando em o que o pai reservou aos FILHOS, ou seja, aos trabalhadores brasileiros.

Verificamos que o papel do maior representante do Estado – o ex-presidente Michel Temer – não se caracterizou de forma alguma como um pai zeloso e/ou cuidadoso. Ao contrário, na perspectiva das charges analisadas, constatamos que o ex-presidente Michel Temer foi conceptualizado a partir de diferentes domínios-fontes ora como *agente imoral*, ora como *senhorzinho absoluto*, ora como *escravocrata*, ora como *torturador*, ora como *mentor da destruição*, ora como *vampiro*, ora como *tamanduá*, ora como *grande comerciante*, e ora como *coronel*.

É possível constatarmos, a partir de algumas metáforas do Sistema da Moralidade dos estudos de Lakoff e Johnson (1999), a exemplo de CUIDADO MORAL UNIVERSAL É CUIDADO FAMILIAR, AÇÃO MORAL É CUIDAR E PROTEGER e até mesmo a metáfora MORALIDADE É BEM-ESTAR, estabelecida como categoria de análise de nossas reflexões, que todas essas metáforas foram colocadas em xeque diante das análises empreendidas, levando em consideração a perspectiva dos produtores das charges.

Através da metáfora do Cuidado Moral, verificamos que o pai é responsável por proteger, educar, alimentar e dar as mínimas condições de vida, exercendo de modo especial o princípio da empatia para com sua criança, uma vez que isso não acontece, é possível asseverarmos que o pai está roubando algo precioso que seu filho tem direito.

Diante do exposto, é possível assinalarmos que algumas obrigações morais geralmente estabelecidas no seio familiar são extensíveis também para o âmbito de uma determinada comunidade, uma vez que os seres humanos que pertencem a essa comunidade, por exemplo, são equiparados/nivelados aos membros de uma mesma família. Sendo assim, levamos em consideração nas análises a metáfora CUIDADO MORAL UNIVERSAL É

CUIDADO FAMILIAR, pois cada pessoa de uma dada comunidade é responsável por cuidar dos demais membros como ação moral de uma conduta ética, conforme os estudos de Lakoff e Johnson (1999).

A ocorrência das metáforas REFORMA É MASSACRE/TORTURA e REFORMA É ROUBO no *corpus* analisado, por exemplo, ilustrou, de maneira singular, que o papel de pai exercido pelo ex-presidente Michel Temer foi de encontro à metáfora do Cuidado Moral. A partir da perspectiva das charges, e conseqüentemente da leitura do modelo cognitivo metafórico, é possível assinalarmos a maneira pela qual o ex-presidente Temer foi representado nos textos, uma vez que feriu a promoção do bem-estar humano em todas as suas dimensões (moral, ética, social, psíquica etc.).

A recorrência significativa da metáfora que pode ser considerada como prototípica REFORMA É ESCRAVIZAÇÃO reforça a ideia de que, após a aprovação da reforma do trabalho, temos uma retomada dos costumes e/ou hábitos do período da escravidão no Brasil, ou seja, um verdadeiro retrocesso diante das conquistas adquiridas tanto pela CLT quanto pela Constituição de 1988, demonstrando o comportamento do ex-presidente Temer, dos parlamentares, dos grandes empresários e revelando aquilo que foi reservado aos filhos da Nação.

A partir das metáforas MORALIDADE É BEM-ESTAR e MORALIDADE É EQUILÍBRIO, como faróis para iluminar nosso estudo, é possível questionarmos qual seria, de fato, a missão/papel do Estado Brasileiro; em que medida o Estado zela pelo bem-estar da população/trabalhadores através de ações positivas como educação, boas condições de trabalho, saúde etc., respeitando os princípios fundamentais da Constituição de 1988 – (i) soberania; (ii) cidadania; (iii) dignidade da pessoa humana; (iv) valores sociais do trabalho e da livre iniciativa e (v) pluralismo político –, promovendo desse modo equilíbrio e desenvolvimento humano.

Partindo das metáforas AGENTES MORAIS SÃO PAIS CUIDADOSOS e AÇÃO MORAL É CUIDAR E PROTEGER, verificamos, nas análises empreendidas, que o ex-presidente Temer, os parlamentares do Congresso Nacional e os grandes empresários foram conceptualizados como *agentes imorais* pelos produtores das charges através do modelo cognitivo metafórico. Constatamos, desse modo, o acionamento de metáforas conceptuais tais como: AÇÃO IMORAL É NÃO CUIDAR E NÃO PROTEGER, AGENTES IMORAIS SÃO PAIS IRRESPONSÁVEIS/NEGLIGENTES e AÇÃO IMORAL É DESCASO/INDIFERENÇA.

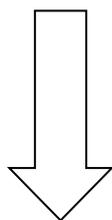
Verificamos também que a metáfora da Família do Pai/Mãe Cuidadoso/a, abrangendo/contemplando de maneira mais específica as metáforas do Cuidado Moral e da Empatia Moral, não corresponderam ao modelo de pai exercido pelo ex-presidente Michel Temer. Constatamos, através da ocorrência das metáforas REFORMA É ESCRAVIZAÇÃO (macro metáfora), REFORMA É MASSACRE/TORTURA, REFORMA É PUNIÇÃO/CASTIGO, REFORMA É ROUBO, REFORMA É DESTRUIÇÃO/GUERRA, REFORMA É MORTE, REFORMA É ARMADILHA/TRAPAÇA, REFORMA É CORTE, REFORMA É NEGOCIATA e EX-PRESIDENTE TEMER É PAI DA NAÇÃO, que alguns atributos negativos como *torturador*, *vampiro*, *mentor de destruição* e *coronel* foram evidenciados/iluminados para a conceptualização do *ex-presidente Temer*.

Nas análises empreendidas, constatamos também que os cidadãos brasileiros, de modo particular os trabalhadores/operários, foram conceptualizados de uma maneira bastante nociva/prejudicial e infeliz. Percebemos que alguns atributos como *escravo*, *burro de carga*, *objeto descartável*, *escória*, *assaltado*, *indivíduo perigoso*, *inimigo*, *desolado* e *presa* foram evidenciados de diferentes domínios-fontes para a estruturação e entendimento do domínio-alvo TRABALHADOR.

Em vista disso, foi possível fazermos a inferência de qual tipo de pai caracterizava o ex-presidente Michel Temer. Na verdade, verificamos que se tratava de um pai que não tinha zelo, cuidado e nenhuma empatia para com seus filhos. Sendo assim, foi possível observamos, a partir das análises empreendidas, a conceptualização/categorização do ex-presidente Temer como um *pai negligente*, *relapso* e *desumano*, que vai de encontro à metáfora da Família do Pai/Mãe Cuidadoso/a. Assim, constatamos, a partir da conceptualização tanto dos representantes do Estado quanto dos trabalhadores, bem como da rede/teia de metáforas imbricadas, nas análises arroladas, o acionamento das seguintes metáforas conceptuais: Do BEM-ESTAR/MORALIDADE É RIQUEZA chegamos ao MAL-ESTAR/IMORALIDADE É DEGENERAÇÃO/DEGRADAÇÃO.

No diagrama a seguir, esquematizamos a categorização da Reforma Trabalhista com seus respectivos desdobramentos/inferências, e, demonstramos também, alguns possíveis valores ideológicos nefastos que a reforma em estudo gerou na população brasileira, a partir da visão das charges analisadas.

Macro metáfora:  
**REFORMA TRABALHISTA É  
 ESCRAVIZAÇÃO**



<b>CATEGORIZAÇÃO DA REFORMA TRABALHISTA NAS CHARGES</b>	
<b>Reforma Trabalhista</b>	REFORMA É MASSACRE/TORTURA
	REFORMA É PUNIÇÃO/CASTIGO
	REFORMA É ROUBO
	REFORMA É DESTRUIÇÃO/GUERRA
	REFORMA É MORTE
	REFORMA É ARMADILHA/TRAPAÇA
	REFORMA É CORTE
	REFORMA É NEGOCIATA
<p>- A partir da recorrência das metáforas supracitadas, é possível fazermos algumas inferências através das charges analisadas, em que constatamos que a Reforma Trabalhista foi categorizada como algo ruim para os cidadãos/trabalhadores.</p>	

REFORMA É RETROCESSO
REFORMA É PRECARIZAÇÃO
REFORMA É DESCASO
REFORMA É ESPOLIAÇÃO DE DIREITOS
REFORMA É ENGODO
REFORMA É IMORALIDADE
REFORMA É SUJEIRA
REFORMA É CORRUPÇÃO
REFORMA É ESCRAVIZAÇÃO
REFORMA É MORTE

A partir da recorrência das metáforas que foram analisadas em nossa investigação como REFORMA É ESCRAVIZAÇÃO (macro metáfora), REFORMA É MASSACRE/TORTURA, REFORMA É PUNIÇÃO/CASTIGO, REFORMA É ROUBO, REFORMA É DESTRUIÇÃO/GUERRA, REFORMA É MORTE, REFORMA É ARMADILHA/TRAPAÇA, REFORMA É CORTE e REFORMA É NEGOCIATA, é possível fazermos inferência a outras metáforas negativas, sob a perspectiva do textos chargísticos: REFORMA É RETROCESSO, REFORMA É PRECARIZAÇÃO, REFORMA É DESCASO, REFORMA É ESPOLIAÇÃO DE DIREITOS, REFORMA É ENGODO, REFORMA É IMORALIDADE, REFORMA É SUJEIRA, REFORMA É CORRUPÇÃO e REFORMA É MORTE.

É mister informar que, como categoria de análise para a reforma em estudo, tomamos as metáforas MORALIDADE É BEM-ESTAR e NAÇÃO É FAMÍLIA, levando em consideração que os políticos enquanto representantes legais do povo brasileiro deveriam proporcionar uma reforma que beneficiasse a todos, e não o contrário, como ficou evidenciado em nossas análises.

É importante frisar, que a partir do levantamento da metáfora considerada como prototípica REFORMA É ESCRAVIZAÇÃO, constatamos a ocorrência de outras metáforas negativas que estão a serviço da macro metáfora supracitada, formando desse modo uma teia/rede de metáforas interligadas.

Ainda, no que tange ao quadro anterior, verificamos que a categorização/conceptualização de *reforma*, ao longo das análises empreendidas nesta tese, foi interpretado através do modelo cognitivo metafórico, em que alguns traços como

*escravização, massacre/tortura, punição/castigo, roubo, destruição/guerra, morte, armadilha/trapaça, corte e negociata* foram mapeados parcial e seletivamente de diferentes domínios-fontes, e, conseqüentemente, foram iluminados/evidenciados para a estruturação e a compreensão do domínio-alvo REFORMA TRABALHISTA.

Na análise empreendida da Reforma Trabalhista em estudo, ficou explícito que os trabalhadores brasileiros são categorizados ora como *escravos* e ora como *burro de carga*. Outro aspecto que chamamos atenção é para o fato do trabalhador ser conceptualizado como *coisa e/ou objeto* em algumas charges analisadas. Trata-se, na verdade, da coisificação do ser humano, ou seja, com a aprovação da Reforma Trabalhista, os trabalhadores serão reduzidos a coisas/objetos descartáveis.

A partir da recorrência das metáforas conceituais REFORMA É ESCRAVIZAÇÃO, REFORMA É MASSACRE/TORTURA, REFORMA É PUNIÇÃO/CASTIGO, REFORMA É ROUBO, REFORMA É DESTRUIÇÃO/GUERRA, REFORMA É MORTE, REFORMA É ARMADILHA/TRAPAÇA, REFORMA É CORTE e REFORMA É NEGOCIATA, é possível elencarmos alguns valores ideológicos nefastos que emergem das charges investigadas como:

- (i) exploração de maneira perversa e desumana do trabalhador brasileiro, que, através da aprovação da reforma trabalhista, será tratado como escravo, ou seja, temos a perpetuação no poder de uma elite escravocrata;
- (ii) desqualificação do trabalhador, tanto do ponto de vista profissional como ser humano de uma forma integral, uma vez que o trabalhador brasileiro é categorizado ora como burro de carga, e ora como escravo;
- (iii) retomada dos hábitos da escravidão do período do Brasil colonial e monárquico em que era permitido meter/colocar no tronco e dar chibatadas nos escravos.
- (iv) espoliação dos direitos adquiridos pelos trabalhadores brasileiros com o intuito de atender aos interesses dos grandes empresários que representam o capital financeiro.
- (v) aumento ainda mais das desigualdades sociais existentes em nosso país, em que uma pequena minoria detém a maior concentração de renda em suas mãos,

enquanto que a maioria da população fica com uma fatia minúscula da concentração de renda per capita.

A partir da recorrência das metáforas conceptuais supramencionadas, pudemos constatar algumas ideologias que foram listadas acima. Desse modo, assinalamos que os estudos empreendidos nesta tese estão em consonância com os estudos aventados por Goatly (2007), Charteris-Black (2004, 2005) e Kövecses (2005), pois esses autores advogam que tanto a cultura como os aspectos ideológicos exercem um grande papel na produção de muitas metáforas que usamos em nosso dia a dia.

Nessa direção, ancorado nos estudos de van Dijk (2015), é possível asseverar que os textos chargísticos analisados, da reforma em questão, desempenham um papel preponderante na reprodução de alguns valores ideológicos, pois, temos a manifestação de algumas ideologias que são percebidas/vislumbradas de acordo com o momento sócio-histórico de uma dada comunidade.

**Cálice**

Como beber dessa bebida amarga  
Tragar a dor, engolir a labuta  
Mesmo calada a boca, resta o peito  
Silêncio na cidade não se escuta  
De que me vale ser filho da santa  
Melhor seria ser filho da outra  
Outra realidade menos morta  
Tanta mentira, tanta força bruta

Como é difícil acordar calado  
Se na calada da noite eu me dano  
Quero lançar um grito desumano  
Que é uma maneira de ser escutado  
Esse silêncio todo me atordoa  
Atordoados eu permaneço atento  
Na arquibancada pra a qualquer momento  
Ver emergir o monstro da lagoa

Talvez o mundo não seja pequeno  
Nem seja a vida um fato consumado  
Quero inventar o meu próprio pecado  
Quero morrer do meu próprio veneno  
Quero perder de vez tua cabeça  
Minha cabeça perder teu juízo  
Quero cheirar fumaça de óleo diesel  
Me embriagar até que alguém me esqueça

Pai, afasta de mim esse cálice  
Pai, afasta de mim esse cálice  
Pai, afasta de mim esse cálice  
De vinho tinto de sangue

**(Chico Buarque e Gilberto Gil)**

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo de uma perspectiva semântico-cognitiva, esta pesquisa analisou as metáforas conceptuais no gênero discursivo charge, cujo tema versava sobre a Reforma Trabalhista no governo do ex-presidente Michel Temer.

A partir dos pressupostos da Teoria da Metáfora Conceptual (TMC), defendida por Lakoff e Johnson (2002 [1980]), nossa pesquisa teve como objetivo constatar como a Reforma Trabalhista foi categorizada em textos chargísticos através do MCI metafórico, e, conseqüentemente como os trabalhadores e os representantes do Estado Brasileiro também foram conceptualizados.

De forma geral, asseveramos que a análise dos dados corroborou com a hipótese levantada, tendo em vista que foi constatado como a Reforma Trabalhista e os atores envolvidos (agentes de que dela fazem parte) foram conceptualizados pelo Estado através do ponto de vista dos produtores de charges, revelando-nos, assim, alguns valores ideológicos que alicerçaram a reforma em estudo.

Como eixo balizador do percurso trilhado, informamos que tomamos, como referencial teórico, os estudos sobre Categorização de Lakoff (1987) sob o viés da abordagem experiencial, além de termos lançado mão da Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs), de modo particular o MCI metafórico, conforme os estudos de Lakoff (1987) e as contribuições de Feltes (2007). É mister advertir que a Teoria da Metáfora Conceptual (TMC) de Lakoff e Johnson (2002 [1980], 2003) foi o balizador central para a construção desta pesquisa, uma vez que a obra “*Metaphors We Live by*” dos referidos autores foi a mola propulsora e desencadeadora dos estudos no escopo da Semântica Cognitiva (SC).

Lançamos mão também dos estudos sobre metáfora conceptual, cultura e ideologia, conforme Yu (2008), Kövecses (2000, 2005), Goatly (2007) e Charteris-Black (2004, 2005). Para a caracterização da charge como texto multimodal, utilizamos os estudos empreendidos por Forceville (2008, 2009) e Forceville e Urios-Aparisi (2009) que destacaram a relevância da sistematização das metáforas multimodais a partir de diversos gêneros discursivos, a exemplo de charge política, propaganda, filme, música e assim por diante.

No que tange às análises empreendidas ao longo de nosso trabalho, é relevante frisar que utilizamos os estudos sobre o Sistema Metafórico da Moralidade postulado por Lakoff e Johnson (1999), Lakoff (2016 [1996]) e Lakoff (1995). Ressaltamos que, de modo especial, tomamos como categoria de análise as metáforas MORALIDADE É BEM-ESTAR e NAÇÃO É

FAMÍLIA, bem como suas contrapartes e seus desdobramentos, a saber: BEM-ESTAR É AÇÃO MORAL, AÇÃO MORAL É CUIDAR E PROTEGER, CUIDADO MORAL UNIVERSAL É CUIDADO FAMILIAR e MORALIDADE É EQUILÍBRIO. Além disso, também laçamos mão de estudos aventados por alguns pesquisadores do campo da História, Sociologia e do Direito para contextualizar a situação socioeconômica brasileira.

Levando em consideração que as metáforas estão “baseadas na natureza de nossos corpos e interações sociais” (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 290, Tradução nossa), podemos asseverar que a recorrência de REFORMA É ESCRAVIZAÇÃO, REFORMA É MASSACRE/TORTURA, REFORMA É PUNIÇÃO/CASTIGO, REFORMA É ROUBO, REFORMA É DESTRUÇÃO/GUERRA, REFORMA É MORTE, REFORMA É ARMADILHA/TRAPAÇA, REFORMA É CORTE e REFORMA É NEGOCIATA, que categorizam a Reforma Trabalhista, também ratifica a tese de que o pensamento é corporificado conforme os estudiosos supracitados em nossa tese, bem como revelam que as metáforas conceituais variam de acordo com o momento sócio-histórico, a depender também das possíveis interações sociais.

É mister informar que, na análise empreendida, buscamos algumas respostas pontuais para as seguintes questões suscitadas: (i) De que maneira a Reforma Trabalhista foi categorizada nos textos chargísticos analisados, segundo os produtores de charges, no período do mandato do ex-presidente Michel Temer? (ii) Quais as metáforas conceituais mais recorrentes no gênero discursivo charge relativas à Reforma do Trabalho? (iii) A partir do maior número de recorrência de metáforas conceituais no *corpus* investigado, qual foi a metáfora considerada prototípica da reforma em questão? (iv) Levando em consideração a rede/teia de metáforas interligadas em nossas análises, quais foram os possíveis valores ideológicos nefastos inferidos a partir da perspectiva das charges em estudo?

Diante da análise apresentada, podemos tecer algumas considerações finais sobre os resultados alcançados. Podemos dizer que as metáforas conceituais que categorizam o domínio-alvo *reforma trabalhista* em nossa cultura, de modo especial, através do contexto sócio-histórico em que estamos imersos, no geral são consideradas convencionais.

É sabido, a partir das análises arroladas, que o conceito de *reforma* foi interpretado através do modelo cognitivo metafórico. Constatamos que para a estruturação e compreensão do domínio-alvo REFORMA, concebido metaforicamente, foram mapeados alguns traços/elementos de diferentes domínios-fontes. Embora o domínio-alvo REFORMA seja o mesmo, o mapeamento de alguns atributos evidenciados do domínio-fonte para o domínio-

alvo é ímpar/singular, uma vez que a noção *reforma* recebe diferentes concepções. Desse modo, verificamos que o conceito *reforma* foi conceptualizado ora como *escravização*, ora como *massacre/tortura*, ora como *punição/castigo*, ora como *roubo*, ora como *destruição/guerra*, ora como *morte*, ora como *armadilha/trapaça*, ora como *corte*, ora como *negociata*, inclusive podendo receber outras acepções além das arroladas.

Nas análises dos dados, a primeira recorrência constatada foi a metáfora REFORMA É ESCRAVIZAÇÃO, que foi escolhida e pode ser considerada como metáfora prototípica pelo maior número de ocorrências nos textos chargísticos e pela sua representatividade/expressividade. Ressaltamos que a referida metáfora ocupou um lugar proeminente, nos revelando, a partir da perspectiva dos produtores de charges, uma retomada aos costumes/hábitos do período da escravidão, ou seja, algo semelhante ao que ocorria no Brasil colonial e monárquico. No mapeamento da metáfora supracitada, pudemos verificar que alguns traços foram mapeados seletivamente do domínio-fonte ESCRAVIZAÇÃO para o entendimento do domínio-alvo REFORMA, iluminando alguns aspectos como *escravizador*, *capataz*, *escravo*, *agente imoral*, *fardo*, *cruz*, *correntes*, *chicote* e *instrumentos de tortura*.

A segunda recorrência significativa verificada foi a metáfora REFORMA É MASSACRE/TORTURA, em que foi possível observar o trabalhador tratado como mão-de-obra barata, além de ser massacrado e explorado de forma desumana pelo empregador (empresário + ex-presidente Temer), a partir das charges analisadas. No que diz respeito ao mapeamento, foi constatado que alguns aspectos foram evidenciados do domínio-fonte MASSACRE/TORTURA, como *massacre*, *tortura*, *torturador*, *torturado*, *objeto descartável* e *recursos para torturar* para a estruturação do domínio-alvo REFORMA.

A terceira recorrência foi a metáfora REFORMA É PUNIÇÃO/CASTIGO, em consonância com a macro metáfora REFORMA É ESCRAVIZAÇÃO, e acabou nos revelando que os trabalhadores/operários que não atingiram/alcançaram as metas estabelecidas foram punidos/castigados pelos seus patrões. No mapeamento, verificamos que alguns aspectos do domínio-fonte PUNIÇÃO/CASTIGO, a exemplo de *castigo*, *castigado*, *punido*, *castigador*, *cruz*, *tronco*, *algemas*, *prego* e *punição* foram iluminados para o entendimento do domínio-alvo. Identificamos a recorrência da metáfora REFORMA É ROUBO, em que constatamos como a relação patrão *versus* empregado, a partir da perspectiva dos textos chargísticos analisados, desfavorece de maneira desumana o trabalhador/operário, caracterizando-se desse modo como um verdadeiro roubo. A partir da ocorrência da metáfora supracitada, foi

possível fazermos inferência à metáfora conceptual REFORMA É ESPOLIAÇÃO DE DIREITOS.

A quinta metáfora recorrente foi REFORMA É DESTRUÇÃO/GUERRA, em que verificamos o ex-presidente Temer como mentor de uma guerra declarada contra os trabalhadores/operários brasileiros, a partir das charges analisadas. No mapeamento metafórico, pudemos identificar que alguns traços como *soldados, inimigos, objetivos traçados, mentores de guerra, armas usadas, alvo, estratégias usadas, vencedor e perdedor* foram evidenciados do domínio-fonte DESTRUÇÃO/GUERRA para a compreensão do domínio-alvo REFORMA DO TRABALHO. Constatamos que a metáfora REFORMA É MORTE foi a sexta recorrente no *corpus* investigado, em que pudemos verificar o ex-presidente Temer enterrando os direitos trabalhistas asseguradas tanto pela CLT quanto pela Constituição de 1988. Através da ocorrência da metáfora supracitada, foi possível inferirmos a metáfora REFORMA É DEGENERACÃO/DEGRADACÃO. Identificamos a recorrência da metáfora REFORMA É ARMADILHA/TRAPAÇA, e desse modo percebemos, através da perspectiva das charges, uma grande armadilha não só para ludibriar a população brasileira, mas também para extinguir/anular todas as garantias de trabalho. A ocorrência da metáfora supramencionada foi um gatilho para inferirmos a metáfora REFORMA É IMORALIDADE.

Na análise dos dados, verificamos que a oitava metáfora recorrente foi REFORMA É CORTE, em que identificamos como intuito do ex-presidente Temer + Congresso Nacional + empresários cortar drasticamente todos os direitos trabalhistas. No mapeamento metafórico, verificamos que alguns aspectos como *objeto cortado, quem corta, instrumentos usados, tesoura, faca, quem sofre o corte e consequências do corte* foram evidenciados do domínio-fonte CORTE para a estruturação do domínio-alvo REFORMA. A nona metáfora recorrente foi REFORMA É NEGOCIATA, em que pudemos perceber a livre negociação entre patrão/empresário *versus* empregado, de maneira que o trabalhador/operário sai desfavorecido/em desvantagem, além disso, foi constatado, a partir das charges analisadas, alguns acordos suspeitos entre o ex-presidente Temer e o Congresso Nacional. Diante disso, a ocorrência da metáfora supramencionada nos remeteu como um gatilho a outras metáforas como: REFORMA É SUJEIRA e REFORMA É CORRUPÇÃO.

Desse modo, verificamos que a recorrência das metáforas analisadas/encontradas como REFORMA É MASSACRE/TORTURA, REFORMA É PUNIÇÃO/CASTIGO, REFORMA É ROUBO, REFORMA É DESTRUÇÃO/GUERRA, REFORMA É MORTE, REFORMA É

ARMADILHA/TRAPAÇA, REFORMA É CORTE e REFORMA É NEGOCIATA estavam a serviço da macro metáfora REFORMA É ESCRAVIZAÇÃO.

Verificamos, assim, na análise empreendida, que as metáforas REFORMA É ESCRAVIZAÇÃO, REFORMA É MASSACRE/TORTURA, REFORMA É PUNIÇÃO/CASTIGO, REFORMA É ROUBO, REFORMA É DESTRUIÇÃO/GUERRA, REFORMA É MORTE, REFORMA É ARMADILHA/TRAPAÇA, REFORMA É CORTE e REFORMA É NEGOCIATA são recorrentes no *corpus* em estudo e acabam ativando uma rede de metáforas que estão imbricadas: REFORMA É RETROCESSO, REFORMA É DESCASO, REFORMA É ESPOLIAÇÃO DE DIREITOS, REFORMA É IMORALIDADE, REFORMA É RESSUREIÇÃO/ASCENSÃO AO CÉU, REFORMA É ENGODO, REFORMA É SUJEIRA, REFORMA É CORRUPÇÃO e REFORMA É MORTE.

Em nossa tese, pudemos constatar também que a relação entre metáfora conceptual, cultura e ideologia é uma relação quase constitutiva, uma vez que o estudo da conceptualização da Reforma Trabalhista no contexto sócio-histórico-político que estamos inseridos influencia diretamente na forma como a reforma em estudo foi categorizada.

De acordo com Lakoff e Johnson (2002 [1980]), quando iluminamos alguns traços da entidade que está sendo conceptualizada em detrimento de outros aspectos que são ocultados, temos o que se denomina de mapeamento metafórico na Teoria da Metáfora Conceptual (TMC). Desse modo, é possível afirmar que a escolha dos termos lexicais possui um caráter ideológico, tendo em vista que perpassa por algumas peculiaridades/traços que queremos destacar e/ou apagar.

Em nossas análises, a partir das categorias de análise MORALIDADE É BEM-ESTAR e NAÇÃO É FAMÍLIA, verificamos que os representantes do Estado-Nação foram conceptualizados como *agentes imorais* e *pais irresponsáveis* pelo não cuidado/zelo em relação às ações/atitudes tomadas para com a classe trabalhadora, na perspectiva das chages em estudo. Corroborando como o exposto, constatamos, através do modelo cognitivo metafórico, que o ex-presidente Temer + o Congresso Nacional + os empresários foram conceptualizados através da iluminação/evidenciação de traços como *vilão*, *mentor de destruição*, *vampiro*, *torturador*, *assaltante* e *malfeitor*, todos atributos negativos para agentes que deveriam zelar pelo bem-estar da população brasileira.

Em relação às metáforas CUIDADO MORAL UNIVERSAL É CUIDADO FAMILIAR e ACÇÃO MORAL É CUIDAR E PROTEGER, tomadas como uma teia de metáforas imbricadas que serviu de farol para iluminar as análises desta investigação, constatamos que foram colocadas em xeque, pois os trabalhadores foram tratados como filhos

desamparados/desassistidos pelos seus representantes. Através do modelo cognitivo metafórico, foi verificado que alguns aspectos como *escravo*, *burro de carga*, *objeto descartável*, *escória* e *presa* foram mapeados parcial e seletivamente de vários domínios-fontes para a compreensão do domínio-alvo TRABALHADOR.

Ainda no que tange aos valores ideológicos que foram identificados em nossa análise, a partir da recorrência das metáforas conceptuais REFORMA É ESCRAVIZAÇÃO, REFORMA É MASSACRE/TORTURA, REFORMA É PUNIÇÃO/CASTIGO, REFORMA É ROUBO, REFORMA É DESTRUIÇÃO/GUERRA, REFORMA É MORTE, REFORMA É ARMADILHA/TRAPAÇA, REFORMA É CORTE e REFORMA É NEGOCIATA, verificamos os seguintes valores nefastos: (i) a exploração do trabalhador de maneira desumana; (ii) a desqualificação do trabalhador; (iii) a retomada dos costumes/hábitos do período da escravidão; (iv) a espoliação dos direitos conquistados pela classe dos trabalhadores; (v) aumento das desigualdades sociais em nosso país.

Por fim, constatamos que as metáforas conceptuais estudadas/listadas em nosso trabalho são utilizadas com um propósito de cunho ideológico de demonstrar os interesses/comportamentos/valores associados a um determinado grupo social, a exemplo da classe política como agentes/representantes do Estado-Nação, bem como um dispositivo de persuasão, conforme os estudos aventados por Charteris-Black (2004, 2005) e Goatly (2007). Ademais, considerando que o gênero charge possui o carácter intrínseco e/ou função política de criticar uma determinada pessoa ou uma dada situação que estamos vivenciando, pudemos perceber, em nosso *corpus*, várias críticas feitas por diversos produtores de charges em relação à Reforma Trabalhista. Advertimos, desse modo, que as metáforas conceptuais analisadas, que corroboram e ratificam as críticas feitas pelos produtores das charges, também possuem a função/estratégia semântico-discursiva de denunciar/criticar como foi assinalado no *corpus* estudado.

**Andar com Fé**

Que a fé tá na mulher  
A fé tá na cobra coral  
Oh! Oh!  
Num pedaço de pão  
A fé tá na maré  
Tá na lâmina de um punhal  
Oh! Oh!  
Na luz, na escuridão

A fé tá na manhã  
A fé tá no anoitecer  
Oh! Oh!  
No calor do verão  
A fé tá viva e sã  
A fé também tá prá morrer  
Oh! Oh!  
Triste na solidão

Certo ou errado até  
A fé vai onde quer que eu vá  
Oh! Oh!  
A pé ou de avião  
Mesmo a quem não tem fé  
A fé costuma acompanhar  
Oh! Oh!  
Pelo sim, pelo não

Andá com fé eu vou  
Que a fé não costuma faiá  
Olêlê!

**(Gilberto Gil)**

## REFERÊNCIAS

ABREU, A. S. **Linguística Cognitiva: uma visão geral e aplicada**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2010.

A CHARGE ONLINE: jornal de charges. Disponível em: <<http://www.chargeonline.com.br/>> Acesso em: ago. – dez. 2017.

AHRENS, J. M. Noam Chomsky: “As pessoas já não acreditam nos fatos”. **El País**. 12 mar. 2018. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/06/cultura/1520352987\\_936609.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/06/cultura/1520352987_936609.html)> Acesso em: 21 mar. 2018.

ANDRADE, L. H. S.; SILVA, M. A. da. Metáforas multimodais sobre a reforma da previdência social no Brasil: uma análise semântico-cognitiva no gênero charge. In: **Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 44, n. 79, jan./abr. 2019. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/12676>> Acesso em: 18 fev. 2019.

ARISTÓTELES. **Arte poética**. (Tradução de Pietro Nasseti). São Paulo: Martin Claret, 2002.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000 [1953], p. 261-306.

BARCELONA, A. (ed.) **Metaphor and metonymy at the crossroads: a cognitive perspective**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2003.

BARRETO, D. R. S. **Conceitualização de educação à luz da teoria dos modelos cognitivos idealizados: percorrendo veredas entre mente e linguagem dos alunos da educação básica**. 2011, 141 p. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

BEHRING, E. R. A condição da política social e a agenda da esquerda no Brasil. In: **SER Social**. Brasília, v. 18, n. 38. p. 13-29, jan./jun. 2016.

BERLIN, B.; KAY, P. Basic colour terms: their universality and evolution. Berkeley: University of California Press, 1969.

BLOG DO BRUNO. Disponível em: <<http://chargesbruno.blogspot.com/>> Acesso em: ago. – dez. 2017.

BRASÍLIA. **Uma ponte para o futuro**. Fundação Ulysses Guimarães. PMDB, 29 de outubro de 2015. Disponível em: <<https://www.fundacaoulysses.org.br/wp-content/uploads/2016/11/UMA-PONTE-PARA-O-FUTURO.pdf>> Acesso em: 27 jan. 2019.

CAMERON, L. **Metaphor in educational discourse**. London: Continuum, 2003.

CARNEIRO, P. L. **Metáforas conceituais da corrupção na charge e no blog jornalístico**. 2012, 212 p. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

CAVALCANTI, F. C. **A análise da expressão convencional *cabra* sob a perspectiva da teoria dos modelos cognitivos idealizados**. 2014, 243 p. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

CARVALHO, A. B. de. Reforma da previdência: desvenda-me ou eu te devoro. In: GIORGI, F.; MADUREIRA, L.; AGUSTINHO, T.; LOPES, A. F. M. (Orgs.) **O golpe de 2016 e a reforma da previdência: narrativas de resistência**. São Paulo: Editorial Praxis, 2017. (Ebook)

CHARTERIS-BLACK, J. **Politicians and Rhetoric: The Persuasive Power of Metaphor**. New York: Palgrave Macmillan, 2005.

\_\_\_\_\_. **Corpus approaches to Critical Metaphor Analysis**. New York: Palgrave Macmillan, 2004.

COSTA, A. F. F. A reforma da previdência do governo Temer e o enterro da aposentadoria. In: GIORGI, F.; MADUREIRA, L.; AGUSTINHO, T.; LOPES, A. F. M. (Orgs.) **O golpe de 2016 e a reforma da previdência: narrativas de resistência**. São Paulo: Editorial Praxis, 2017. (Ebook)

CUENCA, M. J.; HILFERTY, J. **Introducción a la lingüística cognitiva**. Barcelona: Editorial Ariel, S. A., 2007.

EL REFAIE, E. Metaphor in political cartoons: Exploring audience responses. In: FORCEVILLE, C; URIOS-APARISI, E. (ed.) **Multimodal Metaphor**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2009. p.173-196.

ESPÍNDOLA, L. A charge no ensino de língua portuguesa. **Letr@ viv@**, João Pessoa, v.1, n.3, p. 107-116, 2001.

FARIAS, E. M. P.; MARCUSCHI, L. A. A metáfora das cores na linguagem e no pensamento. In: PINTO, Abuência Padilha (Org.) **Tópicos em cognição e linguagem**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2006.

FAUSTO, B. **História do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1995.

FELTES, H. P. M. **Semântica cognitiva: ilhas, pontes e teias**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007. 392 p.

FERRARI, L. **Introdução à Linguística Cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011.

FERRARI, I.; NASCIMENTO, A. M.; MARTINS FILHO, I. G. da S. **História do trabalho, do direito do trabalho e da justiça do trabalho**. São Paulo: LTr Editora, 1998.

FERREIRA, B. C. **Dilma: mãe ou madrasta? Metáforas conceptuais que categorizam a presidente em charges**. 2015, 223p. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

FORCEVILLE, C. Multimodal metaphor in tem Dutch TV Commercials.. In: **The Public Journal of Semiotics I** (1), jan. 2007, p. 15-34

\_\_\_\_\_. Metaphor in Pictures and Multimodal Representations. In: GIBBS, R. (ed.) **The Cambridge Handbook of Metaphor and thought**. Oxford: University Press, 2008, p. 462-482.

\_\_\_\_\_. Non-verbal and multimodal metaphor in a cognitivist framework: Agendas for research. In: FORCEVILLE, C.; URIOS-APARISI, E. (ed.) Applications of cognitive linguistics: **Multimodal Metaphor**. New York: Mouton de Gruyter, 2009. p. 19-42

FORCEVILLE, C; URIOS-APARISI, E. (ed.) **Multimodal Metaphor**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2009.

FRANZIN, A.; JADE, L. Reforma trabalhista: veja ponto a ponto como ficou a lei aprovada pelo congresso. **Agência Brasil**. 12 de jul. 2017. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2017-07/reforma-trabalhista-veja-principais-mudancas-enviadas-sancao-presidencial>> Acesso em: 26 jul. 2018.

FREITAS, V. Prefácio. In: GIORGI, F.; MADUREIRA, L.; AGUSTINHO, T.; LOPES, A. F. M. (Orgs.) **O golpe de 2016 e a reforma da previdência: narrativas de resistência**. São Paulo: Editorial Praxis, 2017. (Ebook)

FREITAS, A. M. A. de; CONFORTI, L. P. Desmantelamento dos direitos sociais: seguridade social por um fio. In: GIORGI, F.; MADUREIRA, L.; AGUSTINHO, T.; LOPES, A. F. M. (Orgs.) **O golpe de 2016 e a reforma da previdência: narrativas de resistência**. São Paulo: Editorial Praxis, 2017. (Ebook)

FUCS, J. **A reconstrução do Brasil: os grandes desafios do país para alcançar o desenvolvimento sustentável, a estabilidade política e o bem-estar social**. São Paulo: O Estado de São Paulo, 2017. 149 p.

GIBBS, R. W. **The Poetics of Mind: figurative, thought, language, and understanding**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

\_\_\_\_\_. Cognitive Linguistics and Metaphoric Research: Past successes, skeptical questions, future challenges. **DELTA**, São Paulo, v. 22: Especial, 2006. pp. 1-20. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-44502006000300003](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502006000300003)> Acesso em: 27 abri 2017.

GOATLY, A. **Washing the brain: metaphor and hidden ideology**. Philadelphia: John Benjamins, 2007.

GRADY, J. E. **Foundations of meaning: primary metaphor and primary scenes**. 299 p. Dissertation (Ph.D. in Linguistics). University of California, Berkeley, 1997.

HUMOR POLÍTICO: rir para não chorar. Disponível em: <<https://www.humorpolitico.com.br/>> Acesso em: ago. – dez. 2017.

IANNI, O. **Escravidão e racismo**. São Paulo: Hucitec, 1978.

JOHNSON, M. **Moral Imagination:** implications of cognitive science for ethics. Chicago: University of Chicago Press, 1993. 287 p.

KÖVECSES, Z. **Metaphor:** a practical introduction. New York: Oxford University Press, 2002.

\_\_\_\_\_. **Metaphor and emotion:** language, culture, and body in human feelings. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

\_\_\_\_\_. **Metaphor of anger, pride, and love:** a lexical approach to the study of concepts. Amsterdam: Benjamins, 1986.

\_\_\_\_\_. **Metaphor in culture:** universality and variation. New York. Cambridge University Press, 2005.

\_\_\_\_\_. **Language, mind and culture.** Oxford, Oxford University Press, 2006.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. Reading Images: the grammar of visual design. 5ed. London, New York: Routledge, 2006 [1996].

KUENZER, A. C. **Pedagogia da fábrica:** as relações de produção e a educação do trabalhador. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana.** (Coordenação da tradução: Mara Sophia Zanotto) Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: EDU, 2002 [1980].

\_\_\_\_\_. **Philosophy in the Flesh: the embodied mind and its challenge to western thought.** New York: Basic Books, 1999.

\_\_\_\_\_. **Metaphors we live by.** Chicago and London: The University of Chicago Press, 2003.

LAKOFF, G. **Women, fire and dangerous things:** what categories reveal about the mind. Chicago: Chicago University Press, 1987.

\_\_\_\_\_. Metaphor, morality, and politics or, why conservatives have left liberals in the dust. In: **Social Research**, vol. 62, n. 2 (summer 1995)

\_\_\_\_\_. **The Political Mind:** why you can't understand 21st century politics with an 18th century brain. New York: Viking, 2008. (Ebook)

\_\_\_\_\_. **Moral Politics:** How liberals and conservatives think. 3. ed. Chicago: The University of Chicago Press, 2016 [1996]. (Ebook)

LAKOFF, G.; WEHLING, E. **The Little Blue Book:** The essential guide to thinking and talking democratic. New York: Free Press, 2012. (Ebook)

LOPES, S. **Bio:** volume único. 1. ed. São Paulo: Saraiva, 2004.

LOURENÇO, I.; RICHARD, I. As conquistas sociais e econômicas da Constituição Cidadã. **Agência Brasil** – Empresa Brasil de Comunicação. 04 out. 2013. Disponível em: <<http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2013-10-04/conquistas-sociais-e-economicas-da-constituicao-cidada>> Acesso em: 06 mar. 2018.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.) **Gêneros textuais e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

\_\_\_\_\_. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MATTOS, H. M. **Escravidão e cidadania no Brasil monárquico**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2004.

MIANI, R. A. Charge: uma prática discursiva e ideológica. In: **CONGRESSO BRASILEIRO DA COMUNICAÇÃO, XXIV, 2001, Campo Grande**. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2001/papers/NP16MIANI.PDF>> Acesso em: 13 mar. 2018.

PEREIRA, P. A. P. Utopias desenvolvimentistas e política social no Brasil. In: **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, nº 112, p. 729-753, out./dez. 2012.

PINHO, L. C.; BEZERRA, M. S. Direitos Trabalhistas no Brasil: uma aproximação crítica. In: **II Seminário Nacional de Serviço Social, Trabalho e Políticas Sociais, 2017, Florianópolis, UFSC**. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/180026>> Acesso em: 06 jan. 2019.

RAVEN, P. H.; EVERT, R. F.; EICHHORN, S. E. **Biologia vegetal**. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan S.A., 2001.

RICOUER, P. **A metáfora viva**. (Tradução de Davi Macedo). São Paulo: Loyola, 2000.

ROMUALDO, E. C. **Charge jornalística - intertextualidade e polifonia**: um estudo de charges da Folha de S. Paulo. Maringá: EDUEM, 2000.

ROSCH, E. Natural categories. **Cognitive Psychology**, n.4, p. 328-350, 1973a.

\_\_\_\_\_. On the internal structure of perceptual and semantic category. In: MOORE, T. E. (Org.) **Cognitive development and the acquisition of language**. New York: Academic Press, 1973b. p. 111-114.

\_\_\_\_\_. Cognitive reference points. **Cognitive Psychology**. n. 7, p. 532-547, 1975a.

\_\_\_\_\_. Cognitive representations of semantic categories. **Journal of Experimental Psychology: General**, n. 104, p. 192-233, 1975b.

\_\_\_\_\_. et al. Basic objects in natural categories. **Cognitive Psychology**, n. 8, p. 382-439, 1976.

SANDES, V. Os custos da reforma da previdência. **Estadão**. 07 dez. 2017. Disponível em <<https://politica.estadao.com.br/blogs/legis-ativo/os-custos-da-reforma-da-previdencia/>> Acesso em: 15 mai. 2018.

SARDINHA, T. B. **Metáfora**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

SILVA, C. L. M. e. **O trabalho com charges na sala de aula**. Pelotas, UFRGS: UFRGS, 2004.

SILVA, E. S. **O sistema de noções morais e a conceptualização metafórica em sermões de padre Antônio Vieira**. 2015, 105 p. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

SOUZA, J. **A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato**. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

\_\_\_\_\_. **A radiografia do golpe: entenda como e por que você foi enganado**. Rio de Janeiro: Leya, 2016.

\_\_\_\_\_. **Subcidadania brasileira: para entender o país além do jeitinho brasileiro**. Rio de Janeiro: Leya, 2018a.

\_\_\_\_\_. **A classe média no espelho: sua história, seus sonhos e ilusões, sua realidade**. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2018b.

SPERANDIO, N. E. Multimodalidade e processamento metafórico em um texto digital: abordando o sentido a partir da interação entre o verbal e o imagético. **Hipertextus Revista Digital**, n.8, jun. 2012. Disponível em: <<http://www.hipertextus.net/volume8/06-Hipertextus-Vol8-Natalia-Elvira-Sperandio.pdf>>. Acesso em 25 fev. 2018.

\_\_\_\_\_. **Entre domínios da metáfora e da metonímia na produção de sentido de charges animadas**. 2014, 155 p. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

TUROLLA, R. Uma breve história dos direitos trabalhistas. **Guia do Estudante**. 15 mar. 2017. Disponível em: <<https://guiadoestudante.abril.com.br/blog/atualidades-vestibular/uma-breve-historia-dos-direitos-trabalhistas/>> Acesso em: 08 jul. 2018.

VAN DIJK, T. A. Ideologia. (Tradução de Pedro Theobald). **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 50, n. esp. (supl.), p. 53-61, dez. 2015.

VEREZA, S. C. **Literalmente falando: sentido literal e metáfora na metalinguagem**. Niterói: EdUFF, 2007.

VIEIRA, J.; SILVESTRE, C. **Introdução à multimodalidade: contribuições da gramática sistêmico-funcional, análise de discurso crítica, semiótica social**. Brasília, DF: J. Antunes Vieira, 2015.

VINI OLIVEIRA: Brazilian political cartoonist. Disponível em: <<https://vinioliveiracharges.wordpress.com/author/vinioliveiracharges/>> Acesso em: ago. – dez. 2017.

WITTGENSTEIN, L. **Investigações filosóficas**. (Tradução de José Carlos Bruni) São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999 [1953].

YU, N. Metaphor from body and culture. In: GIBBS JR., R. W. (Ed.) **The Cambridge Handbook of Metaphor and Thought**. Cambridge: CUP, 2008, p. 247-261.

\_\_\_\_\_. Nonverbal and multimodal manifestations of metaphors and metonymies: A case study. In: FORCEVILLE, C; URIOS-APARISI, E. (ed.) **Multimodal Metaphor**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2009. p. 119-143.

## ANEXO A – Charges

Charge 01



Fonte: MARIANO, CHARGE ONLINE, 12 JULHO 2017.

Charge 02



Fonte: VITOR TEIXEIRA, HUMOR POLÍTICO, 08 MAIO 2017.

Charge 03



Fonte: JOTA CAMELO, CICLISTAS EM DEUS, 06 DEZEMBRO 2017.

## Charge 04

Cultura Escravista

Fonte: RICO, RICOSTUDIO BLOGSPOT, 21 OUTUBRO 2017.

## Charge 05



Fonte: ROQUE SPONHOLZ, HUMOR POLÍTICO, 19 OUTUBRO 2017.

## Charge 06



Fonte: J. BOSCO, CHARGE ONLINE, 23 DE OUTUBRO DE 2017.

Charge 07



Fonte: BRUNO GALVÃO, CHARGES BRUNO BLOGSPOT, 24 OUTUBRO 2017.

Charge 08



Fonte: BIRA DANTAS, HUMOR POLÍTICO, 10 AGOSTO 2017.

Charge 09



Fonte: NANI LUCAS, HUMOR POLÍTICO, 12 JULHO 2017.

Charge 10



Fonte: BRUNO GALVÃO, CHARGES BRUNO BLOGSPOT, 22 JULHO 2016.

Charge 11



Fonte: BRUNO GALVÃO, CHARGES BRUNO BLOGSPOT, 16 MAIO 2016.

Charge 12



Fonte: VÍTOR TEIXEIRA, HUMOR POLÍTICO, 21 DE JULHO 2017.

Charge 13



Fonte: MYRRIA, CHARGE ONLINE, 15 ABRIL 2017.

Charge 14



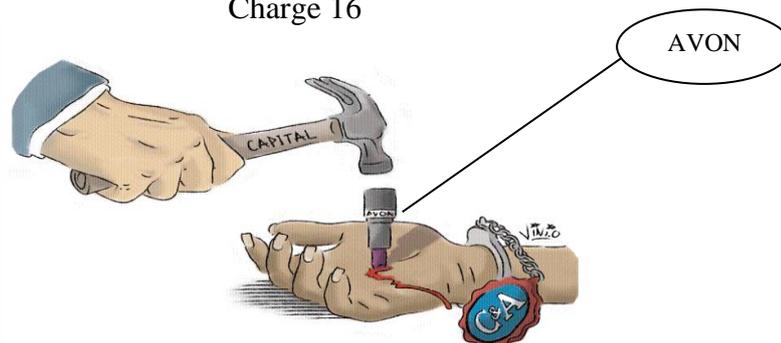
Fonte: GENILDO RONCHI, HUMOR POLÍTICO, 14 JULHO 2017.

Charge 15



Fonte: SIMANCA, CHARGE ONLINE, 06 MAIO DE 2017.

Charge 16



Fonte: VINI OLIVEIRA, VINI OLIVEIRA CHARGES, 01 JULHO DE 2017.

Charge 17



Fonte: NANI LUCAS, NANI HUMOR, 27 ABRIL 2017.

Charge 18



Fonte: JOTA CAMELO, CICLISTAS EM DEUS, 24 OUTUBRO 2017.

Charge 19



Fonte: LUSCAR, CHARGE ONLINE, 13 NOVEMBRO 2017.

Charge 20



Fonte: RENATO AROEIRA, CHARGE ONLINE, 12 NOVEMBRO 2017.

Charge 21



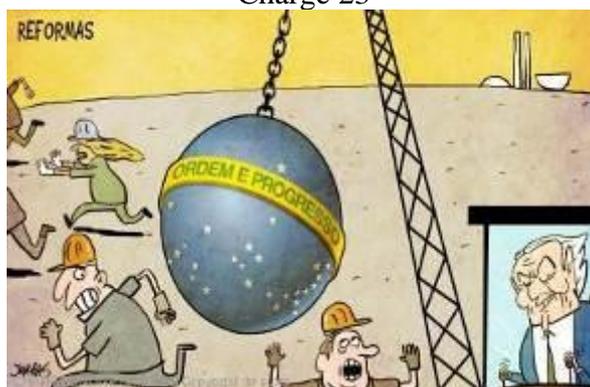
Fonte: BRUNO GALVÃO, CHARGES BRUNO BLOGSPOT, 05 JULHO 2017.

Charge 22



Fonte: RONALDO, CHARGE ONLINE, 20 NOVEMBRO 2017.

Charge 23



Fonte: JARBAS, CHARGE ONLINE, 05 MAIO 2017.

Charge 24

**Governo diz que reforma trabalhista  
será presente ao trabalhador**



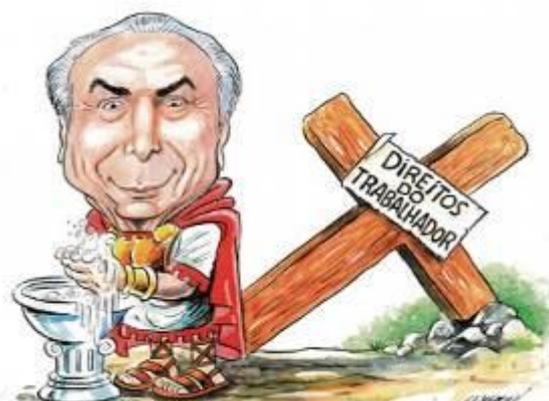
Fonte: BIRA DANTAS, CHARGES BIRA BLOGSPOT, 22 MARÇO 2017.

Charge 25



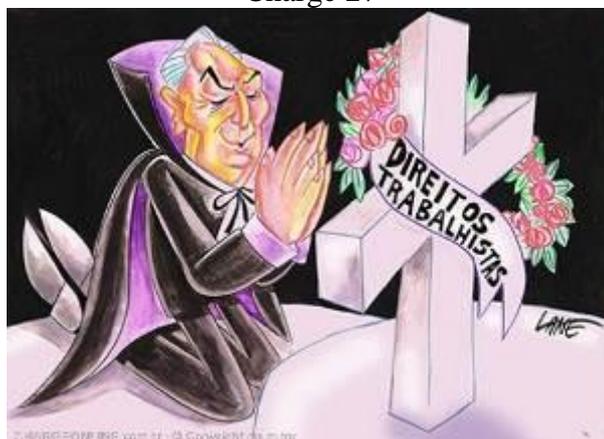
Fonte: LATUFF, SUL21.COM.BR, 13 NOVEMBRO 2017.

Charge 26



Fonte: CLAYTON, CHARGE ONLINE, 15 ABRIL 2017.

Charge 27



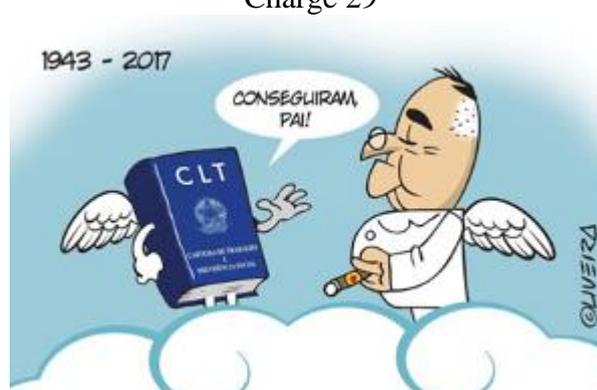
Fonte: LANE, CHARGE ONLINE, 02 NOVEMBRO DE 2017.

Charge 28



Fonte: J. BOSCO, CHARGE ONLINE, 02 NOVEMBRO DE 2017.

Charge 29



Fonte: OLIVEIRA, HUMOR POLÍTICO, 16 JULHO 2017.

Charge 30



Fonte: CLAYTON, CHARGE ONLINE, 08 MAIO DE 2017.

Charge 31



CHARGEONLINE.com.br - © Copyright do autor

Fonte: SINOVALDO, CHARGE ONLINE, 14 JULHO 2017.

Charge 32



CHARGEONLINE.com.br - © Copyright do autor

Fonte: TACHO, CHARGE ONLINE, 07 DE MAIO 2017.

Charge 33



Fonte: NANI LUCAS, NANI HUMOR, 16 JUNHO 2017.

Charge 34

SEGUNDO O GOVERNO:  
O EMPREGO VAI  
BROTAR!



Fonte: GENILDO RONCHI, HUMOR POLÍTICO, 17 DE MAIO 2017.

Charge 35



Fonte: BRUNO GALVÃO, CHARGES BRUNO BLOGSPOT, 12 JULHO 2017.

Charge 36



Fonte: BRUNO GALVÃO, CHARGES BRUNO BLOGSPOT, 08 JANEIRO 2017.

Charge 37



Fonte: BIRA DANTAS, CHARGES BIRA BLOGSPOT, 01 MAIO 2017.

Charge 38



Fonte: VITOR TEIXEIRA, HUMOR POLÍTICO, 21 DE JULHO 2017.

Charge 39



Fonte: BIRA DANTAS, HUMOR POLÍTICO, 24 DE JULHO 2017.

Charge 40



Fonte: NANI LUCAS, HUMOR POLÍTICO, 18 DE JULHO 2017.

Charge 41



Fonte: S. SALVADOR, CHARGE ONLINE, 11 DEZEMBRO 2017.

Charge 42



Fonte: MARIANO, CHARGE ONLINE, 11 AGOSTO 2017.